



Jessica
Watson

DESTEMIDA

A HISTÓRIA DA AUSTRALIANA DE 16 ANOS QUE DEU A VOLTA AO MUNDO SOZINHA EM UM BARCO





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



BelasLetras



Jessica Watson

DESTEMIDA

A HISTÓRIA DA AUSTRALIANA DE 16 ANOS QUE DEU
A VOLTA AO MUNDO SOZINHA EM UM BARCO

Tradução
Bruno Mattos

BelasLetras

Copyright © Jessica Watson 2010

Destemida foi publicado pela primeira vez na Austrália em 2010 pela Hachette Australia Pty Ltd e a versão em português está sendo publicada por meio de acordo entre a Hachette Australia Pty através da I E Ilustrata SL.

Editor

Gustavo Guertler

Coordenação editorial

Fernanda Fedrizzi

Tradução

Bruno Mattos

Revisão

Mônica Ballejo Canto

Revisão de termos náuticos

Nelson Ilha

Capa e projeto gráfico

Celso Orlandin Jr.

Produção de ebook

S2 Books

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

E-ISBN: 978-85-8174-167-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA BELAS-LETRAS LTDA.

Rua Coronel Camisão, 167

Cep: 95020-420 – Caxias do Sul – RS

Fone: (54) 3025.3888 – www.belasletras.com.br

A todos que acompanharam minha viagem.

Muito obrigada.

E à minha mãe...

Nota da Autora

Agradeço a todas as pessoas que acompanharam o meu blog. Quando eu estava organizando este livro com meu editor, comecei a reescrever a história de minha jornada de um jeito mais tradicional, mas não deu certo. Faltava alguma coisa. Em vez disso, decidi incluir as postagens do blog (ainda que, em alguns casos, elas tenham sido editadas) e ampliá-las para revelar coisas que eu ainda não estava pronta para expressar quando estava no mar, e também para transmitir coisas que aprendi desde então. Espero que vocês gostem de ler sobre a minha jornada *inteira*, e não apenas sobre os 210 dias que passei no oceano.

Pode ser um pouco confuso, mas neste livro utilizei quilômetros para medir distâncias em terra e milhas náuticas para medir distâncias no mar.

$$1 \text{ milha náutica} = 1,852 \text{ quilômetro}$$

Curiosamente, uma milha náutica é maior do que uma milha normal (1,6 quilômetro).

Também utilizei pés e polegadas para me referir ao tamanho de embarcações, mas metros e centímetros para todas as outras coisas.

$$1 \text{ pé} = 0,3048 \text{ metro}$$

Todas as temperaturas estão em graus Celsius.

Tentei explicar os termos náuticos conforme eles apareciam, mas também incluí um glossário no fim do livro – espero que ele seja útil.

Jessica Watson, 2010



1. Parti de Sydney em 18 de outubro de 2009.
2. Cruzei o equador em 19 de novembro de 2009.
3. Pesquei meu primeiro (e único) peixe em 23 de novembro de 2009.
4. Natal em Porto Nemo – o local mais distante de um pedaço de terra.
5. Contornei o Cabo Horn em 13 de janeiro de 2010.
6. Sofri quatro jibes chineses no Oceano Atlântico Sul em 23 de janeiro de 2010.
7. Passei pela Cidade do Cabo e contornei o Cabo Agulhas em 19 de março de 2010.
8. Aproximadamente metade do caminho entre o Cabo Agulhas e o Cabo Leeuwin em 19 de março de 2010.
9. Naveguei sob o Cabo Leeuwin, entrando novamente em águas australianas, em 11 de abril de 2010.
10. Mar bravio ao contornar a Tasmânia em 2 de maio de 2010.
11. Cheguei de volta ao porto de Sydney em 15 de maio de 2010.

Sumário

[Capa](#)

[Mídias Sociais](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da Autora](#)

[Prefácio](#)

[Parte um - O Ponto de Partida](#)

[Parte dois - A Viagem](#)

[Etapa Um - Sydney e Norte rumo às Ilhas Line](#)

[Etapa Dois - Sul rumo ao Chile e Cabo Horn](#)

[Etapa Três - Norte após o Cabo Horn](#)

[Etapa Quatro - Oceano Atlântico Sul rumo ao Continente Africano](#)

[Etapa Cinco - Contornando a África do Sul](#)

[Etapa Seis - Oceano Antártico rumo à minha casa](#)

[Parte três - Casa](#)

[Guia para a Ella's Pink Lady](#)

[Guia Interno](#)

[Lista de equipamentos](#)

[Glossário](#)

[Agradecimentos](#)

[Agradecimentos fotográficos](#)

[Lista de Patrocinadores](#)

[Para saber mais sobre nossos lançamentos](#)

[Caderno de fotos](#)

O que torna tão poderosos os estímulos da vida no mar?... A resposta é um sussurro no vento das estepes africanas, um cochicho na música das noites tropicais... Acima de tudo, ela surge ao vigia solitário no mar noturno. É uma sensação de coisas concluídas, de coisas enfrentadas, de significados não compreendidos; o segredo do Silêncio Profundo, aquele da eternidade, que o coração é incapaz de dizer.

De Mast and Sail in Europe and Asia,
de H. Warington Smyth (1867-1943)

Prefácio

A lua crescente havia surgido, dando ao mar um brilho prateado sobre a escuridão. Após o pôr-do-sol, a tarde calma e translúcida foi levada por um vento leve vindo do Oeste, e o *Ella's Pink Lady* estava fazendo um bom tempo com todas as velas içadas: a vela mestra, a vela de estai e o Spi. As condições do tempo naquela primeira noite, após a partida, eram as melhores que eu podia esperar. Enquanto observava a *Ella's Pink Lady* navegar a uma velocidade constante de quatro nós, senti-me extremamente orgulhosa de meu pequeno e belo veleiro rosa. Era um grande alívio estar por fim em meu caminho, e vislumbrei meus dias vindouros de navegação e a grande aventura para a qual eu partiria em breve. Era uma noite linda, e o pensamento de que algo pudesse dar errado nem passava por minha cabeça.

Eu deixara Mooloolaba por volta das dez da manhã escoltada por barcos e helicópteros, e após quinze horas no mar, e semanas de preparação em tempo integral, eu me sentia cansada e um pouco nauseada. Normalmente, levava alguns dias até que eu me acostumasse com o balanço do mar. Confiante de que tudo estava bem, decidi encostar a cabeça por alguns minutos e tirar um cochilo.

Àquela altura, eu e a *Ella's Pink Lady* estávamos cerca de 15 milhas náuticas a leste da Ilha North Stradbroke. Eu gostaria de estar mais longe da costa, longe das frotas de pesca local e de eventuais navios, mas a corrente e

os ventos brandos de antes fizeram com que eu não tivesse navegado para muito longe desde a partida. Após examinar o horizonte e checar o radar e o AIS (*Alarm Indication System* – Sistema de Alerta por Alarme), e programar os meus alarmes, deitei na cama. Eu ainda vestia o colete salva-vidas e estava presa ao cabo de segurança.

Uma grande explosão de fazer tremer os ossos me acordou ao mesmo tempo em que o *Ella's Pink Lady* foi arrancado de sua rota de repente e girou violentamente. Enquanto o barulho de trituração persistia, levantei-me em um pulo. Uma rápida olhada por cima da escada da escotilha revelou que havíamos colidido com algo enorme: um navio. O céu havia se tornado uma parede de ferro preto que obstruía as estrelas e se amontoava diante de mim. Os sons do motor invadiram minha cabeça e todo o meu mundo.

Precipitando-me em direção ao *cockpit*, agarrei o leme, desativei o piloto automático e tentei manobrar. Foi tudo em vão. Não havia para onde ir, nem nada que eu pudesse fazer. Tremendo e rangendo, meu barco e eu estávamos sendo arrastados em direção ao casco do navio. Uma nova espiada me revelou que a popa do navio, onde assomava a ponte, aproximava-se rapidamente. Os ruídos estavam se tornando mais altos e, sabendo que o mastro e o estaiamento estavam prestes a vir abaixo, corri de volta para dentro da cabine em busca de alguma proteção.

Com as mãos sobre a cabeça, sentei na cama enquanto uma sucessão de sons totalmente novos e muito mais terríveis começava. Alguns poucos segundos se passaram, mas para mim pareceram horas. A estante ao meu lado partiu-se quando o cunho detrás da antepara se estilhaçou em mil pedaços. O barco inclinou-se para um lado e, em seguida, deu um salto para cima, e quando o estaiamento emaranhado desprendeu-se repentinamente e caiu sobre o convés tivemos um som de explosão maior do que os anteriores.

Quando o barco se estabilizou e o ruído dos motores começou a desaparecer, voltei para o convés. Estava uma bagunça. Havia a mastreação e os cabos, flocos de tinta preta enferrujada e lascas de metal provenientes do casco do navio por todos os lados. Adiante do *Ella's Pink Lady*, eu conseguia ver os contornos escuros da popa do enorme navio que deslizava indiferente para longe, deixando-nos inertes em meio ao rastro de espuma que o sucedia.

Chocada, incrédula e com a cabeça ainda confusa, tentei desesperadamente lidar com o que havia acontecido. Conferi se havia água no porão ou algum dano no casco. A única coisa que eu conseguia pensar era: “coitado do meu barco!”, e isso se tornou uma espécie de mantra enquanto eu acionava interruptores para ver quais equipamentos ainda estavam funcionando: “coitado do meu barco, coitado, coitado do meu barco”. Eu estava entorpecida, sacudindo a parte de mim que ainda dormia. Todos os meus pensamentos estavam voltados para a *Ella's Pink Lady*.

Respirando fundo para acalmar as mãos que tremiam, peguei o rádio para chamar o navio e então agarrei o telefone para contar ao meu pai o que havia acontecido. “Estou bem,” eu disse. “Estou bem, perfeitamente bem, mas fomos atingidos por um navio e perdemos o mastro,” terminei apressada.

De volta ao convés, sozinha e a milhas de distância da terra firme, levei duas horas para organizá-lo, ajeitar a mastreação desfeita no seu lugar e cortar os cabos emaranhados na vela mestra. Precisei parar com frequência para me inclinar sobre a lateral do barco e vomitar, já que a náusea de antes havia se transformado em um grande enjoo. Finalmente, liguei o motor e comecei a viagem de seis horas até Gold Coast.

Como as coisas haviam mudado depressa!



À minha frente havia 23.000 milhas náuticas de oceano vazio, vendavais furiosos e a ameaça de inúmeros imprevistos. Mas, naquele dia, eu duvidava que qualquer uma das coisas a serem enfrentadas em meus meses sozinha no mar seria tão difícil quanto manter a cabeça erguida ao navegar a avariada *Ella's Pink Lady* por entre os quebra-mares de Gold Coast e ver a multidão que se reunira ao lado do rio, a frota de barcos com espectadores e o tumulto da mídia que esperava por mim.

Eu não sabia se a multidão estava lá para demonstrar o seu apoio ou para testemunhar o que muitos pensaram ser o meu fracasso prematuro. Tive que forçar-me a ignorar os pensamentos negativos e a me concentrar apenas em conduzir-nos ao longo do rio, acenando de vez em quando e rindo sem-graça para os barcos próximos.

Eu sabia que aquele incidente horripilante daria combustível àqueles que criticavam eu e os meus pais pelo meu projeto. Na opinião deles, eu havia mostrado exatamente por que jamais deveriam permitir que eu navegasse sozinha. No entanto, naquele mesmo momento, eu havia provado a mim mesma que tinha as habilidades necessárias para alcançar meu sonho. Quaisquer dúvidas sobre a minha capacidade de lidar emocionalmente com aquilo haviam desaparecido. Percebi o tamanho de minha força interior.

Nos meses seguintes, quando a *Ella's Pink Lady* foi arremessada violentamente pelo vento e pelas ondas, ou nos momentos em que minha casa parecia estar a milhões de milhas de distância enquanto vagávamos em meio à calmaria e os dias passavam em câmera lenta, tive tempo para lembrar o dia após a colisão com o *Silver*, um cargueiro de 63.000 toneladas, e encontrei forças no fato de ter me mantido firme quando tudo o que queria era desistir. Como diz o ditado, o que não mata fortalece. Aquele

petroleiro poderia ter me matado, mas não matou. E depois disso eu me tornei mais forte e determinada, e estava pronta para qualquer coisa que aparecesse em meu caminho... Ou quase.

PARTE UM

O Ponto de Partida

"A segurança é, geralmente, uma superstição. Ela não existe na natureza, e no geral as crianças não a vivenciam. No longo prazo, evitar o perigo não é mais seguro do que se expor de peito aberto. A vida é uma aventura ousada ou, então, não é nada."

HELEN KELLER



Quando eu era criança, tinha bastante medo de tudo.

Não sei bem quando foi que isso mudou, mas minha mãe conta a história de um dia em que eu estava brincando com meus primos e minha irmã mais velha em uma reunião de família. Eles estavam todos pulando de mãos dadas em uma piscina e minha mãe estava olhando tudo de perto, porque eu tinha medo da água e não sabia nadar. Eu tinha cinco anos de idade.

Pelo visto, cansei de ficar apenas olhando a brincadeira, pois quando todos se alinharam e deram as mãos para um novo salto eu me juntei a eles. Minha mãe conta que continuou esperando que eu soltasse, mas não soltei. Pulei com todos os outros, rindo e dando gritinhos até atingirmos a água. Caí até o fundo da piscina e meu tio foi correndo me tirar para fora.

Eu gostaria de ser capaz de dizer quando foi que deixei de ser aquela garotinha silenciosa que ia atrás dos outros sem ser convidada e me tornei a garota que sai para navegar ao redor do mundo acreditando com todas as forças que, com dedicação suficiente, poderia fazer qualquer coisa que pusesse na cabeça. Em algum ponto no meio do caminho, aprendi que se quisermos viver nossas vidas de fato precisamos nos envolver, ir atrás de nossas paixões e sonhar alto. Não sei quando foi que isso aconteceu e não lembro de ter pulado na piscina naquele dia – é só uma história que minha mãe conta. Mas, em algum ponto entre aquele momento e a minha partida do porto de Sydney a bordo do *Ella's Pink Lady*, entendi o que Helen Keller articulou melhor do que sou capaz: “A vida é uma aventura ousada ou, então, não é nada”.



Para contar a vocês a minha história e por que eu queria navegar ao redor do mundo, preciso começar falando dos meus pais. Como meu pai gosta de lembrar, eu não estaria aqui sem eles, e foi apenas com o apoio da minha família que fui capaz de perseguir meu sonho.

Minha mãe, Julie, e meu pai, Roger, nasceram ambos na Nova Zelândia. Eles se casaram naquele país em 1986. Em 1987, pegaram um voo para Sydney, compraram uma camioneta de um vendedor de carros em Parramatta Road e dirigiram pela costa até Queensland. Aparentemente, assim que chegaram à Pacific Highway e começaram a acelerar um pouco, perceberam que o carro tinha um ruído terrível e bizarro que até então passara despercebido. Hoje em dia, minha mãe dá risadas ao lembrar essa história – ela diz que o vendedor deve ter pensado “Olha esses neozelandeses que mal chegaram, vou vender essa lata-velha pra eles”. Por sorte, o carro aguentou até Gold Coast e meus pais se dedicaram a construir uma vida nova.

Minha mãe conseguiu um trabalho como terapeuta ocupacional, mas meu pai desistiu de construir aquecedores e decidiu tentar algo diferente. Antes de entrar para o ramo imobiliário, ele tinha um negócio de aluguel de televisões, e não pode ter sido coincidência o fato de que nunca tivemos uma televisão quando eu era criança. Acho que meu pai via como as pessoas se tornavam dependentes dela e o quanto isso restringia suas vidas ao mantê-las inativas e dentro de casa, e decidiu que jamais seríamos daquele jeito.

Tenho a impressão de que meus pais não planejavam ficar na Austrália para sempre. Mas então, em 1992, nasceu a minha irmã mais velha, Emily; eu nasci em 1993; meu irmão, Tom, nasceu em 1995; e minha irmã mais nova, Hannah, veio em 1997. Assim, com quatro crianças pequenas, eles

estavam ocupados demais para pensar em voltar à Nova Zelândia.

Embora não tivéssemos uma TV (o que certamente nos torna uma exceção), minha infância foi bem normal. Meus pais nunca foram velejadores; no começo de seu relacionamento, o mais perto que chegaram disso foi pescar em um barquinho de alumínio em Whangarei. Eles gostavam muito de viajar para acampar e fazíamos isso sempre que havia uma oportunidade. Meu pai nos deixava escolher entre passar o dia em um parque temático em Golden Coast ou gastar a mesma quantia de dinheiro em uma semana no nosso camping favorito. Sempre escolhíamos o camping. Então, quando eu estava na quinta-série, minha mãe nos mandou para um acampamento de férias aquático organizado pelo Iate Clube de Southport. Tenho a impressão de que ela achava que, embora tivesse apenas seis anos, Tom seria aquele de nós que curtiria mais a experiência, mas eu e Emily também adoramos. Hannah ainda era muito nova, então preferiu ficar na praia com minha mãe. Depois daquele acampamento, nós três passamos a ter aulas de vela para principiantes nos fins de semana, e logo começamos a participar de regatas. Nosso instrutor, John Murphy, era excelente, embora eu tenha certeza de que ele deve ter ficado com algum problema na garganta de tanto gritar para nós “Cacem a vela!”.

No começo, eu não gostava muito de velejar. Tinha medo de sair para o mar-aberto e me afastar muito da costa, mas nunca fui pressionada a continuar velejando, nem por meus pais nem por qualquer outra pessoa. Nos dias de muito vento, quando decidia não velejar, eu tinha que ficar sentada na praia com Hannah e me sentia excluída. Era duro ver todo mundo empurrando seus barcos pela praia no fim do dia – todos sorrindo e cheios de histórias –, e eu sabia que estava deixando o medo me impedir de participar da diversão. Emily era muito boa. Ela sacava tudo depressa e fazia as coisas parecerem fáceis. Eu via o quanto ela amava velejar e queria ser

como a minha irmã mais velha. Era um pouco como naquele dia em que pulamos na piscina: eu não queria ser deixada na praia, esperando que todos voltassem comentando a regata. Queria estar lá no meio. Nos dias em que ventava muito e as cristas das ondas no mar aberto tinham um pouco de espuma, eu não tinha força suficiente para manejar o meu barco e sempre ficava lutando em um dos últimos lugares. Mas nos dias tranquilos, quando ser rápido e forte não era importante, descobri que, com um pouco de planejamento, tática e muita paciência, era possível ficar em meio ao resto dos competidores e disputar posições. Conforme fui melhorando, minha confiança aumentou e comecei a gostar mais e mais daquilo.

Certa vez, minha mãe me perguntou se eu me sentia pressionada para velejar. A resposta foi negativa. Era simplesmente algo que fazíamos. Tornou-se um programa de família e, se houve alguma pressão para que alguém velejasse, ela veio de nós (os filhos) e se direcionava aos nossos pais. Não jogávamos basquete ou futebol, nem brincávamos de casinha – nós velejávamos. As instalações para vela no Iate Clube de Southport, em Hollywell, ficavam separadas do resto do clube e tinham um ambiente amigável e familiar. Não demorou muito para que toda a família começasse a passar os fins de semana no clube. Os filhos tinham aulas, participavam de regatas ou navegavam em barcos maiores; nossos pais, por sua vez, conduziam ou ficavam a bordo de algum dos barcos de resgate.

Minha melhor amiga, Pamela Fredric, e sua família também eram membros do clube de vela e tampouco tinham televisão em casa. Por isso, se não estávamos na rua, ocupávamo-nos fazendo alguma coisa ou jogando um jogo. A exceção eram as férias de inverno. Às vezes, meus pais alugavam uma televisão e um vídeo cassete e nos sentávamos e assistíamos juntos a documentários e filmes para curtir o feriado. O vídeo favorito de nossa família era um documentário sobre Sir Edmund Hilary e sua escalada do

Everest.

Meus pais são pessoas bem normais, mas muita gente achava estranho coisas como não ter uma TV e isso foi um indício prematuro de que eles não adotavam certos estilos de vida simplesmente porque todos os outros faziam. Quando ficamos mais velhas, as decisões só eram tomadas após todos da família darem sua opinião. Por exemplo, quando pintamos o bote que levávamos no teto do carro, após termos passado um longo fim de semana na água, eles confiaram que Emily e eu faríamos um trabalho tão bom quanto o de um adulto. Nunca me senti uma criança rejeitada que não era vista ou ouvida, mas sim uma pessoa cuja opinião era valorizada.

Na época em que eu estava no colégio, meu pai já tinha abandonado havia muito o negócio de aluguel de TVs para prosperar no mercado imobiliário. Então, do nada, ele recebeu uma oferta para vender o negócio. Não aceitou a proposta, mas isso fez com que meus pais começassem a pensar no que poderiam fazer se não estivessem tão presos a um lugar. No início, como era de se esperar, eles acharam difícil contemplar a ideia de abandonar sua vida enraizada, sobretudo por terem quatro filhos. Mas começaram a sonhar e uma das coisas que discutiram foi a hipótese de viajar pela Austrália. Cerca de um ano mais tarde surgiu uma nova oferta, mas dessa vez meu pai aceitou. Ele sempre dizia que se fosse viajar um dia, gostaria de fazer isso ao lado da família. Não queria esperar até que tivéssemos saído de casa para se tornar um nômade grisalho. Afinal, vai saber o que poderia acontecer no futuro!

Então, o plano era comprar e reformar um ônibus com o qual pudéssemos viajar pela Austrália antes que fôssemos velhos demais para querermos fazer isso juntos. Eu estava começando a quinta-série quando meus pais venderam nossa casa em 2004. Enquanto preparavam o ônibus para a viagem, eles compraram uma lancha de 52 pés para morarmos nela.

Seu nome era *Home Abroad* [Casa no Exterior]. Tínhamos nos livrado de muitas tralhas quando deixamos a casa, mas garantimos que a nossa calopsita de estimação, Maggie, fosse conosco. Acho que o plano era passarmos algum tempo no barco e então partirmos para a grande aventura a bordo do ônibus, mas acabamos ficando no barco por mais de cinco anos e meio, percorrendo a costa de Queensland de cima a baixo e eventualmente fazendo viagens de ônibus para o interior da Austrália.

Deixamos de ir à escola após nos mudarmos para o barco e passamos a ser educados em casa, ou melhor, no ônibus ou no barco. Logo no início, aprendemos que barcos geram um sem número de problemas de quebra e manutenção. Levou um tempo até que tivéssemos tudo em ordem nos mínimos detalhes para passarmos mais tempo no mar e nos ancoradouros do que na segurança das marinas e dos necessários atracadouros. Aos poucos, aprendemos a manejar o barco, e com o passar do tempo fomos ganhando confiança. Emily e eu sentávamos com nossos pais para estudar questões de navegação e fomos junto quando eles tiraram suas licenças de rádio. Não levou muito para que estabelecêssemos uma rotina de atracar e deixar o porto. Cada um tinha suas funções e era parte importante da tripulação.

Quando o barco já estava preparado e tínhamos o conhecimento necessário (e havíamos melhorado nossa técnica de entrada nas docas o suficiente para que a marina parasse de colocar para-choques extras para proteger os barcos cada vez que chegávamos!), subimos a costa leste da Austrália avançando para o norte. Essa nova vida deu uma liberdade incrível para mim e meus irmãos. Parávamos em ilhas onde não havia nenhum outro barco ancorado. Nadávamos, mergulhávamos com *snorkels*, catávamos conchas e explorávamos praias, ilhas e cursos d'água. Fazíamos trilhas para subir em faróis, descer pelos canais e encontrar cachoeiras. Os lugares

sempre tinham algo de especial, em particular quando os tínhamos apenas para nós.

Visitamos algumas áreas incríveis, mas acho que todos concordamos que a Lizard Island foi a melhor de todas. Era um paraíso tropical de tirar o fôlego, com praias cercadas de palmeiras e recifes de coral. O principal ancoradouro em Lizard Island sempre está cheio de veleiros e barcos, e todos desembarcavam ao pôr-do-sol para se reunir na praia. Era um ambiente muito amigável e descontraído: enquanto os adultos conversavam sobre suas idas e vindas, as crianças saíam para explorar o local por conta própria. Às vezes, visitávamos outras famílias a bordo dos veleiros, fazíamos amizade e viajavamos juntos por algum tempo. Acendíamos fogueiras na praia, guerras de água e expedições de todos os tipos, dando voltas nas ilhas e subindo montanhas.

Mas na maior parte do tempo viajavamos sozinhos, e assim Emily, Tom, Hannah e eu nos tornamos muito próximos. Nem sempre havia um amanhecer idílico com mar calmo e céu aberto: havia conflitos familiares, brigas de irmão, provocações e mau humor, além da necessidade de parar em diversos portos para esperar que o tempo ruim passasse e estocar provisões. Com frequência, enchíamos três ou quatro carrinhos nos supermercados locais. Tom e eu nos tornamos especialistas em “escorregar” um pouco de chocolate extra para dentro deles!

Quando o clima nos prendia em algum lugar por tempo demais, ficávamos impacientes (provavelmente era nesses períodos que a maior parte das brigas e do mau humor despontava) e ansiosos para partir outra vez. Meus pais aproveitavam as paradas para nos colocar em dia com as tarefas escolares, então sempre ficávamos agradecidos quando o tempo bom voltava.

Minha lembrança de uma das únicas vezes em que enfrentamos um

tempo *realmente* ruim enquanto viajávamos é um pouco embaraçosa e também hilária à sua maneira. Ainda não fazia muito tempo que vivíamos no barco, então ainda estávamos pegando o jeito. Eu tinha onze anos. Foi uma daquelas tardes em que uma tempestade parece se formar do nada e ficar feia rapidamente. A visibilidade era terrível, o vento era de 30 nós e o mar estava um caos. Exceto no intervalo em que precisaram que eu ficasse de vigia no convés, passei todo o tempo escondida debaixo da mesa da cabine fingindo acalmar a Maggie!

Morar sobre a água também implicava conhecer personagens e velhos marinheiros de todos os tipos nos clubes de iatismo, marinas e ancoradouros. Escutar suas histórias de navegação e experiências a bordo era fascinante e, muitas vezes, inspirador, embora eu deva admitir que ficava incomodada pra caramba quando pediam que eu saísse da sala por ser uma garota – ou, por vezes, por ser um “jovem pau de virar tripa”.

Quando se vive na água, é preciso obedecer a uma lei não escrita de sempre ajudar quando um barco está chegando e ajudar a prender suas amarras. Ser uma “garotinha” implicava ter minhas ofertas de ajuda completamente ignoradas na maioria das vezes e ver o cabo ser atirado para um homem adulto ao meu lado. Era muito frustrante quando isso acontecia. Eu era tão capaz de manejar aquelas amarras quanto qualquer outra pessoa. Eu odiava ser julgada pela minha aparência e pelo que as outras pessoas julgavam que uma “garotinha” era capaz de fazer.

Rejeições como essa já podem ter feito algumas pessoas desistir de navegar juntas, mas no meu caso só serviu para aumentar a vontade. Talvez em parte fosse porque mesmo sendo tão jovem eu sabia do que era capaz, e por isso não deixaria outras pessoas afetarem minha autoconfiança. Por um longo período, eu havia lutado para aprender como escrever e a grafia das palavras (na verdade, ainda tenho muitos problemas com a grafia), mas tive

sorte porque minha mãe e meus professores no colégio se deram conta bem cedo de que eu era disléxica.

Dislexia é um distúrbio de base neurológica que faz com que a pessoa tenha dificuldades para aprender e reconhecer a correlação entre os sons e as palavras. É uma forma específica de disfunção do aprendizado que pode tornar a leitura, a grafia e por vezes a matemática difíceis de entender. Algumas pessoas têm sua autoestima prejudicada por isso, mas eu tive sorte porque no meu caso ninguém tratou isso como um grande problema. Nunca me senti rotulada e nunca fizeram com que eu me sentisse estúpida por não conseguir ler direito, algo que sei que acontece com algumas crianças. Minha mãe sempre trabalhou duro nisso, estimulando meu amor pelos livros ao ler em voz alta para todos nós. Ela me apoiou e me deu tempo para encontrar o meu próprio jeito.

Minha mãe sempre dizia que algum dia uma luz acenderia em meu cérebro e minhas dificuldades para ler sumiriam. Ela tinha razão. Meu livro favorito era *The Little White Horse* e eu enchia o saco de minha mãe o tempo todo para que ela lesse para mim. Um dia ela disse:

– Jess, você sabe ele praticamente de cor, por que você não lê sozinha?

Fiz isso. Titubeei no início, mas depois parti para outras histórias e livros. Após ter pegado o jeito, eu podia escapar para outro mundo sempre que tivesse vontade. Hoje sou uma leitora ávida, mas não sei se serei boa com a grafia das palavras algum dia. Apesar disso, sempre tirei boas notas em inglês (bem, eu tiraria se eles não descontassem pontos por eu chegar muito atrasada) através de esforço e dedicação. Por sorte, tenho uma pessoa que confere meus *posts* antes de eu subir o conteúdo, então não preciso me preocupar muito. Mesmo assim, tenho certeza de que riem bastante pelas minhas costas por alguns dos meus erros mais memoráveis!

A preparação para a viagem exigiu que eu escrevesse o tempo inteiro. Eu

escrevia para as pessoas pedindo conselhos, buscava patrocinadores e fazia listas e mais listas das coisas que precisaria. Escrever no meu blog também ajudou a aumentar minha confiança e aprendi com isso mais do que com os ditados semanais que fazia no colégio. Escrever este livro foi outro desafio, mas pode ter certeza ele vai ser decifrado (editado) antes de chegar até você!

Talvez lidar com essa dificuldade de aprendizado tenha me tornado uma pessoa mais forte, pois enfrentar todos esses pequenos percalços (desde alguns marinheiros ignorando minhas ofertas de ajuda para prender o barco até as pessoas que afirmavam que eu não tinha as habilidades necessárias para navegar ao redor do mundo) jamais me fizeram duvidar de mim mesma... Ou quase nunca. Sem dúvida, superar a dislexia foi uma grande lição que me ensinou o que é possível realizar com um pouco de esforço adicional, apesar de todas as adversidades e contratempos que apareçam pelo caminho.

Morar sobre a água no barco a motor da família, cercada por um mundo náutico, fez eu achar que navegar e cuidar de um barco eram coisas cotidianas. Mas até o dia em que minha mãe começou a ler para nós o livro *Lionheart*, de Jesse Martin, eu sequer cogitava que poderia um dia me tornar uma aventureira. Sempre pensei que aventureiros eram homens grisalhos de barba que escalavam montanhas ou voavam em aeroplanos por grandes extensões de oceano. Escutar a história de Jesse mudou a maneira como eu pensava. Foi como se uma luz se acendesse em minha mente. O cara não era um super-herói, não era privilegiado em qualquer sentido, não tinha barba e definitivamente não era velho. Jesse era uma pessoa normal, dessas que encontramos todos os dias, que decidiu tornar seu sonho realidade. Era alguém com quem eu me identificava, e isso me fazia pensar... Eu conseguiria fazer isso? Consequiria navegar ao redor do mundo sozinha?

No início, não contei para ninguém o que se passava em minha cabeça.

Comecei a ler tudo o que podia sobre navegar sozinha. Fiz listas do que precisaria e juntei artigos sobre barcos, mastreação e comidas de longa validade. Minha mãe diz que sabia que algo estava acontecendo porque comecei a pendurar fotos de grandes ondas do Oceano Antártico em cima do meu beliche. Eu me visualizava lutando contra os mares selvagens e ventos inclementes antes mesmo de saber o que era “visualizar”.

Depois que a semente havia sido plantada e comecei a sonhar em navegar ao redor do mundo, meu primeiro pensamento foi se eu seria capaz ou não de fazer isso. O que me atraía não era tanto a natureza repleta de ação e movida a adrenalina da empreitada, nem as ondas arrasadoras de doze metros de altura, mas sim a perspectiva de pôr um plano em curso e cuidar de todos os detalhes para que os riscos fossem minimizados tanto quanto possível. Eu sabia que era uma jovem garota sem a força de um homem adulto e, portanto, precisaria encontrar maneiras de fazer as coisas que fossem compatíveis comigo e com meu corpo. Para mim, navegar não é uma questão de força, mas de sabedoria, e gastei todo o meu tempo livre aprendendo sobre navegação, fosse na prática ou conversando com navegantes experientes e escutando o que eles tinham a dizer. Eu gostava de navegar mais do que qualquer outra coisa, e adoro o desafio de tomar minhas próprias decisões e superar os problemas que surgem.

Quando estou na água rizando as velas ou mudando o rumo em resposta ao vento e às ondas, tudo se torna realmente simples. Visualizei por muito tempo como seria estar no Oceano Antártico e me coloquei mentalmente em diferentes situações, imaginando como me sentiria em situações hipotéticas e perguntando-me o tempo todo se eu seria capaz de fazer aquilo, e se realmente tinha vontade. Então, cheguei à conclusão de que seria capaz e, sim, tinha vontade.

Pensei muito nisso, fiz mais listas e li outros montes de livros, dentre eles

Sailing Alone Around the World [Viajando Sozinho ao Redor do Mundo], de Joshua Slocum. Ele havia sido a primeira pessoa a navegar sozinha ao redor do mundo. Slocum partiu de Boston, no estado norte-americano de Massachussets, em abril de 1895, e navegou seu barco *Spray* até Newport, no estado de Rhode Island, onde chegou em junho de 1898. Ele levou três anos, dois meses e dois dias para alcançar essa incrível façanha. Li tudo o que consegui encontrar sobre circum-navegações solitárias e conheci a história de pessoas como Francis Chichester, a primeira pessoa a navegar sozinha ao redor do mundo no sentido oeste-leste passando pelos grandes cabos. Kay Cotee foi a primeira mulher a navegar sozinha, desassistida e sem paradas ao redor do mundo, e li diversas vezes o seu livro *First Lady*.

Fiquei fascinada ao ler sobre Ellen MacArthur que, em 2001, se tornou a pessoa mais jovem a completar a Vendée Globe, uma regata de volta ao mundo e sem paradas, e depois estabeleceu um novo recorde mundial para uma circum-navegação solitária e sem paradas. Amei ler sobre Robin Lee Graham e sua jornada de cinco anos para navegar ao redor do mundo em seu barco *Dove*. Também li *Lionheart* diversas vezes e finalmente reuni a coragem para compartilhar as minhas ideias com minha irmã, Emily. Era só mais uma conversa sobre nossas expectativas para o futuro, então não pareceu algo tão importante assim.

Contar para os meus pais foi bem difícil. Eu tinha doze anos e nós recém havíamos voltado de uma temporada de viagens. Estávamos em uma discussão em família bem séria sobre os nossos planos dali em diante. Foi o momento perfeito para trazer meu sonho à tona, mas se Emily não tivesse dado pistas e me forçado a explicar eu teria me acovardado e ficado quieta. Eu sabia que meus pais não me proibiriam de ir, mas mesmo assim estava incrivelmente nervosa.

Eu precisava me imaginar por conta própria no mundo lá fora e depois de

um tempo vi que era capaz disso. Tinha pesquisado o suficiente para saber que era possível e que, em teoria, poderia fazer aquela viagem. Nunca sabemos *realmente* o que vai acontecer – o oceano é poderoso e totalmente imprevisível – mas eu acreditava que, com esforço, barco adequado, preparação física e mental, o desenvolvimento de minhas habilidades de navegação e a busca pelos conhecimentos necessários para uma navegante solitária, estaria apta a navegar ao redor do mundo.

Quando finalmente apresentei meu plano aos meus pais, acho até que estava mais contando do que perguntando, mas é claro que não poderia fazer aquilo sem a bênção deles (ao menos não antes de completar dezoito anos!). E se eles tivessem alguma objeção razoável, não seriam ignorados. Eu escutaria e absorveria seus conselhos bem informados, bem como os de qualquer pessoa.

Foi um alívio e tanto finalmente pôr aquelas palavras para fora. Eu não poderia ter falado mais sério quando expliquei o que desejava fazer (até rolaram umas lágrimas!). Não sei bem se eles acreditaram em mim de cara ou se preferiram não fazer isso, na esperança de que eu esquecesse aquilo e partisse para outra ideia. Minha mãe diz que, quando percebeu que eu continuava totalmente focada em tornar aquele sonho realidade após seis meses terem se passado, começou a acreditar que eu atingiria o meu objetivo.

Ela me deu todo o seu apoio. Meu pai não aceitou bem a ideia até muito tempo depois. Depois de um período em que constantemente incomodei, conversei, fiz com que ele me ensinasse tudo o que sabia sobre motores, pedi para que telefonasse para navegantes que me aconselhavam e deixei o barco todo bagunçado com pastas cheias de recortes de revistas e fotos de barcos à venda, começou a ficar mais difícil para ele ignorar a minha dedicação.

No fim de *Lionheart*, Jesse Martin diz:

Precisamos encorajar e ajudar aqueles ao nosso redor, particularmente os nossos jovens, seja lá quais forem os seus sonhos, e então começaremos a ver grandes feitos. Eu era apenas uma criança normal com um sonho e seriedade em relação ao meu objetivo. Mas nunca teria conseguido sem o apoio da minha família... Há pessoas pelo mundo que sonham em fazer coisas grandiosas, e é bem possível que o seu filho, filha, irmão, irmã ou amigo seja um deles. Acredite neles e encoraje-os para que não percam um dos mais magníficos recursos da humanidade – a capacidade de sonhar.

Meus pais sempre me encorajaram a sonhar e, com a sua ajuda, eu faria tudo o que pudesse para tornar meus sonhos realidade. Graças a navegantes como Jesse Martin, Kay Cottee, David Dicks e Tania Aebi eu sabia que uma pessoa normal podia fazer coisas extraordinárias. Eu queria ser uma dessas pessoas.



No fim de nosso segundo ano no *Home Abroad*, retornamos à marina de Mooloolaba para passar o natal em Sunshine Coast. Conforme ficávamos mais velhas, Emily e eu achávamos mais difícil viver em um espaço tão confinado sem podermos ficar longe uma da outra ou do resto da família. Era ótimo ficar na marina porque lá podíamos nos espalhar um pouco, dar mais espaço para os outros e cuidar de nossos próprios assuntos. A marina ficava a apenas cem metros da praia, então passamos uma boa parte do verão passeando por lá com os Rawlings, que conhecêramos quando navegávamos por Whitsundays. Eles também passariam o natal em

Mooloolaba.

Assim como nós, a família Rawlings tinha quatro crianças. Nick, o mais velho, tinha mais ou menos a mesma idade de Emily e eles se tornaram amigos desde o começo. Eu me juntava com Anna, a segunda filha dos Rawling, e ficávamos reclamando do comportamento de nossos irmãos mais velhos! Nós quatro dávamos voltas juntos e navegávamos pela baía e dávamos volta em botes infláveis para passar o tempo enquanto os dois filhos mais novos dos Rawling, Mikayla e Eric, brincavam ao redor da Marina com Hannah e Tom.

Depois de nos acostumarmos à liberdade que tínhamos ao navegar, não demorou muito para que nossas empreitadas diárias em Mooloolaba fossem levadas a um novo nível. Convencemos nossos pais a nos deixar acampar. Uma vez, fomos até um dos rios da região em um bote sobrecarregado. Estávamos empoleirados em cima de nosso material de acampamento, que incluía até mesmo um refrigerador de 12 volts e um painel solar para carregarmos nossos iPods. Atraímos alguns olhares engraçados dos canoístas enquanto passávamos por eles em meio ao *puf-puf-puf* emitido por nosso motor de dois cavalos!

As nossas aventuras nos levavam com frequência para fora da área de cobertura dos telefones e logo aprendemos que cabia a nós mesmos resolver os problemas em que nos metíamos. Como era o mais velho, Nick era o líder. Meu cargo era o de “negociante paternal”, porque muitas vezes era necessária muita persuasão para convencer nossos pais a nos deixar ir a algum lugar.

Embora não bebêssemos, fizéssemos muita festa nem usássemos drogas, minha mãe e meu pai eram muito criticados por outros pais do clube de iatismo por nos permitirem tanta independência. Eles sempre sabiam aonde íamos e nunca nos deixaram partir sem um *kit* de primeiros socorros bem-

equipado, além de insistirem para tomarmos as precauções necessárias. Sim, coisas ruins podem acontecer, mas coisas ruins podem acontecer em qualquer lugar, e não era necessário nos prender em um casulo para que ficássemos seguros. Meus pais tomaram uma decisão resoluta ao nos dar espaço para explorar e eles confiavam que faríamos as coisas da maneira certa. Na cabeça deles, independentemente de qualquer outra coisa, essa era a maneira certa – e a única maneira – de criar os filhos, e me irrita quando julgam-nos por isso.

As pessoas sempre me perguntam como convenci meu pai e minha mãe a me deixarem navegar ao redor do mundo. O certo é que comecei a minha preparação e ganhei sua confiança por meio dessas aventuras menores. É verdade o que se diz sobre grandes feitos começarem com pequenos passos. Nick, Emily, Anna e eu sempre pesquisamos e planejamos cada etapa, e se qualquer coisa dava errado tínhamos que lidar com reclamações firmes e duradouras. O mesmo princípio valia para navegar ao redor do mundo – na verdade, houve menos reclamações e um monte de planejamento a mais, mas foi parecido.

Houve uma viagem em particular que deveria ter sido um passeio simples de fim de semana com Emily e Nick em um veleiro de 23 pés, do qual Nick era dono com mais um cara da marina. Na época Nick tinha quinze anos, Emily catorze e eu treze. Verificamos a previsão do tempo, compramos as provisões, carregamos nossos rádios e partimos com o primeiro raio de sol para um percurso de 35 milhas náuticas até Moreton Bay, onde pretendíamos passar a noite antes de voltarmos no dia seguinte. No início tudo correu bem. O trajeto de ida foi perfeito e chegamos ao ancoradouro a tempo de nadar um pouco antes que escurecesse.

As coisas começaram a ir ladeira abaixo à noitinha quando Nick, que estava com um resfriado leve, deu uma piorada e começou a se sentir muito

mal. Então o vento mudou de direção durante a noite e diversos dos barcos (incluindo o nosso) começaram a arrastar suas âncoras. Não conseguimos dormir direito, pois passamos a noite desviando de outros barcos em uma tentativa de não sermos liquidados. O raiar do dia foi mais promissor e depois de preparar o café estávamos ansiosos para navegar para casa.

Após deixarmos as águas mais protegidas da baía, o vento começou a ganhar força e então virou sem aviso para o norte, a direção em que tentávamos ir. Estávamos no meio da tarde e não progredíamos em meio ao mar revolto e o vento que ganhava força. Emily estava gravemente enjoada, o que deixou Nick e eu encarregados de navegar o barco e administrar as ligações preocupadas de nossos pais. Não havia um perigo sério, pois não estávamos longe da costa e uma ligação seria suficiente para chamar ajuda, mas o vento que se intensificava outra vez e a noite que se aproximava não ofereciam um bom prospecto.

Até aquela ocasião, eu teria sido a primeira pessoa a desabar em uma situação dessas (e acabaria embaixo de uma mesa de jantar), mas junto ao timão, enquanto Nick navegava, percebi que precisava lidar com a pressão se quisesse nos tirar dali em segurança. Se eu tinha esperanças de um dia navegar ao redor do mundo, precisava começar a demonstrar meu potencial. De um momento para o outro já não era Nick quem dava as ordens, como costumava acontecer; tomamos as decisões juntos e Nick até seguiu minhas instruções. Exausta e encharcada daquela maneira, tudo parecia diferente. Fazer força contra o timão se tornou divertido. Dar-me conta de que podia fazer aquilo, fazer mais do que meramente deixar que as condições da natureza levassem a melhor sobre nós, foi extasiante.

Olhando em retrospecto, eu diria que aquele foi o momento em que viajar ao redor do mundo se tornou algo mais do que um sonho distante. Durante aquela situação dramática, conheci minha autoconfiança e descobri

que podia de fato influenciar o curso das coisas.

Depois de pesarmos as alternativas e telefonar para os nossos pais para informá-los do que faríamos, demos meia-volta e deslizamos para um ancoradouro seguro. Passamos outra noite arrastando âncora antes de partirmos de novo no dia seguinte, já com o tempo mais calmo. Começamos o retorno para casa um tanto apreensivos, mas o dia acabou se revelando perfeito. As chances de um retorno triunfal foram estragadas pelo som do leme quebrando de repente a apenas algumas milhas de casa, mas acabamos chegando à marina em um final dramático para aquele fim de semana inteiro no mar.

Meus pais não haviam desistido de ver um pouco da terra australiana e, no início de 2006, fizemos as malas e partimos em uma viagem de ônibus pela costa, partindo em seguida para Adelaide e subindo até Birdsville Track para conhecer o interior. Era muito diferente de viajarmos juntos no barco, porque não tínhamos tanto a possibilidade de sair e explorar por conta própria. Foi incrível ver outras partes da Austrália, mas sentíamos falta da liberdade que tínhamos ao viver sobre a água. E se já achávamos que os ânimos se exaltavam com facilidade no barco, era ainda pior em um ônibus.

No início, a novidade foi suficiente para nos manter empolgados e isso foi bom para minha mãe. Ela adora faróis, então parávamos em todos que havia ao longo da costa e subíamos os seis pelo caminho quase sempre escorregadio até o topo do promontório para observar a construção e a vista. Para mim, o melhor de todos foi o farol de Wilsons Promontory, no ponto mais ao sul da Austrália. Construído por prisioneiros em meados do século XIX, a torre é feita com o granito local e está situada em um penhasco que dá para o quase sempre revoltoso Estreito de Bass. Não é possível chegar ao farol em um veículo, então precisamos de um dia de caminhada para chegar lá. Mas valeu muito a pena. A vista é estonteante e

sem dúvida o farol está na minha lista de lugares aos quais quero voltar para explorar um pouco mais.

Campings eram caros e, como éramos totalmente autossuficientes no ônibus, só os utilizávamos muito raramente. Aproveitávamos ao máximo os paradouros de caminhões, as zonas de eventos ao ar livre e praticamente qualquer lugar em que um ônibus pudesse estacionar sem ser incomodado. O ônibus era um veículo impressionante. Era enorme e robusto e havia sido pintado de dourado com uma grande listra vermelha na lateral. Por isso, chamava muito a atenção (acabamos nos arrependendo profundamente da pintura corajosa!). Teria sido excelente para uma banda de rock em turnê. Numa das poucas vezes em que paramos em um camping para aproveitar alguns dias de chuva e colocar em dia alguns dos deveres escolares, um grupo de campistas curiosos se reuniu e elegeu um líder que marchou até o ônibus e bateu na porta. Estávamos todos trabalhando na mesa quando escutamos eles perguntarem à minha mãe qual seria o melhor momento para conhecer o interior do veículo. Preciso reconhecer que seu argumento era bom: eles achavam que seria menos inconveniente se mostrássemos o ônibus a todos de uma vez só. Mais um motivo pelo qual evitávamos campings!

Passamos meu décimo terceiro aniversário em um estacionamento na Great Ocean Road, de frente para os Doze Apóstolos (embora pela nossa contagem houvesse menos de doze: o oceano e os ventos continuam castigando as estruturas de calcário, então só havia oito quando chegamos lá). Sou quase capaz de recriar nossa viagem assinalando os estacionamentos no mapa. Havia um em Charlotte Pass, no coração das montanhas nevadas de New South Wales, onde tivemos que esperar a neve parar de cair para irmos de bicicleta até o topo do monte Kosciuszko. É bastante significativo o fato de que dá para subir a montanha mais alta da Austrália de bicicleta!

Em outra ocasião, passamos a noite no topo de uma duna de areia de frente para o Lago Eyre, no sul da Austrália. Esse lugar de acampamento tornou-se ainda mais interessante porque ficava no fim de uma estrada de chão alagadiça e cheia de areia, ideal para veículos 4x4, com cem quilômetros de extensão. O ônibus não havia sido projetado para esse tipo de via, então os moradores nos olharam intrigados quando pegamos a estrada deserta. Meu pai estava sempre preparado para qualquer desastre e antes de começar a dirigir conversou com os moradores de uma cidadezinha próxima para ter certeza de que havia um trator grande o suficiente naquela área para nos puxar se ficássemos atolados.

Não foi a única vez que pegamos uma estrada daquelas. Para mim, o auge de toda a viagem foi quando percorremos a Birdsville Track, uma antiga rota de comerciantes de gado com 520km, que vai de Marree, no sul da Austrália, até Birdsville, em Queensland. É uma região muito bonita e o deserto se estende por quilômetros e quilômetros em uma área vazia e plana, interrompida apenas por ocasionais dunas de areia. Aquele é considerado um dos pontos mais inóspitos da Austrália e, às vezes, dirigir por lá não é tarefa fácil. Embora seja muito seco na maior parte do ano e as tempestades de areia sejam comuns, ele pode se tornar intransitável quando há chuva, e há a possibilidade de inundações relâmpago. Não estávamos muito preocupados, já que estávamos na estação seca. Parávamos o ônibus para ver eventuais poços e ruínas de antigos postos de pastores de ovelhas para esticar as pernas e explorar. A terra vermelha, a água escassa e a vegetação nodosa contrastavam fortemente com as águas azuis e florestas úmidas e exuberantes da costa a que estávamos acostumados.

Logo aprendemos por que aquela estrada ganhara sua reputação: foi quando o primeiro pneu furou e em seguida outros dois de uma só vez. Trocar um pneu de ônibus é mais desafiador do que trocar o pneu de um

carro, porque tudo é enorme e o número de peças sobressalentes que se pode carregar é limitado. Na primeira vez, tudo foi bem tranquilo graças à ajuda que recebemos de algumas pessoas que passaram em veículos 4x4. A segunda vez não foi tão fácil. Para início de conversa, não tínhamos pneus suficientes, então tivemos que parar no meio da estrada e passar a noite ali. Meu pai pediu ajuda em seu telefone via satélite e esperamos até que levassem pneus novos para nós. Lembrarei daquela noite para sempre. Caminhei para longe das luzes do ônibus em direção ao deserto para olhar para as estrelas. Pareciam intermináveis e estavam muito nítidas – era absolutamente incrível! Já vi algumas noites estreladas espetaculares no mar, mas há algo de ainda mais especial no céu do interior.

Divertimo-nos muito naquela viagem e fiquei feliz por nossos pais terem nos dado a chance de ver diferentes partes da Austrália, mas acho que perto do fim todos sabíamos que nossas aventuras de ônibus em família estavam acabadas. Estávamos ficando velhos demais para aquilo e estávamos todos ansiosos para voltar para o barco. Se eu queria aprimorar minhas habilidades de navegação, precisava estar perto do oceano.



Em 2007, tudo indicava que permaneceríamos na Marina Mooloolaba, na Sunshine Coast, por um tempo, então meus pais nos matricularam em escolas locais. Só durei um bimestre na Maroochydore High antes de retomar a educação a distância. Como eu esperava que nos mudássemos cedo ou tarde, não me envolvi com nenhum esporte nem qualquer outra atividade escolar e tampouco tentei fazer amigos. Se eu pretendia navegar ao redor do mundo, precisava direcionar todos os meus esforços para fazer isso acontecer, e voltar para a educação a distância me deu mais flexibilidade.

Arranjei um trabalho para lavar louça no Fish on Parkyn, um dos maiores restaurantes da Sunshine Coast. Eu precisava juntar dinheiro. Afinal, se queria ganhar um pouco de experiência navegando no oceano, eu precisaria ser capaz de pagar as passagens para ir até um veleiro. Já era difícil o bastante convencer as pessoas de que eu era capaz de assumir um posto em suas tripulações, mas eu também precisava convencer meus pais de que estaria segura a bordo, e trabalhar longas horas para pagar minhas passagens era outra maneira de mostrar a eles que eu estava levando muito a sério os meus planos de fazer aquilo. É preciso dedicação para continuar em um trabalho que exige que você lave louça até a uma da manhã... Não é divertido.

Para mim, a parte mais difícil de toda a aventura foi fazer com que as pessoas me levassem a sério e encontrar maneiras de fazer tudo acontecer. Àquela altura, minha mãe já me dava 100% de apoio, pois vira como estava levando as coisas a sério. Ela foi minha cobaia: eu apresentava minhas ideias para arranjar patrocinadores e juntar conhecimento. Volta e meia eu perguntava:

– Como tornar isso realidade? Qual é o próximo passo?

Comecei conversando com as pessoas e dizendo o que pretendia fazer. Eu não tinha dinheiro para fazer aquilo sozinha e precisava explicar meus planos para os outros. Visitei estaleiros, marinas e oficinas, conversei com todos que estavam dispostos a ouvir e fiz milhares de perguntas. Escrevi cartas para todas as pessoas que eu imaginava que teriam interesse em me apoiar de alguma maneira; mandei até uma carta para a governadora de Queensland, Anna Bligh, para saber se havia alguma bolsa disponível para jovens aventureiros. Um de seus assessores políticos respondeu em seu nome para me avisar que não havia nada que pudessem fazer para apoiar empreitadas individuais, mas me passou informações sobre o prêmio Duke

of Edinburgh Awards e também alguns *sites* que poderiam ser úteis. Contatei jornais e mandei *e-mails* para repórteres e editores para divulgar meu sonho, na esperança de que alguém lesse a meu respeito e me ajudasse com um patrocínio.

Quando completei catorze anos, eu tinha gasto quase três deles aprendendo tudo o que podia e pesquisando quais seriam os melhores equipamentos. Eu precisava pôr as mãos à obra se quisesse atingir meu objetivo, e uma das principais coisas a ser feita era conseguir um barco. Mesmo se meus pais tivessem o dinheiro (e eles não tinham), não teriam comprado um barco para mim. Àquela altura, os dois até tinham aceitado a ideia e estavam me ajudando como podiam, mas aquilo era uma coisa minha. Se eu tinha alguma esperança de que continuassem me apoiando, precisaria antes resolver tudo e mostrar para eles que era capaz.

Muitas pessoas me apoiaram e ajudaram a ir para a água, mas uma delas foi fundamental para me deixar pronta para a viagem: Bruce Arms. Bruce navegava desde o início de sua vida: ele tinha começado em pequenos botes e barcos a remo e então passou para barcos de quilha e multicascos. Ele é um navegante solitário que competiu em três regatas Tasman individuais e duas regatas Tasmanian Three Peaks, além de ter vencido em 2007 e 2010 a regata de veleiros Solo Tasman, que partia de New Plymouth, na Nova Zelândia, e terminava em Mooloolaba, em Queensland. Bruce tem uma experiência enorme de navegação e também constrói barcos. Por isso, foi perfeito aprender com ele. Bruce e sua mulher, Suzanne, são amigos de Pat e Judy Gannon, um casal que conhecemos quando navegávamos por Lizard Island em nosso barco de família. Mantivemos contato com Pat e Judy e quando eles ficaram sabendo da viagem que eu pretendia fazer, apresentaram-me a Bruce em meados de 2008.

No início, Bruce achou que eu era apenas uma garotinha com grandes

pretensões, mas depois que nos encontramos ele concluiu que eu tinha todo o necessário para realizar aquela viagem. Antes de qualquer coisa, ele se reuniu com meus pais para ter certeza de que eu estava fazendo aquilo pelo motivo certo e não como marionete dos meus pais. Não demorou muito para Bruce notar que meu pai definitivamente não estava por trás daquilo e que, embora me apoiasse, minha mãe tampouco estava me usando para realizar um sonho seu.

Bruce e eu somos muito diferentes. Bruce é um homem muito metódico que pensa tudo de antemão e verifica para ter certeza de que tudo dará certo. Ele era o mentor perfeito para mim, porque no começo eu havia visto algumas coisas muito por cima e não percebi as melhores opções (minha família chama isso de “ser um pouco loira”). Aprendi a frear o meu ritmo e a ser mais contida, em grande parte graças a Bruce.

Depois de conversar a respeito, Bruce e Suzanne decidiram que fariam todo o possível para me ajudar. Foi uma grande aposta deles, mas alguns amigos de Bruce tinham medo de que ele fosse responsabilizado de alguma maneira se algo desse errado durante a viagem. Bruce sabia que havia críticas direcionadas a mim e aos meus pais por causa do que eu estava tentando fazer e sabia que qualquer pessoa que decidisse me ajudar também se tornaria um alvo. Ele não se importou. Bruce se identificava com algo que via em mim e não deixaria que os outros o impedissem de me ajudar tanto quanto pudesse.

Bruce e Suzanne têm um catamarã multicasco Chamberlin de 46 pés chamado *Big Wave Rider* – um barco lindo de se navegar. Após decidir me ajudar, Bruce se manteve fiel à sua palavra: levou-me em várias viagens para reforçar minha experiência e avaliar se eu tinha as habilidades necessárias para navegar ao redor do mundo. Uma das viagens foi de Mooloolaba a Hobart, e quando minha mãe perguntou a Bruce o que ele achava das

minhas habilidades ele disse:

– Ela tem talento para navegar e aprende rápido.

Quando alguém pergunta a Bruce o que é necessário para ser um navegante solitário, ele diz que a pessoa precisa ser um navegante completo, de mente forte e capaz de fazer tudo por conta própria: cozinhar, navegar, realizar reparos elétricos ou mecânicos, cuidar dos canos e dos cabos, observar o clima... A lista não acaba nunca. O que ele não menciona é idade ou sexo, e desde que nos vimos pela primeira vez nunca me senti inadequada ou julgada por ser uma garota adolescente. O mundo dos navegantes é bastante dominado pelos homens, mas para Bruce e muito dos incríveis apoiadores que tive só o que importava era minha habilidade, meu foco e minha dedicação. Ao contrário dos marinheiros que não me jogavam os cabos para que eu amarrasse seus barcos, eles achavam irrelevante o fato de eu ser uma adolescente. Eu me pergunto se o ultraje gerado por minha tentativa de navegar ao redor do mundo teria sido tão forte caso eu fosse um garoto adolescente. Mas sei que Jesse Martin e seus pais tiveram que aguentar muitas críticas durante a preparação dele, então é possível que tivesse sido a mesma coisa.

Estava bem claro que a primeira coisa que eu precisaria fazer (além de encontrar um barco) seria adquirir experiência considerável com navegação em mar aberto, o que não é uma tarefa fácil para uma garota de catorze anos. Digamos que eu não era exatamente a primeira escolha de um comandante. Eu já estava navegando uma ou duas vezes por semana com um barco da região, o *Soraya*, e trabalhava às vezes como assistente na escola local de navegação, onde ensinava crianças e adultos a velejar em botes. Ensinar crianças a velejar era bem divertido, mas percebi que alguns dos adultos não gostavam de receber ordens de alguém muito mais nova do que eles, e muitas vezes acabávamos todos molhados por causa disso! Esse tipo

de postura me deixou ainda mais determinada a realizar meu sonho.

Acho que ninguém esperava que eu ficasse por muito tempo no Fish on Parkyn quando consegui o emprego de lavar louça. Era um trabalho duro, que exigia que eu ficasse muitas vezes até tarde da noite, mas eu adorava o desafio. As noites ruins eram compensadas pelo pudim de tâmaras delicioso que eles serviam e alguém precisava comer os que não eram vendidos! O dinheiro que eu ganhava ia para voos e coisas como roupas impermeáveis para dias chuvosos.

Não consigo expressar como fiquei empolgada quando o resultado do meu trabalho duro começou a aparecer. Organizei meu primeiro trecho de oceano, de Vanuatu a Brisbane, no barco de 42 pés *Elegant Gipsy*. Havíamos conhecido os donos do veleiro, Sharon e Chris, e seus dois filhos, Hugo e Max, quando estávamos navegando mais ao norte, e havíamos mantido contato. Eles recém haviam voltado de uma temporada em Vanuatu. Sharon e os garotos retornariam à Austrália de avião e Chris precisava de uma tripulação para navegar de volta.

Antes que meus pais me dessem autorização, precisávamos conferir com cuidado todos os detalhes da viagem e comprar equipamentos pessoais de segurança. Meu pai insistiu em me comprar um EPIRB (emergency position indication radio beacon, ou sinalizador de posicionamento para emergências via rádio). Meus pais dirigiram nervosos até o aeroporto para me dar tchau. Eles ainda estavam visivelmente preocupados por me deixarem ir. A confusão no balcão de *check-in* não colaborou para deixá-los mais tranquilos. Ali me disseram: “Sinto muito, não há nenhuma reserva para o sobrenome Watson”. Por sorte, conseguiram resolver o problema ao descobrirem que, por alguma confusão, eu havia dito que meu nome era “Sra. Mooloolaba”. Ainda não superei essa!

No avião até Vanuatu, conheci meu companheiro de tripulação, Martin.

Embora estivesse praticamente dando saltos de empolgação, esforcei-me muito para parecer bem adulta.

Aquela viagem acabou sendo bem tranquila: não mudamos de direção nem precisamos alterar o curso durante as 1.107 milhas náuticas, o que deve ser um recorde. Certamente não foi o trajeto repleto de ação que eu esperava, mas serviu para dar um gostinho da navegação em alto mar. E o mais importante: descobri que amava a simples vida cotidiana da navegação de longa distância. Talvez meus pais tivessem a esperança de que eu me desse por satisfeita após aquela viagem e esquecesse a história toda de navegar sozinha. Não esqueci. Eu estava pronta para outra.

Após voltar para casa, fiz o curso de comandante para viagens costeiras na escola de navegação local. A parte teórica incluía uma semana de aprendizado técnico, planejamentos de rota e interpretação de tabelas climáticas. A parte prática do curso consistia em subir a costa de New South Wales desde Coffs Harbour até Mooloolaba no veleiro de 37 pés da escola. As condições do mar oscilaram muito durante a navegação e aprendi muito com isso.



Eu havia escrito a muitas pessoas pedindo conselhos ao longo dos anos e Bruce sugeriu que eu contatasse Don McIntyre. Don é um dos maiores aventureiros do mundo e um dos navegantes mais experientes da Austrália. Ele competiu no BOC Challenge Single-handed Around the World Yatch Race, uma regata em solitário de volta ao mundo, e participou de muitas expedições de navegação antártica. Ele até morou na Antártica com a mulher, Margie, por um ano. Don realizou um documentário chamado *Knockdown*, que mostra sua navegação feita em 1990, e eu estava ansiosa

para assisti-lo. Disseram-me que Don apoiava jovens aventureiros, então me senti à vontade para escrever a ele. Ele me enviou uma cópia de seu filme, e daí em diante mantivemos contato frequente.

Don era ótimo para dar conselhos e passar contatos, e eu senti que as coisas estavam começando a dar certo, ainda que devagar. Mas senti o aperto quando recebi um *e-mail* de Don que dizia basicamente: “Você não pode fazer isso sem um barco... E você não tem um barco!”. Você pode até pensar que lá no início a minha fé cega de que eu conseguiria o apoio necessário era em parte loucura e em parte um devaneio de adolescente, mas o *e-mail* de Don tocou direto na ferida – eu andava pensando e perdendo o sono pelo mesmo motivo.

Naquela época, eu já tinha alguns patrocinadores locais, como a Ullman Sails e a Fleming Windvanes, e muitos fornecedores haviam prometido apoio, mas hesitavam em assinar os papéis até que eu tivesse algo mais sólido – um barco. Era um tipo estranho de malabarismo: eu precisava dos pequenos patrocinadores para provar a seriedade do projeto e conseguir dinheiro para um barco, mas sem o barco apenas umas poucas pessoas estavam dispostas a se comprometer.

Eu ainda não sabia, mas Don e Margie haviam conversado muito a meu respeito e decidido que comprariam um barco que servisse para a minha circum-navegação. Apoiar pessoas jovens está no âmago da crença de Don no poder inspirador das aventuras. Ele disse certa vez:

Uma aventura pode soar como blasfêmia para muitas pessoas. Assim que você diz “aventura”, elas dizem “resgate”, e há muitas pessoas que questionam o seu valor, mas a verdade é que se continuarmos blindando nossa sociedade e nossas jovens crianças como se fossem de porcelana, como estamos fazendo, mudaremos a cultura da Austrália. A Austrália precisa de heróis. A Austrália precisa de aventureiros e as pessoas que estão lá fora tentando algo,

perseguindo seus sonhos e forçando suas capacidades até o limite encontram muitas coisas positivas.



Eu havia provado a Don que faria aquela viagem pelos motivos certos, e após conhecer os meus pais, ele soube que a ideia partira de mim. A hipótese de que eu estivesse sendo pressionada e manipulada por pais em busca de fama era incogitável. Só de escrever isso já começo a rir, porque meus pais são exatamente o oposto disso. Ele também sabia que havia pessoas, como Bruce, que estavam dispostas a fazer todos os esforços necessários para deixar qualquer barco que eu arranjasse pronto para a viagem.

Alheia aos planos de Don, não me deixei abater pelas negativas e continuei fazendo tudo o que podia para ganhar experiência. Fiquei sabendo de uma organização internacional chamada OceansWatch que trabalha junto à comunidade de iatistas para realizar programas de preservação marinha e prestar ajuda humanitária a países em desenvolvimento. A organização emprega voluntários para compor a tripulação de seus barcos e ajudar a conduzir seus projetos, e percebi que aquela era uma maneira de ganhar experiência e também contribuir com o meio ambiente. Entrei em contato com Chris Bone, o CEO e Líder de Projetos da sucursal Pacífico-Asiática da OceansWatch. Chris é ambientalista há muitos anos e já foi capitão de um navio do Greenpeace.

Consegui convencer Chris de que eu levava a sério o meu projeto de circum-navegação solitária. Ele me ouviu e, apesar de minha idade, estava pronto para me dar a oportunidade de integrar a tripulação, mas fez meus pais telefonarem para ele para confirmar que estavam a par de tudo. Com a

ajuda de Chris, percorri diversos trechos de oceano no *Magic Roundabout*. Meu primeiro trecho foi de Whangarei, na Nova Zelândia, a Vanuatu, com Melinda Taylor e James Pitman. Meu trabalho na cozinha rendera dinheiro suficiente para que eu voasse a lugares como Vanuatu ou a Nova Zelândia para embarcar e, embora as passagens para uma jornada da OceansWatch fossem gratuitas, eu precisava pagar doze dólares australianos por dia para cobrir os gastos. Em uma viagem de cinco semanas, é uma quantia considerável.

Meu trecho seguinte em alto mar foi de Vanuatu a Brisbane. Eu deveria ter voltado para casa após deixar o *Magic Roundabout*, mas ouvi que um veleiro chamado *Serannity* precisava de uma tripulação para navegar de volta a Brisbane. Era perfeito para que eu praticasse mais e ampliasse meus conhecimentos de navegação no oceano, além de me fazer economizar uma passagem. Tive que telefonar para meus pais e persuadi-los de que era uma boa ideia. Após terem pedido que Chris Bone checasse os proprietários, as pessoas que estariam a bordo e a segurança do veleiro ao viajar no oceano, eles concordaram.

Minha grande viagem seguinte foi como capitã não oficial no *Magic Roundabout*, de Brisbane a Whangarei. Eu ainda era jovem demais para ter licença de capitã, então Jim Hawke, que passara anos ensinando jovens e adultos a navegar, era o capitão oficial. Ricki Colston também fazia parte da tripulação e estava a bordo. Jim topou que eu capitaneasse o barco e disse que só se envolveria se fosse preciso. Assim, eu teria uma ideia de como era ter que tomar as decisões. Ele foi fantástico e nunca se impôs às minhas decisões: apenas me perguntava o tempo todo por que eu estava fazendo as coisas daquela maneira. Ele esperava me ensinar a confiar em meu instinto e suas perguntas foram o treinamento perfeito para me encorajar a pensar as coisas de maneira lógica e cuidadosa.

Claro que meus pais pediram a Jim que lhes desse um retorno sobre as minhas habilidades, e fiquei muito contente ao saber que ele disse que, em sua opinião, eu estava entre os dez por cento melhores no que dizia respeito à navegação e entre os dois ou três por cento quando se tratava de colhões. Foi legal receber essa avaliação de um navegante tão experiente e tenho certeza de que isso ajudou a acalmar meus pais.

Minha tia Wendy ajudou a organizar outro momento de enorme importância para mim. Ela havia trabalhado em Campbell Island, uma das ilhas subantárticas pertencentes à Agência Meteorológica da Nova Zelândia, e conseguiu ajeitar as coisas para que eu integrasse a tripulação do *Evohe*, um veleiro de aço de 82 pés construído no estaleiro De Watcher na Antuérpia, na Holanda, projetado especialmente para as condições adversas do Ártico e da Antártida. O barco navegaria de Bluff, em um ponto austral da Ilha Sul da Nova Zelândia, até Auckland Island, e então até o Campbell Island Group, uma área tombada como patrimônio da humanidade. Agradava-me especialmente a ideia de fazer esse trecho, pois assim eu ganharia alguma experiência no Oceano Antártico. Eu integrava a tripulação junto a uma equipe de funcionários da agência meteorológica e engenheiros, e era a ocasião perfeita para fazer um monte de perguntas e aprender um bocado sobre os padrões climáticos voláteis que podem ser observados naquela região.

Quando não estava navegando ou lavando louça, eu direcionava todas as minhas energias para tornar aquela viagem realidade. Conforme acumulava horas no mar, mais e mais pessoas passaram a me ajudar, mas eu ainda precisava usar a mídia para divulgar que estava em busca de patrocínio. Não havia outro caminho que eu pudesse tomar, mas assim que fiz isso eu e minha família ficamos expostos a críticas. Eu esperava que a mídia demonstrasse interesse, e alguns jornais e canais de televisão começaram a

acompanhar meu progresso, mas a exposição se mostrou uma faca de dois gumes. Eu não poderia fazer a viagem sem patrocinadores e meus pais não me deixariam partir se minha preparação ou meu equipamento estivessem comprometidos de alguma forma. Mas eu não esperava os comentários negativos e os ataques à maneira como meus pais me criavam em cada artigo ou reportagem que aparecia.

Ter alguém como Don McIntyre ao meu lado ajudou muito. Don não é nada bobo e via que estávamos fazendo de tudo para garantir o máximo de segurança possível. Fazia mais ou menos um ano que eu conversava com Don e cada vez que as coisas ficavam mais complicadas ele enviava uma mensagem para mim e minha família, o que ajudava a compensar a negatividade.

Falei com um monte de gente sobre o tipo de barco que deveria usar na viagem, e Bruce e Don foram dois dentre muitos. Eles deram ótimos conselhos. Quando comecei a elaborar pela primeira vez minha lista de barcos dos sonhos, imaginei que usaria um Sparkman & Stephens 34 (S&S 34). Ele havia sido testado em situações de circum-navegação global por Jon Sanders, David Dicks e Jesse Martin, e provara ser um barquinho guerreiro. Então comecei a achar que precisava de um barco mais rápido e cogitei todos os tipos de design imagináveis. Acabei voltando ao ponto de partida, novamente ao S&S 34. Mais de cinquenta veleiros S&S 34 foram construídos no Reino Unido e mais de 160 na Austrália desde meados dos anos 1960. Eles ainda são feitos no oeste australiano. Aparentemente, todos os S&S 34 já construídos continuam navegando até hoje. Isso é incrível. Eu não poderia ignorar a reputação que o barco tinha. Era muito importante ter um barco que pudesse manejar bem sozinha, e eu jamais tentaria a sorte com um barco que ainda não houvesse sido testado, mesmo que ele pudesse me dar mais velocidade.

Fiquei emocionada quando Don e Margie se ofereceram para providenciar um barco para mim, mas tomei muito cuidado para não ficar muito empolgada até que tudo estivesse pronto. Saber que alguém acreditava em mim o suficiente para me patrocinar e me dar um veleiro (e o fato de esse alguém ser Don, que sabia o que uma viagem daquelas exigia) foi incrível. No começo, nem parecia real. Eu estava na Nova Zelândia em março de 2009 quando Don foi ver um barco que havíamos encontrado e parecia apropriado. Lembro de passar o dia andando em círculos, esperando pelo relato de sua visita de inspeção. *Shanty*, como o barco então se chamava, havia sido construído em 1984. Nas palavras de Don, tinha “um bom motor, condições razoáveis e um mastro sólido; estão pedindo 68.000 dólares”. Ele negociou o valor para que ficasse em 50 e poucos e então fechou o negócio.

O que eu havia sonhado e esperado por tanto tempo estava de fato começando a acontecer. Com a questão do barco resolvida, a velocidade do projeto aumentou em um ou dois nós, e de vez em quando eu precisava me beliscar para ter certeza de que aquilo estava mesmo acontecendo.



Depois que já tínhamos o barco, passei algumas semanas limpando e polindo para uma coletiva de imprensa em que anunciaria minha intenção de navegar sozinha, desassistida e sem paradas ao redor do mundo. Eu precisava fazer isso para atrair patrocínios de peso. Ao mesmo tempo, estava meio ocupada com as aulas. Dessa vez, estava fazendo um curso de capitã de veleiro e aprendendo a utilizar um sextante. Tive aulas com meu instrutor, John Bankart, e fazíamos viagens à praia para medir a posição de Vênus, bem como para uma série de observações do sol. Era muito gratificante

determinar nossa posição em uma tabela com margem de erro de apenas quatro milhas náuticas utilizando só o sol, planetas, o sextante, um almanaque de referência... E muita ajuda de John.

Don veio da Tasmânia para ajudar com o planejamento e as preparações para o encontro com a mídia e dar uma conferida no barco, e trouxe Mike Perham. Mike havia partido em 15 de novembro de 2008 de Portsmouth, na Inglaterra, a bordo seu veleiro Open 50 para regatas de alta performance, o *Totallymoney.com*, para tentar se tornar a pessoa mais jovem a navegar sozinha, desassistida e sem paradas ao redor do mundo (parece familiar?). Infelizmente, problemas recorrentes com seu piloto automático e, mais tarde, com o leme obrigaram-no a fazer longas paradas para reparos em Lisboa, nas Ilhas Canárias, na Cidade do Cabo, em Hobart e em Auckland, e assim ele foi obrigado a rever seu objetivo e se tornar simplesmente a pessoa mais jovem a dar uma volta ao mundo navegando sozinho. Eu havia acompanhado o progresso de Mike pela internet e foi muito emocionante conhecê-lo.

Passar um tempo com Don e Mike navegando, conversando sobre rotas, discutindo os aspectos positivos e negativos na preparação e escutando Mike descrever sua incrível experiência sozinho no mar me fez perceber como era especial aquilo que eu estava prestes a fazer. Mas ouvir histórias sobre ondas de 15 metros e ventos de 50 nós e a sensação de ter o barco avariado estando sozinho em pleno Oceano Ártico serviu como lembrete do que eu tinha pela frente e me ajudou a ficar com os pés no chão.

Meu pai ainda não aceitava bem a ideia de que aquilo aconteceria mesmo; portanto, conhecer Mike e ver como outro adolescente havia lidado com a grande aventura de sua vida serviu como um (leve) tranquilizador para ele. Tomei cuidado para que ele não estivesse por perto quando Mike contou as histórias mais dramáticas.

Sei que há pessoas que pensam que existe uma rivalidade acirrada e muita competição entre jovens marinheiros como Mike, Jesse Martin e Zac Sunderland e sua irmã, Abby, mas a verdade é que nos apoiamos mutuamente, trocamos *e-mails*, compartilhamos conhecimentos e desejamos que tudo dê certo para todos. Eu sentia muito por Mike ter enfrentado os problemas que enfrentou com seu piloto automático, mas sou muito agradecida pela oportunidade de passar um tempo com ele antes da minha aventura.

Conhecer Mike fez com que de repente as coisas parecessem muito reais e também serviu para me lembrar de curtir todas as etapas da viagem e da preparação. Rebatizamos o *Shanty* de *Youngestround* e Bruce e eu navegamos com ele de Mooloolaba à Marina Rivergate, em Brisbane, para um evento midiático que estava programado. Soltamos as amarras que nos prendiam à terra e partimos em meio a uma chuva forte e ventos de 20 nós soprando direto no rosto para a minha primeira grande viagem naquele barco. No início, progredimos bem, mas então o vento desapareceu e a chuva começou a cair com mais força. Embrenhamo-nos para dentro a fim de permanecermos secos e logo descobrimos que o confiável piloto automático tinha traços peculiares de personalidade. Nós o batizamos de Mr. Wonky.

Depois de alguns desvios acidentais, navegamos vagarosamente para o sul antes de descobrir outro problema: água do porão do veleiro. Assumi o timão enquanto Bruce começou a baldear corajosamente a água para fora do barco. Foi um grande alívio perceber que a água era da lavagem do barco realizada na noite anterior e não de um vazamento crítico no casco. Não avançamos muito, e nos limites de Moreton Bay tivemos a velocidade reduzida ainda mais por uma maré vazante. Reduzimos para três nós com o auxílio do motor auxiliar.

As coisas continuaram dando errado. Enquanto avançávamos pela passagem, uma manilha do trilho da vela mestra se rompeu durante uma rajada de vento repentina de 25 nós. Resolvemos o problema, mas então descobrimos que o estai de cabo de boreste (um dos cabos que mantêm o mastro de pé – algo bem importante!) começara a se soltar sozinho.

Mas o último pedaço da baía foi muito especial. Enquanto o sol se punha, o vento ganhou força e nos empurrou perfeitamente enquanto navegávamos rio Brisbane acima, rumo às luzes cintilantes da cidade. Mágico. Não demorou muito para encontrarmos o lugar reservado para nós na marina, mas quando desci do barco eu estava louca por um banho morno e uma refeição quente.

Aprendemos muito sobre o barco naquele dia e a lista de tarefas era longa. O reaparelhamento seria uma grande empreitada e eu estava cruzando os dedos para que a coletiva de imprensa no Sanctuary Cove Boat Show me ajudasse a encontrar patrocinadores o suficiente para manter meu sonho vivo. Ainda precisávamos de um patrocinador principal e ajuda com os gastos e os equipamentos técnicos. Havíamos marcado uma data-teste de partida para setembro, então eu só tinha mais quatro meses para deixar tudo pronto.

Não sabíamos o que esperar na manhã de 13 de maio de 2009, a data da coletiva em Rivergate. Não fazíamos ideia se alguém teria interesse ou se o retorno seria positivo. Acabou sendo melhor do que qualquer um de nós esperava. Já havia saído algumas reportagens sobre mim na mídia e eu tinha dado algumas entrevistas, mas nada me preparou para a atenção que recebi naquele dia. Falei com jornalistas, fornecedores e qualquer pessoa que estivesse remotamente interessada no que eu estava tentando fazer. Acho que não parei de falar até a hora de dormir! Um dos contatos realmente importantes que fiz naquele primeiro dia foi Scott Young, da 5 Oceans

Media, uma empresa de esporte, mídia e lazer que administrava a carreira de pessoas como Layne Beachley, Hazem El Masri e Lincoln Hall. Até então, eu havia coordenado a campanha com meus pais, minha família e meus amigos, Bruce, Suzanne e Don, mas era uma tarefa tão gigantesca que precisávamos de ajuda. Foi ótimo conhecer Scott, e ele preparou um encontro para conversarmos com Andrew Fraser, seu sócio, no Sanctuary Cove Boat Show.

Depois de um dia tão extenso e ainda cheia de adrenalina, eu estava me sentindo vitoriosa... Mas não durou muito. Após me revirar a noite inteira, acordei bem cedo a fim de me preparar para a minha primeira entrevista ao vivo na TV e logo descobri que as roupas que eu havia escolhido cuidadosamente para a ocasião haviam sido postas em um carro que estava indo para outro lugar. Pode não parecer muito importante, mas eu estava nervosa, queimada do sol e com a voz rouca de tanto falar no dia anterior, então tinha a esperança de que ao menos as minhas roupas passassem uma boa impressão. E poxa, nós adolescentes sempre nos preocupamos com o traje em uma ocasião especial.

Quando uma limusine chegou para nos buscar, começou a parecer que eu estava em um sonho. Não dava para acreditar. Eu estava sonolenta, me sentindo desleixada e dando voltas em um carro guiado por nosso motorista, David, que estava de terno. O lado bom foram as balas de goma de cortesia.

Depois de sobreviver à entrevista ao vivo sem me humilhar completamente, comecei a achar que as coisas poderiam ficar mais calmas. Mas o resto da manhã foi marcado por uma série confusa de entrevistas para o rádio, filmagens para telejornais e mais fotos. A resposta ao meu anúncio e ao lançamento do barco foi fenomenal. Comecei a receber uma enxurrada de *e-mails* e telefonemas, e fiquei lisonjeada com as ofertas de

apoio e o encorajamento que recebi. Fiquei exultante por saber que havia tantas pessoas ao meu lado.

Cada *e-mail* e cada mensagem de boa sorte me inspiravam mais. Mas nem todos me encorajavam. Recebemos uma onda de críticas por eu ser jovem demais e também diversas pessoas insultaram meus pais. Eu aprendera a lidar com alguma dose de críticas e já não deixava que me afetassem, mas tive medo que fossem influenciados negativamente. Era o meu sonho e eu estava pronta para defendê-lo, mas fiquei chateada por eles serem criticados e julgados com tanta ferocidade por causa disso. Eu não tinha por que me preocupar. Minha mãe se saiu muito bem ao se defender em frente às câmeras e até meu pai pareceu tirar de letra. Mas Emily, Hannah e Tom também passaram por isso. Eles não escolheram expor seus pais daquela maneira cruel e não foi bom para nenhum de nós.

Era estranho ler manchetes que diziam coisas como “Navegação Solitária de Adolescente é Irresponsável”, ver enquetes nos jornais perguntando aos leitores se eu era jovem demais ou não e ouvir que um grupo chamado Australian Family Association insistia que meus pais deviam reconsiderar sua permissão para que eu partisse. Meus pais e eu sempre escutávamos o que as pessoas falavam e minha mãe dizia: “as pessoas têm direito a dar sua opinião”. Eu só queria que suas opiniões fossem mais embasadas. Nenhuma daquelas pessoas que se expressavam com tanto alarde me conheciam, tampouco conheciam minha família, e ninguém se preocupou em descobrir como eu estava me preparando para a missão. Fiquei muito agradecida por gente como Jesse Martin e Don McIntyre terem nos defendido. Don declarou: “Ela não deixou as bonecas de lado, saiu do quarto e pulou em um barco. A idade não é o que importa nesse caso. Importa quem ela é, o que ela é e sua motivação. Ela é capaz de fazer isso? Eu acho que sim. Ela vai conseguir? Só o tempo dirá”.

Entre o anúncio de minha tentativa e o vindouro Sanctuary Cove Boat Show, passei por outro marco importante: meu décimo sexto aniversário. Eu não precisava de presentes se já tinha um barco e, após esperar do lado de fora da secretaria de transportes de Queensland até que o lugar abrisse, tornei-me a feliz proprietária de uma habilitação de capitã!

Com esse pedaço de papel tão importante em mãos, comemorei com um passeio junto a Tom, meu pai e nosso primo, Ben. Partimos de Brisbane rumo a Gold Coast. Não fui exatamente a grande marinheira que esperávamos. Após deixarmos o rio para trás, pegamos um vento de proa de 25 nós e o mar encrespado reduziu nossa velocidade a frustrantes três nós. Não liguei: pela primeira vez, eu era permitida por lei a conduzir um barco, de modo que amei cada segundo da viagem. Foi ainda melhor no dia seguinte, quando finalmente pude navegar sozinha. O piloto automático ainda estava aprontando das suas e se recusou teimosamente a conduzir o barco em linha reta. Eu estava com as mãos ocupadas, sobretudo ao atingir a parte mais rasa do canal, quando uma tempestade rápida começou a cair e uma rádio local telefonou para o meu celular para fazer uma entrevista por telefone. Isso é que ser multitarefas! Bruce diria que é exatamente o que um marinheiro solitário precisa: fazer tudo por conta própria e, muitas vezes, lidar com mais de uma coisa ao mesmo tempo.

Os dias seguintes foram um caos. Enquanto conduzíamos o barco até o Sanctuary Cove Boat Show para colocá-lo em exibição, meu pai, Bruce e eu tivemos de lidar com ventos de 63 nós e bancos de areia por todos os lados. Fiquei emocionada por ter sido convidada para falar no Rivergate Marina and Shipyards Annual Deck Party. Eu ainda estava me acostumando a falar em público e estava bem nervosa, mas fui apresentada a Mark Richards, velejador campeão do mundo e capitão do barco *Wild Oats*, quatro vezes campeão da regata Sydney-Hobart. Também tive a oportunidade de falar

sobre minha proposta de viagem e tentar encorajar novos patrocinadores. Foi uma grande oportunidade.

O evento foi outro turbilhão de conversas, encontros com fornecedores e captação de informações. Enquanto isso, tentávamos atrair patrocínios. Encontrei David Campbell no estande da SatCom Global, conversei com Duncan Curnow, da Musto, e com diversos outros fornecedores. Encontrar Scott mais uma vez e ser apresentada a Andrew Fraser foi um grande ponto de virada. Nos demos bem logo de cara e decidimos que Andrew e Scott me gerenciariam e ajudariam a buscar patrocinadores e lidar com a mídia. No começo, foi muito estranho pensar que eu estava sendo gerenciada por uma empresa, mas eles logo se tornaram parte fundamental do grupo, atuando como equipe de apoio e fazendo diversas outras coisas.

Outro destaque daquele evento foi o homem que se dirigiu até o barco completamente inflamado para trocar umas palavras com meus pais por terem cogitado me deixar navegar ao redor do mundo com aquela idade. Após conversar comigo e com minha mãe, ele partiu com os olhos cheios de lágrimas, totalmente convertido à nossa causa e jurando me apoiar durante todo o caminho. Depois de toda a publicidade negativa, foi revigorante perceber que mesmo os críticos mais ferrenhos podiam mudar de opinião se dedicassem um tempo para conversar comigo e escutar o quão ampla e cuidadosamente a viagem havia sido planejada e como havíamos reduzido os riscos ao mínimo possível.

Não havia tempo para me vangloriar ou tirar uma soneca após o evento, pois o barco foi direto de Sanctuary Cove para Manly, na Brisbane's Moreton Bay (com mais uma boa dose de drama no caminho), onde o mastro foi retirado e entregue ao David Lambourne Yacht Rigging para a produção de um novo estaiamento. David é um dos melhores e mais confiáveis construtores de mastros e estaiamento da Austrália e não estávamos

dispostos a usar nem mesmo o “segundo melhor” em qualquer coisa que fosse. Dali, o barco foi levado por terra a um imenso galpão em Rosemount, próximo a Buderim, na Sunshine Coast, para uma imensa reequipagem. Não fiquei muito contente com a ideia de soldar o barco para que ficasse firme sobre o picadeiro que seria sua casa pelas oito semanas seguintes, mas, embora devesse parecer que estávamos regredindo depressa, tudo foi muito empolgante. As coisas estavam mesmo acontecendo.

A primeira semana de reequipagem foi dedicada a depenar o barco até que ele parecesse um simples casco com convés. Do motor quase novo ao toalete, certamente tóxico, tudo foi desacoplado enquanto nos estabelecíamos no galpão, posicionávamos os andaimes e reuníamos todas as ferramentas e equipamentos necessários. Boa parte do tempo foi gasta enquanto planejávamos exatamente o que faríamos. A targa, a capota e vários outros equipamentos foram esboçados em cartolinas ou rabiscados em bloquinhos tendo o meu tamanho como referência. Em alguns momentos, devo ter sido bem inflexível e insistente, mas estava determinada a concluir todo o trabalho a tempo para cumprir o prazo ambicioso que nós mesmos havíamos estipulado. Além disso, eu tinha passado tanto tempo pesquisando e me preparando para aquela viagem que sabia exatamente o que desejava ter a bordo. Não sou boba nem nada (acreditem vocês ou não!), mas é claro que escutava os conselhos. Fazia anos que eu coletava opiniões e recomendações de navegantes experientes, e já havia repassado tudo o que haviam me dito, pesado os prós e contras e tomado minhas próprias decisões. Don queria que eu usasse os geradores eólicos da Aix-X Breeze Wind, porque funcionaram muito bem para ele. Jesse Martin também as utilizou, mas preferi da Rutland 913, que era mais silenciosa e tinha fama de ser mais confiável. Construímos uma base removível, de forma a facilitar a reposição caso uma das pás quebrasse.

Outro objeto de discussão foi a targa, a peça na popa que sustenta os painéis solares e as antenas. David Dicks usou uma com painéis reclináveis, assim como Jesse Martin. Achei que era alto demais, o que me deixava vulnerável, então escolhi um mais baixo. Depois, enquanto a mastreação estava sendo feita, debatemos muito se a buja de temporal deveria ter seu próprio enrolador. Tive que decidir o que era ideal para mim e assumir a responsabilidade. Don havia me dado um conselho a respeito disso mais cedo. Ele disse: “Se você fizer a decisão por conta própria após pensar com cuidado e algo der errado, ao menos não haverá nenhum remorso”. Palavras sábias de um homem sábio. Sou responsável por todas as decisões que tomamos, acertadas ou não.

Sabíamos que seria necessário muito trabalho para concluir o trabalho de reequipagem e eu não tinha dinheiro para pagar os salários. Don pôs um anúncio no *Trade-a-Boat* atrás de voluntários para nos ajudar e fiquei estarrecida com o retorno que tivemos. Vieram pessoas de todo o país para nos ajudar e rapidamente tínhamos uma dúzia de pessoas envolvidas no projeto, polindo, lixando e pintando. Bruce havia se entregado de corpo e alma à nossa causa, e ele e Suzanne se dedicaram a me pôr no caminho certo. Bruce tornou-se o gerente do projeto – não apenas do projeto de reequipagem, mas de toda a jornada, do início ao fim. Meus pais quebravam qualquer galho que aparecesse e também abrigavam e ofereciam comida a muitos dos voluntários. Um pouco como diz o ditado, todos estavam trabalhando para descobrir com quantos paus se faz uma canoa... Só que, neste caso, era um veleiro!

Era um grupo incrível de pessoas e não era só o trabalho deles que era inestimável: poder contar com todos seus anos de experiência com navegação e construção de barcos foi imprescindível na hora de escolher os equipamentos nas sessões de planejamento em volta da mesa de jantar.

Tenho certeza de que me esquecerei de alguém, mas há alguns que precisam ser mencionados. Havia Ed, um ex-integrante da marinha americana, que sempre trabalhava em silêncio; Richard, o carpinteiro capaz de dar uma mão em praticamente qualquer coisa; Jim Hawke, que aparecia algumas vezes por semana para instalar o novo encanamento; Rod, com suas opiniões fortes e muitas vezes divertidas, a quem posso agradecer pelo enrolador de genoa; Ricki, que sempre acabava pegando os piores trabalhos e sempre estava pronto para outro; e Pat, com seu humor sarcástico e hilário, que fazia um pouco de tudo e gostava de trabalhar tarde, quando todos já haviam partido e o barracão estava em silêncio.

Phil George, o proprietário da Fleming Windvanes, não apenas forneceu e instalou o piloto de vento como também construiu o suporte para a targa com meu pai; Damien trabalhou duro, mas também nos entreteve com suas histórias à mesa de jantar; Neil investiu horas de trabalho para trocar todos os fios do barco; sem falar em Mick, François, Muray, Steve, John e Jim Williams.

Com todos trabalhando tão duro na mesma coisa, aquilo se tornou algo bem maior do que o meu sonho. Ao darem uma passada lá para ajudar com o lixamento vespertino ou resolver algum empecilho, muitas pessoas desempenharam um papel enorme no processo de deixar o barco e eu preparados para a viagem, e todos eles foram peças imprescindíveis para a viagem.

Mas não vivíamos só de seriedade. Um dia apareci cedo no galpão para escrever os trabalhos do dia em uma grande cartolina e afixei-a na parede. Após uns poucos minutos, olhei para ela e vi que minha lista cuidadosamente planejada tinha sido alvo da brutalidade de vândalos! Percebi que alguém havia escrito entre cada dois itens coisas como “cigarrinho”, “pausa pro café”, “chá da tarde” e coisas assim. Até hoje não

tenho certeza de quem foi, mas acho que todos estavam envolvidos.

Brincadeiras à parte, todos continuavam bem-humorados mesmo após dias e dias de trabalho duro, e foi um privilégio contar com tantas pessoas boas que cederam seu tempo para me ajudar a realizar um sonho. Sei que já disse isso antes e tenho certeza que direi mais algumas vezes nas páginas que virão, mas foi incrível.

Era preciso ver para crer o que conseguimos fazer naquelas oito semanas reequipando o barco. A lista é impressionante:

- Casco totalmente raspado, lixado, pintura base e com epóxi.
- Convés lixado, fibrado e emparelhado.
- Todas as escotilhas, vigias, cunhos, TUDO retirado e substituído por peças novas.
- Cintas da quilha submetidas a exames de ultrassom e antigo leme submetido a um raio-x pela Pearl Street.
- Timão e cana do leme novos instalados.
- Quatro bombas de porão Johnson instaladas, bem como duas bombas manuais.
- Todos os adaptadores metálicos, válvulas e mangueiras substituídos.
- Novo sistema de drenagem para o *cockpit*, com tamanho extra, desenvolvido e devidamente instalado, e reforços metálicos extras encaixados para os estais inferiores.
- Novo compartimento impermeável afixado para manter firme a base da estai de proa.
- Suporte da âncora preenchido e vedado de modo a criar um compartimento de impacto.
- Todos os paióis do *cockpit* impermeabilizados de maneira independente.

- Nova cozinha e nova mesa para cartas náuticas instaladas.
- Nova caixa para o motor instalada.
- Motor Yanmar 3YM de 29 cavalos com hélices Gori dobráveis instalado.
- Tanque de diesel reconicionado, vedado e testado.
- Tanques de águas removidos, reconicionados, vedados e testados.
- Novo toalete Lavac instalado.
- Instalações elétricas refeitas, novinhas em folha.
- Uma capota nova e linda posta no lugar certo.
- Tudo pintado em gloriosos tons de rosa!



Você pode até não acreditar quando digo, mas ficar enrolando é parte importante de uma circum-navegação. Com o ritmo frenético, a preparação e a atenção crescente da mídia, era essencial passar algumas horas por semana (pelo menos) sendo totalmente improdutivo. Ficar sozinha e esvaziar a mente, sem deixar que um único pensamento importante passasse por minha cabeça era absolutamente vital para recarregar as baterias. Na metade da reforma, eu estava detonada e precisando desopilar. Passei tardes maravilhosas de sábado assistindo bobagens na TV e relendo meus livros favoritos enquanto minha incrível irmãzinha, Hannah, preparava tantas torradas quanto eu fosse capaz de comer, obrigava-me a repetir a sobremesa e me mandava cedo para a cama. Era exatamente o que eu precisava para estar disposta a enfrentar outra semana de fibra de vidro, areia e pintura antes de seguir a Brisbane para passar o dia em um curso sobre medicina náutica. Eu estava encaixando todas essas atividades extracurriculares nos intervalos da preparação física e do planejamento logístico da viagem. O

tempourgia, e eu ainda não tinha uma grande marca como patrocinadora, mas agora, com Andrew e Scott a bordo (sim, eu sei, mas foi um trocadilho acidental, então vou mantê-lo!), podíamos deixar isso nas mãos deles e nos concentrarmos na preparação. Foi um grande alívio. Era importante viver um dia por vez e focar em vencer a minha “lista de tarefas”, que era imensa! Cada dia era diferente do anterior e quando não estava ajudando no galpão eu participava de reuniões, elaborando novas listas e desenvolvendo minhas habilidades.

Passei outro fim de semana em Brisbane estudando sobrevivência no mar com Gerry Fitzgerald no Offshore Training Centre. Gerry é um velejador muito experiente que já competiu nas Olimpíadas, participou da regata Sydney-Hobart, realizou diversas jornadas de longa distância no mar e capitaneou várias embarcações de carga, comércio, militares e da polícia federal. É alguém que sabe do que está falando e o curso foi muito útil para mim. Ele abordava todos os perigos imagináveis que podem surgir quando se está sozinha no mar. Fizemos exercícios práticos de embarque e desembarque no mar com botes salva-vidas – embora eu já estivesse acostumada com isso graças a Don e Mike, que haviam me colocado em uma piscina à noite a bordo de um bote salva-vidas e jogado água em mim com uma mangueira, obrigando-me a embarcar e desembarcar repetidas vezes. Aprendemos a utilizar sinalizadores de maneira eficaz. Tudo o que fizemos serviu para nos assegurar de que o importante durante uma situação de crise não era a força física e sim a técnica e a capacidade de manter a cabeça funcionando.

Aquele período que passei em sala de aula com Gerry, discutindo casos reais de desastres e sobrevivências, elaborando listas de segurança e refinando meus conhecimentos referentes ao uso do equipamento de segurança, ressaltou a ideia de que, caso algo desse errado, era preciso reagir

da maneira mais calma e comedida possível. Fiz questão de obter todas as informações e desenvolver todas as habilidades de sobrevivência que pude, para o caso de precisar delas algum dia.

Passar alguns dias fora do galpão foi bom por outro motivo. Eu havia desenvolvido uma reação alérgica à resina de fibra de vidro, e aquilo que a princípio pensei serem brotoejas revelou-se um tanto mais sério quando retornei de Brisbane e voltei a trabalhar no barco. Depois que as brotoejas se espalharam para o meu rosto, fui docilmente informada de que as pessoas no galpão estavam com muita dificuldade para encarar o meu rosto e então me obrigaram a ver um médico. Minha mãe quase me proibiu de trabalhar no barco. Como se isso fosse possível!

Com o barco bem encaminhado em seu incrível processo de reforma e agendado para ser exibido no Sydney International Boat Show, era fundamental que a divulgação da viagem prosseguisse. Andrew Fraser havia organizado um concurso para escolher o nome do barco através do *Sunshine Coast Daily* e foi ótimo ver a comunidade local tão envolvida com o projeto. Queríamos agradecer a todas as pessoas que haviam trabalhado no barco e a todos os patrocinadores e fornecedores que estavam ajudando a tornar o meu sonho realidade, então decidimos organizar um jantar de *bon voyage* no sábado do dia 25 de julho de 2009. Aquele evento seria em parte de agradecimentos, em parte para levantar fundos e em parte para atrair a atenção da mídia. Também planejávamos anunciar o novo nome da recém-pintada e absolutamente deslumbrante S&S 34 antes que ela fosse levada de caminhão até Sydney para estrelar (sim, minha opinião não necessariamente reflete aquela dos organizadores da exposição) a exposição de barcos. Teria sido incrível navegar com ela até lá, mas não havia tempo suficiente.

Andrew, Scott, Mel, Liz e a equipe 5 Oceans organizaram todo o jantar e os dias que o antecederam foram bastante frenéticos. Àquela altura,

estávamos praticamente morando no galpão. Chegávamos antes do nascer do sol e saíamos bem depois da noite cair. Acordei no sábado sabendo que aquele seria um dia imenso. O caminhão e o guindaste chegaram bem cedinho e o barco foi cuidadosamente içado até o suporte que o impediria de sacudir durante a viagem a Sydney. Ele desceu pela estrada com sua pintura rosa e brilhante e o inoxidável e reluzente da targa estava lindo. Senti uma mistura de nervosismo, alívio e exaustão. Mas não havia tempo para ficar com os olhos marejados: precisávamos limpar o galpão e entrar no carro para resolver todos os imprevistos de última hora referentes ao jantar. Mal tive tempo de esfregar os últimos vestígios de resina e tinta em um banho quente antes de voltarmos para a estrada com destino à noite no Novotel Twin Waters Resort.

Que noite foi aquela! Todos estavam maravilhosos e com trajes de gala. Na verdade, nem reconheci algumas das pessoas sem as camadas de tinta, resina e poeira que costumavam ter na roupa. A noite foi mais do que especial, pois Andrew havia marcado um encontro para mim com Don McIntyre, James Castrission (que recentemente havia completado a primeira expedição transtasmaniana de caiaque, indo da Austrália à Nova Zelândia com seu companheiro Justin Jones) e Jesse Martin. Depois de tantos anos lendo seu livro e sendo inspirada por ele, conhecer Jesse foi uma experiência inacreditável. Ele era muito generoso com sua sabedoria e experiência.

O jornalista e âncora do Canal Dez, Bil Woods, foi o mestre de cerimônias, e, entre suas intervenções, Don, James e Jesse falaram sobre suas aventuras. Então Bill me fez perguntas sobre minha futura viagem. Anunciamos o nome *Pink Lady* (sugerido por um morador local, Bob Hughes) pela primeira vez, e já passava muito da meia noite quando, concluídos os leilões e rifas, as coisas começaram a se acalmar. Eu estava com tanta adrenalina que nem me sentia cansada... Até chegar em casa.

Felizmente, consegui dormir um pouco na manhã seguinte antes de entrar no carro com meu pai, Bruce e Suzanne para irmos até Sydney, onde nos encontraríamos com o barco em Darling Harbour. Tudo ia bem, até recebermos uma ligação do motorista do caminhão nos dizendo que ele tivera um problema. Chegamos na manhã de segunda-feira e descobrimos que o suporte da targa havia sido gravemente danificado por cabos pendurados em uma ponte na Pacific Highway em Hornsby (tão próxima ao destino final!). Assim que olhamos para ela, vimos que era praticamente perda total. Ver a targa em um estado tão deplorável foi duro para todos nós, mas especialmente para Phil George, que havia feito a maior parte do trabalho de construção. Eu só conseguia pensar no lado bom: ao menos o casco e os encaixes não haviam sido danificados.

O dia melhorou depois que a *Pink Lady* foi suavemente posta na água na Sydney City Marina e o motor Yanmar começou a trabalhar já de saída. David Lambourne chegou para encaixar o mastro e mesmo com a targa esvaçada ela estava maravilhosa.

Após algumas horas de sono, acordei às 23h30min e manobrei o barco pelo porto utilizando o motor, alinhei com a fileira de barcos e nos coloquei na posição correta. Entramos no Darling Harbor tarde da noite porque o aerotrem que passa pela Pyrmont Bridge precisou ser desmontado para que os mastros pudessem passar. Foi a primeira vez que naveguei com o barco após a reforma, e o leme, as hélices e o motor novos exigiram toda a minha atenção ao manobrar para entrar no ancoradouro. Tudo saiu bem, e estar de volta ao comando daquele barco lindíssimo era muito empolgante. A *Pink Lady* e eu parecíamos pequenas ao lado das embarcações maiores em exibição, mas para os meus quesitos ela era perfeita.

O primeiro dia da exposição foi absolutamente incrível. Acho que se eu colocasse lado a lado todos os desejos de “boa sorte” e “tudo de bom” que

recebi, poderia construir uma ponte ao redor do mundo! E todas as pessoas que encontrei tinham uma opinião sobre a cor da *Pink Lady*. Ou amavam ou odiavam: não havia meio-termo. Em certo momento, saí para caminhar um pouco e olhei para a *Pink Lady* da calçada sobre Darling Harbour. Era impossível não reparar nela. Ela até podia ser o menor barco naquela fileira congestionada de embarcações, mas também era o mais brilhante.

O clima da exposição era ótimo e fiquei orgulhosa por ter sido incluída na programação, participando de conversas diárias com Don McIntyre, James Castrission e Justin Jones (que estavam divulgando o livro *Crossing the Ditch*, que relatava suas aventuras de caiaque na Tasmânia) e Pete Goss, um renomado iatista britânico e ex-membro da Marinha Real, cuja aventura mais recente acontecera a bordo do *Spirit of Mystery*, que estava ancorado bem ao nosso lado na mostra. Provavelmente, Pete é mais conhecido por ter salvado a vida do francês Raphael Dinelli durante a regata de circum-navegação solitária Vendée Globe, em 1996.

O que Pete Goss fez é uma incrível história de coragem e compaixão. Ele competia contra Raphael na regata, mas quando recebeu a chamada de emergência de Raphael deu meia volta e passou dois dias procurando por ele sob as piores condições que os oceanos do sul podem oferecer. Pete encontrou Raphael quase congelado, lutando contra a hipotermia e próximo da morte em um bote salva-vidas lançado por um avião da RAAF instantes antes do naufrágio do veleiro. Pete foi agraciado por seu altruísmo com um BEM e um Légion d'Honneur, concedido pelo presidente da França.

Passar um tempo com esses homens foi algo memorável. Eu escutava suas conversas e trocava uma ideia com eles sempre que possível. Todos me davam ótimos conselhos e ressaltavam o tempo todo que eu deveria lembrar de me divertir e curtir cada momento da minha aventura, desde a preparação até o fim, e cada segundo no meio disso.

Eles também enfatizavam o tempo todo a importância de uma preparação completa antes de qualquer aventura. James e Justin dizem que mais de três quartos de seus êxitos e batidas de recordes aconteceram antes da partida. Pete diz o mesmo e acredita que oitenta por cento de qualquer regata são vencidos antes do início. Fiquei muito grata pela minha incrível equipe de apoio: eu sabia que se me saísse bem seria graças aos seus esforços.

Escutar a fala de todos aqueles caras e ver fotos e vídeos de suas aventuras foi incrivelmente inspirador e comecei a ficar um pouco impaciente para partir em minha própria jornada.

Eu ainda estava procurando um patrocinador principal. Andrew e Scott haviam elaborado uma estratégia juntos e a One HD (o canal digital da Network Ten) subiram à bordo como parceiros midiáticos da viagem. Na noite de quinta-feira, participei de uma transmissão ao vivo no jornal *Live at Five*, do Channel Ten, antes de partir para os estúdios da Network Ten para o *Thursday Night Live*, programa do One HD.

Ter o cabelo e a maquiagem preparados por outras pessoas foi uma experiência e tanto. Depois que estava pronta, olhei-me no espelho e vi meus cabelos cacheados e o rosto maquiado e corado, que me pareceram absolutamente ridículos. Eu não estava pensando direito e me senti muito mal quando vi as expressões horrorizadas das responsáveis pelo cabelo e pela maquiagem. Ooops!

Os últimos dias na apresentação de barcos passaram tão rápido que mal me lembro deles e comecei a perder a voz de tanto falar. Depois que tudo terminou, fiquei contente por ter um tempinho para mim mesma. Fui ao National Maritime Museum para ver o veleiro de Kay Cottee, *First Lady*, uma das atrações do museu. Curti muito dar uma boa olhada no barco e tive algumas ótimas ideias.

Embora o *First Lady*, um veleiro Cavalier 37 de quilha barbatana (fin keel), e a minha *Pink Lady* fossem barcos completamente diferentes, era interessante ver as semelhanças no processo de reforçá-los e prepará-los para navegações solitárias. Também era ótimo imaginar Kay sozinha no mar naquele barco. Após ler seu livro tantas vezes, eu quase era capaz de fechar os olhos e vê-la ali, sentada na cama e tricotando enquanto aprendia espanhol e monitorava barulhos indesejados no convés.

Na noite de terça-feira, eu já estava de volta ao trabalho. A antes linda estrutura da targa havia sido desmontada, cortada e enviada para servir de modelo para a nova moldura. Era horrível ver todo aquele trabalho atirado no chão em meio a um emaranhado retorcido de aço inoxidável. Retiramos a mastreação para preparar o barco para a viagem de volta para casa, mas... bem, as coisas nunca saem bem como planejado, e dessa vez o caminhão foi o problema. Ele se atrasou um dia, então passamos o tempo extra em Sydney, fazendo mais listas ainda e tentando encontrar uma maneira de resolver alguns problemas complicados. A lista de coisas a fazer havia crescido e percebemos que tínhamos vinte e uma grandes tarefas para fazer e vinte e quatro homens-dias (e mulheres-dias) para concluí-las.

Finalmente partimos de Sydney na tarde de quinta-feira após vermos a *Pink Lady* içada da água e acomodada em segurança no caminhão. Quando passamos pela Ponte de Sydney Harbour em nosso caminho até a cidade, não consegui deixar evitar o pensamento de que a veria de um ângulo diferente na próxima vez, quando navegaria em sua direção! Seguimos para o norte na Pacific Highway com a *Pink Lady* nos seguindo, e as histórias que eu havia escutado passeavam pela minha mente, assim como as pessoas que eu conhecera, aumentando a empolgação que eu sentia com a aproximação da data de partida.



Após discutir muito com várias pessoas sobre os padrões climáticos e as diferentes rotas, os detalhes da jornada que eu empreenderia já estavam esquematizados. Havia alguns requisitos básicos para qualquer pessoa que quisesse dar uma volta ao mundo navegando sozinha, desassistida e sem paradas. Sei que alguns puristas acreditam que, com a tecnologia disponível hoje e o fato de que eu poderia telefonar para pedir conselhos pelo telefone de satélite, não se tratava de uma navegação desassistida. Em certo sentido, eles tinham razão. Eu poderia me comunicar com as pessoas que amava e com a tão importante equipe de apoio que tinha ao meu redor. Mas eu não estava me propondo a recriar as condições da jornada de Joshua Slocum e definitivamente não ignoraria todos os avanços de segurança e comunicação disponíveis para os navegantes modernos (e, vamos admitir, sou uma adolescente, então passar tempo demais sem *e-mail*, telefone e Facebook pode ser prejudicial à saúde!). *Eu mesma* navegaria meu barco, sem paradas, carregando toda a comida e água de que necessitaria, e precisaria consertar qualquer coisa que quebrasse sem a ajuda de ninguém. Não poderia parar em nenhum lugar: não poderia levar a bordo nada que já não estivesse comigo no momento de partida. Precisaria lidar sozinha com as condições climáticas, independentemente de quais fossem, e navegar de acordo com elas. Se uma vela rasgasse, eu precisaria costurá-la. Se algo parasse de funcionar, eu precisaria dar um jeito. A questão era: *fisicamente*, seríamos só eu e a *Pink Lady* por todo o tempo que fosse necessário para cobrir aproximadamente 23.000 milhas náuticas.

Depois que Jesse Martin completou sua circum-navegação em 31 de outubro de 1999 e entrou no livro de recordes como a pessoa mais jovem a navegar sozinha, desassistida e sem paradas ao redor do mundo, o World

Sailing Speed Record Council (WSSRC) parou de registrar recordes de idades. Não há um reconhecimento oficial nem para o mais novo, nem para o mais velho navegador a conseguir esse feito tão magnífico, então Jesse Martin sempre manterá seu lugar no livro oficial de recordes do WSSRC.

Só para ter certeza dessa situação, em junho de 2009, mandei um *e-mail* para John Reed, Secretário do WSSRC. Eu disse que planejava viajar de Sydney no sentido nordeste, cruzando a linha do equador e seguindo até as Ilhas Line, e então descer e contornar o Cabo Horn, o Cabo da Boa Esperança e o Cabo Leeuwin e voltar para casa em Sydney. Perguntei se, caso alterasse essa rota e fosse de Sydney passando por baixo da Nova Zelândia e do Cabo Horn, subisse até a Ilha dos Açores e voltasse para casa pelo Cabo da Boa Esperança e pelo Cabo Leeuwin (basicamente a mesma rota de Jesse Martin), preencheria os requisitos de distância da WSSRC, de modo que aceitassem minha jornada como uma tentativa certificada de bater o recorde registrado na WSSRC.

John Reed respondeu dois dias mais tarde para me informar que a WSSRC tinha uma política de “não ratificar pedidos ou tentativas de ‘mais jovem a realizar um feito’”, de forma que suas regras não incluíam uma categoria para mim. Isso não me preocupou nem um pouco. Se eu fosse bem-sucedida, saberia que havia sido a pessoa mais jovem a circum-navegar o mundo à época, mas qualquer recorde de idade acaba sendo quebrado. Se tudo o que você quer é pôr o seu nome em um livro de recordes, acabará decepcionado ao ver outra pessoa aparecer reivindicando o prêmio. No fim das contas, o importante não era o recorde: eu estava procurando um desafio, embora teria sido muito legal ter as duas coisas. Assim, não tinha problema se eu não estava apta a quebrar oficialmente um recorde existente. Eu estabeleceria o meu próprio. David Dicks tinha dezoito anos e quarenta e dois dias quando chegou em casa, e Jesse Martin tinha dezoito anos e

sessenta e seis dias. Eu queria ir atrás de meu sonho de circum-navegar o mundo antes de meu décimo sétimo aniversário. Se conseguisse, seria a pessoa mais jovem a ter feito isso.

Pelas informações que tínhamos de Jean-Louis Fabry, vice-presidente da WSSRC, não era exigido que eu passasse por pontos antípodas (se fizéssemos um buraco que atravessasse toda a terra, os pontos antípodas seriam os furos de entrada e saída) para reivindicar uma circum-navegação.

Com todas essas informações, eu havia escolhido uma rota tradicionalmente reconhecida por circum-navegantes. Era similar àquela percorrida por Kay Cottee. A única diferença era que eu pretendia atravessar o equador antes de contornar o Cabo Horn para ter tempo de me acostumar com o barco antes de um dos pontos mais exigentes da viagem. De acordo com a regras da WSSRC para circum-navegações solitárias, eu precisava partir e chegar no mesmo porto, atravessar todas as linhas longitudinais, atravessar o equador para entrar no hemisfério norte ao menos uma vez e contornar o extremo sul da América do Sul e da África.

Eu também precisaria lidar com os oceanos mais exigentes e inclementes com que um navegador pode se deparar.

Don havia me dito para pensar na jornada em etapas e considerar a viagem inteira como um dia de navegação após o outro. Pensando assim, até parece fácil! Dividi a viagem em seis etapas e fiz anotações sobre o que poderia esperar de cada uma delas.

Etapas Um — Sydney e Norte rumo às Ilhas Line

Eu partiria de The Spit, no Mosman, em Sydney, e o plano era atravessar a linha de partida em Sydney Heads e navegar em direção ao norte da Nova Zelândia. Dependendo do tempo, eu escolheria um ponto onde virar à esquerda e me dirigir às Ilhas Fiji, e de lá decidiria aonde ir em seguida,

dependendo mais uma vez do vento. Após passar por Fiji e Samoa, eu seguiria para o nordeste, em direção às Ilhas Line. O equador fica um pouco ao sul da Ilha Kiritimati, a maior ilha do Arquipélago Line, então eu contornaria uma das ilhas do Arquipélago ao norte do equador antes de voltar para o sul.

Etapa Dois — Sul rumo ao Chile e Cabo Horn

Para navegar pela América do Sul, *Pink Lady* e eu precisaríamos navegar muito para o sul antes de virar para o leste. Aquela área é conhecida como Roaring Forties devido aos seus ventos fortes de oeste. É uma área especialmente difícil para navegantes. Eu planejava seguir ao sul do paralelo cinquenta para passar entre a América do Sul e a Antártica, mas estava nervosa com a perspectiva de confrontar o Everest dos navegantes: o contorno do Cabo Horn. O Cabo Horn é o pedaço de terra mais ao sul do arquipélago da Terra do Fogo, ao sul do Chile, um lugar que Peter Nichols chama no livro *Uma Viagem para Loucos* de “rabo de escorpião da América do Sul”. Ele separa o Pacífico Sul do Atlântico Sul e é particularmente perigoso, por causa da imprevisibilidade dos padrões climáticos, das correntes fortes, dos ventos inclementes e das ondas imensas que se revezam no ataque aos viajantes. Muitos, muitos navegantes encontraram um triste fim por lá, e eu estava determinada a me preparar tanto quanto possível para não me tornar um deles.

Etapa Três — Norte após o Cabo Horn

Uma vez na base da América do Sul, eu seguiria para o norte em busca de climas mais tranquilos para recarregar as baterias (as minhas e as da *Pink Lady*). Como tentaria fazer uma viagem sem paradas, não podia atracar em um porto, então o tempo gasto em mares mais calmos ou refugiada atrás de

blocos de terra seriam essenciais para garantir que eu não chegasse à exaustão. Eu teria que passar perto das Ilhas Malvinas, e o mais provável era que depois seguisse para o leste.

Etapa Quatro – Oceano Atlântico Sul rumo ao Continente Africano

Depois de descansar eu partiria para a etapa seguinte da jornada, que me levaria ao ponto mais ao sul da África. No voo reto de um falcão, há mais de 3500 milhas náuticas entre o ponto mais a sul da América do Sul até a África, mas a minha rota teria mais interferências do clima, e sem dúvida a milhagem seria superior.

Etapa Cinco – Contornando a África do Sul

O Cabo da Boa Esperança não é o ponto mais a sul da África, mas marinheiros o utilizam como ponto para ajeitar a rota na direção leste. O Cabo Agulhas é o ponto de terra do continente mais ao sul, separando os oceanos Atlântico e Índico. O Cabo da Boa Esperança é outro ponto de referência importante da viagem, embora eu não planejasse me aproximar o suficiente da costa para ver alguma coisa. Aquela área é conhecida por suas ondas traiçoeiras, que podem quebrar um barco ao meio se você não for cuidadosa. Eu não arriscaria me aproximar das águas mais rasas e planejava ficar bem longe da terra – e dos recifes subaquáticos que ficam junto dela.

Etapa Seis – Oceano Antártico rumo à minha casa

Após o sul da África, a vastidão do Oceano Antártico se apresentaria à minha frente. Retornar às águas australianas significaria navegar outras 4000 milhas náuticas de mar aberto, e muitas vezes implacável. Eu havia lido muitas histórias sobre navegantes no Oceano Antártico, e estava ansiosa

para enfrentar o desafio. É uma área de navegação muito volátil, com a ameaça de tempestades violentas ou de dias à deriva sem qualquer vento, então fiz um esforço para não ficar tentando adivinhar as coisas de antemão. Eu simplesmente teria que lidar com as condições conforme elas se apresentassem. Sabia que precisava focar nesse trecho, pois, apesar de estar tão perto de casa, ainda haveria um longo caminho a ser percorrido. Eu precisaria viajar através da Grande Baía Australiana e descer para contornar o Cabo Sudeste da Tasmânia. De lá, seguiria para o norte em direção ao continente e subiria pela costa leste da Austrália, de volta para o Porto de Sydney.

Ao realizar aquela viagem, eu estaria seguindo a trilha de muitos grandes navegantes, e era estranho pensar que o meu nome poderia ser associado ao deles. Eu não estava navegando ao redor do mundo para ficar famosa ou me tornar uma celebridade. Não é do meu feitio. Também não pensava se aquilo me traria dinheiro. Isso nem sequer passou por minha mente. Só esperava que, ao chegar em casa, não tivesse uma dívida gigantesca perseguindo a mim e a minha família. Eu estava me lançando àquela viagem épica para me desafiar, ver se era capaz de fazer aquilo e mostrar aos outros que é possível tornar um sonho realidade. Minha família e eu sabíamos dos riscos envolvidos, e sabíamos que seria uma viagem absurdamente desafiadora, tanto do ponto de vista físico quanto mental. Eu tinha fé no barco, em minha técnica e em minha equipe de apoio. Minha única duvidazinha era em relação à minha força emocional. A única maneira de testá-la seria me desafiar, mas até aquele momento isso ainda não havia acontecido. Só o que eu podia fazer era seguir em frente. Logo descobriria se tinha força o suficiente.



A semana do nosso retorno a Mooloolaba foi muito movimentada, pois precisávamos terminar os ajustes da *Pink Lady*. Na correria para chegarmos ao Sydney Boat Show, muitos dos trabalhos haviam ficado pendentes, e ainda havia uma boa porção de equipamentos para serem instalados. Dessa vez, o transporte do barco ocorreu sem sobressaltos. O mastro havia sido deixado na oficina de David Lambourne, em Brisbane, no meio do caminho, para receber mais alguns ajustes, e finalmente a *Pink Lady* foi colocada de volta na água e trasladada para um ancoradouro na Marina de Mooloolaba.

O clima estava ótimo, e foi encantador trabalhar no barco sob o céu azul e sem nuvens, aquecidos pelo sol de Queensland. Eu me envolvia com todas as etapas, mas às vezes não era bom ser a menor pessoa do local. Sempre que uma chave inglesa era necessária em um cantinho menos acessível eu começava a receber olhares sugestivos... E então uma série de indiretas. Acabava rastejando para fora de um vestiário meia hora depois, coberta da cabeça aos pés de Sikaflex, um isolante marinho.

Rod Cran encarou o trabalho de instalar a espuma para o isolamento térmico, preenchendo as paredes e o teto, e Neil Cawthorne, o eletricitista, muitas vezes trabalhava até tarde da noite, quando todos os outros já haviam saído, para terminar as instalações elétricas a tempo. A fiação é muito importante em um barco, pois é através dela que os telefones por satélite funcionam, bem como o rádio de alta-frequência (HF), o computador, os equipamentos de localização e, talvez o mais importante de tudo para mim, o aparelho de som! Graças a Neil, estávamos fazendo tudo o que podíamos para garantir que a viagem fosse perfeita, mas eu também seria capaz de sobreviver sem aquilo tudo se ocorresse algum problema. No duro, só o que a *Pink Lady* e eu precisávamos para seguir em frente era vento – de preferência de quinze nós atrás do barco e durante o nascer do sol. Eu

esperava nunca precisar dele, mas tinha um sextante a bordo, só por garantia.

O barco havia sido equipado com quatro baterias de gel de 80 a/hr e uma quinta para dar a partida no motor. Para carregar as baterias, havia dois painéis solares de 80 watts, um de 60 e um gerador eólico Rutland. Os painéis solares me dariam poder mais que suficiente quando o sol estivesse brilhando e o gerador eólico estaria sempre em funcionamento, gerando energia de pouco em pouco. Nos dias em que não houvesse sol, o vento estivesse parado e o volume do som estivesse muito alto, eu poderia usar o motor Yanmar (desengrenado) para dar uma injeção extra nas baterias. Eu seria completamente autossuficiente durante toda a viagem.

Eu poderia manter o contato com o resto do mundo graças ao excelente equipamento de comunicação que tive a sorte de levar a bordo. A SatCom Global havia me fornecido todos os equipamentos de satélite. O plano era utilizar dois telefones portáteis de satélite: um para o uso cotidiano e outro para ficar na bolsa de emergência que eu pegaria caso precisasse abandonar a embarcação.

Eu também teria acesso à internet através de um pequeno receptor via satélite localizado na popa, chamado Sailor 250, o que me permitiria enviar vídeos, fotos e textos para o blog e *e-mails*. O barco também havia sido equipado com um rádio HF, que eu utilizaria para “skeds” (abreviação de “scheduled”, “programado”, em inglês, referente aos contatos agendados via rádio) e escutaria para saber se havia outros barcos ao meu redor. Eu também teria um radar TracPlus no barco, que enviaria um sinal constante às pessoas apropriadas para garantir que eu estava flutuando e me movimentando. Por último, mas não menos importante, eu teria todos os meus EPIRBs. Esperávamos que tudo isso tornasse a *Pink Lady* um dos veleiros mais seguros e bem equipados a dar uma volta no mundo.

Meu pai instalou o aquecedor e concluiu um milhão de trabalhinhos enquanto Bruce e eu ajustávamos as catracas e outras ferragens de convés. Jason Mineff, da Linemaster Marine Electronics, instalou e conectou os instrumentos de navegação, AIS, rádio HF e outros eletrônicos, e Richard Taylor criou tábuas de proteção para as tempestades. Várias outras pessoas passaram por lá para realizar pequenos trabalhos e sou muito grata a cada uma delas.

Bruce, meu pai e eu frequentemente trabalhávamos até tarde da noite, e durante o dia era comum que não houvesse nenhum espaço nas cabines, pois cada um estava dando conta de suas partes do projeto. A lista de tarefas parecia interminável; havia muito a ser feito, desde a instalação de geradores de vento até o ajuste da tela de proteção em meu beliche.

Enquanto isso, os caras do Ullman Sails se dedicaram a concluir o novo jogo de velas da *Pink Lady*, utilizando tecidos da Bainbridge com o dobro da resistência normal. Quando David e seus rapazes haviam concluído a instalação do mastro, ele foi realocado tarde da noite, e Phil George pegou um voo de Melbourne outra vez para encaixar a estrutura reformada da targa, que havia sido levada de caminhão. Iain, da Panasonic, veio de Sydney para instalar os softwares dos quatro computadores Toughbook que eu levaria comigo, e Rod, da SatCom Global, demonstrou como utilizar o receptor de satélite Sailor 250.

Fiquei um pouco preocupada quando comecei a mexer em todos aqueles botões e luzinhas piscantes, mas no fim das contas utilizar um Sailor 250 é o mesmo que usar um telefone normal, algo que sei usar muito bem!

Eu estava muito empolgada com o novo aparelho de som que levaria a bordo, pois meu pai sempre dizia que quando tivesse meu próprio barco eu poderia escutar as emissoras de rádio que quisesse em vez de ouvir as preferidas dele. Suspeito que Neil deixou esse trabalho por último de

propósito, para que tampouco precisasse escutar minhas músicas. Para piorar a situação, eu sabia que, quando finalmente estivesse sozinha no mar, era provável que a única estação que conseguiria sintonizar seria a favorita de meu pai: a BBC. Acho que é para isso que servem os iPods!

Não havia nenhum instante a perder e quando não estava trabalhando no barco eu tentava praticar minhas técnicas de manutenção. Passei um tempo com Jim Williams, o mecânico, revisando possíveis problemas do motor, e conversei muito com Neil sobre a parte elétrica. Eu estava começando a sentir que conhecia o barco de trás para a frente.

Minha mãe estava bem ocupada testando todas as opções de comidas não perecíveis para ver o que eu gostava e, mais importante, o que não gostava. Não quero soar fresca ou ingrata, mas algumas delas eram um pouco criativas demais. Tom me dizia o tempo todo para me apressar e seguir em frente, pois queria voltar a comer comidas “normais”. Finalmente, em 20 de agosto, uma quinta-feira, conseguimos sair para navegar um pouco. Era um belo dia de inverno em Queensland, com vento de quinze nós, água azul e céu claro, perfeita para fazer um teste suave no mar. Eu queria sair para navegar sozinha a sério e já estava levando tempo demais.

No meio dos primeiros testes no mar, uma equipe de filmagem do canal estadunidense de esportes ESPN se juntou a nós. Eles me filmaram na água, depois em terra, documentaram minha visita de revisão ao dentista e então nos acompanharam quando fomos comprar a maior parte da comida da viagem. Com muita ajuda e conselhos de outros marinheiros e do Dr. Gary Slater, professor de nutrição e dietas na University of the Sunshine Coast, acabei com uma dieta planejada que me pareceu incrivelmente próxima à comida normal.

Minhas refeições principais seriam escolhidas de uma lista de dez refeições diferentes de uma linha chamada Easyfood, que dura dezoito

meses na prateleira. Os cafés da manhã eram fáceis, compostos de coisas como cereais e mingau. Eu planejava assar meu próprio pão e preparar coisas como broinhas na panela de pressão. Minha mãe havia catado comidas duráveis de todos os tipos com a ajuda de Nick Duggan, o proprietário do supermercado IGA local. Eu havia trabalhado naquela lista com minha mãe, mas ainda era chocante ver a montanha de caixas e pacotes que acabamos reunindo. Fiz questão de ficar encarregada da visita à seção de doces e, com a ajuda de Tom, enchi o carrinho de pacotes. Só para dar uma ideia do que eu estava levando, havia vinte e quatro caixas de Spam, duzentos litros de leite em pó, sessenta e quatro latas de batatas, trinta e duas latas de abacaxi, trinta e seis latas de atum e 250 caixinhas de suco Popper Juice. Uma empresa de ovos havia produzido um lote especial de ovo em pó para mim e eu também tinha um amontoado de refeições empacotadas da Easyfood. E claro, havia cinco caixotes de guloseimas para satisfazer minha ânsia por doces!

Após alguns dias de filmagem, David, o produtor da ESPN, perguntou se podia gravar algumas imagens minhas em um encontro com minhas amigas em meu quarto. Precisei dizer a ele que não queria fazer nada do tipo: todo o meu tempo e os meus esforços eram dedicados aos ajustes do barco e à preparação para a viagem. Exceto por infrequentes momentos de descanso, eu não fazia nada além de trabalhar para levar a *Pink Lady* à linha de partida. Eu continuava indo à academia, correndo e, muitas vezes, andando de bicicleta até a marina para tentar ganhar alguma massa muscular extra, e as noites eram reservadas para o envio de *e-mails*, atualizações do meu blog e preparação da bagagem. Ficou claro que eu não me encaixava na ideia que a ESPN tinha de como uma adolescente típica gastava o seu tempo!

Após algumas breves navegações de um dia, parti para o mar aberto com Bruce durante três dias, o que se provou mais desafiador que divertido, pois

fiquei muito enjoada. Passei por poucas e boas, mas a *Pink Lady* navegou lindamente, e a cada viagem resolvíamos alguns problemas menores.

Enquanto estive no mar, minha mãe tomou conta da sala de estar no primeiro andar de nossa casa para realizar a imensa tarefa de empacotar e organizar a comida que eu levaria comigo. Ela conseguiu fazer tudo isso ao mesmo tempo em que trabalhava um turno e dividia sua atenção com meus irmãos. Meus pais haviam ambos se entregado àquela missão comigo, garantindo que eu estivesse segura, com as provisões adequadas e tão bem equipada quanto possível.

Como sempre, a maior parte do tempo em que trabalhei no meu grande objetivo foi muito divertida, mas quanto mais perto chegava do momento de partir, mais impaciente ficava. A natureza duradoura das preparações estava começando a me deixar inquieta. Eu queria partir desesperadamente. Claro, havia certa pressão para que saíssemos em uma certa data, antes que a janela de tempo bom fechasse, mas a maior parte da pressão vinha de mim. Eu estava ansiosa para ir ao mar sozinha. Não contei para ninguém, mas tinha algumas dúvidas chatinhas e queria provar a mim mesma que era capaz. Mesmo com tanto tempo e dinheiro dedicados àquela viagem, eu tinha plena consciência de que ainda não havia passado um tempo sozinha no mar. Fiquei bem temperamental e minha atitude foi totalmente equivocada. Eu não estava com a cabeça no lugar e queria pegar atalhos e partir correndo para o oceano. Para a minha sorte, meu pai andava tão detalhista como de costume, acompanhado por Bruce e Neil, e me impedia de tomar decisões tolas. Eles estavam determinados a garantir que nada passasse despercebido nem fosse feito às pressas. À época, não mostrei reconhecimento pelo que estavam fazendo, então naquela última semana houve algum atrito entre meu pai e eu. Apesar de meus resmungos, o bom senso acabou prevalecendo e recuperei a compostura. Quando parti para minha primeira navegação

solitária de verdade na *Pink Lady*, as duas já estavam prontas para o teste.

Deixei as docas no fim de uma tarde de sábado. O vento soprava entre 25 e 30 nós e, por causa disso, o clube náutico local havia cancelado sua regata costumeira. Embora isso deixasse a água muito menos congestionada, também fez com que os iatistas que normalmente estariam na água se reunissem ao redor de uma churrasqueira para tomar alguns drinques e nos ver carregando o barco. Era evidente que eles achavam um pouco estranho eu ir sozinha para o alto-mar quando todos os outros haviam optado por ficar no porto.

Segui até o fim do rio impulsionada pelo motor e comecei a içar as velas no mar, que estava bastante tumultuado desde o início. Minha mãe, que estava assistindo do quebra-mar junto com todos os outros, contou-me mais tarde como foi dramático ver a *Pink Lady* se erguendo sobre o mar durante a passagem de algumas das ondas mais escarpadas.

Quando já estava com tudo em ordem e havia posto o piloto de vento para trabalhar, o sol começou a se pôr e comecei a perder a terra de vista em meio à umidade que se erguia do mar. Eu sabia que estava diante de uma noite longa e insone, em que precisaria desviar da frota de pescadores locais, mas minha confiança aumentava a cada minuto. Apesar do balanço do mar, não foi nada difícil manejar a *Pink Lady*.

O tempo e a reflexão que havíamos dedicado para projetar o *cockpit* deram resultado, pois era ótima a sensação de sentar ali com a certeza de que tudo estava perfeitamente sob controle. Conforme escurecia e a terra ficava cada vez mais distante de nós, todas as minhas dúvidas também ficaram para trás. Eu sabia que dava conta daquele barco.

A noite foi movimentada e jaíbe com um vento de trinta nós para evitar o fluxo constante de embarcações, mas tudo deu certo, e nas primeiras horas da manhã levei a *Pink Lady* para o sul. Quando o céu começou a se iluminar

no leste, o vento se acalmou e eu pude dar uns pequenos cochilos para me recuperar. Depois que o sol apareceu, preparei o café da manhã, degustei uma xícara de café assistindo ao sol subir no horizonte e passei a manhã me divertindo com diferentes combinações de velas.

Tive um dia agradável. Naveguei pela costa com uma brisa constante e retornei a Mooloolaba no meio da tarde. Eu não tinha pressa para voltar para casa, então passei um tempo cambando para um lado e para o outro. Cada cambada era um pouco mais rápida e melhor executada que a anterior. Quando finalmente baixe as velas e voltei para o rio eu me sentia exausta, mas estava feliz por ter me mostrado perfeitamente compatível com a *Pink Lady*. Folhee o livro de Jesse Martin e penteei o cabelo com um garfo (esqueci de levar um pente!) antes de voltar para a terra. Tudo estava dando certo. Eu me sentia confiante em relação ao barco e às minhas próprias habilidades. Tudo estava bem!

E então, para coroar uma semana excelente, recebemos uma notícia maravilhosa de Andrew Fraser. Ella Baché, a mais antiga empresa familiar de cosméticos dermatológicos do mundo, havia se oferecido para ser a patrocinadora principal da viagem. Inaugurada na Austrália em 1963 por Edith Hallas, uma terapeuta de beleza húngara cujo marido, George, era primo da Madame Ella Baché, a empresa permaneceu na família e agora era administrada pelo filho de Edith, John Hallas, e sua filha, Pippa. A empresa tem um longo histórico de patrocínios a navegantes, e se envolveu muito com os *skiffs* de dezoito pés na década de 1990. Isso foi antes do meu tempo, mas aparentemente era algo muito importante à época. Quando fiquei sabendo da missão de Ella Baché de inspirar as pessoas a ser o melhor que podem, algo em que também acredito fortemente, percebi que seria uma ótima parceria. Então a *Pink Lady* foi orgulhosamente rebatizada e tornou-se a *Ella's Pink Lady*.

Aquele patrocinador principal era exatamente o que precisávamos e meu pai ficou bem mais calmo depois de acertarmos com eles. Ele andava preocupado se seríamos capazes de custear a viagem da maneira como esperávamos. Teríamos penado para chegar àquela situação sem uma equipe de gerenciamento como a de Andrew e Scott. Para nós, o mundo dos acordos comerciais era novo e atemorizante, e fiquei feliz por termos aqueles caras para resolver tudo. Graças a eles, eu tinha a parceria de transmissão com a One HD, que acompanharia a viagem. A SatCom Global havia fornecido todos os equipamentos dos quais já estava me tornando dependente e, o mais importante, garantiria o contato com a família e os amigos. Por fim, a Panasonic me manteria *on-line* e conectada. Eu jamais imaginara que tantas pessoas me apoiariam de maneira tão incrível e fiquei emocionada e imensamente grata por acreditarem em mim. Vamos admitir: eu não teria conseguido fazer isso sem eles.



Apesar de estar focada em tornar minha própria viagem realidade, eu não estava ignorando completamente o resto do mundo. Acompanhei de perto a viagem de Mike Perham e mantivemos contato desde o instante em que ele partiu de Hobart. Quando soube que ele havia cruzado a linha de chegada em Portsmouth em 27 de agosto de 2009 e se tornado a pessoa mais jovem a dar uma volta ao mundo navegando sozinho, com 17 anos e 164 dias, fiquei muito contente. Era um feito memorável, totalmente incrível.

Definitivamente, a viagem de Mike não foi muito pacata: ele precisou se recuperar dos contratemplos e decepções, mas seguiu em frente. Devo dizer que cuidar sozinha de um veleiro Open 50 não é algo que me atraia. Fico com minha divina S&S 34, ainda que ela não possa igualar a velocidade que

ele pode alcançar!

Desde que conheci Mike, sinto-me grata por nossas conversas sobre os diferentes aspectos de uma circum-navegação solitária. Ouvir suas experiências e trocar correspondências têm sido muito legal. Aos catorze anos, Mike se tornou a pessoa mais jovem a cruzar o Atlântico sozinho na história, e embora eu estivesse trabalhando para bater sua marca de pessoa mais jovem a navegar ao redor do mundo, ele sempre foi muito generoso com seus conhecimentos. Uma de minhas frases favoritas de Mike é: “Você é tão grande quanto os sonhos que ousa viver”. Amo essa frase e talvez precise pegá-la emprestada na próxima vez que alguém me disser que sou jovem ou magricela demais para fazer o que quero fazer.

Ficar sabendo do êxito de Mike me deixou ainda mais determinada. Só o que eu queria era sair de onde estava e começar a navegar. Felizmente, a data de partida estava se aproximando, e em 3 de dezembro, uma quinta-feira, minha avó, Billie Watson, que morava na Nova Zelândia, organizou um evento para que a *Ella's Pink Lady* fosse abençoada pelo pai de Stella Maris, Geoff Baron. Eu aceitaria toda a ajuda oferecida!

Passamos os dias seguintes encaixando os montes de comida no barco junto com todas as outras coisas de que eu precisava. Tudo precisava ser cuidadosamente ajeitado e qualquer coisa que corresse o risco de molhar ou ser danificada precisava ser embrulhada e alocada em uma sacola à prova d'água. Por sorte, empacotar meus bens pessoais foi bem fácil: não havia lugar para muitos deles, embora eu tenha feito questão de levar todos os amuletos e cartas de boa sorte que havia recebido.

Finalmente, eu estava pronta, e em 8 de setembro de 2009, uma terça-feira, comecei o meu caminho. O plano era navegar por dez dias até Sydney. Seria tempo suficiente na água para testar todos os sistemas e dar uma boa provada na *Ella's Pink Lady*. Assim, ao chegar em Sydney, ainda haveria

tempo para ajustes de última hora antes de seguir para o Mar da Tasmânia e iniciar minha circum-navegação.

Era tão bom partir sabendo que a *Ella's Pink Lady* estava completamente pronta e com tudo organizado direitinho, e a despedida que recebi foi excelente. Eu não estava nada preparada para ver todas aquelas pessoas ao longo do rio acenando para mim, nem para a pequena frota de barcos que me escoltou na saída do porto, sem mencionar os dois helicópteros zumbindo sobre minha cabeça. Eu estava tão orgulhosa por aquela demonstração de apoio da comunidade local que, apesar do cansaço, achei maravilhoso navegar em direção ao oceano, embora não estivéssemos viajando muito rápido devido às condições do vento.

Mesmo quando os últimos barcos haviam me deixado para voltar ao rio, eu ainda não estava indo muito rápido, mas finalmente o vento embalou e eu tentei curtir o nascer do sol e conter meu enjoo. Abri minha primeira lata de batatas para fritá-las e comê-las no chá da tarde.

Ao fim da tarde, eu deixava o Cabo Moreton a uma velocidade de seis nós. Eu estava atenta aos poucos barcos de pesca ao meu redor e avistei algumas baleias. O mar não estava muito revolto, mas ainda assim fui um pouco cuidadosa para garantir que a minha comida permanecesse onde estava, pois ainda não estava muito acostumada ao balanço do mar.

Por volta da 1h30, a *Ella's Pink Lady* e eu estávamos cerca de 15 milhas náuticas a leste da Ilha North Stradbroke. Eu queria estar mais distante da costa, das frotas pesqueiras e de possíveis navios, mas devido à corrente e aos ventos brandos de mais cedo eu não havia ido muito longe desde a partida. Após olhar para o horizonte, checar o radar e o AIS e ajustar os alarmes, deitei na cama ainda vestindo o colete salva-vidas e os equipamentos.

Uma grande explosão de fazer tremer os ossos me acordou ao mesmo

tempo em que o *Ella's Pink Lady* foi arrancado de sua rota de repente e girou violentamente. Enquanto o barulho de trituração persistia, levantei-me em um pulo. Uma rápida olhada por cima da escada da escotilha revelou que havíamos colidido com algo enorme: um navio. O céu havia se tornado uma parede de ferro preto que obstruía as estrelas e se amontoava diante de mim. Os sons do motor invadiram minha cabeça e todo o meu mundo.

Precipitando-me em direção ao *cockpit*, agarrei o leme, desativei o piloto automático e tentei manobrar. Foi tudo em vão. Não havia para onde ir, nem nada que eu pudesse fazer. Tremendo e rangendo, meu barco e eu estávamos sendo arrastados em direção ao casco do navio. Uma nova espiada me revelou que a popa do navio, onde assomava a ponte, aproximava-se rapidamente. Os ruídos estavam se tornando mais altos e, sabendo que o mastro e o estaiamento estavam prestes a vir abaixo, corri de volta para dentro da cabine em busca de alguma proteção.

Com as mãos sobre a cabeça, sentei na cama enquanto uma sucessão de sons totalmente novos e muito mais terríveis começava. Alguns poucos segundos se passaram, mas para mim pareceram horas. A estante ao meu lado partiu-se quando o cunho detrás da antepara se estilhaçou em mil pedaços. O barco inclinou-se para um lado e, em seguida, deu um salto para cima, e quando o estaiamento emaranhado desprendeu-se repentinamente e caiu sobre o convés tivemos um som de explosão maior do que os anteriores.

Quando o barco se estabilizou e o ruído dos motores começou a desaparecer, voltei para o convés. Estava uma bagunça. Havia a mastreação, cabos, flocos de tinta preta enferrujada e lascas de metal provenientes do casco do navio por todos os lados. Adiante do *Ella's Pink Lady*, eu conseguia ver os contornos escuros da popa do enorme navio que deslizava indiferente para longe, deixando-nos inertes em meio ao rastro de espuma que o

sucedida.

Chocada, incrédula e com a cabeça ainda confusa, tentei desesperadamente lidar com o que havia acontecido. Conferi se havia água no porão ou algum dano no casco. A única coisa que eu conseguia pensar era: “coitado do meu barco!”, e isso se tornou uma espécie de mantra enquanto eu acionava interruptores para ver quais equipamentos ainda estavam funcionando: “coitado do meu barco, coitado, coitado do meu barco”. Eu estava entorpecida, sacudindo a parte de mim que ainda dormia. Todos os meus pensamentos estavam voltados para a *Ella's Pink Lady*.

Respirando fundo para acalmar as mãos que tremiam, peguei o rádio para chamar o navio, e então agarrei o telefone para contar ao meu pai o que havia acontecido. “Estou bem,” eu disse. “Estou bem, perfeitamente bem, mas fomos atingidas por um navio e perdemos o mastro”, terminei apressada.

De volta ao convés, sozinha e a milhas de distância da terra firme, levei duas horas para organizá-lo, ajeitar a mastreação desfeita no seu lugar e cortar as cabos emaranhados na vela mestra. Precisei parar com frequência para me inclinar sobre a lateral do barco e vomitar, já que a náusea de antes havia se transformado em um grande enjoo. Finalmente, liguei o motor e comecei a viagem de seis horas até Gold Coast.



O que posso dizer? Tenho muitas perguntas sem resposta sobre aquela noite. Não tenho ideia de como não avistei o navio. Após voltar para a terra firme, eu sentia tanta adrenalina que levei um tempo para me dar conta de como aquela colisão havia sido assustadora e potencialmente perigosa.

Depois de telefonar para meu pai e avisar a todos que estava bem e que

retornaria ao porto por conta própria, passei horas avançando devagarinho impulsionada pelo motor e repassando tudo o que havia acontecido. Precisei de um esforço para ver o lado positivo e chorei um pouco para colocar a decepção esmagadora para fora. Ainda assim, fiquei muito orgulhosa pela maneira como a equipe em terra cuidou da situação. O Centro de Coordenação de Resgates Australianos (de Camberra) foi brilhante, e após a minha primeira ligação para a base tudo já estava sob controle. Todos os anos que passamos planejando como reagir a uma situação de emergência garantiram que todos soubessem o que fazer, para quem ligar e como não entrar em pânico.

Pode parecer estranho para muitas pessoas, mas a partir do momento em que comecei a soltar o estaiamento e a amarrar o mastro eu soube que era capaz de enfrentar qualquer situação que pudesse surgir em uma viagem de circum-navegação. Jamais entrei em pânico: soube por instinto o que precisava fazer, e fiz. Não me entendam mal, não estou fazendo pouco caso do que aconteceu. Foi aterrorizante. Mas depois de passar por aquilo, não tive mais dúvidas de que me sairia bem na viagem. Fiquei mais focada e determinada do que nunca. Eu sabia que aquele incidente assustador daria combustível para todas as pessoas que nos criticavam pelo que eu estava tentando fazer. Aos seus olhos, eu havia provado exatamente por que não deveriam me deixar navegar sozinha. No entanto, naquele mesmo incidente, provei que tinha a habilidade necessária para alcançar meu sonho. Até aquele momento, a única coisa que me deixava inquieta nos raros momentos de tranquilidade era a dúvida sobre minha capacidade emocional de enfrentar aquilo. Eu sabia que tinha a habilidade, o barco e o apoio necessários para concluir a viagem com sucesso. Só faltava testar minha força emocional. Após a colisão, eu sabia que era capaz de encarar qualquer empecilho que surgisse pela frente. Não estava subestimando o estado de

isolamento, a exaustão e o medo do perigo: apenas sabia que era capaz.

O que eu não sabia era como arcar com os custos de consertar o barco e lidar com as consequências do acidente. Eu não sabia ao certo se meus pais, sobretudo o meu pai, continuariam tão dispostos para ajudar a manter meu sonho vivo. Eu sabia que eles haviam surtado com aquela ligação às duas da manhã.

Pouco antes de sair de Mooloolaba, os comentários negativos sobre a viagem e minha idade estavam se acumulando, mas eu não tinha ideia do que estava por acontecer. Os helicópteros que apareceram para me filmar deram uma pista e dei alguns acenos contidos para os cinegrafistas. Quando cheguei a Southport, havia uma frota de barcos para me saudar. Centenas de pessoas se enfileiravam no quebra-mar, e torci para que a maioria estivesse lá para me apoiar e não para testemunhar o que muitos imaginavam ser o fim bastante precoce de minha aventura.

Eu não me sentia nada bem. Tudo aquilo era muito surreal e a atenção frenética da mídia e os helicópteros pairando no ar não ajudaram muito. A Polícia Aquática de Queensland me encontrou em torno das 7h30min e escoltou a *Ella's Pink Lady* até sua sede na Gold Coast, em frente ao Sea World. Meus pais estavam lá esperando por mim.

Andrew Fraser havia vindo de Sydney e fiquei muito aliviada com isso. Parecia haver câmeras e jornalistas em todos os cantos e eu não sabia bem o que fazer. Fomos inundados por pedidos de entrevistas e só o que eu queria era ir a um lugar quieto para falar direito com Bruce e meus pais para decidir nossos passos seguintes. Após conversar com a polícia, Andrew marcou uma breve coletiva de imprensa para as 13h30min. Depois que a mídia tivesse acesso a mim, tínhamos a esperança de que me deixariam em paz. Estávamos errados. É claro que eu não podia dizer muito, porque haveria investigações aprofundadas da Maritime Safety de Queensland e do

Ministério de Segurança em Transportes Australiano (MSTA), mas respondi o que pude. Depois que terminamos, levamos o barco no motor até a casa dos pais de Pamela, em Runaway Bay. Chegar lá foi maravilhoso: eu estava louca por um banho e uma boa dormida. Nenhum de nós estava preparado para o que aconteceria em seguida.

Havia equipes de reportagem, jornalistas e cinegrafistas por tudo. Os fundos da casa dos Fredrics se conectava a um píer, então pudemos manter a *Ella's Pink Lady* por perto e descarregá-la. Sempre que passávamos pela porta traseira, dúzias de pessoas pulavam dos outros quintais vindas do canal. Mais tarde, fiquei sabendo que os jornalistas estavam batendo de porta em porta e oferecendo dinheiro aos vizinhos em troca de acesso a qualquer quintal ou píer com vista para o local onde eu e minha família estávamos. Tom e Angus (o irmão mais novo de Pamela) se divertiram saindo para o quintal de tempos em tempos para dar trabalho às equipes de reportagem, mas depois ficaram entediados e começaram a achar aquilo chato. Mais uma vez, senti-me péssima por causar uma zorra daquele tamanho e que impactava as pessoas próximas a mim. Eu não conseguia entender o que os jornalistas esperavam. Tenho certeza de que ninguém queria ver fotos minhas de pijama ou me arrastando por aí toda descabelada.

O dia seguinte não foi melhor, para não dizer que o frenesi piorou. Mais e mais pessoas pediam que eu abandonasse a ideia da viagem e as críticas aos meus pais ficaram bem pesadas. A Premier de Queensland, Anna Bligh, dissera em um primeiro momento que eu deveria seguir em frente, mas então mudou de ideia e insistiu para que eu repensasse tudo. Havia até uma notícia de que o governo de Queensland investigaria maneiras de me deter. Fiquei muito contente ao ler mais tarde que isso era mentira. Tenho certeza de que o governo e o conselho tutelar têm questões muito mais sérias com as

quais se preocupar, pois há muitos casos de abuso e negligência que merecem atenção.

Sei que meus amigos e minha família tentaram esconder as piores notícias e comentários de mim, mas não deu muito certo. Tudo foi muito desanimador, mas o que tornou a situação suportável foram as mensagens igualmente fortes de apoio que recebemos. Muitas pessoas desejaram sorte e insistiram para que eu seguisse em frente. Gente como John Bertrand, a lenda viva da America's Cup, e o cinco vezes campeão do MotoGP, Mick Doohan, não tiveram medo de me defender diante da mídia, o que foi muito admirável. Não muito surpreendentemente, perguntaram a opinião de Jesse Martin na rádio ABC. Fiquei emocionada quando ele disse: "Todos têm na cabeça algo que desejam fazer e ela está tentando fazer o que deseja, como eu fiz, e acho isso ótimo. Tenho certeza de que ela provavelmente vai partir outra vez... Continuo achando que ela deve fazer isso".

Também foi memorável a atitude dos blogueiros e leitores de jornal do mundo todo que enviaram seus comentários de apoio ou publicaram-nos em meu *site*. Recebi mensagens de gente da Tasmânia, Suécia, Reino Unido, Estados Unidos e diversos outros lugares. Cada comentário negativo parecia vir acompanhado de outros dois positivos para ofuscá-lo. A comunidade de Gold Coast foi igualmente incrível: as pessoas acenavam ou me cumprimentavam, encorajando-me sempre que se deparavam comigo ou com alguém de minha família.

Mal pude acreditar quando Dean Leigh-Smith, da Gold Coast Marina, e Graham Eaton e Joe Akacich, da Australian Marine Enterprises (AME), ofereceram-se para reparar de graça os danos e garantir que a *Ella's Pink Lady* e eu voltaríamos à água o mais cedo possível. Os setenta estabelecimentos sediados na marina doariam todo o necessário. Dean disse que nada os deteria até que os reparos estivessem prontos em tempo

recorde, mesmo que isso significasse virar a noite trabalhando. Era uma oferta boa demais para recusarmos.

Após conduzirmos o barco com a força do motor de Runaway Bay a Coomera içamos ele para fora da água antes de levá-lo a um abrigo na quinta-feira, onde uma equipe de voluntários ofereceu seu tempo e seus conhecimentos para trabalhar na *Ella*. Era duro para mim ver todos os danos, mas as lascas de metal e ferrugem no convés que haviam sido raspadas da lateral do *Silver Yang* durante a colisão nos mostraram como a *Ella's Pink Lady* havia sido forte ao suportar aquela investida. Que barquinho durão!

Fiquei muito grata por ter tantos voluntários entusiasmados, pois não teria sido difícil me afogar em lágrimas de tristeza em vez de voltar imediatamente para o páreo. Com caras como Bruce, Chris, Black Joe, Scooter e Ryan por perto, retomei o foco na hora... Quisessem eles me ter por perto ou não. Precisávamos remover a mastreação destruída, o guarda mancebo de proa e os púlpitos da balaustrada para aplicar as primeiras camadas de fibra de vidro nas áreas danificadas. Havia muito a ser feito e continuávamos encontrando detalhezinhos, como pequenos buracos onde o mastro havia caído. Era incrível quantas coisas haviam sobrevivido ao acidente. As luzes de navegação Hella ainda estavam funcionando perfeitamente, apesar de terem sofrido uma colisão direta, e o motor Yanmar ligou imediatamente e me levou para casa em segurança.

Depois que tudo fosse detectado, estimava-se que seriam necessários dez dias para devolver à *Ella's Pink Lady* sua melhor aparência, e a mastreação não levaria muito mais do que isso. Por sorte, ainda tínhamos um pouco de tinta rosa sobrando!

As pessoas na marina não apenas trabalharam duro no barco como também nos alimentaram todos os dias e garantiram que todos os

desconhecidos se apresentassem devidamente antes de se aproximarem de mim ou do barco. Ainda havia jornalistas, mas deixei de me incomodar depois que eles pararam de interferir na vida da família de Pamela e de seus vizinhos. Uma vez no galpão, ficou mais fácil controlar isso, e procurei ignorar a negatividade crescente em torno da viagem. Houve uma reportagem de jornal no qual o autor alegava possuir a cópia de uma suposta carta que o Departamento de Transporte e Estradas de Queensland enviaria ao governo federal. Eu era tão ingênua que, até então, achava que uma investigação confidencial era feita daquele jeito. A alegação era de que eu havia rabiscado em minha lista de segurança e desenhado figuras “infantis” no papel. Eu tinha um caderno no qual havia rabiscado e anotado questões importantes. Sempre levo um caderno comigo para escrever listas e tarefas. Não era o registro de bordo.

Eu poderia ter lidado com todas as imprecisões e desinformações se elas só me dissessem respeito, mas temi que meus apoiadores pensassem que tudo o que liam era verdade e ficassem decepcionados. Eu andava nervosa após a colisão porque achava que alguns patrocinadores poderiam mudar de ideia e cair fora. Nenhum fez isso. E foi muito incrível ver os navegantes e os mercantes marítimos locais também darem uma força. Aquilo fazia com que eu me detivesse quando sentia um pouco de pena de mim mesma e continuasse com a tarefa que tinha em mãos.

Ver a *Ella's Pink Lady* recuperando sua forma aos poucos foi maravilhoso. Depois do trabalho duro, persuadiram-me a passar uma semana em casa. Passei aquele tempo com os amigos e a família, mas estava ansiosa para retornar à Gold Coast e colocar a *Ella's Pink* de volta na água.

Pouco antes de minha ida a Mooloolaba, fizemos um almoço de agradecimento com todas as pessoas que haviam me ajudado. Fiquei maravilhada com a bondade e a generosidade de todos eles e foi ótimo

poder dizer como era grata por tudo. Em 23 de setembro, uma quinta-feira, todo o trabalho no casco já estava concluído e o mastro estava para chegar a qualquer momento. Teria sido ótimo dar um bom banho no barco para que ficasse cintilante, mas não havia necessidade. Uma grande tempestade de areia que já havia acossado New South Wales chegou à costa com os ventos fortes do sudoeste e tudo estava coberto de poeira vermelha. No céu havia uma névoa alaranjada que tornava o mundo um lugar muito estranho. Conforme a poeira foi engrossando, escutei que algumas construções haviam sido fechadas, voos foram redirecionados e trabalhos nas estradas foram interrompidos e os trabalhadores mandados de volta para casa. Não dava nem para ver o sol. Fiquei contente por estar no galpão fazendo os trabalhos de última hora na *Ella's Pink Lady* em vez de ter que me aventurar do lado de fora.

Apesar da poeira, todos no galpão estavam de bom humor, trabalhando nos diversos pedaços e detalhes que tornariam minha vida muito mais confortável no mar. Ao longo dos dias anteriores, meu pai construíra para mim um lance de degraus para tornar um pouquinho mais fácil o acesso à escada que levava à cabine, e Chris, da AME, assumira aquele que devia ser o trabalho mais incômodo do mundo: encaixar as válvulas unilaterais no dreno do *cockpit* pendurado de cabeça para baixo em um espaço muito reduzido. Como tínhamos tempo, conseguimos instalar um sistema de bombeamento para transferir combustível e água de galões para os tanques. Como de costume, fiz listas de tarefas o tempo todo (e rabisquei ao redor delas) e aproveitei todos os momentos livres para estudar as cartas náuticas e tabelas climáticas do Oceano Pacífico.

Finalmente, em 28 de setembro, uma segunda-feira, a *Ella's Pink Lady* estava pronta para retornar à água. Prepará-la em apenas dezenove dias após a colisão foi um feito e tanto. O momento foi importante para todos nós,

mas acho que o orgulho nos rostos de todos os que haviam ajudado a recuperá-la teve um valor inestimável. Bruce e eu passamos o dia na água testando tudo meticulosamente e tudo funcionou bem como o esperado. Retornamos ao ponto de partida, ligamos o motor e fomos até a Runaway Bay para passar a última noite com minha família, mais uma vez na casa dos pais de Pamela. Eles dois, Gavin e Nadine, são muito amigos dos meus pais, e aquela sempre foi uma segunda casa para nós. Mas a maneira como nos ajudaram a lidar com todas aquelas intrusões é algo a ser lembrado. Tive muita sorte por receber tanto apoio enquanto trabalhava para tornar o meu sonho realidade.

O clima parecia bom e a previsão dizia que os ventos do norte permaneceriam por um tempo. Se tudo transcorresse bem, nosso plano era sair no dia seguinte para estarmos em Sydney bem no início da semana. Só para garantir, Bruce, Suzanne e Tom partiriam no mesmo instante que a *Ella's Pink Lady* e eu no *Big Wave Rider* e navegariam atrás de nós por um tempo para me fazer companhia e ajudar a navegar em meio às tumultuadas rotas de navios comerciais. Eu estava ciente de que precisaria fazer tudo sozinha após deixar Sydney, mas não me envergonho em dizer que sentia calafrios ao pensar nas condições difíceis que encontraria ao navegar sozinha por aquelas linhas. Aparentemente, houve trinta e oito colisões ou situações de quase colisão entre pequenas embarcações e navios maiores desde 1990, e em mais de cinquenta por cento dos casos o navio não parou para ajudar. Depois de entrar para essas estatísticas, ter Bruce por perto durante algum tempo serviu para me acalmar, algo fundamental para que eu recuperasse a autoconfiança.

Passei a noite preparando a bagagem e terminando algumas tarefas e acordei pronta para partir. Eu queria sair cedo e esperava dar no pé antes que tivessem chance de armar o circo midiático. Mas não tivemos sorte, pois

de alguma maneira a notícia se espalhou e acabamos com três helicópteros de jornalistas zumbindo sobre nossas cabeças. Tenho certeza de que os vizinhos de Pamela ficaram muito felizes com minha partida!

O vento estava forte e conseguimos fazer um tempo excelente navegando longe da costa antes de virar para o sul. A sensação de estar no oceano outra vez era muito boa. Eu estava sozinha no veleiro e aproveitei o tempo para me acostumar com ele outra vez. Os ventos de quinze nós e o céu azul afastaram quaisquer resquícios de nervosismo, embora infelizmente não tenham impedido a sensação de que eu estava prestes a devolver minha última refeição, algo que sempre sinto nos primeiros dias no mar.

Muitos pensamentos passavam por minha cabeça, mas um deles foi mais insistente. No dia anterior, algo incrível havia acontecido: o incrivelmente bem-sucedido milionário britânico e renomado aventureiro Sir Richard Branson me enviou votos de boa sorte. Ele disse o seguinte àqueles que achavam que deveriam impedir minha viagem:

Ela tem dezesseis anos: já não é um bebê. Saí do colégio aos quinze anos e abri o meu próprio negócio. Aos dezesseis, já se é bem adulto. Ela deve fazer isso. É arriscado, mas atravessar a rua pode ser arriscado, andar de carro é arriscado, andar de bicicleta é arriscado. Ela viverá a grande aventura de sua vida... Só vivemos uma vez, e devemos aproveitar ao máximo.

Em momentos assim eu me beliscava para ver se não estava sonhando. Nunca imaginei que atrairia tanta atenção midiática, nem que alguém tão famoso quanto Richard Branson falaria a meu respeito. Sei que a colisão tornou mais fácil o trabalho daqueles que atacavam meu projeto, mas eu continuava recebendo muito apoio. Não sou especial. Sou alguém comum,

uma adolescente comum, que teve sorte o suficiente (alguns diriam que fui teimosa o suficiente) para ir atrás de meu sonho. No dia em que deixei a Gold Coast, senti que tinha mais gente do meu lado que do lado contrário. Era um bom sentimento para levar comigo na viagem.



Levei cinco dias para navegar até Sydney. O teste no mar foi exatamente o que a *Ella's Pink Lady* e eu precisávamos para descobrir eventuais problemas. Não demorei muito para perceber que havia problemas com a drenagem do *cockpit*. Havia muita água entrando no barco e chegou um momento em que era preciso bombear o porão mais ou menos a cada vinte minutos. O vento brando do norte desapareceu e uma inversão começou a soprar do sentido sul, fazendo-nos balançar bastante com o vento de 23 nós e as ondas de três metros. Eu estava navegando à toda força, e somando a isso o meu enjoo, a vigilância extra das linhas de navios comerciais e a adaptação aos pequenos cochilos, senti que finalmente estava fazendo o que sempre desejara... desafiar-me em uma aventura.

Durante o último dia no mar as águas se acalmaram e precisei trabalhar duro para manter a *Ella's Pink Lady* em movimento, pois havia muito pouco vento e algumas pancadas leves de chuva. Bruce, Suzanne e Tom haviam mantido distância nos dias anteriores, mas nos reunimos para entrarmos em Sydney Heads juntos. Alguns barcos e dois helicópteros da imprensa nos seguiram e Tom saltou do *Big Wave Rider* para a *Ella's Pink Lady* para me ajudar a atracar em The Spit. Eu ainda estava me acostumando a usar o leme em vez de um volante e não queria dar uma de Tony Bullimore e colidir em frente às câmeras. Não seria nada bom, sobretudo após o drama com o *Silver Yang*. O engraçado é que, mais tarde, alguns jornalistas me perguntaram

quem era o belo jovem que estava comigo no barco (HAHAHA!)

Após descer do barco, minha cabeça começou a girar e cambaleei por alguns instantes. Assim como levo alguns dias para me acostumar ao balanço do mar, também preciso de um tempo para me adaptar à terra. Só Deus podia saber qual seria meu estado após seis ou sete meses no mar. Kay Cottee não teve nenhum problema ao desembarcar de sua circum-navegação, mas vi o estado de James e Justin após sua travessia da Tasmânia em caiaque: eles tinham dificuldade para caminhar após sessenta e dois dias. É claro que eles tinham menos espaço para alongar e remaram quase o tempo todo, então a situação deles era um pouco diferente, mas eu tinha a impressão de que ficaria mais parecida com eles do que com Kay.

Tive muita sorte, pois quando estávamos planejando onde eu ficaria em Sydney, alguém sugeriu que falássemos com Andrew Short. Ele é um marinheiro veterano da linha Sydney-Hobart, que começou seu negócio como uma empresa de fundo de quintal em Caringbah e se tornou um comerciante de barcos multimilionário com atuação em Taren Point, Yowie Bay e The Spit. Ele foi incrível quando perguntamos se poderia nos abrigar em The Spit. Andrew não apenas ofereceu um ancoradouro para a *Ella's Pink Lady* como também arranjou espaço para o *Big Wave Rider* e nos deu acesso a qualquer serviço da marina que fosse necessário. Eu o havia conhecido naquela mesma semana, mas Andrew entendia o que eu queria fazer. Ele sacou direitinho e foi incrivelmente receptivo, assim como sua mulher, Kylie, e seus filhos Nick, Ryan, Sam, Mitch e Maddison. Nick e Ryan, os filhos mais velhos, eram ótimas pessoas, e quando passei por Heads eles levaram meus pais e Hannah para me encontrarem a bordo do barco de sua família. A pobrezinha da Hannah ficou enjoada!

Após uma boa dormida, chegou o momento de lidar com a nova lista de tarefas que eu havia elaborado durante o trajeto. O tempo voou enquanto

nos ocupávamos com questões como examinar a drenagem do *cockpit*, aplicar mais camadas de fibra de vidro, visitar as lojas da marina para estocar mais itens de última hora e dar algumas entrevistas aqui e ali. Oficiais da ATSB apareceram em nove de outubro para discutir o rascunho do relatório da colisão. Eles foram absolutamente incríveis: eram muito profissionais e amigáveis e o único interesse deles era averiguar o que havia acontecido nas proximidades da Ilha Stradbroke naquela noite para entender o que havia dado errado e impedir que acontecesse novamente. A última coisa que eu queria era reviver aqueles acontecimentos, mas isso era importante, então conversamos ao redor da mesa do *Big Wave Rider* e repassamos todo o episódio. Quando terminamos, levaram-me com Bruce para visitar um navio-tanque. Eles haviam marcado um *tour* pelo navio para que eu entendesse como as coisas haviam sido da perspectiva da tripulação do *Silver Yang*.

Após recebermos o retorno da ATSB, equipamos a *Ella's Pink Lady* com um refletor passivo para aprimorar o serviço de reflexão de radar que ela já possuía e elaborei, com a ajuda de minha tia Vivienne, um plano mais abrangente de controle de fadiga. Ao ler o relatório e conversar sobre as descobertas, percebi que havia uma série de coisas que haviam causado aquela colisão, e tanto nós quanto o *Silver Yang* havíamos contribuído para causar o acidente. Entender como havia acontecido foi uma lição inestimável para garantir que acidentes como aquele não se repetissem.

Eu ainda estava focando totalmente na minha viagem, mas também aproveitei a oportunidade para tirar uma folga. Ficamos hospedados em um hotel superchique na orla de Manly, nas praias do norte de Sydney (não era o tipo de opção econômica com o qual estávamos acostumados, mas nos deram um desconto para termos alguns momentos de requinte). Todas as manhãs eu me servia duas ou três vezes de frutas, panquecas e nata, ciente

de que provavelmente perderia um pouco de peso nos primeiros dias no mar. Na marina havia um fluxo constante de encorajadores que paravam para olhar a *Ella's Pink Lady* e me desejar sorte. Phil, Ed, Pat, Judy, tia Cathy e tio Campbell apareceram para ajudar com o que pudessem e para estar presentes no grande dia. Certa noite, saí com toda a família, Bruce e Suzanne para jantarmos com James, Justin e suas famílias. Foi uma noite divertida e foi muito legal rir e conversar sobre a aventura de outra pessoa em vez da minha, só para variar um pouco.



Quando decidi que desejava me tornar a pessoa mais jovem a navegar ao redor do mundo, nem em meus melhores sonhos imaginei que conheceria tantas pessoas incríveis. Uma delas foi Layne Beachley, sete vezes campeão mundial de surfe. Layne foi o mestre-de-cerimônias do grande evento de divulgação midiática que realizamos com Ella Baché em frente à Opera House. Eu estava muito nervosa antes do evento, mas tudo foi muito divertido. Layne me fez perguntas sobre a viagem e Jesse Martin estava lá para me deixar mais nervosa. O evento foi uma sequência confusa de fotos e perguntas, mas a parte divertida começou quando Jesse e eu subimos na *Ella's Pink Lady* com uma equipe de filmagem do *The 7pm Project* para navegarmos de volta a The Spit. Devo admitir que adorei ter Jesse a bordo. O cara que há anos era o meu herói estava segurando os cabos e seguindo minhas instruções. A cereja do bolo foi uma queda de braço registrada em câmera na qual Jesse teve muita dificuldade para me derrotar.

Em seu livro, Jesse conta que enviava cartas na tentativa de conseguir patrocinadores para a sua viagem e esperava pelas respostas todos os dias ao lado da caixa de correio. Três das cartas de rejeição que ele recebeu

começavam com “Cara Sra. Martin”. Jesse diz que era “um chute no saco” o fato de acharem não apenas que ele não estava à altura do desafio, mas também que era uma garota. Eu adoraria ter vencido aquela queda de braço só para fazê-lo pagar por aquela frase do livro!

Fora da minha bolha de apoiadores, ainda havia um fluxo constante de críticas que, na maior parte do tempo, eram fáceis de ignorar. Provavelmente, o episódio mais estressante foi aquele em que o respeitado iatista Andrew Cape, que completou cinco regatas de volta ao mundo e contornou o Cabo Horn sete vezes, mandou um *e-mail* em oito de outubro para o jornalista e escritor Rob Mundle pedindo que o reencaminhasse para mim. De alguma forma, o texto também parou nas mãos da mídia e foram publicados diversos artigos na imprensa citando alguns trechos. Rob entregou-o a Andrew Short, que entregou a mensagem para mim e minha família. Andrew Cape começava dizendo que acreditava ser sua obrigação entrar em contato comigo e me informar que uma viagem daquelas exigia mais experiência do que eu tinha. É claro que ele não buscara saber que tipo de experiência eu *tinha* e usou Dame Ellen MacArthur e Samantha “Sam” Davies como exemplos de mulheres que haviam acumulado diversos milhares de milhas no mar antes de partir em uma jornada.

Se ele tivesse perguntado, eu poderia informá-lo de que tinha mais de 10.000 milhas náuticas em mar aberto e já havia navegado pelo sul da Nova Zelândia, conforme ele havia sugerido, dentre outros lugares. Eu estudara a parte elétrica, a manutenção do motor e as condições meteorológicas e técnicas para me manter em forma, e possuía um barco que, pelo que suspeito, havia sido melhor preparado que o de qualquer outra pessoa que já partira em uma viagem daquele tipo. Eu tinha a tecnologia mais recente de que precisava, mas também tinha as habilidades para navegar sem auxílio caso a tecnologia falhasse.

Sem qualquer conhecimento de causa sobre minha pessoa, minhas habilidades, o barco ou nossa preparação, Andrew Cape concluiu que eu tinha trinta e três por cento de chances de ser bem-sucedida, trinta e três de ter o barco danificado e trinta e três de morrer e ter perda total do barco. O *The Age* publicou uma citação dele afirmando que minha viagem era “como crescer em uma fazenda e, após comprar uma espingarda, achar que está pronta para derrotar o Talibã”.

É uma lástima que Andrew Cape só tenha enviado o recado alguns dias antes de minha partida. Se tivesse feito isso mais cedo, poderíamos ter conversado, e quem sabe eu teria aproveitado seus conhecimentos. Muitos outros navegantes com experiências semelhantes haviam compartilhado sua sabedoria generosamente, e eu tinha o maior interesse em aproveitá-la. O fato de Andrew Cape ter participado de sua primeira regata entre Sydney e Hobart aos dezesseis anos depunha contra o argumento de que eu era “muito jovem e inexperiente”.

Também teria sido muito melhor se não houvessem utilizado seu *e-mail* como notícia de jornal. A maneira como a situação se desenrolou me faz questionar o momento e a verdadeira intenção daquela mensagem. Fiquei furiosa porque os comentários de Andrew Cape seriam interpretados como fatos concretos por muita gente, mas eu não podia desperdiçar meu tempo e energia tentando me defender. Não havia sentido. Eu precisava estar mais preparada e determinada do que nunca para que meus feitos contassem a história.

Quando já estávamos finalizando o barco, Paul, da Aquatronics Marine, ajustou os aparatos eletrônicos enquanto Gavin Brennan instalava câmeras no convés e na cabine para que eu pudesse filmar enquanto navegava. Assim, não havia um único centímetro de espaço livre: estávamos trabalhando em todos os cantos do barco. Eu também estava aprendendo a

operar as câmeras, pois havíamos decidido fazer um documentário da viagem para ajudar a financiá-la. As coisas estavam agitadas e nem tudo estava dando certo. Por algum motivo, a drenagem do *cockpit* não parava de vazar. Fiquei com muita pena do cara que precisava se contorcer o tempo todo em meio ao motor para reaplicar a fibra de vidro. Mas fiquei contente porque dessa vez não era eu quem estava se embrenhando em um canto apertado!

Desde que chegara em Sydney, eu havia me afastado um pouco das atividades e Bruce havia assumido as coisas, preocupando-se com cada detalhe. Fizemos testes no mar para praticar a utilização dos drogues (um aparelho semelhante a um paraquedas que é arremessado por cima da popa para servir de freio quando o tempo está muito ruim) e para testar a nova vela para ventos moderados. Depois disso, finalmente tivemos a impressão de que a drenagem estava funcionando.

Um inspetor apareceu para checar se o barco e o equipamento se adequavam ao padrão previsto no regulamento das regatas de Categoria 0. Na prática, uma aprovação significaria que eu estava totalmente equipada para navegar em mar aberto, com águas frias, longe de qualquer auxílio e sobrevivendo a temperaturas de cinco graus na água e no ar. A categoria abrange todos os barcos que navegam em regatas transoceânicas, situação na qual o veleiro deve ser completamente autossuficiente por longos períodos de tempo, preparado para suportar tempestades pesadas e sobreviver a emergências graves sem qualquer tipo de ajuda. O inspetor conferiu coisas como o meu *kit* médico, as provisões, as roupas, os trajes salva-vidas, os EPIRBs e os encaixes, bem como todos os componentes do barco. Essas exigências não se aplicavam à minha viagem, mas era algo que queríamos fazer para ter certeza de que fizéramos todo o possível para ampliar ao máximo as chances de eu a concluir.



Eu estava no hotel Manly com minha família na manhã de 10 de outubro, um sábado, quando Andrew Fraser me telefonou para dar uma péssima notícia. Eu sabia que Andrew Short havia partido na noite anterior com o *Shockwave*, seu imenso veleiro de 80 pés, para participar de uma regata que ia de Point Piper, no Porto de Sydney, a Flinders Islet, seguindo então para Port Kembla, percorrendo na sequência o caminho de volta. Andrew era o capitão, e seus filhos Ryan e Nick faziam parte da tripulação composta por dezessete pessoas. Houve um acidente atípico e o veleiro bateu contra os rochedos enquanto contornava Islet, jogando todos para o mar. Andrew e sua tripulante de currículo invejável, Sally Gordon, morreram na colisão. Não consegui acreditar quando ouvi aquilo. Era como se tivessem tirado todo o ar da sala e ficamos todos em choque. Andrew havia sido incrível para mim e minha família e uma pessoa cheia de vida até o dia anterior. Era um homem que fazia os outros se sentirem seguros e não fiquei surpresa ao saber mais tarde que uma das últimas coisas que ele fez foi lançar um sinalizador para que Nick pudesse avisar onde estava. Por causa daquele sinalizador, um barco da polícia marítima encontrou Nick e o retirou da água. Ele teve a vida salva pelo pai.

Naquele dia, afastamo-nos da marina para dar espaço à família e às outras pessoas que trabalhavam lá, a família expandida dos Shorts. Recebemos muitas ligações da mídia em busca de comentários meus, mas não seria apropriado dizer nada. Eu recém havia conhecido Andrew e sua família, e havia muitos outros amigos deles e de Sally Gordon que tinham muito mais a dizer do que eu.

Foi difícil evitar que a tristeza caísse sobre todos nós e nos atrasasse um

pouco, mas se Andrew Short havia me ensinado alguma coisa, fora viver a vida em sua plenitude e apreciar as coisas que eram importantes para mim. Para ele, essas coisas eram a navegação e a família. Para mim também. Definitivamente, uma mudança se abateu sobre todos após a morte de Andrew. Caso tivéssemos esquecido, o acidente serviu para nos lembrar que tudo pode acontecer no mar. Não importa o quão experiente ou cuidadoso você é, coisas ruins podem acontecer. Não falei muito sobre isso com meus pais, mas sei que também foi um lembrete para eles. No entanto, todos havíamos aprendido a aceitar os perigos envolvidos no que eu planejava fazer, de modo que o episódio não nos deteve.

Nos últimos dias antes de minha partida, todos ao meu redor estavam apressados para terminar os trabalhos finais e checar tudo uma segunda vez. Fiquei totalmente calma e não perdi a compostura quando os outros ficaram com os ânimos exaltados. Uma equipe do *60 Minutes* me filmou durante aquele período e o jornalista Charley Wooley entrevistou meus pais, Bruce e eu. Ele é um cara legal e foi divertido levá-lo para navegar. Ele me perguntou se eu sabia mesmo no que estava me metendo e respondi que não sabia. “É uma aventura. Tentarei navegar ao redor do mundo para ver se sou capaz.”

Surpreendi-me ao falar de maneira tão direta e até comecei a achar aquela atenção toda que estava recebendo um pouco chata. Pensando agora, acho que foi porque parte de mim estava ficando pronta para dizer adeus e ficar sozinha.

Eu não estaria em terra quando a entrevista do *60 Minutes* fosse ao ar. Eles planejavam exibí-la na noite de minha partida. Fiquei contente com isso, porque odeio me ver na televisão. Depois de toda a preocupação comigo, meu pai disse a Charles Wooley “Seria terrível se a perdêssemos... Mas depois de vê-la se dedicar tanto, acho que seria ainda pior dizer ‘Não, você não pode ir’”. Esse é um bom retrato da postura de meus pais. Eles

sempre apoiam Emily, Tom, Hannah e eu na busca por nossos sonhos, cientes de que os riscos são inevitáveis quando alguém deixa sua zona de conforto cotidiana. Alguém me mandou uma citação do poeta e filósofo irlandês John O'Donohue que diz: “Um dos maiores presentes do mundo é o encorajamento. Quando alguém nos encoraja, nos ajuda a transpor uma trincheira que talvez jamais fôssemos capazes de atravessar sozinhos”.

Graças aos meus pais, eu estava prestes a cruzar aquela trincheira que, de certa maneira, me mudaria para sempre. Fosse eu bem ou malsucedida, o fato é que eles haviam me dado o maior dos presentes: poder e encorajamento para ir atrás de meu sonho.

Só comecei a ficar um pouco tensa depois que o dia de partida foi adiado algumas vezes. Eu estava louca para partir e sempre surgiam probleminhas que exigiam mais um ou dois dias para serem resolvidos. Mas as coisas precisavam estar do jeito certo e àquela altura eu já aprendera a ter um pouco de paciência.

Finalmente, na tarde anterior à minha partida, acondicionamos as últimas coisas – incluindo uma caixa de livros que fez Bruce balançar a cabeça! – e nos sentamos tranquilamente para comer pizza. Perguntamo-nos se havia algo óbvio que passara batido ou que esquecêramos de alocar, como na ocasião em que Jesse Martin pegou o sextante, mas esqueceu o manual de cartas náuticas necessário para sua utilização. Eu tinha certeza de que havia alguma coisa. Naquela última noite, dormi a bordo da *Ella's Pink Lady*. Eu estava prestes a usar aquela cama por no mínimo sete meses e pareceu uma boa ideia fazer um novo teste. Mas eu também precisava daquele tempo para acalmar meus nervos, que estavam à flor da pele. Dormi muito bem naquela noite com a certeza de que me prepara tanto quanto possível graças à incrível equipe ao meu redor. Embora estivesse ancorada em The Spit, nem tomei conhecimento do barulho de uma das estradas mais movimentadas de

Sydney. Eu estava calma, sentindo-me forte e em casa dentro do meu veleiro rosa. Nunca pensei que estaria tão relaxada à véspera da partida. A última coisa que disse aos meus pais antes dos dois voltarem ao hotel foi:

– Amanhã vou acordar e navegar ao redor do mundo.

Senti um arrepio de ansiedade, empolgação e incredulidade ao dizer isso. Após mais de cinco anos sonhando com aquela viagem, ela ia mesmo se tornar realidade.

PARTE DOIS

A Viagem

"Daqui a vinte anos, você se decepcionará mais com o que deixou de fazer do que com aquilo que fez. Então, ize as velas. Viaje para longe dos portos seguros. Encontre ventos exóticos em suas viagens. Explore. Sonhe. Descubra."

MARK TWAIN



Você lembra de quando era uma criança e ficava tão empolgada com o Papai Noel na noite de Natal que não conseguia dormir, mas achava ainda mais difícil ficar acordada? Eu esperava que minha última noite antes de partir fosse um pouco assim. Mas não foi. Fiquei um pouco alvoroçada com a organização das coisas na cabine, mas não fiquei de pé até tarde e sei que dormi bem, pois só acordei quando o despertador tocou. Fiquei deitada por alguns instantes, sentindo-me cômoda na cama e escutando uma leve chuva cair. Não me levantei até Bruce aparecer me procurando. Ele bateu na lateral da *Ella's Pink Lady* e me disse que Pat e Judy estavam preparando café da manhã para todos no *Big Wave Rider*. Bem, a ideia de comer me pôs em movimento.

Após o café da manhã, minhas lembranças se embaralham um pouco. A aglomeração da mídia começou bem cedo e tornou tudo um pouco estranho. Tivemos que restringir o acesso a determinadas áreas e todas as pessoas que trabalhavam na marina ou estavam lá com seus barcos foram maravilhosas. Elas ajudaram a manter as câmeras a uma boa distância para que eu e minha família tivéssemos um pouco de espaço. Na verdade, foi hilário, pois Bruce e Scott Young tiveram que agir como guarda-costas para me ajudar a furar a multidão de repórteres e cinegrafistas apontando câmeras, estendendo microfones e gritando perguntas. Eu estava com um sorriso no rosto desde que havia acordado, pois O DIA finalmente havia chegado, mas quase comecei a gargalhar por causa de todo aquele exagero. Só lembro de duas perguntas, repetidas por diversos repórteres: “Como você está se sentindo?”. Acho que dava para ver o sorriso no meu rosto, né? E “Como está o tempo hoje?”. Eles não conseguiam ver isso sozinhos?

Tomei um cuidado especial para curtir cada segundo do meu último banho quente. Após me secar e me vestir, saí por outra via de acesso e fui correndo até a marina antes que tivessem tempo de virar as câmeras e focar novamente. Outra vez a bordo da *Ella's Pink Lady*, guardamos algumas coisas de último minuto e preparamos as velas para nos mantermos ocupados e tentarmos não pensar na iminente despedida. Diversas pessoas apareceram para me desejar sorte, e fiquei contente com isso, mas também fiquei um tanto sensível. Precisei me esconder na cabine depois de um tempo para me despedir de minha família com privacidade. Consegui conter as lágrimas nos primeiros “até logo”, mas depois disso perdi qualquer esperança. Não eram lágrimas tristes, de pavor ou nervosismo – era só a perspectiva de não ver as pessoas que eu amava por tanto tempo. As risadas e brincadeiras pararam. Foi uma cena muito dramática e era difícil não chorar se todos ao meu redor estavam fazendo isso. Nem lembro quem começou, mas foi uma reação em cadeia que nos atingiu um por um. Quando todos acenavam para mim e começamos a soltar as amarras, a doca parecia lotada de gente chorando, com lágrimas caindo sobre sorrisos orgulhosos.

Despedir-me de meu pai foi provavelmente a parte mais difícil, pois ele estava tendo muitos problemas com minha partida. Ele me apoiou ao ver como eu estava focada, mas sei bem que ele sempre manteve a esperança de que eu desistisse. Naquele momento, eu queria dizer a ele como tudo estava perfeito e como eu estava feliz por ir atrás de meu sonho, mas não consegui conter minhas lágrimas. Também fui um pouco melodramática com Hannah e Tom. Segurei a mão de Hannah e abracei os dois diversas vezes. Eu já havia me despedido de Emily, pois ela tinha outro compromisso naquele dia. Abracei minha mãe forte e fiquei olhando para ela, tentando estampar na retina cada detalhe de seu rosto. Não acho que ninguém tenha

reparado na equipe de filmagem do *60 Minutes*, mas eles devem ter captado algumas cenas repletas de emoção.

Quando finalmente liguei o motor, até mesmo o velho jornalista Charles Wooley estava chorando com o resto do pessoal. Ligar os motores e conduzir a *Ella's Pink Lady* para fora do ancoradouro pareceu surreal, mas assim que estávamos prontas olhei por cima do ombro e vi minha corajosa família, a memorável equipe e diversas outras pessoas incríveis, como James Castrission, de pé olhando para mim. Finalmente caiu a ficha do que havíamos conquistado, e fui tomada de orgulho.

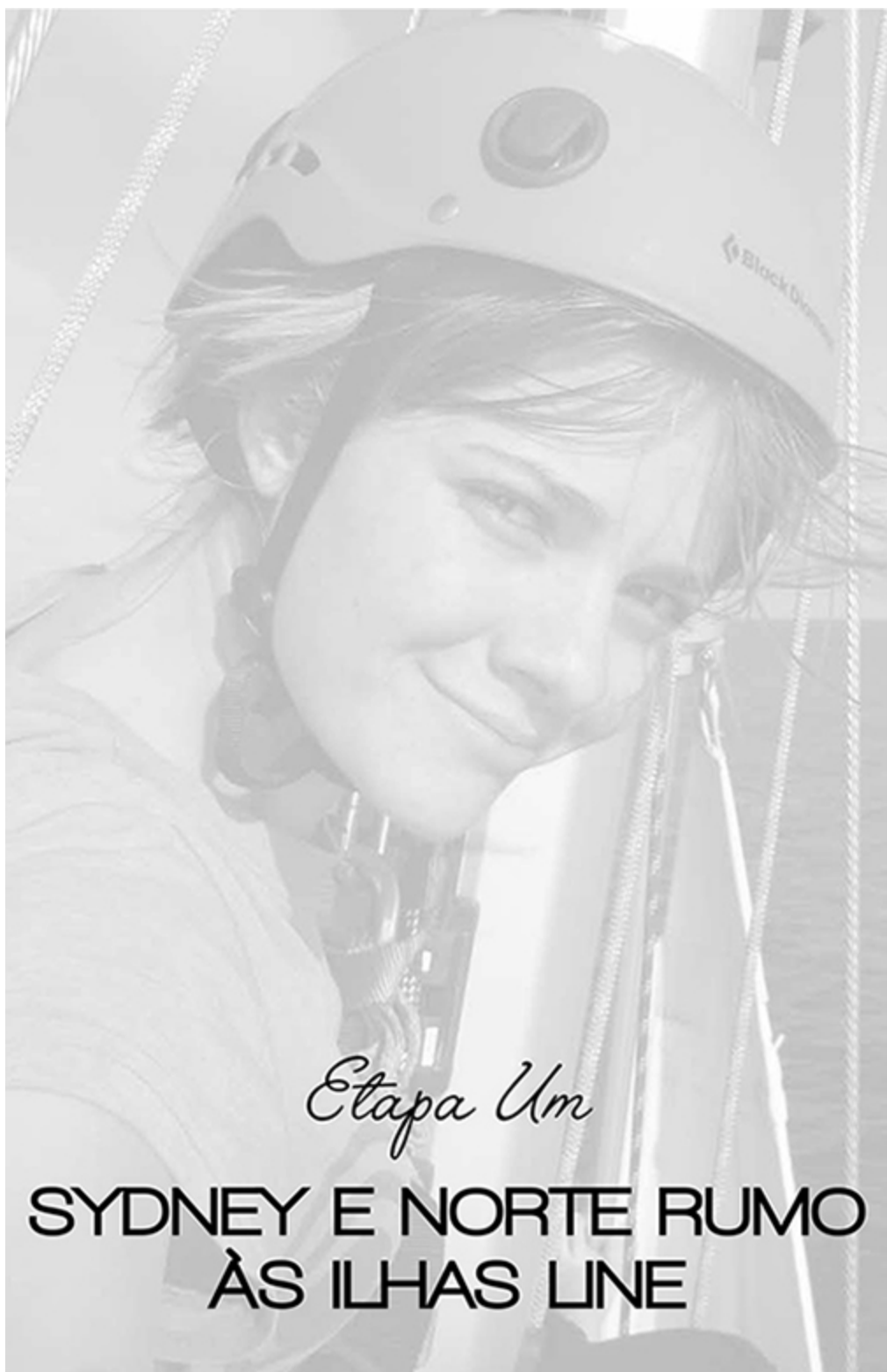
Mas não havia tempo para reflexões, pois eu precisava me concentrar totalmente em içar as velas para conduzir a *Ella's Pink Lady* através dos barcos de espectadores até Heads e passar pela linha de partida. As coisas estavam bem doidas: havia helicópteros acima de mim e mais de trinta embarcações na água para me ver. Fiquei tocada ao perceber que tanta gente havia reservado seu tempo para demonstrar apoio, mas eu precisava prestar atenção, pois só havia um vento de proa muito suave, e com toda a espuma dos barcos e as ondas que havia por lá era quase impossível fazer qualquer avanço. Mal percebi que estava mesmo cruzando a linha de partida, pois demorou muito tempo com o barco seguindo aos trancos e barrancos. Havíamos pedido ao administrador do porto, Steve Young, da Sydney Ports Corporation, que desse a largada e testemunhasse minha partida. Ele estava a bordo do *Big Wave Rider* para anotar o horário em que eu passaria pela linha imaginária que corta o mar de norte a sul e marcou o início do que eu esperava ser uma jornada de sete ou oito meses. Não havia nenhuma regra que dissesse que precisávamos de alguém lá, pois tudo é gravado digitalmente, mas para mim e minha equipe foi importante ter aquele momento reconhecido por alguém de um cargo oficial.

Conforme me afastei de The Spit, a frota de barcos se afastou, e o barco

com meus pais deu meia volta mais cedo do que eu esperava. O *Big Wave Rider* foi a embarcação que passou mais tempo comigo, mas então, de um momento para outro, eles também desapareceram. Eu estava finalmente sozinha e comecei a chorar outra vez. Eu cambaleava e não me sentia muito bem. Todas aquelas emoções haviam mexido comigo mais do que eu esperava. Mas isso não durou muito, e tampouco a solidão, pois os helicópteros me encontraram outra vez!

Passei o resto do dia trabalhando para nos manter em movimento com aqueles ventos fracos, mas, apesar de todos os meus esforços, eu ainda avistava a terra ao anoitecer. Eu havia me livrado daquela tristeza vaga e me sentia animada. Escutei uma estação de rádio de Sydney enquanto pude e aproveitei ao máximo a cobertura telefônica irregular para gastar o resto de crédito do meu celular para telefonar para meus amigos. Não havia por que deixá-los perder a validade, né?

A chuva havia parado e o dia ficou claro e bonito. Quando o sol se pôs dramaticamente sobre o horizonte, onde as luzes brilhantes da Sydney Harbour Bridge pareciam se desvanecer, eu me sentia restabelecida e pronta para tudo o que estava por vir.



Etapa Um

**SYDNEY E NORTE RUMO
ÀS ILHAS LINE**

Segunda-feira, 19 de outubro de 2009

Cruzando a linha de partida

... admito que estava um pouco emotiva após todas as despedidas, mas a boa notícia é que já me sinto em pleno processo de adaptação, e com um mar tão calmo nem sequer senti o enjoo típico dos primeiros dias no mar.

Não sentir nem mesmo uma pontada de meu enjoo costumeiro naqueles primeiros dias foi um grande bônus. Minha atitude típica no começo de qualquer travessia era “resistir” até me acostumar ao balanço do mar. Não ficar marejada me deixou alegre desde o primeiro dia e consegui estabelecer uma rotina muito mais rápido do que teria ocorrido se não fosse por isso.

Após toda a excitação da partida, o progresso tem sido bem lento. Ainda estamos a apenas 65 milhas náuticas da costa, e no momento avançamos em uma velocidade estável, mas não muito impressionante, de 2.5 nós. É um pouco frustrante, mas não vou reclamar. A partir de agora, vou encarar um dia por vez e me dar um tempinho para me acostumar enquanto espero por mais vento.

Mais tarde: segunda-feira, 19 de outubro de 2009

Azul e Rosa

Hoje foi um dia bem tranquilo. Por algum tempo nessa tarde, tivemos completa calma outra vez. Achei que progredir tão pouco me deixaria frustrada, mas na verdade curti a chance de pegar leve e começar um livro entre um ajuste e outro das velas. Faz muito tempo que não tenho tempo para relaxar e a liberdade é incrível. Nenhum prazo, nada me apressando, nada me fazendo sair no susto... E posso comer o que quiser, quando quiser, sem ninguém me mandando para a cama! Hoje à tarde, houve um momento muito especial em que o mar ficou transparente. Era como se fosse possível ver o fundo azul à distância, longe dos cardumes de águas-vivas que flutuavam de um lado para o outro. Apareceram até alguns golfinhos para dizer oi.

Já descobri que uma cabine organizada significa uma Jessica feliz. Só consigo relaxar quando tudo no convés, no *cockpit* e na cabine do barco está no lugar, disponível para qualquer imprevisto. Neste instante, o sol está se pondo e o céu assumiu um tom de rosa idêntico ao da *Ella's Pink Lady* – é muito lindo! Por isso, pode ser que eu pegue a câmera antes de arranjar algo para comer (estou pensando em pegar um cordeiro com molho agri-doce e depois preparar algumas panquecas) e ajeitar a *Ella's Pink Lady*, para então fazer as ligações vespertinas de rotina.

Na verdade, tive outro visitante inesperado naquele dia, que não foi tão bem-recebido quanto os golfinhos. Um pequeno avião me assustou ao descrever um círculo sobre minha cabeça. Pensei que a mídia me daria uma folga quando eu desaparecesse de vista e não esperava helicópteros ou

jornalistas por lá, muito menos um avião. Crente de que estava finalmente sozinha, eu havia tirado o biquíni para curtir o pôr-do-sol, e não escutei o ronco dos motores do avião quando ele se aproximou. Foi uma grande surpresa vê-lo tão próximo e fui correndo para dentro colocar uma camiseta e um short!

Devo admitir que o segundo dia não foi tão tranquilo quanto levei o mundo a crer em meu blog. As condições do mar ainda estavam muito calmas, mas eu havia descoberto um problema na *Ella's Pink Lady* que poderia ter ameaçado a viagem. Eu não estava pronta para compartilhar essa informação com todos (exceto minha equipe de apoio) e desviar a atenção de todas as coisas boas. Embora houvesse uma atividade considerável de outros navios ao meu redor, eu estava começando a relaxar e me adaptar à rotina. Eu me sentia ótima, até que um alarme começou a berrar e desfez aquele estado de paz. O alarme indicava que havia água no porão. Garanto que não foi nada bom levantar as tábuas do piso e ver a água subindo. Ao menos, eu soube na hora qual era o problema. O sistema de drenagem do *cockpit* (sim, o maldito sistema de drenagem do *cockpit* outra vez!) estava com um vazamento terrível, apesar das diversas camadas de fibra de vidro que haviam sido aplicadas ali na semana anterior à minha partida.

Não surtei porque sabia que não havia nenhum risco imediato. A água que entrava aos poucos foi retirada pelo potente sistema de bombeamento da *Ella's Pink Lady*, mas nas águas desertas e revoltosas onde logo estaríamos navegando o problema se tornaria insustentável. Observando de perto os tubos de escoamento para ver se o vazamento estava piorando, telefonei para Bruce para ver o que podíamos fazer. Decidimos que eu precisaria sujar as mãos e tentar reaplicar a fibra de vidro nos tubos, algo que não me animava muito após minha experiência de trabalho com tubos quase inacessíveis ao navegar até Sydney pela Gold Coast. Para não mencionar o

fato de que eu havia descoberto no galpão em Rosemount que trabalhar com epoxy (o material utilizado em conjunto com a fibra de vidro para construir barcos) me causava muita urticária.

Meu pai sempre me disse que é preciso encarar os problemas de cabeça erguida, sem jamais deixá-los de lado, mas descobri que aquela era uma exceção à regra. Bombeiei a água diversas vezes ao longo daquele dia e monitorei a situação com cuidado para ter certeza de que não pioraria, mas decidi esperar por um dia perfeitamente calmo para fazer os consertos e aumentar as chances de que desse certo. Então, eu checava e bombeava todos os dias e após uma semana a entrada de água no barco começou a diminuir, até que parou. O conserto com fibra de vidro que havíamos feito antes curou ao longo do tempo e a cada dia endurecia um pouco mais, até que finalmente interrompeu o vazamento.

Fiquei feliz por não ter escrito a respeito disso no meu blog, pois suspeitava que a mídia e nossos críticos teriam um dia muito movimentado e os blogueiros, que sempre foram maravilhosos, ficariam muito preocupados. Embora eu tivesse tudo sob controle, as palavras “água entrando no barco” poderiam ter extrapolado o contexto original e criado especulações negativas. Nada disso me afetaria, mas as pessoas lá em casa sim, e eles já tinham bastante fogo cruzado para aguentar por minha causa.

Terça-feira, 20 de outubro de 2009

Em movimento!

Sem dúvida, hoje foi um dia melhor em termos de progresso, com um

vento de 12 nós vindo do nordeste e nos empurrando com suavidade. Foi mais um dia calmo, com nada além de água azul cintilante e céu azul.

Na noite passada, me ocupei desviando de alguns navios e ajustando o piloto de vento da Fleming (que apelidei de Parker, alguém consegue adivinhar por quê?)[1] quando o vento desapareceu. Estava muito silencioso e o mar ficou tão parado por um tempo que levei meu travesseiro ao *cockpit* para tirar um cochilo debaixo das estrelas.

Sinto que já estou entrando em uma rotina, dormindo um pouquinho durante a noite e no início da manhã sempre que possível, mantendo registro de minha posição, vasculhando os sacos de comida em busca de refeições e fazendo as ligações programadas duas vezes por dia. Sempre há algo a ser feito ou conferido. Trabalhei duro para comer todos os doces e presentes levados à bordo minutos antes da partida. Sempre que acho que terminei de comer tudo, descubro outro pacote escondido em algum lugar!

Dormir no *cockpit* é mágico: o cobertor de estrelas acima de minha cabeça mais do que compensa o desconforto da ausência de um colchão. Os chiados e tinidos que o Parker faz ao funcionar ao meu lado, os borrifos e gorgolejos da água contra o casco e o tilintar na mastreação são incrivelmente reconfortantes. Algumas pessoas compram carrilhões e os deixam ao vento pelo mesmo motivo.

Lembro de ter lido no livro de Kay Cotte que se incomodava muito com os barulhos porque ficava preocupada com o atrito e o desgaste do equipamento e quando as coisas estavam silenciosas ela sabia que estavam funcionando suavemente.

Eu estava igualmente preocupada com o desgaste do barco e da mastreação, então mantinha os ouvidos atentos a qualquer coisa fora do

comum, mas para mim os barulhos significavam que a *Ella's Pink Lady* estava em seu caminho. Mas independentemente disso, eu gostava de dormir ao ar livre porque isso me deixava pronta para assumir o controle, desviar nosso curso ou ajeitar uma vela no instante em que detectasse algo de errado. Naqueles primeiros dias, enquanto me acostumava às coisas e singrava pelas áreas com maior trânsito de navios, fiquei um pouco estressada. O som dos 34 pés da *Ella's Pink Lady* raspando no *Silver Yang*, de 63.000 toneladas, é difícil de esquecer, e estar sempre pronta para qualquer coisa era a melhor maneira de me sentir mais confortável e no controle para garantir que não acontecesse outro episódio semelhante.

Quinta-feira, 22 de outubro de 2009

No Mar da Tasmânia e enquanto durmo

...De modo geral, as coisas andam bem silenciosas, mas após termos percorrido boas 155 milhas náuticas ontem o vento se recolheu outra vez e agora nós (*Ella's Pink Lady* e eu) estamos de novo nos arrastando lentamente. Ou seja: estamos bem, e já no Mar da Tasmânia, próximas à Ilha Lord Howe, com a Austrália bem para trás. A *Ella's Pink Lady* está com toda a vela mestra e com a genoa, seguindo a lentos (mas estáveis) três nós por hora. O sol ainda está brilhando e a água está com um tom ainda mais incrível de azul, mas o pôr-do-sol tem sido meu momento favorito do dia – o mundo inteiro fica rosa! Nesta manhã, um bando de golfinhos passou por nós, e um pássaro solitário também apareceu para dar uma espiada.

Acho que manter a cabine organizada vai ser uma batalha interminável. É só comigo, ou o trabalho de casa é sempre tão demorado? E também tem a louça. Não tem ninguém se oferecendo para revezar, então sempre fico empenhada ao término de cada refeição!

Todos estão intrigados com o que acontece na *Ella's Pink Lady* enquanto durmo e é um assunto sobre o qual pesquisamos durante anos. É melhor eu começar do início para que todos entendam, e peço desculpas aos que ficarem entediados com as partes mais básicas.

Em primeiro lugar, é claro que não posso ficar ao leme o tempo todo, então a *Ella's Pink Lady* tem três sistemas distintos de pilotos automáticos: dois pilotos eletrônicos e o Parker, o piloto de vento da Fleming instalado na popa. O piloto de vento é o meu favorito porque, ao contrário dos outros dois, que sugam muita energia, Parker nos conduz respondendo ao vento através de uma lâmina e às águas através de um remo que fica solto na popa. Entrarei na questão da energia mais tarde.

Além disso, tenho quatro sistemas de detecção de navios e todos disparam alarmes altos caso haja qualquer aproximação. As luzes de navegação da *Ella's* e o refletor de radar também nos tornam mais visíveis para os outros navios à noite. Mas mesmo com tudo isso, jamais encosto a cabeça e durmo uma noite inteira. Se as coisas estão movimentadas, tiro cochilos de vinte minutos, erguendo a cabeça entre um e outro para checar tudo antes de dormir outra vez. Se estão mais calmas, durmo por quarenta minutos ou mais em cada bloco. É incrível como já me acostumei aos movimentos da *Ella's Pink Lady*. Se o vento ganha um pouco de força, acordo com o barulho, e se desviamos do curso o leme fica a barlavento e o barulho me desperta. Demora um pouco para se acostumar, mas acho que assim poderei dormir todo o

necessário e acordar bem descansada.

Antes de dormir, programo dois alarmes distintos para não correr o risco de não acordar. Vocês precisam ouvir como um deles é alto: dou um pulo de susto sempre que toca.

É bem provável que todo esse equipamento pareça um pouco exagerado, mas viajaremos por um bom tempo, e a colisão nos ensinou que não há como ser cuidadosa demais!

Sei que os alarmes eram essenciais e tornavam minha vida mais fácil de diversas maneiras, mas vocês não têm ideia de como passei a odiá-los. Sim, sei bem que a alternativa poderia ser muito pior, e sou grata pela tecnologia que ajudava com minha segurança, mas ser arrancada do meu precioso sono por aqueles guinchos de estourar os tímpanos era horrível. Os lamentos do alarme AIS, que avisa que há algum navio por perto, eram ainda piores. Ao falar com meus pais ou Bruce no telefone, eu sempre brincava que voltaria com problemas de audição. Podem ter certeza de que os alarmes eram altos pra caramba!

Sexta-feira, 23 de outubro de 2009

Devagarinho

Estamos seguindo ainda mais devagar, mas ultrapassamos o marco das 500 milhas náuticas. Passamos a última noite em uma calmaria total próxima à Ilha Lord Howe, à deriva e com velocidade inferior a um nó. Mas quando finalmente conseguimos uma brisa leve ao nascer do sol, o

cenário foi lindo. O mar estava espelhado e refletia os primeiros raios. Então, quando conseguimos um pouco de vento, foi como se estivéssemos deslizando sobre um lençol de vidro.

Hoje foi um dia típico para mim: brinquei com as câmeras, dormi um pouco, mantive o barco em movimento e monitorei com cuidado a geração e o consumo de energia, me alimentei, organizei as coisas de praxe, escutei música (não há ninguém para reclamar do meu gosto ou do volume que prefiro!) e enviei alguns *e-mails*. Isso não deve soar muito empolgante, mas é o suficiente para me deixar feliz, e continuo achando que jamais ficarei entediada. Sempre há algo a fazer. Sem dúvida, navegar ao redor do mundo não é apenas uma sequência de episódios empolgantes, mas as leituras em dias tranquilos fazem parte do pacote.

Não vi muita vida selvagem hoje: fomos só a *Ella's Pink Lady*, eu e muito azul. O que mais se pode querer? Agora, já não estamos avançando tão devagar, viajando a seis nós com a vela mestra, a genoa e uma buja.

Desculpa, não vou poder escrever muito hoje porque preciso desligar o rádio HF para uma das ligações programadas.

Hoje em dia, com toda a nova tecnologia via satélite, cada vez menos pessoas se preocupam em ter um rádio HF, mas em situações críticas ele pode ser a única coisa funcionando. Instalamos um no *Ella's Pink Lady* e gostei daquela chance de manuseá-lo um pouco. Achei-o excelente para noites em que o sinal estava ruim. Depois de termos problemas com a estática ao tentarmos conversar, o operador de rádio da Tas Coast (a estação para a qual eu estava fazendo as ligações programadas) muitas vezes desistia e dizia que ia “dar uma olhada no blog” para saber como estavam as coisas. Impossível não amar a internet, né?

Na maior parte do tempo, fiquei bem surpresa com o quanto me sentia confortável, alegre e em casa. O telefone via satélite, o rádio HF e a internet ajudavam muito, pois sempre havia alguém do outro lado da linha ou nos *e-mails* com quem conversar. Desde que eu começara a sonhar com a viagem, esperava que as primeiras semanas no mar fossem as mais difíceis. Todos os navegantes solitários com quem conversei me disseram várias vezes para aguentar firme na primeira semana, pois tudo ficaria mais fácil depois que eu me acostumassem com tudo. Continuei esperando pelo aperto, mas ele não chegou... ao menos não naquela época.

As condições calmas e fáceis de navegação me ajudaram a manter o sentimento de êxtase e eu estava mais contente do que nunca. Certamente, não foi necessário “aguentar firme”. Não exagero ao dizer que estava vivendo os melhores dias de minha vida e meu humor melhorou ainda mais porque senti que a ausência de um período “deprê” era uma conquista pessoal.

Não me entendam mal: eu sentia saudades de todo mundo. Quando deixei Sydney Heads, foi como se houvesse deixado algo de que precisava para trás. Sentia que havia algo faltando em um sentido físico, como se parte de mim houvesse desaparecido. Tá bom, sei que parece uma frase tirada de um romance meloso, mas não consigo descrever melhor do que isso. Na verdade, aquele sentimento nunca desapareceu, mas depois de um tempo acabei me acostumando.

Sábado, 24 de outubro de 2009

Condições perfeitas e comida

Bem, “perfeito” é a palavra para descrever o dia de hoje. Estamos fazendo 6.5 nós em um través folgado rumando para um ponto abaixo da Ilha Norfolk. O vento estava passando dos 15 nós, então coloquei o primeiro rizo na vela mestra hoje de manhã para deixar o movimento confortável e facilitar o serviço do Parker.

O dia está tão bonito que passei a manhã sentada no convés, observando a *Ella's Pink Lady* navegar e escutando música. Hoje há umas poucas manchas de espuma branca sobre as ondas, como se estivessem aqui apenas para macular o azul! Imaginem só se todos os dias fossem assim. Pensando bem, talvez as coisas ficassem um pouco entediantes.

Demorou um pouco, mas acho que hoje finalmente caiu a ficha da imensidão dessa viagem e de tudo o que aconteceu durante os últimos meses. O curioso é que isso não me deixou nem um pouco assustada, apenas orgulhosa por todas as pessoas que nos trouxeram até aqui. Também um pouco embasbacada porque, nossa, estamos mesmo aqui! E é muito melhor do que jamais sonhei. Ainda há muito a ser feito, mas sei que sou capaz. Um passo por vez. No momento, estou na metade do caminho entre as ilhas Lord Howe e Norfolk.

... Hoje à noite, planejo comer pernil de cordeiro da Easyfood (são deliciosos!) com Deb (purê de batatas) e aspargos.

... Vou sair para curtir o resto do dia e de repente tomar um banho de balde no *cockpit*.

Aquele último banho longo e quentinho já era uma memória antiga no sétimo dia, mas transformei meus banhos de balde em uma arte. Eu pegava tudo de que precisava e ajeitava os potes e sabonetes em diversos pontos do *cockpit*. Em seguida, enchia um balde com água salgada, esfregava o corpo, passava o xampu no cabelo duas vezes para fazer espuma com a água

salgada e então enxaguava com um precioso copo de água fresca. Quando já estava limpa, eu sentava e escovava o cabelo ao vento (secador de cabelos cem por cento natural!). Dependendo do dia e da temperatura do ar, eu curtia a água ou me encolhia e guinchava durante todo o processo. De qualquer forma, era um evento marcante de minha rotina diária. Todas as pequenas coisas (como banheiras ou chuveiros quentes) que damos por garantidas quando estamos em terra se tornam relevantes no mar. Agora que estou em casa, espero apreciar esses luxos que tenho a sorte de ter.

Minha maneira de lidar com toda a pressão de preparar o barco, administrar os pedidos da mídia, cumprir listas de tarefa e tudo o que acontecera na semana anterior à minha partida foi tirar da cabeça a grandiosidade do que eu estava prestes a fazer. Eu nem sequer pensava no panorama geral: apenas focava nos primeiros passos que precisava dar para seguir em meu caminho. Sabia que a ficha cairia em algum momento, mas achei que seria melhor deixar que isso acontecesse depois que estivesse em segurança no mar, longe de todos. Eu ainda estava esperando os momentos ruins que todos haviam dito que acabariam aparecendo, mas não foi bem isso o que aconteceu.

Estava um dia perfeito e eu estava sentada na parte externa da cabine, tomando banho de sol, quando finalmente fui atingida por uma onda de emoções. Fiquei exaurida, mas não aterrorizada como esperava. Foi como se um pico de adrenalina percorresse o meu corpo e me deixasse em um estado de excitação entorpecida pelo resto do dia. Como se eu finalmente percebesse que meu sonho estava de fato acontecendo.

Domingo, 25 de outubro de 2009

Uma semana de viagem e a tripulação em terra

Bem, já faz uma semana que estamos aqui, e hoje começamos o dia oito! Recém fiz as contas e cobrimos 740 milhas náuticas na primeira semana. Dentro do que eu esperava, mas é um resultado excelente se levarmos em conta os dias sem vento que tivemos. O trecho da primeira semana nos deixa um pouco adiantadas, mas não quero dizer isso tão cedo!

Estamos próximas à Ilha Norfolk, que parece ser bonita e interessante, de modo que precisarei adicioná-la à lista de lugares em que vou parar da próxima vez. Agora, não falta muito para deixarmos o Mar da Tasmânia para trás e então nosso destino será a linha do equador. Vou fazer algo que devia ter feito há muito tempo: apresentar a minha tripulação em terra. Se querem saber, eles são incríveis, pois estão resolvendo todas as situações complicadas lá em casa enquanto eu me divirto por aqui! Essas são apenas algumas das pessoas de quem dependo e com quem converso todos os dias – a equipe de apoio completa é composta por ainda mais pessoas incríveis, com habilidades de todos os tipos. Isso sem contar todos os que trabalharam no *Ella's Pink Lady* e nossos patrocinadores. É como se fossem uma extensão de minha família. Se também contarmos todos vocês que estão aí pensando em mim e na *Ella's Pink Lady*, certamente não estou sozinha.

Em primeiro lugar, há Bruce, o Gerente de Projeto [sobre quem já falei]. Bruce e sua esposa, Suzanne, trabalharam na viagem em tempo integral durante quase todo o ano, me apoiaram muito antes disso e foram uma grande inspiração. Adoro a abordagem calma de “podemos fazer isso” que Bruce demonstra diante das mais diversas situações.

Converso com ele sobre o desempenho do barco, as condições do mar, possíveis navios em nossa rota, etc.

Falo com meu pai (Roger) no telefone via satélite duas vezes por dia nas ligações programadas oficiais. Ele é ótimo para falar sobre quaisquer probleminhas e se mantém ocupado cuidando de detalhes de todos os tipos.

Também há Scott e Andrew, que cuidam de muitas coisas além de minha relação com a mídia. Scott está sempre disponível para me ajudar pacientemente a mexer no sistema de câmeras e nos equipamentos de comunicação via satélite. Andrew cuida do blog, dos patrocinadores e de outras notícias.

Bob McDavitt (embaixador do serviço meteorológico da Nova Zelândia) está fornecendo todas as previsões do tempo e nos ajudando a contornar os piores climas imagináveis. Sinto-me muito mais confiante tendo uma noção tão clara do que está por vir.

E por último, minha mãe (Julie) me mantém atualizada com notícias do mundo externo, encaminhando *e-mails* e mandando quaisquer informações que eu possa achar interessante. Ela também empacotou toda a comida, então é a pessoa para quem ligo quando não consigo encontrar alguma coisa!

É impossível fazer justiça à importância de ter uma equipe com pessoas tão boas por trás de mim. Eu não teria chegado tão longe sem eles. Ter aquele apoio e saber que todos os conselhos e encorajamentos de que eu precisasse estariam a uma ligação de distância via satélite me deixava muito reconfortada. Tudo o que me disseram sobre a preparação ser a parte mais importante da viagem estava absolutamente certo e toda a ajuda e encorajamento que recebi fizeram uma grande diferença.

Mas não foram apenas as pessoas que mencionei que me ajudaram e me mantiveram firme. Logo antes de partir, houve uma onda de cobertura positiva da mídia, e então a enxurrada de *e-mails* e comentários no blog quando parti me deram a sensação de que a Austrália inteira estava me apoiando. É um sentimento incrível. Foi uma barra quando todos estavam dizendo que eu *não podia* ou *não devia* fazer aquela viagem. Depois que deixei Sydney para trás, tudo mudou. Embora eu tenha certeza de que ainda havia muitos céticos por aí, eles já não pareciam ser a maioria. Ou talvez eu apenas tivesse deixado de dar atenção a eles.

Durante quase todo o período que passei no mar, não me senti sozinha. Claro, havia momentos assustadores, e em termos físicos tudo dependia de mim, mas no blog eu sempre escrevia na terceira pessoa, e não me referia apenas à *Ella's Pink Lady* e a mim. Além da equipe de apoio, considero todos que trabalharam para deixar a *Ella's Pink Lady* pronta (e então pronta uma segunda vez) e todas as pessoas ao redor do mundo que estavam navegando virtualmente comigo através do *site* eram parte da equipe. Pode parecer estranho se pensarmos como eu estava longe de todos, mas tanta boa vontade fez diferença. Eu podia estar sozinha no veleiro, mas jamais me sentia desacompanhada.

Devo ser honesta: houve momentos em que eu gostaria de estar completamente desconectada e entrar no ritmo do mar, como Joshua Slocum teve que fazer, e testar mais a minha resiliência. Mas isso não era muito frequente. Naquelas primeiras semanas, eu conversava com meus pais e Bruce nas *skeds* de manhã e de noitinha. Às vezes era apenas uma ligação curta, em que eu repassava rapidamente as condições climáticas e dizia como estava, mas em outras tínhamos longas conversas.

Foi meu pai quem insistiu para que eu ligasse com mais frequência, e depois de tudo o que ele e minha mãe haviam feito por mim, eu não tinha

como recusar. Mas eu esperava poder reduzir o número de chamadas depois que tudo se ajeitasse. Sei que soa insensível, mas no comecinho eu muitas vezes odiava aquelas conversas, pois se pareciam um pouco com um interrogatório. Eu não estava longe a tempo suficiente para sentir muita saudade das pessoas e o tipo de navegação não era muito diferente de algumas das minhas viagens anteriores. Assim, eu não me sentia fora da zona de conforto. Não posso culpar meus pais nem ninguém por querer saber exatamente como estavam as coisas, mas eu estava bem e não achava que fosse necessário repassar tudo. Às vezes, eu não estava com vontade de conversar (eu sei, é bem o estereótipo de uma adolescente), e em outras eu conversava por horas, escutando alegremente os detalhes da vida lá em casa. Se meus pais se incomodaram com minha inconstância, nunca disseram.

Segunda-feira, 26 de outubro de 2009

Lula no convés

Quando o dia clareou hoje de manhã, dei uma checada de rotina na *Ella's Pink Lady* e encontrei diversas lulas pequenas espalhadas pelo convés, onde ficaram presas após pular para cima do veleiro durante a noite. Uma delas tinha uns 25 centímetros de comprimento e enquanto trabalhei no convés durante o dia encontrei diversas menores enfiadas nos lugares mais improváveis. Espero ter encontrado todas, ou só terei notícias delas quando começarem a cheirar mal daqui a alguns dias!

As condições climáticas estão bem calmas. Tivemos um vento de mais ou menos 14 nós bem atrás de nós durante todo o dia, por isso

estamos avançando a uma velocidade estável de cinco nós. Após realizar todas as tarefas de praxe, passei a manhã respondendo *e-mails* e lendo. Reli o livro de Kay Cottee sobre sua viagem sem paradas ao redor do mundo, e também, é claro, o livro *Lionheart* de Jesse Martin. Após ler como Kay era organizada com as tarefas domésticas, tomei a resolução de melhorar nisso!

Ao longo dos anos, li e reli esses dois livros constantemente. Enquanto minha própria viagem se desenrolava aos poucos, comecei a entender de uma nova maneira muitas das coisas que Jesse e Kay escreveram. Sempre que lia seus livros, eu reagia de maneira diferente ou aprendia algo novo. Era quase como se os estivesse lendo pela primeira vez. Agora, além de ter seguido o exemplo de Kay e Jesse no mar, também organizei meu próprio livro. A sensação é bem estranha. Eu adoraria sussurrar no ouvido da jovem garota que fui e dizer a ela: *tudo é possível*. Mas na verdade, no fundo ela já devia saber isso. Caso contrário você não estaria lendo isso.

Hoje de tarde me mantive ocupada no convés tentando descobrir a maneira mais fácil de abrir a buja (usar o pau de spi para abrir bem a vela de proa) a fim de tornar a navegação a favor do vento mais confortável.

A água ainda estava um pouco gelada quando tomei meu banho de água salgada hoje e tivemos uma breve mas forte pancada de chuva que deu uma boa lavada na *Ella's Pink Lady*. Agora estamos ambas cheirando a rosas! É ótimo ter o convés livre de sal por uns tempos e a chuva não deixa de ser uma novidade, pois foi a primeira que tivemos até agora.

Finalmente, comecei a soltar um pouco mais a imaginação na cozinha. Na noite passada, comi bolinhos de aveia com queijo e uma sopa muito cremosa (exagerei um pouco na nata!). Hoje de manhã, comi mingau de

cereal com algumas de minhas últimas frutas frescas. Almocei massa outra vez e estou pensando em jantar feijão com piri-piri e batatas chips.

Terça-feira, 27 de outubro de 2009

Passando a Ilha Norfolk

A confortável rotina à qual eu já estava me acostumando foi interrompida hoje por um vento de 25 nós. Formaram-se ondas baixas que eu não chamaria de preocupantes, mas que certamente diferem dos dias tranquilos que tivemos. É legal garantir um bom avanço, e mesmo com dois rizos na vela mestra, a *Ella's Pink Lady* está quase surfando nas vagas com velocidades acima de até 8.5 nós.

Nessa noite, finalmente deixamos a Ilha Norfolk para trás. Foi um alívio, pois não consegui dormir muito na noite passada tendo a terra e alguns barcos por perto, e agora ajustei o rumo para o nordeste, o que deve nos levar diretamente à linha do equador!

Enquanto contornava a Ilha Norfolk, avistei outro veleiro e conversei com eles brevemente pelo rádio VHF. Eles se dirigiam à Ilha Norfolk e de lá para Opuá, na Nova Zelândia. Eu disse a eles que estava em uma navegação solitária, mas na hora achei que eles não entenderam direito que eu daria uma volta ao mundo. Mais tarde, Richard, uma das pessoas que postava comentários em meu blog com regularidade, encontrou outro blog de navegantes mantido por Michael e Jackie Chapman. Eram as pessoas com quem eu havia falado e eles descreveram como a *Ella's Pink Lady* parecera

pequena e determinada ao cortar o Pacífico enquanto todos os outros veleiros naquela região se dirigiam à ancoragem para se abrigar das condições incômodas e do vento que ganhava força. Amei o reconhecimento pela determinação que a *Ella's Pink Lady* e eu compartilhávamos.

Hoje à tarde eu estava um pouco desanimada, então dei alguns telefonemas para me animar, liguei a música e escovei bem o cabelo e os dentes, tudo o que costuma me deixar bem. Até que percebi que havia esquecido de comer! Fervi uma boa porção de batatas enlatadas e resgatei meu ânimo de sempre.

Não houve um pôr-do-sol colorido hoje à noite devido ao céu nublado, mas de qualquer forma o tempo estava úmido demais para que eu sentasse no convés e curtisse.

Naquele trecho inicial, era raro eu não me sentir alegre e disposta, mas tive meus momentos de tristeza e depressão. Tentei lidar com minha saúde mental da mesma forma como tratava da manutenção da *Ella's Pink Lady*. Trabalhei nisso e fiz tudo o que pude para manter o veleiro e meu corpo em boa forma.

Nas poucas vezes em que fiquei com um humor sombrio e me senti um pouco chateada ou amuada, eu não tinha ninguém para culpar além de mim mesma, pois eu havia sido preguiçosa em vez de me esforçar. Havíamos traçado estratégias antes de minha partida para manter minha saúde mental. Eu havia conversado com pessoas como Mike Perham, Jesse Martin e Don McIntyre e entendi que o sucesso de suas viagens dependera tanto de seu estado mental quanto do estado da mastreação ou do casco. Eram raros os momentos em que eu não conseguia me animar simplesmente escutando um pouco de música, ficando de pé contra o vento ou fazendo qualquer uma

das outras coisas de que gostava, mas sem dúvida havia momentos em que eu precisava trabalhar duro para resolver a questão. Era muito mais difícil quando o tempo estava ruim e eu não podia fazer nada além de segurar firme e afastar as piores sensações. Quando isso acontecia, eu tentava me apegar ao instante e não deixar minha imaginação ir muito longe. E se tudo falhava... o chocolate ajudava!

Quinta-feira, 29 de outubro de 2009

Vida noturna, pequenos hábitos e rumo ao equador

Hoje estou cheia de energia após uma boa dormida à noite e um bom café com muito creme pela manhã!

Ainda há ondas de tamanho considerável, mas são bem mais extensas e suaves e o sol até chegou a dar as caras. Por isso, fiquei lá fora curtindo um pouco. Quando estamos em um intervalo entre duas ondas, a *Ella's Pink Lady* parece pequena e um pouco perdida, mas então subimos ao topo da onda seguinte e ganhamos uma boa vista do horizonte. É como se estivéssemos no topo do mundo. Por fim ela desce até a onda seguinte, ganhando um pouco de impulso no caminho.

O vento cedeu um pouco ontem à noite após soprar com força de 25 nós ao longo do dia e hoje de manhã tivemos perfeitos 15 nós constantes nos empurrando a uma boa velocidade. Estamos aproveitando o vento ao máximo e amando a boa distância que estamos percorrendo enquanto ele dura. Agora que o Mar da Tasmânia ficou para trás, estou começando a ficar ansiosa para chegar à linha do equador.

Vou cruzá-la pela primeira vez, então acho que vai ser bem empolgante!

Tenho pensado em alguns dos pequenos hábitos que adquiri, como escovar os dentes todas as manhãs sentada na parte alta da cabine, manter um pacote de pirulitos ou nozes ao meu lado enquanto trabalho no computador e dormir com o equipamento, o colete salva-vidas e o sobretudo, com uma faca no bolso e uma lanterna no pescoço. Pode parecer desconfortável, mas durmo melhor sabendo que posso estar no *cockpit* e totalmente equipada em uns poucos segundos.

No blog, algumas pessoas têm perguntado como é a vida noturna por aqui, então vou descrever um pouco. Acho que muitas pessoas têm calafrios ao pensar em como é estar aqui sozinha, porque a maioria deve imaginar que é como uma noite nos arredores da cidade, onde tudo é sinistro e silencioso. Mas não é nem um pouco parecido. Isso se deve principalmente ao barulho e aos movimento constantes do barco, mas também porque as ondas e o vento me fazem companhia! Em uma noite clara, as estrelas são incríveis, mas adoro a escuridão das noites nubladas quase na mesma intensidade, pois nelas posso ficar atrás da capota para me proteger e sentir a *Ella's Pink Lady* abrindo caminho sem saber direito o que está por vir!

Àquela altura, eu não conseguia acreditar que o Mar da Tasmânia já havia ficado para trás. Após tantos anos de uma preparação por vezes excruciantemente lenta, a viagem em si parecia passar voando. Eu sabia que ainda tinha um longo caminho pela frente e aquilo era apenas um pequeno passo para algo muito, muito maior, mas por vários anos, cruzar o Mar da Tasmânia me parecera um grande feito. Embora fosse o menor de todos os oceanos que eu atravessaria, não deixava de ser um oceano, e a *Ella's Pink Lady* praticamente passou voando por ele, percorrendo tudo a passos largos.

Era fácil me alegrar, pois as coisas estavam indo bem e eu não havia passado por nenhum desafio real até aquele momento. Até que isso acontecesse, a maior provação seria manter minha cabeça bem e, para ser honesta, isso não vinha se mostrando um problema.

Sábado, 31 de outubro de 2009

Voando baixo e potência

O tempo segue nublado e o mar um tanto revolto, mas estamos amando tudo e fazendo um bom progresso. Sinto um pouco de saudades dos raios de sol, mas os diferentes tons de cinza também rendem uma bela paisagem. Parece que as coisas seguirão assim por alguns dias, com um vento constante chegando lentamente do sudeste. Há uma vastidão de oceano vazio à nossa frente antes de chegarmos a algumas das ilhas e corais na extremidade sul de Fiji e Samoa.

A vida a bordo é bem simples e essas pequenas coisas preenchem o dia, mas, quando o mar está agitado, mesmo as tarefas mais simples se tornam uma aventura. No entanto, o que está me deixando mais do que feliz são as pequenas coisas. Os pontos altos são comer, conversar com todos lá em casa, anotar nossa posição para ver o quanto avançamos a cada dia, escutar música e ficar atrás da capota assistindo ao sol se pôr. Claro que sinto saudades de todos na Austrália, mas na maior parte do tempo estou curtindo tudo ao máximo. Tragam o próximo desafio!

A parte detrás da capota, onde eu ficava com um pé de cada lado do

cockpit para manter o equilíbrio, era o meu local preferido no barco. Eu amava observar o mar com o corpo protegido de tudo, exceto das ondas mais ousadas, tendo o rosto e os cabelos levemente açoitados pelo vento enquanto a *Ella's Pink Lady* navegava por um mar que subia e descia o tempo todo. Eu cantava alto qualquer música que estivesse tocando, sem jamais me preocupar por estar soando completamente ridícula, já que não havia ninguém para me escutar além de eventuais pássaros, lulas alojadas no convés ou golfinhos.

Eu me sentia viva ao escutar as músicas de Missy Higgins ou Powderfinger estourando nas caixas de som e me regozijava por não termos terra ao alcance da visão, apenas o horizonte nos chamando. É fácil se entediar em casa, quando estamos focados demais no próximo passo para curtirmos o momento que estamos vivendo. Na *Ella's Pink Lady* só havia um momento. Era uma grande lição e espero poder levá-la comigo para sempre.

Aquele realmente era o meu próprio mundo e o tempo começou a ter um significado diferente por lá. Conforme eu me dirigia ao leste, passando para um fuso horário diferente do de minha casa, acertei quatro relógios em horários diferentes, o que só me deixava confusa. O que importava era apenas o que comecei a chamar de horário do *Ella's Pink Lady*!

Eu dormia cada vez menos à noite e mais nas manhãs e comia em qualquer momento que desejasse. Havia uma liberdade em poder decidir tudo – quando comer, quando tomar banho, o que ler e o que fazer – que eu jamais vivenciara antes. Era outro aspecto de viver em meu próprio mundinho... e eu gostava disso. A única coisa que ditava as regras em meu novo mundo era o clima. Eu era escrava dele e embora às vezes tivesse problemas com isso, no fim das contas ele era o motivo pelo qual eu estava lá. Eu queria ir até o limite e encontrar força e sabedoria dentro de mim para atravessar os momentos difíceis. Se toda a navegação fosse tranquila, eu não

estaria fazendo a viagem.

Domingo, 1º de novembro de 2009

*Nova sacola de comida, nova carta
náutica e última laranja*

Bem, chegamos à minha última fruta fresca. Acabo de saborear minha última laranja e tenho certeza de que sentirei saudades! E por falar em comida, hoje abri a primeira nova sacola de comida. Uma sacola de comida dura 14 dias. A sensação é de que atravessei um marco e estou ansiosa para a janta de hoje, quando poderei escolher as melhores comidas. No fim da semana, todas as coisas gostosas já terão sido comidas, e voltarei a comer as segundas opções.

O progresso foi um pouco mais lento hoje, pois o vento parou quase completamente por um bom tempo na noite passada e então se voltou contra a proa da *Ella's Pink Lady* na manhã de hoje. Mas ainda estamos devorando as milhas e nos aproximando muito das extremidades da carta náutica. Peguei uma nova carta e passei a tarde dando uma espiada e estudando as áreas por onde navegaremos. Parece que agora realmente estamos entrando em águas pouco familiares: nunca naveguei tão longe para o leste antes e tudo é novo e empolgante para mim.

Estou um pouco incomodada comigo mesma no momento, pois pensei que as coisas estavam calmas o suficiente para abrir a escotilha. Logo provou-se o contrário, pois uma onda quebrou sobre o convés e a

água entrou na cabine. Há algumas roupas salgadas e ensopadas penduradas por aqui, mas agora tudo está secando depressa.

Tá bom, vou ter que sair porque estou prestes a fazer algo corajoso, ousado e talvez um pouco imprudente: abrirei a sacola com a etiqueta “Deveres de casa”. Ok, pode ser que eu esteja sendo um pouco dramática, mas me desejem sorte!

Segunda-feira, 2 de novembro de 2009

Tudo está bem e um dia movimentado

O dia foi um pouco movimentado e o tempo passou tão rápido que a postagem de hoje será curta. Só queria que vocês soubessem que está tudo bem. Na verdade, mais do que bem: tudo está ótimo por aqui. Estou amando cada momento!

Há um vento de cerca de 15 nós soprando do sudeste, então a *Ella's Pink Lady* está mantendo um bom ritmo (viajando a uns 80 graus em favor do vento), avançando a seis nós constantes. Após passarmos meio perto do Recife de Corais de Minerva (entre Tonga e Fiji) hoje de manhã, passei por alguns veleiros, então me mantive alerta no convés. Afora isso, andei vasculhando cartas náuticas e previsões do tempo outra vez, conversando com algumas pessoas no telefone via satélite e realizando tarefas de manutenção.

Terça-feira, 3 de novembro de 2009

Dia lento, comunicação e site

Hoje o dia foi mais calmo – na verdade, um pouco calmo demais. Não tivemos vento na maior parte do tempo. O pouco progresso que fizemos foi pelo próprio movimento das ondas! Mas agora há uma boa brisa outra vez, então lá vamos nós de novo. Ficar balançando sem ir a lugar nenhum começou a ficar um pouco frustrante, mas me ocupei com alguns temas de casa, e finalmente usei a linha de pesca. Não tive sorte suficiente para pegar alguma coisa, mas sempre dá para tentar de novo amanhã. Também não tive muita sorte com os temas. Após completar a primeira tarefa de inglês, enviei-o e descobri que abri a sacola errada e fiz os deveres do ano que vem. Opa!

Enviei um *e-mail* para minha mãe com o assunto “Viu só? Eu disse!!! Deveres de casa!” com o arquivo das tarefas de inglês anexo. Eu havia feito aquilo sobretudo para provar o que havia dito, pois quando eu mencionava que levaria os deveres comigo todo mundo zombava e dizia que eu não faria nada. Eu estava me sentindo muito bem por causa daquilo, até receber a resposta de minha mãe...

Oi Jess.

Odeio ter que dizer isso, mas... essas tarefas são para o ano que vem.

Mas, por favor, continue, pois provavelmente você não vai querer fazê-las no ano que vem!

Vou achar as coisas desse ano e mandar para você.

Com muito amor, mãe.

(Desculpa) Pobre Jess!

Típico de mim! Eu achando que estava fazendo tudo nos conformes e descubro que sequer estava no ano certo! Se tivesse seguido a ordem padrão, estaria cursando o primeiro ano do ensino médio, mas com as preparações em tempo integral que antecederam minha partida, acabei deixando a escola em segundo plano e fiquei bem atrasada – passei de ano raspando antes de sair. Eu havia levado deveres de casa comigo não apenas porque esperava fazer um pouco deles e não me atrasar muito, mas também porque achava que poderia haver momentos de maior tranquilidade em que eu gostaria de manter a cabeça ocupada. Terminei quase um ano inteiro de inglês durante a viagem, o que não é muito, mas o suficiente para dizer àqueles que debocharam que fiz um pouco!

Para me animar um pouco, comi ovos mexidos no almoço, preparados com ovos em pó e nata. Ficou muito gostoso! Precisarei comê-los com mais frequência. Ovos em pó não são exatamente fáceis de encontrar, mas todo o esforço de minha mãe para descobrir onde comprá-los valeu muito a pena. Na noite passada, levei meu saco de dormir para o *cockpit* e consegui dormir um pouco sob a lua cheia. O cenário era lindo: a luz da lua tornava as ondas cintilantes e iluminava as velas. Preciso lembrar sempre de aproveitar ao máximo noites como essa, pois as coisas certamente serão diferentes quando nos dirigirmos para o sul outra vez e entrarmos no Oceano Antártico.

... Um dia desses eu estava com um desejo incrível de comer queijo e não conseguia achar em lugar nenhum. Então, telefonei para minha mãe e perguntei se ela sabia onde poderia estar guardado. Descobri que naquele momento minha mãe estava em Melbourne, almoçando com

Jesse Martin e a mãe dele, Louise. Minha ligação rápida e casual sobre algo tão desimportante como queijo evidenciou as diferenças entre a minha viagem e a de Jesse. Quando ele viajou ao redor do mundo, as ligações via satélite eram tão caras que eles reservavam apenas para grandes emergências, e Jesse certamente não teve luxos como queijo! De qualquer forma, todos deram boas risadas às minhas custas e pareciam estar se divertindo.

Aqui está minha receita para os Ovos Mexidos *Ella's Pink Lady*. Sim, sei que é bem simples, mas era a comida perfeita para eu me sentir bem, e nunca deixei passar do ponto em todas as vezes que a preparei.

Serve 2 (ou uma navegante faminta)

4 ovos (eu usava ovos em pó)

¼ copo de leite ou nata (eu usava nata sempre que possível)

15 gramas de manteiga

- 1. Misturar os ovos e o leite e bater suavemente*
- 2. Derreter a manteiga, adicionar os ovos e cozinhar a fogo baixo.*
- 3. Temperar com salsinha seca.*

Quarta-feira, 4 de novembro de 2009

Descansar, relaxar e ler

Após muitas interrupções do sono nos últimos tempos, hoje de manhã a minha cabeça parecia estar cheia de algodão. Então, passei

quase todo o resto do dia na cama lendo e cochilando, espiando pela escada da gaiuta de entrada só para garantir e dar uma checada nas velas. Toda a reposição de energias de hoje fez com que eu me sentisse muito melhor, então estou cheia de energia outra vez nesta noitinha, tocando música e sentando no convés enquanto assisto a todos os tons de cinza migrando para o rosa ou o laranja.

Não tivemos sol durante todo o dia, de modo que estamos com pouca energia, mas o progresso foi razoável. Tivemos um vento sudeste bem consistente e a *Ella's Pink Lady* navegou bem com todas as velas erguidas.

Algumas pessoas tem comentado no blog que deve ser ótimo ver outros veleiros por perto de vez em quando, mas não posso dizer que concordo com isso. É claro que é bom conversar pelo rádio e descobrir de onde eles vêm e para onde vão. Mas só fico realmente confortável quando a *Ella's Pink Lady* e eu temos o oceano só para nós. Sempre que um pedaço de terra surge nas cartas náuticas, isso é um peso em minha mente, e quase me sinto um pouco claustrofóbica!

A previsão é que o tempo de hoje se repita nos próximos dias. Então deveremos encontrar algumas rajadas de ventos dos trópicos enquanto continuarmos seguindo para o norte. Estou vendo cada vez mais peixes voadores saltando da água, e estou contando as milhas para chegarmos ao equador.

Por hoje é isso, pois minha barriga me informa que chegou a hora de cozinhar algo para o jantar. Estou pensando em tacos (ou talvez deva chamá-los de nachos, pois estão um pouco esmagados!) com carne fechada a vácuo, tomate enlatado e pimentas-da-guiné enlatadas.

Quinta-feira, 5 de novembro de 2009

Umidade, balanço e cupcakes!

Com o mar balançando bastante e água por todos os lados, as coisas por aqui estão ficando bastante salgadas. Sempre que volto do convés trago comigo um monte de água. Além disso, alguns vazamentos passaram despercebidos mesmo com todo nosso esforço para encontrá-los antes de partir. Não são nada perigosos, mas não ajudam muito na guerra contra o sal e a umidade. Assim, tenho usado isolante aqui e ali, e parece que isso resolverá alguns deles (estou cruzando os dedos)!

Passamos perto de outro barco hoje de manhã, mas não consegui vê-lo por causa da chuva.

Icei e baixei algumas velas. O vento arrefeceu, mas voltou mais tarde, e agora estamos avançando a seis nós com 20 nós de vento. Ultrapassamos a marca de 2000 milhas náuticas hoje, e meu palpite é que faltam uns 16 dias para chegarmos à linha do equador. Mas é impossível saber ao certo, pois depende muito do tempo que teremos nas próximas semanas.

Na tarde de hoje, decidi que já era tempo de me divertir um pouco na cozinha e fiz *cupcakes* de chocolate! Foi uma aventura e tanto, pois os ingredientes voaram em todas as direções com o balanço da *Ella's Pink Lady*. Mas cheguei até ao fim da receita, embora boa parte das porções tenham parado em meu rosto! (Será que eu não deveria pensar em seguir carreira de malabarista quando chegar em casa?) Eles já estão prontos e o cheiro está muito bom. Agora vem a parte divertida – pôr o

glacê e decorá-los!

Na sexta-feira, o vento estava um pouco forte, mas foi um dia bem normal até a metade da manhã, quando Parker se recusou a corrigir nosso rumo. Vesti o colete salva-vidas, atei o cinto de segurança e fui até a popa para averiguar qual era o problema. Minha primeira inspeção me deixou um pouco perdida, pois não encontrei nada fora do lugar, mas uma olhada mais cuidadosa revelou que um dos pequenos anéis de fixação (uma espécie de parafuso) que conectava uma das hastes do cata-vento à pá havia soltado. Uma boa vistoria na minha coleção de partes sobressalentes do piloto de vento revelou que anéis de fixação eram uma das coisas que eu não tinha.

Para que pudéssemos continuar em movimento a curto prazo, enrosquei tudo e preendi com um barbante (coberto por um pouco de fita adesiva confiável!) e telefonei para Bruce a fim de dizer o que havia acontecido. Bruce passou um tempo trocando ideias com Phil para encontrar a melhor maneira de consertarmos aquilo de modo mais definitivo. Naquele instante, era apenas um probleminha, mas fiquei preocupada porque confiava no Parker de maneira irrestrita, e sabia bem que a viagem de Mike havia sido interrompida por problemas com o piloto automático, e algo semelhante (um parafuso faltando) impediria David Dicks de realizar seu sonho de dar uma volta ao mundo desassistido. O piloto de vento era uma das únicas coisas insubstituíveis a bordo e sem ele não teríamos combustível suficiente para os pilotos automáticos. Passei algumas horas imaginando o pior, mas tive que deixar aquilo de lado e torcer para que o meu enjambre aguentasse firme. No fim, tudo deu certo. Acabei nunca substituindo aquele barbante e o confiável Parker continuou nos levando em frente ao longo de todo o Oceano Antártico com apenas uma cordinha e, é claro, fita adesiva... a versatilidade desse troço é mágica!

Sábado, 7 de novembro de 2009

Navegando com as monções

Estou amando muito o modo como a *Ella* vem devorando milhas e milhas nos últimos dias. Estamos navegando bem com as monções, com o vento estacionado entre 20 e 25 nós e soprando do sudeste, muito embora o sol não tenha cumprido com seu reluzente trabalho nos últimos tempos.

Também estamos nos deslocando consideravelmente para o norte. A leitura do GPS indica latitudes de dois dígitos. A temperatura está começando a subir um pouco na cabine, mas com tanta água sobre o convés, abrir as escotilhas está fora de questão. Mas tenho certeza de que isso não é nada comparado ao calor que fará por aqui nas próximas semanas!

Estou com um pouco de dor de cabeça e como hoje o mar está totalmente livre e a *Ella's Pink Lady* não está exigindo muito da minha atenção, passei quase todo o dia lendo um livro em uma posição confortável e me mantendo seca. Afora pássaros ocasionais e peixes voadores, não vi muita vida selvagem nos últimos dias e ainda não tive sorte para pegar um peixe. Mas é claro que recém passamos pela Fossa de Tonga, um dos lugares mais profundos da terra. Não sou uma grande pescadora, mas suspeito que esse não seja o melhor lugar para pegar um peixe, né? Vou ter que continuar tentando!

O céu nublado tem proporcionado noites escuras por aqui. O céu e o

mar ficam completamente negros e é impossível dizer onde começa um e acaba o outro. Se a água espirra em meu rosto ou não quando coloco a cabeça pra fora da janela da capota é mera questão de acaso. Mas mesmo quando tenho azar e me deparo com uma onda, não chego a me incomodar: dou uma risada ou faço cara feia, mesmo quando estou com sono. Tudo vai bem e nesse ritmo devemos passar por Samoa nos próximos dias. De lá até o equador, teremos o caminho livre.

Domingo, 8 de novembro de 2009

Postagem de domingo um pouco atrasada!

Por aqui, o domingo foi o mesmo. Acabei de levar um banho de água salgada fria e estou com meus pequenos ventiladores ligados para tentar me livrar da sensação pegajosa de umidade, mas acho que terei que aprender a viver com isso.

Meu saco de dormir foi guardado em segurança num cantinho distante e acho que meu uniforme nos próximos tempos será uma camiseta e um sarongue. Estou navegando pelos trópicos! Agora, o meu café da manhã é de cereais em vez de mingau (ainda com meu “tempero” extra grande de nata, frutas secas e mel).

O vento teve seu ápice de velocidade aos 30 nós na noite passada, de modo que as coisas por aqui continuam balançando bastante, pois viajamos a favor do vento. É um pouco frustrante ver as coisas voando pela cabine ou descobrir que mais alguma coisa ficou úmida e salgada, mas basta dar uma olhada nos registros e ver que as milhas estão

ficando para trás para recuperar o sorriso. Só um pouquinho mais de 1200 milhas náuticas até o equador!

Eu estava conversando com meu irmão Tom, que passou o fim de semana caminhando com alguns amigos, e percebi como adoraria esticar as pernas em uma longa caminhada. Eu não havia percebido como sinto saudades de caminhar ou correr na praia. Os alongamentos e poucos exercícios que faço quase todos os dias não são a mesma coisa. É engraçado que eu nunca tenha pensado em apreciar coisas como dar uma caminhada até o momento em que não pude mais fazer isso. Fico pensando em todos vocês sortudos aí em terra. Espero que estejam aproveitando suas tardes de sábado ao máximo e dando boas e longas caminhadas!

Segunda-feira, 9 de novembro de 2009

Dia movimentado e água

Acabo de voltar para a cabine após dar por encerrada a pesca do dia. Nenhum peixe, mas as iscas estão cobertas de grandes marcas de dentes, então parece que ganhei algumas mordiscadas! Bem, talvez mordiscada não seja a palavra certa. Decidi não pensar muito no que exatamente deixou aquelas grandes marcas de dentes, mas tenho certeza de que não foi nada tão ameaçador quanto a minha imaginação quer me fazer crer.

Parece que teremos outra noite escura por aqui e mais quente do que nunca, mas sou uma garota feliz após um dia movimentado e produtivo.

O mar e o vento finalmente se acalmaram nessa manhã e o sol apareceu. Saí da cama bem cedo, pronta para dar cabo de alguns trabalhos no convés que adiei por causa do balanço forte do mar. Cumpri todas as tarefas de manutenção e dei uma boa checada na *Ella's Pink Lady* em busca de desgastes e arranhões. Então o vento acalmou ainda mais, até o ponto de ficar um pouco desagradável, pois deixamos de avançar. Mas antes que começasse a ficar frustrada demais, uma grande nuvem de chuva apareceu e nos deu um banho de água fresca. Chuva pode não parecer algo muito empolgante, mas me senti no paraíso!

Utilizando a vela mestra e as pequenas canaletas que construímos estrategicamente na capota, consegui coletar água suficiente para encher os tanques de água e alguns dos recipientes vazios e tomar um bom banho de água fresca. Na verdade, coletei tanta água que nem sabia como usá-la, mesmo após ter lavado minhas roupas. Então, decidi me atirar de corpo e alma e esfreguei todas as superfícies planas da cabine. Diverti-me muito com a música alta e a temperatura do ar reduzida temporariamente por causa da chuva. Nunca achei que diria isso algum dia me referindo às tarefas domésticas! Jamais curti limpezas e faxinas... será que estou ficando louca? Elas também são um bom exercício físico.

Enfim, isso nos leva a um dos tópicos que ainda não mencionei: a água.

O que ando fazendo para conseguir água fresca? Acreditem ou não, além da comida, a *Ella's Pink Lady* está carregando praticamente toda a água de que preciso. Sei que é difícil de acreditar, mas vejam bem: só uso água fresca para beber e cozinhar e sou apenas uma pessoa. Além disso, acredito que conseguirei encher os tanques de novo durante pancadas de chuvas antes de deixar os trópicos e seguir para o sul. Para

o caso de emergências, também há um dessalinizador portátil a bordo da *Ella's Pink Lady*, mas, a julgar pela quantidade de água que consegui juntar hoje, não acho que precisarei dele.

Caiu outra pancada de chuva hoje de noite, derramando muita água e tornando minha vida interessante graças ao ruído de alguns trovões, às rajadas fortes de vento e às mudanças aleatórias de direção. A *Ella's Pink Lady* passou por tudo isso sem maiores dificuldades. Comparada a algumas das tempestades tropicais que precisarei enfrentar em breve, essa garoa vai ser lembrada como uma nuvenzinha fofa.

No momento, não há muito vento, apenas suaves 13 nós. Mas graças às condições tranquilas dessa manhã, o mar se estabilizou bastante, permitindo à *Ella's Pink Lady* deslizar no rumo certo sem ser atrapalhada por aquelas coisas úmidas e balouçantes – as ondas! Acabo de checar a velocidade e estamos seguindo a sete nós. Não seria nada mal continuar assim por uns tempos, mas a previsão é de que o vento reduza outra vez logo, logo, então acho que será difícil nos manter em movimento nos próximos dias.

Por hoje é isso. Agora vou lá abrir uma lata de pedaços de tangerina com dose dupla de nata para a sobremesa!

Terça-feira, 10 de novembro de 2009

*Devagarinho, mas certamente
chegando no equador!*

Hoje não estamos seguindo a favor do vento e passei a manhã timoneando e cambando para aproveitar ao máximo os pequenos sopros que tivemos. Estava totalmente protegida do sol com um chapéu de palha meio ridículo, protetor solar (da Ella Baché, é claro!), óculos de sol e calça sarongue, e não havia lugar melhor para estar do que ao leme, sentindo o frescor da brisa leve.

O piloto de vento da Fleming, Parker, faz um ótimo trabalho de ajustar a direção – na maior parte do tempo, muito melhor do que eu. Mas, quando o vento cai para velocidades inferiores a cinco nós, até o pobre e velho Parker se entrega. Hoje à tarde, o vento caiu a ponto de eu precisar abandonar o leme, pois não havia sentido em timonear um barco que não está se mexendo!

Mais uma vez, o céu está coberto de nuvens, com pancadas de chuva varrendo o oceano e se perdendo no horizonte. A calma foi interrompida por chuvas torrenciais – um dia bem típico para a Zona de Convergência Intertropical (“ZCIT”). Para a minha sorte, a ZCIT está bem fraquinha nesse momento, então não deve demorar muito para conseguirmos um pouco mais de vento para nos levar ao equador. Acho que a falta de avanço seria bem frustrante se não fosse por todas as gradações de cinza e azul que ficam tão lindas ao refletir na água.

Apesar do progresso limitado dessa tarde, só restam 950 milhas náuticas até o equador (isto é, até o ponto em que espero atravessá-lo), e mal posso esperar!

Para mim, navegar sozinha pela zona de convergência foi bem legal. Tratava-se de um dos lugares míticos sobre o qual os marinheiros falam e as pessoas escrevem contos e poemas: um lugar onde os marinheiros são testados.

Dentre aqueles que conheço, “The Rime of The Ancient Mariner” [A Rima do Antigo Marinheiro], de Samuel Taylor Coleridge, é provavelmente o poema mais famoso a captar o espírito da região (não passei por nada semelhante por lá... mas mais tarde fiquei bizarramente calma justo nos Quarenta Bramadores. Vislumbrei um pouco da loucura frustrante do marinheiro!)

*No quente céu acobreado
Meio-dia, sol de sangue
Erguendo-se acima do mastro
Como a lua, igual de grande
A cada dia após o outro
Nenhum metro avançado
Parado, qual navio pintado
Em oceano pintado.*

Adoro ouvir histórias das aventuras de outras pessoas e da maneira como enfrentaram locais como a zona de convergência ou o Oceano Antártico. A ZCIT é conhecida pelos marinheiros como “Zona de Morte Tropical”. Ela está situada entre o quinto paralelo ao norte e o quinto paralelo ao sul, embora isso possa variar de acordo com a estação, e é conhecida por sua imprevisibilidade e as mudanças agressivas de clima. Um veleiro pode estar completamente parado e então... Bam! De repente, um vento de 40 nós se forma em questão de minutos. Isso acontece porque os raios de sol são mais fortes por lá e ao aquecerem o oceano fazem com que ar quente e úmido se erga das águas. Esse ar morno é instável e gera sistemas de baixa pressão, tempestades e vendavais. Então, quando há um encontro do vento frio com o vento quente, é comum se deparar com sistemas de clima severo.

Àquela altura da minha jornada, eu já havia percebido que me sentia bem quando estávamos nos movimentando, mas ficava impaciente e mal-humorada quando a *Ella's Pink Lady* e eu viajávamos muito devagar. Se aprendi algo naquela viagem foi ter paciência. Pelo que eu havia lido sobre as zonas de convergências, aquele seria um ótimo lugar para praticá-la. E quando algo já é esperado (fiquei tranquila por saber que muitos outros passaram pela mesma situação no mesmo lugar), lidar com as coisas fica um pouco mais fácil. São as surpresas inesperadas que impõem dificuldades e nos levam ao limite. Sei que digo isso o tempo todo, mas era por causa dessas surpresas que eu estava viajando.

Quinta-feira, 11 de novembro de 2009

Jantar roubado!

Notícias incríveis para transmitir hoje. Puxei a linha de pesca e descobri que finalmente peguei um peixe! Eu adoraria contar a vocês que peixe era, o seu tamanho e que o seu gosto era delicioso, mas alguém (com dentes bem grandes!) comeu ele antes de mim.

Afora alguns pedacinhos de carne que ficaram pendurados na isca, meu belo peixe foi devorado por algo maior. Não me resta outra opção além de continuar tentando!

Não dormi muito na noite passada, pois estava atenta a algumas pancadas de chuva de aparência sórdida, mas elas não deram em muita coisa, e passamos a primeira parte da noite sendo arrastadas um pouquinho para trás, ai! Houve piadas a respeito do retrocesso na

ligação matinal. Mas hoje tivemos um progresso sólido, e consegui recuperar um pouco do sono e curtir as boas condições. O Oceano Antártico certamente não será assim.

Para todos os que estão tentando adivinhar quando cruzarei a linha, a última previsão do tempo de Bob nos deu um TEC (tempo estimado de chegada) no equador que aponta para o dia dezoito, dentro de mais ou menos sete dias!

Sexta-feira, 13 de novembro de 2009

Navegação Tempestuosa

Desculpa, já faz um tempo desde a última atualização.

Disseram-me que o meu blog se tornou o mais acessado da Austrália e o pânico dos holofotes me deixou sem palavras! Não, estou brincando, tá tudo bem. Na verdade, foi uma notícia incrível, e tive dificuldades para entender a dimensão disso estando aqui sozinha. Bom, ao menos fisicamente sozinha. É mesmo incrível poder compartilhar a minha viagem com tantas pessoas maravilhosas. Para mim, é como se estivesse compartilhando minha vida com vocês – uma vida que nem sempre é muito empolgante. Seguir aos trancos e barrancos e desviar do que aparecer em nosso caminho parece completamente normal. Sei que muitos dirão o contrário. Mas pensem a respeito. Seria muito estranho para você descrever para os outros os altos e baixos de sua vida cotidiana? É um pouco surreal. Dito isso, obrigada a vocês por todo o apoio!

E por falar em altos e baixos, a *Ella's Pink Lady* e eu progredimos bastante nos últimos dias. A leitura da latitude agora nos põe em locais de apenas um dígito – uau!

As condições têm sido ótimas (brisa constante do leste ou do sudeste, sol brilhando e um mar muito tranquilo), mas também fui interrompida com frequência por tempestades. Até agora, nada muito sério, mas o suficiente para me manter trabalhando duro e baixando e erguendo as velas, bem como mantendo um olhar vigilante para qualquer nuvem que pareça especialmente mal-intencionada. Na noite passada, uma tempestade com muitos relâmpagos passou perto de nós. Ficar sentada esperando que passasse com toda aquela eletricidade foi um pouco entediante, então fiz biscoitos de chocolate a luz de velas para passar o tempo. Suponho que devesse ficar um pouco assustada com os relâmpagos, mas, depois de ter feito tudo o que podia, não havia muito sentido em ficar preocupada.

É difícil acreditar em como os dias passam voando. Enquanto me ocupo em dormir o suficiente, continuar com a manutenção diária, checar a linha de pesca, comer e contatar o pessoal lá de casa, o tempo simplesmente voa. Sempre fico pensando onde as horas foram parar.

Embora a *Ella's Pink Lady* tenha sido construída e projetada para ser forte, resistente e fácil de manejar com tempo bom, me divirto bastante ao mexer nas coisas e ajustar um pouquinho as velas para ter um pouco de velocidade extra. Mas é claro que quando o tempo piora, o importante é ser cautelosa!

... Seiscentas milhas náuticas até o equador!

Sábado, 14 de novembro de 2009

Peixe, primeiros socorros, "Parker" e pão

Minha determinação para pegar um peixe ganhou novo fôlego ontem, quando telefonei para a minha família e conversamos muito enquanto eles comiam peixe com fritas em uma noite de sexta-feira.

Já pensei em tudo. De entrada, teremos sashimi com shoyu, depois bifes ligeiramente fritos, talvez com um pouco de farinha e suco de limão (não frescos, é claro), e possivelmente algum tipo de peixe com curry. Tudo dependerá do tamanho e do tipo de peixe. Infelizmente, parece que decidir pegar o peixe não é o suficiente. Até agora, nada!

Depois de falar tanto em comida, percebi que algumas pessoas têm comentado no blog que precisarei cuidar do meu peso. Não se preocupem, estou fazendo isso! Na verdade, tenho orgulho de dizer que, após anos de dificuldades, consegui ganhar um pouco de peso nas últimas semanas. Vocês devem estar pensando que é muito estranho uma adolescente de dezesseis anos dizer isso, mas passei anos escutando dos lobos do mar mais calejados que precisava ganhar corpo e ter algumas reservas, pois isso poderia ser útil quando a *Ella's Pink Lady* se dirigisse ao sul para contornar o Cabo Horn.

Hoje não houve tempestades e consegui dar diversos cochilos sem sofrer interrupções. Foi um dia ótimo para navegar e Parker, o piloto de vento, tem feito um trabalho incrível. Além disso, nada exigiu muito minha atenção. A noite passada foi especial, pois havia tantas estrelas que eu podia jurar que o ar parecia mais denso por causa delas. Além disso, nos últimos tempos há um pouco de fosforescência na água,

então a superfície ao redor da *Ella's Pink Lady* ficou salpicada por luzes brilhantes.

Hoje tive meu primeiro machucado leve na viagem. Nada sério, só queimei um pouquinho o dedão no forno. O tratamento consistiu em ficar sentada no *cockpit* com a mão em um copo d'água curtindo o pôr-do-sol e comendo um pouco de nata e, obviamente, a aplicação de um sempre útil *bandaid*! Não é exatamente um motivo para ligar para casa, mas podem ter certeza de que acabarei me arrependendo: assim que essa postagem for para o ar, o telefone começará a tocar e serei submetida a diversos interrogatórios médicos. Isso é que é viver em uma bolha de proteção! Mas falando sério, embora o contratempo de hoje não tenha sido nada grave, a chance de me machucar de verdade por aqui é real.

Graças a minha mãe, à farmacêutica e navegante Suzy Rass Mussen, a Mark White, aos St John Ambulance Cadets, da Dromana Secondary College, e à minha médica Margaret Williams (que navegou sozinha todo o perímetro da Austrália alguns anos atrás), a *Ella's Pink Lady* tem um *kit* de primeiros-socorros capaz de rivalizar com qualquer hospital. Também concluí um curso de medicina marina, conheço o *kit* de trás para frente e, como mencionei, recebi muitos conselhos.

Acabo de assar um pão fresquinho encantador, então vou lá dar uma beliscada nas partes crocantes antes que esfrie. É claro que cobrirei tudo com nata e geleia e depois terei sopa e pão para a janta.

Só uma última coisa: com toda essa conversa no blog sobre a minha maturidade, preciso dizer que dei boas risadas ao olhar para as minhas unhas do pé pintadas de rosa!

Agora, são só mais 500 milhas náuticas até o equador!

Segunda-feira, 16 de novembro de 2009

Progresso inconstante e golfinhos

O ritmo de navegação tem oscilado nos últimos dias. Quando temos um pouco de vento, a *Ella's Pink Lady* passeia com facilidade pelas águas planas. Mas também há ocasiões em que ficamos sem nenhum vento. A tarde de hoje em particular não foi muito empolgante: ficamos só balançando de um lado ao outro sob um forte calor sem irmos a lugar nenhum. Fiz um pouco dos temas hoje de manhã, pensando que se não havia como fazer o veleiro avançar, ao menos eu teria algo para fazer. Mas não posso dizer que fiquei muito tempo concentrada.

Em vez disso, após um período levando banhos de água salgada fria e ajeitando o leme para manter a *Ella's Pink Lady* apontada na direção certa, acabei polindo o pequeno motor Yanmar e esfregando os lugares onde havia água acumulada. Quando o sol se pôs, consegui me deitar um pouco, suada e com calor, mas feliz por não ter desperdiçado o dia. Tenho certeza de que após mais alguns meses no mar, a pobre e velha *Ella's Pink Lady* já não terá a ótima aparência de quando partiu de Sydney, mas ao menos farei o possível para mantê-la com uma boa aparência. É o que sempre me dizem: "Cuide bem do barco e ele cuidará bem de você".

Quando as pessoas falam sobre o necessário para navegar ao redor do mundo, parecem nunca mencionar a paciência, mas estou aprendendo bem depressa que é uma das coisas mais importantes.

Essa tarde foi bem legal: um bando de golfinhos passou algumas horas brincando ao nosso redor e me diverti muito sentada à sombra das velas na proa, com os pés balançando sobre a lateral do barco (sim, eu estava atada ao cinto de segurança!) e assistindo a eles brincando nas águas límpidas. Não sei ao certo de que tipo eram (pequenos e totalmente cinza), mas eles ficaram por ali um século, então não devem ter achado as músicas que escuto muito ruins! Amei o jeito como brincavam, pegando as ondas e saltando por cima delas, e só posso imaginar como deve ser divertido ter um mar vasto como esse.

Finalmente estou chegando às porções renegadas da sacola de comida mais recente, então tenho me alimentado de maneira mais ou menos aleatória nos últimos tempos (a janta de hoje foi carne seca, frutas em latas e massa!). Curiosamente, estou muito ansiosa para abrir a próxima sacola.

Acabo de perceber como já está tarde. Então, teremos que parar por aqui.

P.S. Agradecimentos a meu pai e a Bruce por terem sido tão pacientes comigo no telefone nos últimos dias e por entenderem que às vezes uma garota simplesmente não está a fim de conversar.

P.P.S. Mesmo com um progresso tão lento, agora só faltam 370 milhas náuticas para cruzarmos o equador!

Terça-feira, 17 de novembro de 2009

Trinta dias no mar e companhia

Hoje à noite, tenho companhia por aqui. Deixem que eu apresente o Bobalhão. Ele é um pequeno pássaro marrom que pousou no refletor do satélite Sailor 250, na popa da *Ella's Pink Lady*. O Bobalhão ganhou esse apelido devido ao seu perigoso fascínio pelo gerador eólico e suas impressionantes tentativas de posar na lamina inclinada do piloto de vento. Embora o gerador não esteja girando muito rápido nesse momento, observá-lo voando tão perto dele sucessivas vezes foi um pouco angustiante! De qualquer forma, ele já está sentado ali há mais de três horas e parece estar bem confortável empoleirado no refletor.

Além do Bobalhão, vi muitos pássaros por aqui hoje, a maioria deles mergulhões e atobás-pardos (ao menos acho que são!), o que é um pouco surpreendente, pois a ilha mais próxima está a cerca de 200 milhas náuticas de distância. Afora uma pequena chuva na parte da manhã, as condições de navegação hoje beiram a perfeição.

É difícil de acreditar, mas amanhã completaremos trinta dias no mar, exatamente um mês desde nossa partida de Sydney em 18 de outubro. Um a menos, mais sete pela frente! Parece que foi ontem que partimos de Sydney e é uma loucura pensar que não tive contato direto com outra pessoa nos últimos trinta dias. Para ser honesta, não me sinto diferente por isso. É como alguém perguntar se você se sente diferente após uma festa de aniversário. Mas continuo sendo a mesma de sempre! Abri uma nova sacola de comida hoje, então voltei aos meus pratos favoritos. Estou planejando fazer uma massa para o jantar. Será que o Bobalhão gosta de massa?

Acho que não chegaremos no equador amanhã conforme eu esperava, mas só restam 240 milhas náuticas, então não devemos demorar muito. Manterei vocês atualizados conforme o momento se

aproximar. Estou ficando bem empolgada!

Após cruzar a linha, navegarei mais 200 milhas náuticas para o norte e contornarei a Ilha Kiritimati, meu ponto de virada no hemisfério norte, e então voltarei para o sul cruzando a linha outra vez e seguindo para o Cabo Horn.

É isso que a *Ella's Pink Lady* e eu temos a dizer por hoje.

Em seu livro, *First Lady*, Kay Cottee escreveu sobre “como até mesmo a mais sana das pessoas pode ficar meio biruta após longos períodos sozinha” e como, durante uma de suas regatas individuais transtasmanianas ela ficou completamente exausta após quase 48 horas sem dormir e então decidiu tirar um cochilo. Quando se deitou na cama, cinco pessoas sentadas à sua frente disseram que tomariam conta do barco enquanto ela dormisse. Ela pediu que ficassem à vontade, e quando acordou duas horas mais tarde todas haviam desaparecido, mas tudo estava bem. Nunca passei por algo assim, mas tive algumas conversas longas com minha tripulação de bichinhos de pelúcia e meu fiel amigo Parker.

Parker e eu desenvolvemos uma relação muito estranha. Sabe aquele filme *Náufrago*, com Tom Hanks? Bom, não estou dizendo que Parker e eu éramos tão próximos quanto o personagem de Tom Hanks e Wilson (nem que eu era tão louca quanto o personagem de Tom Hanks), mas já dá para ter uma ideia.

Eu conversava com ele o tempo todo, pedindo que cuidasse o curso do barco. Eu gritava “para cima” ou “abaixa, abaixa” se ele ajustava na direção errada. Devo admitir que estava mais para um monólogo do que para uma conversa, já que ele não era de falar muito. Mas sem dúvida sabia ouvir muito bem e eu compartilhava com ele os meus sonhos para o futuro e até coisas mais importantes, como o que planejava fazer para o jantar.

Quando ficava nervosa por algum motivo, como um vendaval se armando ou um mar particularmente revolto, eu conversava com a *Ella's Pink Lady*. Eu trocava uma ideia com ela quando as previsões de Bob indicavam condições ruins, encorajando-a e ressaltando como ela era maravilhosa em um tom de voz muito positivo. A verdade é que aquelas conversas eram melhores para mim do que para ela!

Durante as tempestades, eu gritava o tempo todo para Parker e a *Ella's Pink Lady*, pedindo que aguentassem firme enquanto caíamos ou subíamos por uma onda especialmente difícil. Quando eu escrevia no blog usando a terceira pessoa, era porque havia incluído meus “amigos” na aventura.

Quinta-feira, 18 de novembro de 2009

*Estrela cadente e só mais um
dia para cruzar a linha!*

Não sou exatamente uma astrônoma, mas com todo esse papo sobre chuva de meteoros na noite passada, dediquei atenção especial e vi uma estrela cadente inacreditável. [Aparentemente, todos os anos, por volta de novembro, a Terra passa por um rastro de poeira cósmica deixado pelo cometa Tempel-Tuttle. A mídia estava divulgando que o avistamento desse ano seria particularmente espetacular.] Era tão grande e brilhante que fiquei até um pouco espantada antes de entender do que se tratava. Mas não posso dizer a vocês qual foi o meu desejo!

Bem, o Bobalhão nos deixou essa manhã, mas foi bom ter companhia

e alguém com quem falar por uns tempos. Ele tinha opiniões interessantíssimas sobre temas como moda e garotos! E não se interessou nem um pouquinho pela comida que ofereci a ele, nem pareceu se preocupar com o flash da câmera fotográfica.

O dia de hoje não foi muito empolgante por aqui, afora as tarefas de praxe – acompanhamento da rota, skeds no rádio HF, etc. Na verdade, dormi a maior parte do dia. Nos últimos tempos, tenho adquirido hábitos noturnos, porque é muito mais fácil fazer as coisas depois que o sol se põe e a temperatura fica mais fresca. Foi bom tirar alguns cochilos a mais enquanto ainda tenho o mar livre e condições favoráveis.

O jantar de hoje foi uma omelete deliciosa com ovos em pó, manteiga enlatada, pedaços de bacon e um pouco de salsinha seca. Também participei (via telefone!) da minha primeira festa de travessia do equador hoje à noite. Alguns dos meus tios e primos, meus avós e todos os seus amigos se reuniram em Cromwell, na Ilha Sul da Nova Zelândia, para comemorar a nossa travessia – mas chegaram um pouco cedo demais!

O vento foi bom e constante durante o dia inteiro, então progredimos bastante e estamos a apenas 50 milhas náuticas do equador! Qualquer coisa pode acontecer, mas parece que faremos a travessia dentro de dez horas, uma manhã de quinta-feira na Austrália. Então, amanhã será um grande dia.

Quinta-feira, 19 de novembro de 2009

Um grande dia

Hoje eu cruzei a linha! Comemorei com um chocolate ligeiramente derretido e o tradicional banho de água salgada imprescindível a qualquer um que faz a travessia pela primeira vez. Precisei usar um balde para garantir o banho, mas não posso dizer que foi ruim!

Atravessar o equador foi um dos marcos principais de minha viagem. Eu estava muito ansiosa para chegar lá. Em termos gerais, o equador é uma linha imaginária que dá a volta na terra a uma latitude de zero grau, equidistante dos polos Sul e Norte. Tem 21.600 milhas náuticas de comprimento e divide a Terra nos hemisférios sul e norte.

Os navegantes têm a tradição de comemorar a primeira travessia de todas as pessoas a bordo, e eu estava bem disposta a seguir a tradição para destacar bastante aquele momento. Disseram-me que em outras épocas a iniciação não era das mais agradáveis e em alguns navios o ritual podia ser bem cruel, sendo visto como um teste das habilidades do navegante para aguentar condições hostis. Não sei exatamente o que se fazia naqueles tempos, mas sei que os navios de cruzeiro metamorfosearam a tradição em algo bem mais divertido, e qualquer coisa que inclua chocolate está ótimo para mim.

Sexta-feira, 20 de novembro de 2009

Hemisfério norte

Não consigo ver nenhuma diferença. A água ainda é azul, as ondas ainda passam e o vento ainda está soprando, mas, aparentemente, agora

a água que respinga no convés e fica para trás da *Ella's Pink Lady* é água do hemisfério norte! Não poderíamos ter um dia melhor para atravessar a linha do equador: mar calmo, vento de 15 nós e sol a pino. Cruzamos a linha às 20h17 UTC, a uma velocidade de 5.5 nós, e comemoramos com o usual brinde a Netuno, o tradicional banho de água salgada, e muitas ligações entusiasmadas. Eu também tinha alguns presentes guardados especialmente para a ocasião. Brindei a Netuno com suco de frutas e muito chocolate. Normalmente, não sou a favor da ideia de atirar um bom chocolate no mar, mas achei que era a minha chance de entrar para a lista de amigos de Netuno. Eu esperava que minha oferenda generosa fosse recompensada com um peixe em minha linha, mas não tive essa sorte!

Achei que o dia em que eu cruzasse a linha seria como todos os outros, de modo que fiquei um pouco surpresa ao me ver um pouco emocionada realizando malabarismos com três câmeras diferentes e fazendo contagem regressiva nas medições de latitude do GPS. O que me deixou tão tocada não foi o ato físico de passar para o hemisfério norte (há um limite de o quão empolgada é possível ficar por causa de uma linha invisível na água!), mas o fato de que isso implicava o fim da primeira etapa. Claro, provavelmente foi uma das etapas mais fáceis (digamos que foi uma adaptação!) se comparada ao que encontrarei no sul, mas a distância que já percorremos é bem impressionante. Chegar tão longe (e sobreviver a tudo o que aconteceu antes da partida!) me deu confiança para saber que, embora sérias dificuldades estejam por vir, será uma diversão derrubar qualquer coisa que apareça em nosso caminho.

Mais uma vez, navegamos muito bem durante a noite. Já entramos

bastante no hemisfério Norte e estamos a caminho da Ilha Kirimati, que possivelmente contornaremos amanhã ao fim do dia. O dia nublado gerou um clima um pouquinho sinistro, mas acho que é mais culpa da minha imaginação do que qualquer outra coisa. O fato é que a *Ella's Pink Lady* teve um progresso constante, então não posso reclamar.

Após toda a comemoração e diversão de ontem, hoje eu retomei alguns trabalhos. Não que os trabalhos de manutenção não sejam divertidos! Tenho certeza de que manter até mesmo os menores problemas em potencial longe de nós traz suas recompensas e fico feliz em estar ocupada.

Finalmente tivemos um pouco de luar nessa noite. Ainda não sei o que farei para o jantar, mas estou pensando em arriscar uma espécie de torta de maçã com frutas cristalizadas para a sobremesa. Um pouco de sorvete por cima também cairia muito bem, mas é melhor nem pensar nisso!

Obrigada a todos pelos cumprimentos em meu blog. Parece que muita gente também se divertiu bastante comemorando em minha homenagem! Mas ainda acho que o crédito deve ir para a *Ella's Pink Lady* e a incrível equipe que a fez chegar na linha de partida. Só estou de carona no passeio.

Domingo, 22 de novembro de 2009

Contornando a Ilha Kiritimati

Vento na proa e uma corrente na direção contrária dificultaram muito

nosso avanço nos últimos dias. Recém estamos nos aproximando da Ilha Kiritimati. Se tudo sair conforme planejado, devemos deixá-la para trás até o fim da manhã. Será um alívio ter um pouco de espaço no mar e avançar no sentido sul outra vez.

As Ilhas Kiritimati parecem bem interessantes, então acrescentei-as à lista de lugares onde parar na próxima vez! Aparentemente, é o maior atol do mundo, e devido a algumas curvas aleatórias da linha da data, também é o país mais a leste do mundo. Pelo que li, é um lugar de cartão postal, com praias de areias brancas e lagoas de corais... mas não se preocupem. Não estou tentada a fazer uma parada. Na verdade, terei sorte se conseguir ver o brilho distante das luzes ao passar perto dela hoje à noite. Ah, e dizem que é um bom lugar para pescar!

Ontem, passamos por um barco (na verdade, por três!) pela primeira vez em mais de uma semana. Eram barcos grandes de pesca, mas aparentemente a tripulação não sabia falar inglês. Também levei um susto ontem: eu estava sentada na sala de navegação e ouvi um barulho terrível de algo sendo arrastado contra o casco. Fui para a rua e vi uma boia imensa que havia se prendido ao piloto de vento, mas por sorte ela se soltou antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, e não houve nenhum dano.

Avistei algumas outras boias durante o dia, mas não sei ao certo o que elas indicam e o que estão fazendo aqui no meio do nada.

Ultimamente, tivemos muitas noites claras e estreladas e tenho visto elas muito bem porque, embora as temperaturas tenham caído um pouco nos últimos tempos, ainda é muito mais fácil fazer as coisas depois que o sol se põe. Fiquei um pouco enciumada ao ouvir que todos lá em casa estavam indo para o cinema na noite passada, então organizei

minha própria noite de filmes e assisti um DVD no meu Toughbook, acompanhada de algumas pipocas! Ainda tenho muito caminho para navegar pelos trópicos, mas ando pensando cada vez mais no Cabo Horn.

Terei que parar por aqui, porque chegou a hora de cruzar outra vez. Fiquem na torcida, pois essa deve ser a última vez antes de terminarmos de contornar a ilha!

Um dia antes de partir de Sydney, eu havia pedido que Tom comprasse alguns DVDs com seu amigo Andrew (não Andrew Fraser) para eu levar na viagem. Dei instruções claras para que pegassem coisas de meninas, mas claro que eles não conseguiram se conter, e acabei com pilhas de episódios do *Top Gear* e um DVD ensinando a pescar em cima dos DVDs de *Diário de Bridget Jones* e algumas outras coisas de meninas. Era visível que Tom tinha a esperança de que eu voltasse para casa sabendo tudo sobre carros se ele mandasse diversos vídeos de *Top Gear*. Infelizmente, as coisas não foram bem assim. Assisti a todos os episódios, mas sempre acelerava a velocidade de reprodução nas partes chatas em que falavam sobre os carros. Desculpa, Tom!

Eu também tinha comigo a caixa de DVDs da série de TV *Bones* e curti assistir a um episódio de vez em quando. Mas depois de acordar algumas vezes de sonhos vívidos e horripilantes, aprendi que não devia vê-los antes de dormir. Certa vez, sonhei que toda a equipe de investigação de *Bones* estava na *Ella's Pink Lady* comigo. Ainda mais bizarro foi o fato de que não conversei com Booth e Bones sobre casos complicados de assassinato. Em vez disso, tivemos sérias discussões sobre as condições do tempo.

Era sempre estranho acordar com os estampidos e batidas do barco após um sonho realista e perceber que eu estava sozinha. Durante meu tempo no

mar, sonhei que pessoas de todo o tipo estavam comigo a bordo. Nem sempre eram estrelas da TV norte-americana. Em algumas ocasiões, eram amigos ou familiares que apareciam, e quando estava com saudades eu revisitava aqueles sonhos em minha mente, o que me ajudava a sentir-me mais perto das pessoas que amo. Eu gostava daqueles sonhos.

Eu odiava os pesadelos que tinha quando as condições do mar eram adversas ou nas partes mais difíceis da viagem, quando estava realmente cansada. Na metade das vezes, eu não lembrava direito o que sonhara, mas acordava com a mente confusa. Era horrível, pois naqueles momentos eu me lembrava de quando havia sido acordada com um baque durante o acidente em que a *Ella's Pink Lady* arranhara a lateral no casco do *Silver Yang*. Por alguns segundos, eu não sabia onde estava. Experimentava um sentimento de impotência, como a sensação de ser arrastada por uma corrente. Queria lutar contra aquilo, nadar no sentido contrário, mas não conseguia. Odeio esse sentimento de fraqueza. De certa forma, era esse o motivo da minha viagem. Eu queria assumir o controle de minha vida em vez de simplesmente ser levada por ela.

Segunda-feira, 23 de novembro de 2009

Finalmente um peixe!

Sim, estou mais do que contente e muito aliviada por informar que finalmente peguei um peixe! [Veja na seção de fotos.] A situação já estava ficando um pouco ridícula. Acho que é uma albacora-cachorra. Não é muito grande, mas tenho certeza de que será suficiente para

todos! Não posso dizer que muitos pescadores se orgulhariam da sujeira que fiz para limpá-la. Estou feliz por não haver mais ninguém para testemunhar a confusão toda, mas a prática leva à perfeição, né?

(Não cheguei a fazer isso, mas antes de voltar para casa fiquei tentada a deletar os vídeos que me mostram abrindo o peixe... fico envergonhada quando as pessoas veem a sujeira que fiz.)

No fim das contas, a cruzada da noite passada não foi a última. O vento e a corrente não facilitaram nossa vida e foi uma noite sem descanso em que precisamos cruzar repetidamente e progredimos um palmo por vez com grande lentidão. Sempre que eu pensava que finalmente deixaríamos a ilha para trás, o vento virava um pouco e tínhamos que cruzar outra vez. Era um pouco frustrante, mas sempre é difícil não me alegrar com as estrelas brilhando e a música ligada.

Passei boa parte do dia no convés, curtindo a sombra das velas e tentando (sem muito sucesso!) dar uma polida no aço inoxidável. Tenho percebido um bom desgaste nas linhas do piloto de vento (nada preocupante, há muitas de reserva), por isso passei um tempo procurando uma maneira de reduzi-lo. É um bom lembrete de que Parker trabalha o tempo todo. Sempre há algo para me manter ocupada, seja retirar os cristais de sal dos painéis solares, responder um *e-mail* ou correr atrás das tarefas domésticas (tarefas barqueiras?!).

Há muitos pássaros por perto outra vez e curto muito escutá-los gritando uns para os outros enquanto sobrevoam a *Ella's Pink Lady*. Isso me fez pensar em todos os outros barulhos em terra que não escuto há tanto tempo, o que me deixou com um pouco de saudades de casa. Mas sei que assim que voltar para terra sentirei falta do barulho constante da

água contra o casco e de todos os rangidos e chiados que a *Ella's Pink Lady* produz ao navegar.

Quando chequei os *e-mails* hoje de manhã, encontrei um de tom sério da minha mãe, que estava seriamente preocupada. Ela me disse para tomar cuidado com todos os “garotos” – acho que devem ter me visto revirando os olhos aqui!

Adoraria escrever mais, mas é hora de me divertir um pouco na cozinha com o tão esperado peixe com fritas!

Atravessar o equador foi o meu primeiro grande marco e me despedir daquela grande porção do Pacífico foi incrível. Encontrei condições quase perfeitas para navegar e as coisas foram melhores do que jamais esperei. Eu estava amando a viagem, havia me acostumado a uma rotina confortável e não tive problemas técnicos de maior relevância. Pensando agora em minhas médias durante a jornada, nossa velocidade pelo Pacífico foi uma das melhores. Acho isso bem interessante, porque eu esperava que aquele fosse o trecho mais lento devido às aparições aleatórias de ventos contrários e à célebre ZCIT. Há algumas coisas que explicam por que me saí tão bem. Quando comecei, eu tinha muito para provar a mim mesma e estava determinada a me livrar logo de cara de quaisquer dúvidas que ainda tivesse, então me esforcei mais naquela primeira etapa. O clima também foi um fator crucial. Gastar tempo ajustando as velas no convés sob um sol quente não é exatamente desagradável, e mais para o sul eu passaria mais tempo engaiolada na cabine tentando me manter aquecida em vez de fazer pequenos ajustes que teria feito se ainda estivesse nos trópicos. Eu amava o sul e suas ondas incríveis, os albatrozes e o céu acinzentado. Mas, vamos combinar: se precisasse escolher, não recusaria uma sequência de dias de sol e de noites dormidas sob as estrelas!

É claro que não passei o tempo todo navegando de maneira bucólica com ajuda das monções naquela primeira etapa. Dormir o suficiente e tentar desenvolver bons hábitos de sono foi mais difícil naquele primeiro mês. Eu ainda estava me acostumando a isso, e como o Pacífico é cheio de ilhas, corais, veleiros e barcos de pesca, eu ficava em estado constante de alerta e não me permitia dormir muito porque precisava ser cuidadosa. Minha maior preocupação eram os outros veleiros porque, ao contrário dos grandes navios, pequenos barcos de cruzeiro (ou ao menos a maioria deles) não têm AIS e são quase invisíveis aos radares. É claro que bater em um pequeno veleiro causa muito menos danos do que colidir com um petroleiro (e acreditem, sei muito bem disso!), mas de qualquer forma isso me atormentava e eu não estava disposta a correr nenhum risco. Estava ansiosa para navegar mais para o sul e, embora fossem surgir novos desafios, eu esperava ter o oceano só para mim.



Etapa Dois

**SUL RUMO AO CHILE
E CABO HORN**

Terça-feira, 24 de novembro de 2009

Sul outra vez

Atravessamos o equador outra vez essa tarde, voltando ao hemisfério Sul. É bom estar de volta em casa! Dei um olá rápido para Netuno e agradeci a ele pelo peixe. Mas continuo sem nenhum sinal da grande linha vermelha, estou começando a suspeitar que essa água toda acabou apagando-a!

O dia foi tranquilo, sem maiores emoções, dando prosseguimento à rotina de altos e baixos. Fiz alguns deveres de casa, li e cochilei. Na maior parte do tempo, progredimos bastante e tivemos algumas pancadas leves de chuva. As pancadas não ofereceram mais do que ventos de 20 nós, mas foram suficientes para deixar o ambiente úmido demais para que a escotilha ficasse aberta, tornando meu mundo quente e pegajoso. Já mencionei que estou ansiosa por um clima mais frio?

Muito mar aberto pela frente nos próximos dias. Será bom voltar a dormir sem interrupções e estou louca para deixar mais algumas milhas para trás. A última previsão de Bob indica ventos no sentido sudeste, então poderemos avançar bastante para o sul, mas, por enquanto, nada de irmos para o leste.

Quarta-feira, 25 de novembro de 2009

Máquina de lavar roupa

O dia de hoje não foi dos mais incríveis por aqui, com céu nublado e chuva, e o mar estava uma bagunça – acho que deve ser assim a sensação de estar dentro de uma máquina de lavar roupa! Bob previu que as ondas ficariam um pouco incômodas com a colisão da corrente que segue para o leste com o vento que vem do sudeste e, acreditem, ele tinha razão! Devo admitir que meu humor refletiu o céu acinzentado em alguns momentos dessa tarde, então precisei ter uma boa conversa comigo mesma. Pouco depois, voltei a me sentir cem por cento positiva. Não há por que gastar um único minuto do meu tempo aqui me sentindo mal! Realmente não tenho do que reclamar: embora o sol não esteja brilhando, fizemos um ótimo (e um tanto balançante!) progresso em direção ao sul! Ah, e mesmo quando as coisas estão um pouco tristes, não consigo pensar em nada que preferiria estar fazendo. Tenho certeza de que não há muitas pessoas que podem dizer isso. Sou uma garota de sorte!

Ainda temos um longo caminho pela frente, mas comecei a contar as milhas que faltam para o Cabo Horn (5450 milhas náuticas restantes!), o que me ajuda a manter o foco. Mal posso esperar para ver um albatroz outra vez e ver como são as tais ondas imensas do Oceano Antártico.

Parece que já começaram a pendurar os enfeites de Natal em terra, mais uma data para esperar!

Deveremos navegar com muito mais velocidade nos próximos dias em mares bastante vazios, exceto quando passarmos perto da ilha Starbuck. Se eu não estivesse fazendo uma viagem desassistida, daria

uma paradinha para um café!

Hora de ir atrás da janta outra vez. Estou pensando em algo na linha de espaguete à bolonhesa e talvez eu dê uma boa fuçada no armário de doces para ver se encontro alguma coisa.

Eu não estava escondendo nada dos leitores do blog, mas relutava em dar detalhes dos meus dias tristes. Fazia isso mais para a minha proteção do que qualquer outro motivo, mas também porque não queria que meus pais se preocupassem. Dependia de mim sair dos momentos difíceis e escrever a respeito não ajudava. Eu precisava me distrair ou me ocupar com outra coisa.

Não houve muitos momentos difíceis, mas as coisas nem sempre eram fáceis do ponto de vista emocional. No início, tentei esconder qualquer sinal disso da minha família, mas percebi que isso fazia parte do processo de autoconhecimento. Uma das grandes motivações para navegar sozinha ao redor do mundo era ver se eu era capaz, descobrindo minha força e o quanto eu podia lidar com os momentos difíceis. Tive alguns momentos péssimos naquela semana e me senti sozinha, com dor de cabeça e letárgica, mas tentei manter as coisas em perspectiva. Eu estaria muito pior em casa. Era estranho, porque na maior parte do tempo eu estava bem e adorava ficar sozinha, e então, bum! Do nada, só o que eu queria era alguém para me abraçar e cuidar de mim. A certa altura daquela semana, havia coisas que eu definitivamente precisava fazer e precisei me obrigar a seguir em frente quando tudo o que queria fazer era deitar na cama e dormir por vários dias. Eu estava apavorada para falar com meus pais e Bruce no estado de espírito em que me encontrava, mas consegui romper aquele estado de pânico. Realmente, eram as coisas pequenas que ajudavam, como organizar a cabine, conversar com os amigos, ler, escrever e comer bem – algo que nem

sempre fazia! Acho que não mencionei no blog que comi pipoca de café da manhã algumas vezes. Eu tendia a escrever sobre comida só quando estava fazendo tudo certo.

Eu tinha conversas ocasionais com Mike Perham, Tom, Hannah, Emily e outros amigos e familiares. Era ótimo conversar com Mike, pois ele estava em casa havia três meses e estava se readaptando à vida em terra. Era bom compartilhar os altos e baixos com alguém que entendia exatamente o que eu dizia. Eu também recebia notícias do progresso de Abby Sunderland. Abby estava planejando navegar sozinha, desassistida e sem paradas ao redor do mundo e havia escolhido um veleiro Open 40 para a sua tentativa. Mike havia navegado em um Open 50 e teve problemas. Eu estava muito contente com a decisão de utilizar um S&S 34 e já sabia que a *Ella's Pink Lady* era um pequeno veleiro muito durão e a escolha perfeita para mim.

Sexta-feira, 27 de novembro de 2009

Voando baixo e mangas

Com a proa empinada, velas içadas e atirando água em todas as direções, a *Ella's Pink Lady* passou o dia "voando baixo". Pelo visto, não sou só eu que quero ir logo para o sul! O vento virou para o leste mais uma vez, de modo que conseguimos amansá-lo para tornar o avanço mais confortável e nos dirigirmos diretamente para o sul.

Enquanto dava uma organizada na cozinha hoje, fiquei emocionada ao me deparar com um esconderijo de mangas em lata! Ouvi muito que lá em casa as mangas andam deliciosas e encontrar meu próprio estoque a

bordo deu uma sensação de noite de Natal! Claro, não é o mesmo que frutas frescas, mas não são ruins. Tenho a impressão de que não conseguirei racioná-las! Ah, e acho que posso dizer que mangas em lata são tão complicadas de comer quanto as frutas frescas... ou talvez o problema seja comigo.

Não tenho muito para contar hoje, então pensei em explicar um pouco melhor o plano para a próxima etapa, que nos levará até o cabo. A distância (5450 milhas náuticas) até o Cabo Horn que forneci ontem seria a distância em linha reta, mas estranhamente percorreremos uma rota um pouco mais rápida. Sei que soa muito estranho, mas tem algo a ver com um fenômeno chamado "círculo máximo" e a curvatura da terra. Provavelmente, não sou a melhor pessoa para explicá-lo, mas vou dar um exemplo: se eu fosse traçar um trajeto que levasse direto para a América do Sul levando em conta a curvatura da terra, o caminho mais rápido para chegar lá seria navegar em arco para o sul. Nossa rota de círculo máximo, ou a maneira mais rápida de chegar ao Cabo, é navegar para o sul e então arquear de leve para o leste (5130 milhas náuticas). Assim, se conseguirmos manter uma velocidade média de cinco nós, o TEC para o Cabo Horn deve ser a primeira semana de janeiro. Mas como ter certeza? Há uma boa chance de pegarmos um pouco mais de velocidade no sul e chegar lá um pouco mais cedo.

Seria muito conveniente, mas é preciso levar em conta todas as ilhas e recifes de corais chatos que estão no meu caminho! Para deixar tudo ainda mais divertido, o vento não nos deixa ir exatamente para onde queremos.

Vou terminar pedindo desculpas pela minha explicação, talvez eu tenha confundido muito vocês! Por hoje é isso: o Parker está saindo um

pouco do curso porque o vento está perdendo velocidade, então é melhor eu nos colocar de volta na direção certa. Depois terei que encarar uma decisão difícil: abrir ou não outra lata de manga?

P.S. Muito obrigada por todos os desejos de Feliz Ação de Graças, Estados Unidos!

Domingo, 28 de novembro de 2009

Mais um dia

Tivemos mais um dia típico por aqui. Continuamos avançando de maneira satisfatória. Alguma dica para evitar os pardais? Mantive-me ocupada devido a algumas pancadas de chuva que me obrigaram a colocar e retirar os rizados da vela, e passei boa parte do tempo de folga dormindo após ter passado a última noite em claro por causa de um barco que passou perto de nós e algumas pancadas de chuva.

Não sei a melhor maneira de dizer isso, mas diversas pessoas tem pensado a respeito e perguntado, então vamos lá: sim, sou eu mesma que escrevo o blog (e meu livro)! Para mim seria inviável ter alguém escrevendo em meu lugar. Já pensou como seria deixar sua mãe ou qualquer outra pessoa descrever seus sentimentos para o mundo em seu lugar? Ai! Bem, talvez seja coisa de adolescente! Mas devo confessar que minhas atualizações precisam passar por um corretor ortográfico antes de serem publicadas. Minha ortografia é, digamos assim, um pouco chamativa!

Já que estou fazendo todas essas confissões, tenho mais uma para vocês. Peço desculpas a todos, mas não escrevo no blog só para sanar

sua curiosidade, mas porque amo escrever! Ah, e sim, abri aquela lata de manga ontem e diversas outras na sequência. Tenho justificado minha fome devastadora por mangas com o argumento de que devo comer todas enquanto ainda estiver nos trópicos, pois se trata de uma fruta tropical. Há muitas outras delícias estocadas para as etapas mais gélidas.

Hoje à noite, o pessoal lá de casa vai se divertir no desfile de luzes de Natal. Estou com um pouco de inveja, mas estar na *Elle's Pink Lady* ainda é minha primeira opção. Então, para não ficar para trás, acho que farei outra noite de filmes com muita pipoca e chocolate. De qualquer maneira, as estrelas por aqui tirariam o primeiro lugar em qualquer competição de luzes fácil, fácil!

Não, comer tanta manga não me deixou mal. Afora eventuais dores de cabeça e um ou outro dia mais triste, eu me sentia ótima. Acho que as dores de cabeça se deviam em parte ao calor e em parte aos meus padrões irregulares de sono. Ou seja: o motivo era o horário da *Pink Lady*. Se eu não precisasse fazer skeds, a minha rotina seria um samba do crioulo doido. A obrigação de fazer as ligações programadas em momentos específicos e telefonar para casa significam prazos a cumprir. E eu sabia o que aconteceria se perdesse um deles! Todos ficariam preocupados com a minha segurança, mas, como disse antes, às vezes eu só queria ficar totalmente sozinha. Isso soa estranho... eu estava sozinha. Mas às vezes ter que dizer o que estava comendo, como estava dormindo e se tinha checado um ou outro equipamento me dava nos nervos. É claro que meus pais sempre queriam saber como eu estava, mas eu só queria falar sobre o que estava acontecendo por lá e o que Tom, Emily, Hannah e meus amigos andavam fazendo. Não era comum, mas de vez em quando eu me incomodava com aquilo tudo e ficava rabugenta, dando respostas curtas durante nossas conversas.

Segunda-feira, 30 de novembro de 2009

Vento ganhando força outra vez

Hoje amanhecemos com uma chuva que me fez começar o dia ensopada enquanto rizava a vela e tentava filmar o processo. Eu achava que já estaria bem acordada após a primeira onda, mas aparentemente não. Só de pensar que algumas pessoas começam seu dia tranquilas tomando café!

Como de costume, a tempestade ladrou, mas não mordeu. Parecia bem grandiosa quando se aproximou na forma de uma grande nuvem escura, mas não gerou mais do que 30 nós de vento e um pouco de chuva. Mesmo assim, surpreendeu-me a velocidade com que as ondas encrespavam. Desde então, tivemos tempo nublado e garoa, mas ao menos o vento estacionou em 18 nós ao longo da tarde. A *Ella's Pink Lady* está navegando contra o vento forte outra vez, mas a vida segue normal. Passo meu tempo lendo, fazendo deveres de casa ou, minha opção favorita, ficando atrás da capota levando vento e espuma na cara enquanto observo o nosso caminho. Acho que nunca ficarei entediada com isso!

Retirei da estante as cartas da Polinésia Francesa e estudei com afinco a nossa rota para o futuro breve. Tenho pensado sobre alguns dos trabalhos que precisam ser feitos antes de chegarmos ao sul. Andei um pouco preguiçosa para cozinhar nos últimos tempos, limitando-me quase sempre a esquentar alguma refeição da Easyfood ou lanchando bolachas

água e sal. Provavelmente eu não devesse contar isso (vou arruinar minha reputação), mas tenho comido até macarrão instantâneo quando estou sem saco para cozinhar.

Terça-feira, 1º de dezembro de 2009

Tempo mais fresco, lixo e nova sacola de comida

Continuamos progredindo bastante em direção ao sul, mas a grande notícia do dia é que consegui desligar um dos meus pequenos ventiladores Hella da cabine pela primeira vez em semanas! Provavelmente, dois ventiladores pequenos não parecem importantes para virar notícia, mas eles foram um item fundamental de sobrevivência, funcionando sem parar e fazendo um ótimo trabalho de me manter refrescada. Talvez seja cedo demais para começar a nutrir esperanças, mas parece que finalmente o tempo começou a ficar mais fresco nas últimas semanas. Tenham certeza de que reclamarei do frio em um piscar de olhos!

Ainda há muita umidade e pancadas de chuva que deixam as ondas encrespadas e zombam de minhas tentativas de dormir por intervalos consideráveis. Tenho tirado sonecas a tarde inteira para tentar compensar o sono atrasado. Nesse instante, a *Ella's Pink Lady* está percorrendo uma boa distância em direção ao sul. Amanhã de manhã, teremos que cruzar em algum momento para avançarmos um pouco em direção ao leste, na esperança de pegar um vento leste mais forte. Passamos mais uma vez pela linha da data hoje, chegando à zona de

horário GMT-12. Não que isso signifique muito para mim, pois continuo seguindo o horário de Queensland!

Uma das tarefas de hoje foi minha tentativa semanal de empacotar e compactar meu lixo para alojá-lo na popa. É claro que todo o material degradável é arremessado na água e tudo o que sobra (basicamente embalagens plásticas) é lavado quando necessário e cuidadosamente empacotado até o meu retorno.

Não havia nada na última sacola de comida além de uma lata de feijões assados e um pacote de bananas crocantes (o jantar não foi dos mais convidativos!). O dia de hoje marcou o início de uma nova sacola. Há diversas novas guloseimas e até um presente da minha avó!

Para mim, a privação de sono é um dos aspectos mais difíceis de uma navegação solitária. Aprender a ter uns minutos de sono sempre que possível e sobreviver com o sono interrompido é essencial para garantir a segurança. Admiro muito o que as mães enfrentam com seus bebês e o que a minha própria mãe enfrentou para criar quatro crianças. Estudos recentes apontam que... adolescentes adoram dormir! Fomos criticados pela Polícia Marítima de Queensland após a colisão com o *Silver Yang* por não termos um “plano de gerenciamento de fadiga”. Havíamos dedicado muito tempo e reflexão para encontrar uma maneira de administrar o sono irregular que faz parte de uma viagem solitária. Contudo, como não tínhamos nada no papel para comprovar nossas afirmações e mostrar que estávamos preparados, os policiais me consideraram despreparada. Eles sugeriram que colocássemos todas as informações em um único documento. Minha tia Vivienne (irmã de minha mãe) veio da Nova Zelândia para ficar conosco na etapa final de nossa preparação e se ofereceu para anotar o plano de gerenciamento de fadiga para mim. Tenho muito orgulho daquele

documento detalhado, lindamente pesquisado e de excelente visual que levei comigo a bordo. Sou a primeira navegante solitária de que tenho notícias que tinha uma prova física da existência do plano no veleiro!

Quinta-feira, 2 de dezembro de 2009

Rapidinho

Só uma atualização rápida. Tivemos outro dia nublado com pancadas de chuva e hoje à noite o mar está balançando muito com o vento de 30 nós e se erguendo à nossa frente quando descemos pelos vales das ondas. O vento tem mudado o tempo todo e cada vez que encosto a cabeça no travesseiro para dormir um pouco alguma coisa acontece, obrigando-me a voltar ao convés. É uma pena que o Parker não possa ajustar a posição das velas e navegar! Mas não tenho do que reclamar e ainda estamos progredindo bem em direção ao sul. As nuvens finalmente cederam um pouco e a luz da lua que incide sobre o mar revolto deixa-o parecido com uma folha de papel-alumínio amassada, mas muito mais brilhante e, é claro, movimentado!

Domingo, 5 de dezembro de 2009

Não fica muito melhor do que isso!

Tivemos aquele mar revolto e as pancadas de chuva nos últimos dias, mas as nuvens e garoas se recolheram de vez hoje, deixando a *Ella's Pink Lady* navegar com condições perfeitas e ventos de monções. Monções é o nome dado à casta de ventos sudeste nessa parte do mundo, mas o que os livros não contam é como o brilho do sol fica lindo, como é bom ter uma brisa constante e como a água fica incrivelmente azul, salpicada de branco pela espuma na crista das ondas. Talvez eu só esteja de bom humor, vendo o mundo através de óculos de alegria, mas acho que a vida não fica muito melhor do que isso!

Era engraçado como comentários como esse sobre ver tudo através de “óculos de alegria” eram escolhidos e citados por diversas pessoas que acompanhavam o blog. Para mim, era incrível que outras pessoas lessem o que eu escrevia, e ainda mais incrível que aplicassem minhas estratégias de pensamento positivo às suas vidas. Por mais bobo que possa parecer, acredito muito em ver o mundo através de “óculos de alegria”. Uma coisa que aprendi no mar é que há pouquíssimas situações que não possamos reverter com uma simples mudança de perspectiva, tornando-as mais positivas e menos ameaçadoras. É claro que eu tinha meus momentos de choramingos e lamentos quando ficava triste ou assustada. Mas no fim eu percebia que dependia só de mim mudar o meu humor (não havia mais ninguém lá para fazer isso por mim) e eu conseguia levar meus pensamentos para outra direção.

O lado negativo é que as monções que sopram do sudeste são um problema, pois é exatamente para o sudeste que pretendo ir! Conseguimos avançar bastante para o sul, mas praticamente não avançamos para o leste. Ainda assim, não há por que se preocupar, pois

mais para o sul o vento vai ceder e deverá soprar um pouco de cada direção (na área conhecida como variável, ou subtropical) antes de virar para oeste quando estivermos chegando nos Roaring Forties. A última previsão de Bob mostra que temos mais ou menos uma semana nesse percurso com condições similares até que possamos pegar uma via mais direta para o Cabo Horn.

A essa altura, já deixamos a Polinésia Francesa bem para trás. Com o vento que encontramos, conseguimos evitar a maioria das ilhas e recifes de coral. Afora algumas ilhazinhas pelas quais deveremos passar amanhã, só há mar aberto entre nós e o Cabo Horn... 4380 milhas náuticas de mar aberto!

Ah, e tem uma coisa que, tenho certeza, todos andam pensando em silêncio: não, ainda não enjoei do rosa! A cor um pouco “diferentona” da *Ella's Pink Lady* ainda me faz sorrir e se mostrou ótima para os trópicos, mantendo a cabine fresca e dando uma folga para os meus olhos, tão acostumados ao cinza e ao azul, que é só o que vejo aqui! Mesmo assim, ainda tenho muito tempo pela frente, então mantereí vocês atualizados sobre minha relação com o rosa conforme os meses passarem!

Bem, vou sair para aquecer minha refeição favorita da Easyfood, estrogonofe, e jantar cedo. Após o sucesso dos meus bolinhos ontem à noite, pode ser que eu tente fazê-los de novo, talvez com um pouco de queijo.

Domingo, 6 de dezembro de 2009

Domingo silencioso

O dia de hoje foi agradável e sem muitos acontecimentos. Pode parecer estranho, já que estou tão longe de casa e da terra firme, mas aqui está um clima bem dominical! A *Ella's Pink Lady* ainda segue veloz para o sul e o tempo definitivamente está esfriando. Até precisei vestir um suéter para sair no vento hoje à noite. Ainda não está exatamente frio: a temperatura do ar é de 28 graus (registrei um recorde de 38 na cabine próximo à Ilha Kiritimati), mas o que me surpreendeu foi a mudança na temperatura da água durante o dia de hoje. Ela caiu de 26 mais cedo para 24,5. Comparado aos 30 graus que tivemos por tanto tempo, o banho dessa tarde pareceu bem frio – *brrr!*

Com o mar ainda mais calmo, tenho feito as coisas típicas de um domingo: dei uma dormidinha a mais e não saí muito da cama. Passei a maior parte do dia vidrada em um livro, bem o que eu precisava. Foi muito bom desligar totalmente por um dia, e me senti com as baterias recarregadas, pronta para uma nova semana.

Quarta-feira, 9 de dezembro de 2009

Pronta para um pouco de vento!

Tive alguns dias movimentados porque concluí diversas tarefas e chequei tudo duas vezes antes de nos dirigirmos muito para o sul. Continuamos avançando sob ótimas condições climáticas. Talvez o trabalho mais importante de todos tenha sido a instalação de uma tira de segurança para a tripulação – meus bichinhos de pelúcia!

A cabine passou por uma reorganização total para garantir que tudo esteja em um local seguro. As velas para ventos leves foram colocadas na parte de baixo da pilha para serem substituídas pelas velas de tempestade e deixei todas as minhas roupas de frio e o equipamento para clima úmido em locais de pronto acesso.

A perspectiva de organizar a proa vinha me causando calafrios, porque essa parte do barco se tornou uma espécie de depósito onde enfiou as coisas, mais ou menos como faço com o espaço debaixo da cama quando estou em casa! Mas acabou sendo divertido, pois descobri um monte de coisas que eu já não sabia onde estavam, incluindo todos os meus presentes de Natal! Não se preocupem, consegui me conter e guardá-los para o Natal.

A escolha do momento para fazer isso foi acertada, porque aparentemente teremos um clima bem pesado amanhã. Embora o vento não ande nada severo nos últimos dias, as nuvens começaram a aparecer e espera-se que o vento comece a ganhar força a partir de amanhã. É provável que o mar esteja revolto. Podem me chamar de louca, mas ouvir que a *Ella's Pink Lady* e eu finalmente vamos enfrentar mares difíceis foi um grande alívio. Eu não aguentava mais a angústia da espera!

Estou um pouquinho nervosa, mas contente por saber que fiz tudo o que podia. Bem, por hoje é isso, preciso comer bem e tentar dormir um pouco enquanto as coisas estão bem.

Sexta-feira, 11 de dezembro de 2009

Muffins de banana e ver o mundo

seguir seu curso

Nos últimos dias, tivemos céu escuro e um pouco sinistro e o mar ficou mais revoltoso. O vento ganhou um pouco de força e era esperada uma velocidade de 40 nós. Eu estava pronta para a ação, mas parece que perdemos a oportunidade, porque passamos tranquilamente pela zona onde dois sistemas climáticos coexistem. Fazer o que, sempre há uma próxima vez. Acho que não faltarão ventos fortes mais ao sul. Vamos encarar isso como uma prática!

Nos últimos tempos, meu passatempo preferido é ficar na cabine em frente à escada, protegida do vento pela capota enquanto assisto ao mundo seguindo seu curso. Pode-se dizer que me entretenho com coisas pequenas, mas ainda acho fascinante ver as ondas passando pela *Ella's Pink Lady*, com uma ou outra eventualmente quebrando sobre nós.

O tempo não tem sido nada de especial, marcado pelo céu nublado e chuvas ocasionais que comprometem nossa visibilidade. Ainda assim, esses dias são tão espetaculares à sua maneira quanto aqueles sem nenhuma nuvem.

Já ando ansiosa para entrar em meu confortável saco de dormir. Mas sair dele tornou-se um desafio. Hoje até peguei alguns cobertores térmicos, o que é um exagero, visto que a temperatura ainda está em 20 graus. Mas o tempo frio ainda é uma novidade.

Como sempre, estou de bom humor, mas hoje de manhã não pude evitar o pensamento de como seria bom tirar uns dias de folga para baixar a guarda por um tempo e pensar em outra coisa além de navegar.

Só um desejo vazio. Afinal de contas, isso tudo faz parte do desafio.

Descobri uma coisa hoje de manhã que provavelmente se tornará uma de minhas comidas favoritas: creme de ovos quente para comer no café! E por falar em comida, tentei fazer bolinhos de banana hoje à tarde em um esforço para me livrar de algumas das bananas crocantes que minha mãe embalou (apostando na possibilidade remota de que eu começasse a gostar delas!). Todos aqui presentes declararam que ficaram perfeitos! Eles deviam estar muito bons, pois estou comendo o último nesse instante.

O mais importante em uma viagem sem paradas é que não há a possibilidade de tirar um tempo de folga e jamais pode-se deixar de prestar atenção no clima e no barco. Por mais que eu tivesse escolhido fazer aquilo, era muito cansativo. Embora na maior parte do tempo eu achasse tudo o máximo, teria dado qualquer coisa para tirar uma “folguinha”, relaxar, rir bastante com meus amigos e ignorar a última medição da pressão atmosférica no barômetro. Quando estava no mar, eu jamais podia desligar completamente, era muito difícil me concentrar em um livro para escapar da dura realidade, porque eu precisava parar a cada poucos minutos e colocar a cabeça para fora da escotilha e ver se tudo estava em ordem. Sabe quando dizem: “é uma maratona, não uma corrida de cem metros rasos”? Bom, isso se aplica perfeitamente a uma navegação solitária!

Domingo, 13 de dezembro de 2009

Sortuda, não solitária!

Pela primeira vez em muitas semanas, vi algo fabricado por seres humanos que não é a *Ella's Pink Lady*. Rufem os tambores! Era um pequeno pedaço de plástico que passou flutuando na manhã de hoje durante uma breve calmaria. Não foi nada demais, mas isso me fez pensar que estou absolutamente no meio do nada. A cada milha, nos dirigimos mais para um trecho vazio de oceano. Ainda é estranha a ideia de que devo estar a centenas de milhas da pessoa mais próxima. Na verdade, faz quase dois meses que não vejo ninguém. É claro que vi outros barcos, mas nenhum chegou perto o suficiente para que eu pudesse enxergar a tripulação.

Talvez seja ainda mais estranho dizer que não me senti solitária aqui nenhuma vez. É claro que tenho saudades de casa e de todo mundo a cada momento desde que parti de Sydney, mas jamais me sinto solitária. Solitária é a palavra para uma noite de sexta-feira em que não temos aonde ir e ficamos sentados em casa com pena de nós mesmos. A diferença é que escolhi estar aqui. Por algum motivo doido, optei por estar em um barquinho no meio do oceano. Talvez o dicionário explique melhor do que eu (sim, estou mesmo citando um dicionário!): "Solitário: o sentimento deprimido de estar sozinho". Posso estar tão fisicamente sozinha quanto possível, mas não estou nada deprimida. Como posso me sentir solitária com pessoas no mundo todo pensando em mim, falando sobre mim (estou sempre com a orelha vermelha!), e em alguns casos debatendo fervorosamente até agora se eu deveria ou não estar aqui? Sem falar na minha família e em meus amigos que esperam por meu retorno. Solitária não é a palavra. Na verdade, me sinto a menina mais sortuda do mundo!

Outra novidade do dia foi o céu azul. Estávamos sem nenhum sol havia quatro dias e eu não tinha percebido a falta que ele me fez. Como vivo na Sunshine Coast, que muitas vezes tem períodos intermináveis de clima perfeito, estou acostumada a amar a chuva e os dias nublados que quebram a monotonia, mas por aqui nada me arranca um sorriso tão rápido quanto um pouco de sol. Até vi algumas estrelas hoje à noite. É muito privilégio, né?

Apesar daquele período quase sem vento na manhã de hoje em que a *Ella's Pink Lady* ficou sacudindo desconfortavelmente ao sabor das ondas, conseguimos percorrer uma boa distância na direção leste. Vamos encarar um dia por vez!

Segunda-feira, 14 de dezembro de 2009

Pôr-do-sol incrível

Em termos gerais, tivemos um dia normal e sem muito vento, mas o suficiente para nos manter em movimento sobre o mar calmo a uma velocidade de cinco nós. Mas o pôr-do-sol de hoje esteve longe de ser normal. Foi incrível! No começo achei que seria bom, mas então as cores começaram a melhorar cada vez mais conforme o sol desaparecia.

Bem, hoje teremos apenas essa atualização rápida, pois minha barriga está me avisando de que já passou da hora de comer alguma coisa!

Assistir a um incrível nascer do sol ou pôr-do-sol me deixava animada, especialmente depois de alguns dias sombrios. As diferentes cores que se

movem pelo céu enquanto o sol se põe, os tons de azul, rosa, anil escuro e roxo às vezes eram de tirar o fôlego. Mas sempre que eu via o céu vermelho à noite, não conseguia deixar de recitar um antigo ditado de marinheiros:

Céu vermelho ao sol poente, marinheiro contente
Céu vermelho quando desperta, marinheiro alerta

Mesmo se a previsão de Bob dissesse exatamente o contrário, eu tinha a ideia de que a cor do céu podia dizer o que estava por vir. Vai saber de onde veio esse ditado! Pesquisei um pouco na internet e fiquei fascinada ao descobrir que remonta aos tempos bíblicos. Não havia pessoas como Bob para fornecer previsões climáticas, então os marinheiros (ou pastores, em outras versões da rima) aprenderam a perceber as mudanças ao seu redor, como a cor do céu ou a direção do vento, e memorizar o clima que vinha em seguida. Eu gostava de imaginar os marinheiros de antigamente, como Joshua Slocum, olhando para o céu da mesma forma que eu enquanto viajavam sozinhos pelo mundo. Eu podia contatar minha casa sem esforços, coisa que eles não podiam. Mas acho que a sensação de ser uma pequena parte de algo muito maior quando há vento forte, mar revolto e nada ao nosso redor além de um oceano sem fim que se encontra com um céu igualmente interminável não mudou muito ao longo dos séculos. Slocum disse em *Sailing Alone Around the World*: “mais de uma vez, me vi navegando por um mar solitário e cercado de uma solidão suprema”. Algumas pessoas acham a ideia de passar um longo tempo sozinhas horripilante, mas isso nunca me assustou, embora às vezes tenha desejado com todas as minhas forças a companhia de alguém, um abraço e um pouco de companhia. Mas na maior parte do tempo, a solidão descrita por Slocum é uma das coisas que me atraem na navegação. Eu já disse isso antes, mas

quando estou navegando o mundo desacelera e, se eu permitir, só o que interessa é o momento presente. Tudo fica muito fácil.

Quinta-feira, 17 de dezembro de 2009

*Subindo o mastro e entrando nos
Roaring Forties*

O dia de ontem foi calmo, então decidi que era o momento de tentar subir no mastro. Recolhi a vela mestra e o piloto automático principal entrou em cena, assim como meu ridículo capacete. E lá fui eu. A *Ella's Pink Lady* não tem um mastro tão grande e o mar estava muito calmo, mas dava para sentir cada onda lá de cima!

Foi bom dar uma olhada nas redondezas lá de cima após estar no mar por tanto tempo e antes de chegarmos às regiões de mais ondas. Estou contente por informar que tudo aparenta estar em perfeitas condições. A vista era ótima e foi muito legal ver a *Ella's Pink Lady* navegando de um novo ângulo. Sou suspeita para dizer, mas que barquinho fofo! A viagem de descida foi a parte mais interessante, porque não consegui ter muita suavidade. Ai!

O tipo de coisa que acontece comigo: enquanto estava balançando no topo do mastro, o vento, que estivera calmo a manhã inteira, veio para cima de nós com força (e mudou de direção, passando a soprar na rota contrária à que fazíamos). Por sorte, eu estava com meu comando remoto (um aparelho que controla o piloto automático e apresenta dados

como o sentido em que estamos indo, a força do vento, etc.) e consegui nos redirecionar para uma trajetória melhor. Não foi exatamente uma situação de risco, pois era apenas uma brisa leve. Na pior das hipóteses, eu teria uma descida ainda mais desconfortável, mas foi prazeroso balançar no topo do mastro da *Ella's Pink Lady* com ela navegando como se fosse um carrinho de controle remoto. Incrível!

Só percebi na manhã de ontem que não passei incólume pela minha aventura no topo do mastro. Estou com dores musculares e um ou outro arranhão. Mas está tudo bem.

Eu tinha doze anos na primeira vez em que subi no mastro de um veleiro e estava muito assustada. Foi no mesmo dia de outro importante acontecimento inédito: a primeira vez que naveguei em mar aberto. Aprendi uma lição muito valiosa naquele dia: jamais solte a adriça (a corda usada para erguer ou baixar uma vela pelo mastro). A pessoa que largar a ponta da adriça quando ela está presa a uma vela (nesse caso, eu) tem que subir no mastro para prendê-la!

Naquela primeira vez, escalar o mastro foi bem fácil, pois sentei em um arnês em forma de cadeira e fui içada até o topo. Como era pequena e geralmente a integrante mais leve da tripulação, eu era sempre a escolhida quando havia a necessidade de subir no mastro.

É claro que quando navegamos sozinhos não há ninguém para nos içar, o que complica um pouco as coisas. Muitas pessoas têm degraus nos mastros e simplesmente atam seus ganchos em diferentes pontos ao descer. Eu não queria pôr degraus na *Ella's Pink Lady* porque as adriças e a vela podem ficar presas neles, causando problemas – algo que eu queria evitar. Em vez disso, usei um equipamento de escalada com arnês para subir e depois escorregar de volta. Quando comecei a navegar com Bruce, ele me mostrou o sistema e

eu pude praticar muito no imenso mastro do *Big Wave Rider* enquanto estávamos atracados no porto. Depois que peguei o jeito, comecei a praticar no mar. Aprendi que o ideal é me prender à estrutura de uma vela na parte posterior do mastro sempre que possível para evitar chacoalhar demais com o movimento do barco. Isso prova que somos capazes de coisas inimagináveis se não deixarmos que nossos medos tomem conta (como quase aconteceu naquela primeira vez).

Avançamos bastante nos últimos dias com um vento estável de 14 nós. A *Ella's Pink Lady* adora navegar sob condições como essa, e ontem nossa velocidade quase não baixou de seis nós. Também amo navegar assim, porque o movimento e a inclinação do barco são muito agradáveis.

É um perigo se movimentar pela cabine sem apoiar os braços e as pernas por todos os cantos (encarnando uma aranha!), o que muitas vezes é necessário para impedir que eu seja arremessada em várias direções.

Outra coisa: ontem entramos nos Roaring Forties. O vento não começou a rugir de repente nem nada do tipo, mas tenho certeza de que chegaremos nisso mais tarde. Hoje foi um dia bem regular. Não regular em um sentido ruim, pois todo dia é ótimo: é só que não houve nada de novo fora do comum.

Hoje separei minhas músicas de Natal (sem dúvida, minhas favoritas são *Snoopy at Christmas* e *Christmas with the Wiggles*) e passei o dia todo cantando bem alto e muito, muito mal!

Quarenta Bramadores é outro daqueles nomes náuticos que instantaneamente trazem à minha mente imagens de ondas imensas e

ventos inclementes. Esse é o nome dado à área entre 40 e 50 graus ao sul. É uma área sobre a qual li o tempo todo e mal podia acreditar que estava passando por aquela experiência. Eu estava um pouco nervosa em relação àquele trecho da viagem, pois sabia das tempestades que podiam se formar na região. Por mais que dissesse a mim mesma para não imaginar o que aconteceria e viver cada momento, lidando com os problemas conforme surgissem, não conseguia deixar de pensar nas palavras de Francis Chichester: “Nem cavalos selvagens conseguiriam me arrastar outra vez para o Cabo Horn e aqueles sinistros oceanos do sul em um pequeno barco. Aqueles mares profundos de águas inclementes e ventos uivantes parecem saídos de um pesadelo. Senti-me desamparado com aquelas ondas quebrando em cima de mim”.

Eu não me sentia nem um pouco desamparada, mas sim um pouco nervosa. Eu estava aprendendo que a minha imaginação era o pior de tudo e se eu conseguisse me apegar ao momento, ficaria bem... Ou ao menos tão bem quanto se pode estar em meio a ondas de 12 metros!

Sexta-feira, 18 de dezembro de 2009

Breve atualização

Hoje tivemos um dia nublado e ventos fracos, mas conseguimos fazer um progresso razoável com uma genoa grande para ventos leves. Aquela era uma vela que eu não esperava usar nessa latitude! O tempo esfriou outra vez e a temperatura caiu para 17 graus. Nos próximos dias, acho que chegaremos a 12.

Passei a tarde resolvendo um problema elétrico. O monitor de baterias (um medidor que indica a situação das baterias e todas as entradas e saídas de energia) parou de funcionar. Achei que tinha “ido pro saco” de vez e, paciência, seguiríamos em frente sem ele, mas graças às instruções realmente úteis e detalhadas de Neil, nosso astuto eletricitista, e uma tarde de trabalho duro, fico muito contente em anunciar que levei a melhor! Como o processo envolvia muitos detalhes minuciosos, eu não estava muito confiante de que aquilo voltaria a funcionar. Vocês precisavam ver minha emoção após substituir o último fusível e ver o aparelho em atividade outra vez!

Por hoje é isso, já passa de meia-noite no horário local e estou precisando pregar os olhos.

Boa noite!

Segunda-feira, 21 de dezembro de 2009

Cinza e nevoeiro

Acabo de entrar – eu estava lá fora sentada no vento com uma caneca de chocolate quente, assistindo à luz desvanecendo. Não houve pôr-do-sol, pois há muitas nuvens e a visibilidade está ruim, mas a chuva leve acompanhada de névoa e as grandes ondas cinza são tão encantadoras quanto qualquer pôr-do-sol.

Tenho visto muitas aves por aqui e adoro observá-las voando sobre as ondas e ao redor da *Ella's Pink Lady*. Estou um tanto aborrecida por não ter trazido comigo um livro de pássaros, mas acho que são na maioria

grandes mergulhões, e hoje de manhã avistei o primeiro albatroz da viagem.

Foi um dia bem parado e não fiz nada além de limpar a cabine. Também pendurei mais algumas decorações de Natal. Temos mantido uma boa velocidade, mas os movimentos andam mais bruscos. Navegar contra o vento não é o ponto forte da *Ella's Pink Lady*. Precisarei me acostumar a isso, contudo, pois uma boa porcentagem da viagem a partir daqui deverá ser contra o vento – navegação rápida contra o vento!

Meus cálculos indicam que faltam uns vinte dias para o Cabo Horn e só mais quatro noites até o Natal!

Quinta-feira, 22 de dezembro de 2009

Neblina

Não fomos a lugar nenhum hoje, pois havia muito pouco vento. A manhã foi marcada por nevoeiros e céu nublado outra vez, mas a tarde foi bem especial: fomos envoltas em neblina bem fechada. Era como se houvesse um grande cobertor cinza de umidade estendido sobre o mundo e, um pouco antes de escurecer, a neblina ficou tão cerrada que eu mal conseguia ver 50 metros à minha frente. Foi um cenário espetacular, mas com o silêncio quase absoluto ficou meio sinistro.

Tenho trabalhado duro para não deixar minha imaginação vagar por conta própria, mas é muito surreal a sensação de estar sentada e quase estática enquanto ondas imensas passam por baixo de nós e a névoa branca rodopia ao nosso lado. Agora que já escureceu, as luzes de

navegação da *Ella's Pink Lady* no topo do mastro estão iluminando grandes feixes de neblina vermelha e verde. Parece cena de cinema!

Acho que tenho o exato oposto do Natal de sol, calor e loucura das compras de último minuto que todos estão vivenciando lá em casa. Aqui em meu pequeno mundinho, as coisas não poderiam ser mais diferentes!

Devo admitir que senti um pouco de saudades de casa em diversos momentos do dia, mas me recuso a deixar que isso me impeça de apreciar cada instante que vivo aqui. Andei planejando cuidadosamente minha ceia de Natal e os ventos suaves me obrigam a passar quase todo o tempo na ponta dos pés ajustando a direção do Parker. Não é uma tarefa das mais difíceis: normalmente, consigo corrigir Parker sem nem sair da cabine. Basta colocar uma mão para fora e ajeitar a linha do piloto de vento no timão, mas os ajustes constantes ficam um pouco tediosos quando estou tentando ganhar tempo.

Restam menos de 2300 milhas náuticas até o Cabo Horn, então, apesar de todo o progresso lento, estamos chegando lá aos poucos. Se a neblina continuar, terei um famoso Natal branco, ainda que não por causa da neve!

Houve um momento em que me assustei um pouco com a cerração. Eu havia desligado a música para poder escutar a *Ella's Pink lady* e vivenciar a neblina espessa que nos envolvia. Era como um cobertor pesado cobrindo tudo ao nosso redor e era muito lindo à sua maneira bizarra. Mas depois de alguns instantes comecei a ter um mal pressentimento e foi angustiante não poder ver o que havia ao nosso redor. Eu sabia que não havia mais ninguém comigo, mas isso não me impediu de surtar um pouco e imaginar que havia alguém ou algo muito perto. Era um sentimento bobo, e me liberei dele, mas

não posso dizer que fiquei triste quando o nevoeiro começou a dissipar e voltei a ver as ondas ao meu redor. Havia ondas típicas do Oceano Antártico no mar e bolsões de névoa se acumulavam em meio às ondas de três metros, parecendo nuvens em meio às montanhas – o que, por algum estranho motivo, fez com que eu me sentisse muito melhor.

Estar tão longe da minha família com o Natal tão próximo foi difícil. Eu estava exatamente onde escolhera estar, mas fiquei um pouco emotiva. Eu andava tão centrada em mim mesma e em minhas oscilações de humor que esqueci de fazer algumas ligações para minha mãe e fazia um tempo que não nos falávamos direito. Quando finalmente tivemos uma conversa, ficamos as duas emocionadas. Sei que se espera que eu seja uma adolescente egoísta, mas percebi que meus pais me deram um grande presente ao confiar em mim e em minhas habilidades. Assim, saber que as coisas estavam difíceis para ela me entristecia. Comecei a sentir ainda mais saudades e tive muita vontade de abraçá-la. Em seguida, bati um papo com Hannah, o que piorou ainda mais as coisas. Hannah é muito engraçada e eu estava com saudades dela. Quando soube que Tom havia arranjado seu primeiro trabalho, fiquei muito orgulhosa e comecei a chorar por não estar lá para dizer isso pessoalmente. (Sorte que eles não podiam ver minhas lágrimas, porque teriam ficado assustados!) A combinação de Natal e neblina estava destinada a me deixar meio chorosa, então pendurei uma porção de enfeites de Natal para espantar os sentimentos ruins.

Quinta-feira, 24 de dezembro de 2009

Natal no meio do nada!

Ainda há muito cinza e nevoeiro por aqui, mas conseguimos fazer um bom processo com o vento de 15 nós vindo do oeste. A temperatura tanto do ar quanto da água caiu mais alguns graus e hoje de manhã passamos por Ponto Nemo, conhecido por ser o ponto do oceano mais distante de qualquer pedaço de terra. Pode-se dizer que vou passar o Natal no meio do nada!

Com condições climáticas boas e uma previsão razoável para os próximos dias, subi o nível das decorações de Natal na cabine com enfeites cintilantes e bolas de Natal que balançam com o movimento da *Ella's Pink Lady*.

Bem, por hoje é isso, pois já está ficando tarde e é melhor eu ir para a cama antes que o Papai Noel me pegue acordada. Espero que ele consiga me encontrar aqui!

Até amanhã!

O Ponto Nemo também é conhecido como Polo de Inacessibilidade do Pacífico (que é um nome e tanto... dá para entender por que precisou de um apelido) e é o ponto mais distante de qualquer pedaço de terra. É um dos locais mais remotos do mundo, situado nas coordenadas 48°52.6'S, 123°23.6'W. Disseram-me que o nome é uma homenagem ao Capitão Nemo, do livro de Júlio Verne *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Ainda não li, mas talvez faça isso em breve.

Sexta-feira, 25 de dezembro de 2009

Feliz Natal!

Feliz Natal a todos desde o Oceano Antártico! Já é manhã de Natal e estou prestes a começar a abrir minha pilha de presentes. Meu plano é telefonar para casa em seguida e conversar com todo mundo no telefone via satélite. Depois disso, tenho muita comida para ingerir. Vou começar com a minha favorita da Easyfood, pernil de cordeiro, e vegetais em lata assados, e continuarei com um creme de ovos com nata e muito pudim de Natal e mousse de chocolate – então, estou bem ansiosa! Vou ter um Natal branco por aqui: há muita neblina outra vez, tudo está cinza e enevoadado. Está bem frio, o que chega a causar alguns arrepios, mas estamos nos movendo com tranquilidade, o que é ótimo.

Quero mandar um grande agradecimento a todos pelo apoio. É muito importante para mim saber que todos estão pensando em mim hoje e espero que tenham um Natal maravilhoso!

No dia de Natal, eu já estava me sentindo bem outra vez e embora tivesse atravessado a linha da data e tecnicamente ainda não fosse Natal no lugar onde eu estava, continuei seguindo o tempo de casa para comemarmos juntos. Quando eu disse que iria para a cama para não ser pega pelo Papai Noel, fiz algo que não havia feito desde a saída de Sydney: dormi por cinco horas seguidas! Claro que o vento virou enquanto isso e acabamos navegando na direção errada por mais de uma hora. Acho que perdemos umas seis milhas náuticas (doze, se contarmos as que poderíamos ter percorrido). Fiquei muito surpresa por não ter acordado com a mudança de direção como costumava acontecer.

O meu dia foi ótimo: conversei com a família e os amigos e me diverti

interrogando-os sobre o que exatamente estavam comendo e o que estavam fazendo no dia de Natal. Eu estava com muita preguiça e fiz o mínimo necessário para manter a *Ella's Pink Lady* em movimento, mas após todas aquelas conversas eu me sentia como se tivesse participado de diversas celebrações de Natal. De qualquer forma, todo mundo dá uma relaxada na tarde de Natal, não é? Além disso, estava tão frio lá fora que era muito melhor ficar quentinha na cabine. Apesar das preocupações das pessoas e de minhas próprias dúvidas de como seria passar sozinha um dia que, em situações normais, seria um tempo especial com a família, eu estava alegre. Fico feliz por ninguém ter me visto falando sozinha e rindo enquanto abria os presentes, pois teriam achado que estou louca.

Minha mãe me deu quatro cadernos chiques, dentre outras coisas. Sempre tenho dificuldades para escrever em cadernos bonitos, porque sinto que estou arruinando-os com meus erros de ortografia e minha letra feia. Normalmente, uso cadernos velhos e simples sem muita importância. Mais tarde, quando perguntei à minha mãe como faria para preenchê-los, ela me disse que este era o desafio. Como eu poderia deixar de fazer isso, se estava sempre dizendo que nada é impossível?

Sábado, 26 de dezembro de 2009

Aterrorizantes Cinquentas

O Natal não foi um dia empolgante apenas pelos motivos óbvios (comida e presentes!), mas também porque entramos nos *Aterrorizantes Cinquentas*, e agora restam apenas 2000 milhas náuticas até o Cabo

Horn. Além disso, como muitas pessoas afirmaram, sim, celebrei o Natal um dia antes para a zona temporal em que estou, mas achei que seria muito mais legal celebrar com o pessoal de casa do que um dia mais tarde, totalmente sozinha!

O Natal foi o dia mais nublado do ano até agora e devo admitir que foi também um dia de muita preguiça, em que fiz apenas o mínimo necessário para nos manter em movimento e mais ou menos na direção certa enquanto me abrigava do frio. Passei o dia ocupada fazendo telefonemas, comendo minhas comidas favoritas e abrindo os presentes guardados na *Ella's Pink Lady*. Adorei cada presente, mesmo as coisas mais simples e bobinhas, muito mais do que teria gostado se estivesse em casa. E tenham certeza de que havia coisas muito bobinhas, incluindo um kiwi inflável (sei que chamam os neozelandeses assim, mas era um boneco inflável da ave nacional da Nova Zelândia, e não de uma pessoa!) e uma boneca rosa que aumenta de tamanho na água (conhecida como "veja sua melhor amiga crescer!"). Também havia as meias quentinhas de praxe, livros e outras coisas.

Não pude assistir ao início da regata Sydney-Hobart, mas estou bem contente por ter sido presenteada com algumas horas de sol e com o voo de um albatroz que descreveu círculos no ar sobre a *Ella's Pink Lady*. O albatroz é de fato uma ave incrível. Não importa quanto tempo você olhe para eles, a impressão é de que nunca batem as asas. Voar parece tão fácil para eles que seu estado aparenta ser de total relaxamento, mergulhando nas ondas a milhares de milhas da terra.

Domingo, 27 de dezembro de 2009

Os não tão aterrorizantes Cinquentas!

O dia foi bem calmo hoje, com um pouco de vento e uma garoa. Nem dá para dizer que esse é o Oceano Antártico! Bem, exceto pelas grandes ondas, os albatrozes e, é claro, o frio.

Tenho achado os ventos fracos e o progresso lento um pouco frustrantes, mas não devo reclamar, pois a vida fica muito mais confortável em condições como essa, e o vento frio será bem complicado quando acabarmos chegando ao sul. Graças a Deus por toda roupa de frio da Musto e pela capota para me proteger!

Uma coisa de arrepiar (perdão pelo trocadilho!) aqui no sul é que há poucas horas escuras.

Nos últimos tempos, tenho mantido contato com outro navegante solitário, Dilip Donde, que é da Índia e está em meio à sua própria circum-navegação. Tem sido ótimo falar com ele e comparar a situação climática, já que ele não está próximo a nós (mas um pouco para o oeste) e também se dirige ao Cabo Horn. O barco de Dilip, *Mhadei*, tem 47 pés (um pouco maior que a *Ella's Pink Lady*), então ele vai nos alcançar logo, logo!

Por hoje é isso!

Dilip Donde é um mergulhador militar da marinha indiana com quarenta e dois anos de idade. Ele partiu da Índia em 19 de agosto de 2009 para tentar se tornar o primeiro indiano a navegar ao redor do mundo e estava fazendo isso a bordo do primeiro veleiro de fibra de vidro construído na Índia. Gostei muito de trocar figurinhas com Dilip. Ele é um homem

encantador nos *e-mails* e no telefone, e espero ter a chance de um dia conhecê-lo pessoalmente. Foi incrível saber que ele estava apenas a algumas centenas de milhas náuticas de distância e enfrentando condições semelhantes. É estranho como me senti próxima dele. Era bom conversar com Bruce ou meus pais, mas por mais que eles tentassem entender como era a minha vida, não sabiam de fato. Dilip sabia, e foi incrível compartilhar com ele parte de minha viagem (bem, até onde é possível compartilhar quando se está em barcos tão distantes um do outro).

Eu não sabia se ele pensava da mesma maneira, até que alguém me mandou o seguinte trecho do blog dele:

Meia-noite da noite de Ano-Novo. Bem no instante em que eu estava saindo para ajustar o piloto de vento porque o vento havia mudado, o telefone tocou. Achei um pouco estranho receber uma ligação tão perto da meia-noite e ao atender o telefone tive uma surpresa agradável! Era Jessica telefonando para me desejar feliz Ano-Novo! Muito querido da parte dela! Em meio a todos os votos de Ano-Novo que recebi ao longo dos anos em diversos lugares, acho que lembrarei deste, de uma garota cheia de colhões a 350 milhas náuticas de distância, o ser humano mais próximo de mim, como o mais especial de todos! Com votos como esse, é impossível que 2010 não seja ótimo!

Em 19 de maio de 2010, Dilip entrou novamente no Porto de Mumbai após 276 dias no mar. Ele havia se tornado o circum-navegador solitário de número 175 e alcançou seu sonho de se tornar o primeiro indiano a conseguir essa proeza.

Terça-feira, 29 de dezembro de 2009

Ventos melhores

Estou muito feliz por termos feito um bom progresso para o leste nos últimos dois dias. Finalmente temos ventos constantes entre 15 e 20 nós e a *Ella's Pink Lady* tem avançado agradavelmente. O esperado é que o vento continue ganhando força, então não é possível saber ao certo, mas pode ser que as coisas comecem a ficar com a cara do Oceano Antártico!

A garoa leve se tornou uma constante e a temperatura parece cair um pouquinho mais a cada dia. Ao menos acho que a serração desapareceu. Ainda há muitos pássaros por perto, mas não estou me saindo bem nas tentativas de tirar fotos porque eles não sentam nem fazem poses! Quando me aventuro pelo convés, sinto-me um pouco como um elefante desastrado, de tantas roupas e equipamentos que preciso usar. Há agasalhos térmicos com diversas camadas, botas e roupas impermeáveis, um chapéu, um colete salva-vidas e o que parece ser metade da carga do barco enfiado nos bolsos dos casacos de cima. Sempre levo comigo a minha faca, a PLB (EPIRB pessoal), uma chave inglesa e, na maior parte das vezes, uma seleção de diversas outras ferramentas. É muito mais simples levar diversas chaves inglesas de uma vez, pois se escolho uma do tamanho errado preciso soltar e prender outra vez todas as amarras de segurança e substituir as falcas.

Ainda estou me divertindo como nunca, lendo um monte, ingerindo um fluxo constante de bebidas quentes, curtindo meu tempo na cozinha (ontem o meu pudim de chocolate foi um grande sucesso junto à

tripulação!), e hoje tive algum trabalho quando algumas manilhas do burro (que segura a retranca) e o piloto de vento resolveram parar de funcionar do nada. Mas um pouco de improviso foi o suficiente para deixar tudo em ordem.

Só faltam 1500 milhas até o Cabo Horn e 2009 está chegando ao fim. Não consigo acreditar como esse ano passou rápido. Já estamos quase em 2010!

Quinta-feira, 31 de dezembro de 2009

Primeiro vendaval com um golfinho

ao nosso lado

Desculpa por não ter atualizado o blog ontem. Estava recuperando um pouco o sono. Sem dúvida, os dias têm sido interessantes. O vento começou a ganhar bastante força após a postagem de terça-feira e atingiu um ápice de 44 nós em meio à manhã de ontem: meu primeiro vendaval do Oceano Antártico. A *Ella's Pink Lady* e eu nos saímos muito bem e vi sua capacidade de resistir ao mar ruim. Há boas chances de nos depararmos com situações piores ao longo do caminho, mas afora o avanço rápido (um pouco rápido demais para chamarmos de confortável!), dessa vez tudo transcorreu suavemente. Depois de um tempo, algumas das ondas começaram a nos pegar de lado, o que me deixou um pouco nervosa. Mas estou muito contente com o ótimo trabalho de Parker para nos manter no curso!

O mar estava incrível. Arredondando para baixo, eu chutaria que as ondas tinham em torno de cinco metros, além de serem muito mais incríveis do que eu jamais tinha imaginado! O oceano estava absolutamente espetacular e fascinante, mas acho que se trata de uma daquelas coisas que é preciso vivenciar em primeira mão. Não sou capaz de descrevê-lo e as fotos não fazem jus.

Mas o mais incrível de tudo foi o golfinho que nadou ao lado da *Ellie's Pink Lady* por mais de seis horas enquanto o vento estava no máximo de suas forças, como se estivesse cuidando da gente! Sempre que eu espiava pela escotilha, vislumbrava novamente uma nadadeira ou a cauda, como se ele quisesse me tranquilizar por ainda estar ali. Eu não via um golfinho há semanas, então ter um nos vigiando em meio ao vendaval foi especial e muito reconfortante!

Achei que o vento estava ficando mais fraco e me sentei junto à mesa de navegação, sentindo-me tranquila e orgulhosa por termos enfrentado tudo com tanta serenidade quando, do nada, fomos atingidas por uma onda enorme. Um monte de água se embrenhou pela entrada de ar logo acima de mim (que estava fechada), e fiquei coberta de água congelante. A mesa de navegação não é o lugar ideal onde derrubar um monte de água, mas após alguns gritinhos tudo ficou bem.

O vento retomou a força e se manteve entre 36 e 44 nós enquanto as ondas aumentavam outra vez. Depois de me secar, passei um bom tempo encostada na vigia observando os tons de verde e cinza e os jatos brancos. Por fim, depois do que pareceu dias, o vento se acomodou entre 20 e 25 nós. Eu me sentia exausta. Consegui dormir umas três horas em um intervalo de vinte e quatro, e sabia que precisava cuidar de mim mesma. Fiz uma lista de tarefas.

- Alocar a nova carta náutica e deixar as cartas do Cabo à mão.
- Limpar a cozinha (trabalho interminável).
- Recondicionar e organizar a cabine (depois da entrada de água).
- Checar devidamente o convés atrás de eventuais desgastes.
- Lavar o cabelo e tomar um banho de corpo inteiro.
- Muita comida quente e gostosa!
- Descansar.

O vento e o mar continuam perdendo força hoje e estamos percorrendo uma boa distância com ventos de 15 a 20 nós e ondas de até três metros. Agora estamos no meio da noite, mas quase não está escuro, pois temos um céu cheio de estrelas e uma lua cheia e brilhante pela primeira vez em semanas! É uma novidade tão grande que passei as últimas horas sentada no *cockpit*, enfrentando o frio com mais camadas de agasalho do que julgava possível para aproveitar o visual ao máximo.

Como minha cabeça andou ocupada com outras coisas nos últimos dias, a noite de Ano-Novo se aproximou bem mais rápido do que percebi, então acho que terei que guardar a festa para amanhã, de acordo com a zona temporal onde me encontro. Mas gostaria de desejar um Feliz Ano-Novo para todos os que estão celebrando hoje à noite. Parece que vou perder os fogos de artifício, então curtam muito por mim!

Sexta-feira, 1º de janeiro de 2010

Feliz Ano-Novo!

Hoje tive um dia muito diferente outra vez. Passamos a maior parte do dia em calma total. Mas a novidade de ter céu aberto, luz solar, temperaturas ligeiramente mais altas e a companhia de dois albatrozes me impediram de ficar muito frustrada.

Havia tão pouco vento hoje que até os albatrozes estavam batendo as asas. Tive a chance de vê-los bem de perto, pousando na água bem ao lado da *Ella's Pink Lady*. Quando não há vento, os albatrozes são muito desajeitados ao levantar voo, e precisam bater as asas com força para se erguerem da água – algo bem atípico para aves tão graciosas.

Essa é a minha noite de Ano-Novo e só faltam cinco minutos para a meia-noite. Temos uma festa muito louca planejada, diversas presenças vindas de terras distantes. As opções de entretenimento incluem serpentinas e serão servidos os meus doces preferidos – acreditem, vocês não vão querer perder os doces de jeito nenhum!

Este será o segundo réveillon que passo no mar. No ano passado eu estava na Tasmânia a bordo de outro veleiro de 34 pés com destino à Nova Zelândia. Como era recém o terceiro dia e o mar estava bem agitado, ainda estávamos um pouco enjoados. Então, os doces de minha mãe que havíamos levado conosco foram completamente ignorados. Mas este ano será diferente.

Decidir minha resolução de ano não foi difícil. Acho que voltar a Sydney sã e salva já é desafio o suficiente e é o meu principal desejo para 2010. Feliz Ano-Novo a todos e muito obrigada mais uma vez por todo o apoio!

Era aquele momento do ano em que as pessoas refletem sobre o que fizeram e o que querem fazer no ano seguinte. Eu sempre me perguntava se havia mudado muito durante a viagem. Fazer algo assim o transforma de alguma maneira, mas no primeiro mês eu não sentia nenhuma diferença. Sei que soa estranho, mas nos dias em que me dirigia ao Cabo, algo mudou e passei a me sentir diferente. Não sei explicar ao certo – talvez mais calma, mais centrada, mais velha? (Rá!). Não tenho certeza. Só sei que me sentia diferente. Não escrevi sobre isso no blog porque não queria parecer tola e quase não incluí isso no livro porque não há nenhum exemplo específico que eu possa citar. Algo em mim mudou e isso é tudo.

Sábado, 2 de janeiro de 2010

Calmaria antes da tempestade

Hoje o tempo está calmo e ensolarado outra vez. Passei a manhã trabalhando no convés, de molho no sol. Que condições ótimas... Isso é que é bênção! Fiz acabamentos nas escotas da vela de proa, nos estais volantes e nos cabos do piloto de vento (que estavam demonstrando sinais de desgaste), reatei os paus de spi ao mastro, esfreguei algumas manchas de ferrugem e reorganizei todas as minhas tralhas no armário de popa.

Não parece que a calmaria vá durar muito, pois a previsão indica que o vento voltará amanhã. Parece que estará muito traiçoeiro, então é provável que vocês não tenham notícias minhas por alguns dias. Mas, por favor, não se preocupem: a *Ella's Pink Lady* e eu estamos totalmente

preparadas. Não se espera que o vento seja muito mais forte do que da última vez, mas como está soprando direto da Antártida deverá ser muito frio – o pequeno aquecedor a diesel provavelmente terá que se esforçar um pouco. Meu plano de ação é bem simples: manter-me calma e confiante. Se eu fracassar, o Plano B é fingir!

Vou lá dormir um pouquinho enquanto posso.

Aquele foi o único momento durante a viagem em que me preocupei com os *icebergs* e com o possível congelamento do convés e da mastreação. Havíamos programado a data de minha partida para que eu já estivesse contornando o Cabo Horn a essa altura do verão, reduzindo as chances de me deparar com um *iceberg*. Mas o vento soprava diretamente da Antártida, então havia a possibilidade de que pequenos volumes de gelo fossem trazidos com os ventos frios. Não havia muito que eu pudesse fazer, pois era impossível me manter atenta 24 horas por dia, sete dias por semana. Na verdade, eu estava mais preocupada em me manter aquecida do que com colisões com gelo naquela época do ano.

Pouco antes de chegar em casa, em 7 de maio, uma família inglesa de quatro pessoas estava navegando com seu veleiro de 55 pés chamado *Hollinsclough* no Atlântico Sul após ter partido de South Georgia quando colidiu com um *growler* às duas da manhã. *Growler* é um tipo de *iceberg* que fica logo abaixo da superfície da água. Já são muito difíceis de detectar em situações normais, mas às duas da manhã é praticamente impossível desviar. Por sorte, quando o veleiro estava afundando, a família foi resgatada por um navio de guerra britânico, o HMS *Clyde*, que navegou 200 milhas náuticas para resgatá-los.

Terça-feira, 5 de janeiro de 2010

Frio!

A boa notícia é que, até agora, a força do vento não chegou nem perto do que eu esperava. A ruim é que ele tem sido – e está neste momento – muito frio!

A temperatura na cabine oscila em torno dos 4 graus e o vento do lado de fora é de arrepiar. Na maior parte do tempo, fico bem quentinha com todas as minhas camadas de roupa, mas manusear cabos molhados no convés é bem desagradável. Infelizmente, o aquecedor não ajuda muito: ele escolheu este ótimo momento para soltar ar frio em vez de quente! Acho que o problema tem conserto, mas precisará esperar até que as coisas fiquem um pouco mais calmas.

Na verdade, já fazia alguns dias que o aquecedor não funcionava, mas não contei para ninguém porque, após olhar a previsão do tempo, meu pai e Bruce ficaram bem preocupados comigo por ter que enfrentar as baixas temperaturas durante a ventania. Achei que já estavam preocupados o suficiente e não quis botar mais pressão até que o pior já houvesse passado.

Também tive um probleminha com o moitão da escota do grande (o cabo que controla a vela mestra). Não é um grande empecilho, mas por ora estou com a vela mestra abaixada e percebo que, como há bastante vento, a *Ella's Pink Lady* está mantendo uma boa velocidade mesmo contando apenas com a vela de proa.

Enquanto escrevo isso, o vento sopra a cerca de 30 nós e a luz do dia

surgiu outra vez, revelando um oceano cinzento e agressivo. Nada muito sério, mas ainda estou um pouco agitada, pois se espera mais vento para hoje, e as ondas grandes ocasionais nos desviam um pouco do rumo.

Como tudo está em ordem, ainda não há muito que eu possa fazer. Portanto, aproveito os intervalos entre as frequentes espiadas nos instrumentos e na situação para ler, assistir a um DVD ou checar todas as mensagens e comentários no blog.

Espero não ser muito repetitiva, mas gostaria mais uma vez de agradecer pelas mensagens de apoio. Quando me sento para vê-las, costumo rir e sorrir durante toda a leitura!

A *Ella's Pink Lady* aguentou o tranco com a buja de tempestade, mas depois de um tempo comecei a perceber como estava cansada. Havia ondas quebrando por todos os lados e ao escrever isso não parece nada demais, mas mesmo que não fosse muito perigoso eu senti a pressão e fiquei com os nervos exaltados. Às vezes eu conseguia escutar uma grande onda se aproximando e me segurar, mas em outras estava concentrada em algo e não percebia até ser arremessada no ar. Eu estava com algumas batidas e ferimentos e não foi nada divertido. Eu estava conversando com Bruce em uma sked quando talvez a maior onda daquela ventania nos atingiu com força. Não foi das melhores ligações, porque estávamos os dois meio mal-humorados, de modo que fomos sucintos. Depois que desliguei, me distraí por um minuto e derramei algumas lágrimas. É curioso, mas sempre que eu estava surtando, falar com alguém me tirava de eixo. Eu ficava muito melhor se guardava tudo para mim. Normalmente se pensa que conversar com alguém reconforta ou a gente se sente melhor, mas comigo quase sempre isso só tornava as coisas piores. Por fim, o vento se acalmou e tirei algumas sonecas. No dia seguinte eu estava me sentindo muito melhor, apesar do frio

e do aquecedor quebrado. Bob enviou uma previsão do clima que me deixou bem contente, pois parecia que não teríamos mais tempo ruim até que eu contornasse o Cabo. Após recuperar o sono, comecei a desejar fervorosamente uma xícara de café decente, mas isso teria que esperar até que eu chegasse em casa – o café não dava certo com minha água de gosto ruim e leite em pó.

Quinta-feira, 7 de janeiro de 2010

Chegando perto do Cabo

O vento atingiu os 40 nós outra vez na terça-feira, o que manteve as coisas interessantes e o chão instável por aqui. Desde então, ele caiu de maneira constante até os atuais oito nós, que mal são suficientes para nos manter em movimento.

No estilo típico do Oceano Antártico, a visibilidade não tem sido boa, com luz quase constante, garoa acompanhada de neblina e nem um cantinho do céu aberto. Mas não tenho do que reclamar. Como disse antes, isso é tão bonito à sua maneira quanto sol e mar azul. Olhando de outro ângulo, podemos dizer que ao menos uma má visibilidade significa que não dá para ver muito do tempo ruim!

A boa notícia é que consegui consertar o probleminha no moitão da escota da vela mestra. A má notícia é que, apesar de ter passado a manhã de ontem tentando arrumar o aquecedor, ele continua sem funcionar direito! Bem, em uma escala de prioridades, um aquecedor estragado não é exatamente o maior dos problemas, apenas um

adicional.

Estou começando a ficar bem empolgada com o Cabo Horn, porque estamos nos aproximando dele. Restam apenas 500 milhas náuticas.

Por hoje terei que ficar por aqui, porque meus dedos estão ansiosos para voltarem a uma luva quentinha!

Sexta-feira, 8 de janeiro de 2010

Calmaria

Só uma atualização rápida. As coisas estão calmas hoje, mas os albatrozes se juntaram a nós outra vez. Apenas 450 milhas náuticas até o Cabo Horn e estou ainda mais empolgada agora que meu pai e minha mãe pegaram um voo da Austrália hoje para ver a *Ella's Pink Lady* contornando o Cabo!

Aquela postagem intitulada *Calmaria* foi bem curtinha e havia um motivo para isso. Eu estava tendo que lutar para não entrar em colapso e eu sentia que estava no limite suportável da tristeza e da frustração. Foi a primeira vez na viagem em que passei por um momento ruim de verdade. Ter mantido a cabeça em ordem e reunido força mental para fazer aquela viagem são o meu maior orgulho, então é duro admitir que perdi o controle, mesmo que apenas por alguns instantes. A empolgação por estar me aproximando do Cabo Horn não era suficiente para me manter firme e cedi à pressão. O motivo era a falta de avanços. Eu quase tinha a sensação de estar regredindo. Naquela sexta-feira me senti contente e o sábado foi

tolerável – *quase* curti ver as vagas refletindo o céu nublado. Mas quando o domingo chegou e tivemos calmaria outra vez com o barco balançando sem sair do lugar, não consegui parar de chorar.

Estávamos muito perto do Cabo e aquilo era muito frustrante, sobretudo porque meus pais haviam ido até o Chile com a News Limited e pegariam um voo de Punta Arenas para me ver contornando o Cabo. Alguns dias antes disso, disseram-me que haveria um avião para tirar uma foto do momento em que eu dobrasse o Cabo e fiquei muito empolgada com isso. Daí me contaram que meus pais estariam naquele avião. Foi quase mais do que eu era capaz de suportar. Eu não queria mantê-los esperando e causar prejuízo às pessoas, mas não havia nada que pudesse fazer. Provavelmente, eu teria lidado melhor com o progresso lento se estivesse nos trópicos, onde poderia relaxar ao sol e navegar manejando as velas. Mas estava muito frio e eu passava o menor tempo possível no convés. Ficava enfiada na cabine escutando os puxões constantes da escota da vela mestra contra a retranca. Os ruídos da *Ella's Pink Lady* costumavam ser reconfortantes, mas como não estávamos avançando, as pancadas, baques e estrondos monótonos me deixaram doida. Eu não tinha energia nem para pôr uma música e não fiz nada além de chorar e sentir pena de mim mesma. Acho que sair da rotina e saber que meus pais estavam em um lugar diferente eram parte do motivo. Eu estava muito contente por eles e senti que era uma pequena recompensa após tudo o que haviam feito por mim, mas quando me sentia um pouquinho triste ou com saudades eu gostava de imaginá-los em casa, o que me animava no mesmo instante. Escutar que eles estavam voando sobre os Andes e ouvir o relato de todas as coisas incríveis que eles estavam vendo me deixou com um pouco de inveja. Eu não estava indo a lugar nenhum! Mal podia esperar para chegar eu mesma no Chile, então fiquei com ciúmes.

Esse foi um daqueles dias em que não consegui reunir a energia ou a

motivação para chacoalhar o desânimo. Não havia muito que eu pudesse fazer além de sentir pena de mim mesma, e eu não queria escutar que todos estavam mergulhando, nadando e surfando no sol lá de casa enquanto eu estava triste e com frio, então telefonemas e *e-mails* não ajudariam muito. As coisas pareceram se acumular e o frio penetrou na minha pele e tornou difícil qualquer tipo de ação. Eu só podia ignorar os barulhos e tentar não pensar que estávamos à deriva e seguindo na direção errada, mas não conseguia sair do buraco emocional. Depois de chorar bastante, finalmente tive uma conversa comigo mesma. Peguei um livro para tentar me distrair. Nem consigo dizer o quanto fiquei aliviada quando o vento finalmente ganhou força e começamos a progredir outra vez!

Segunda-feira, 11 de janeiro de 2010

Aproximando-me do Cabo. Devagarinho!

O dia não está dos mais empolgantes por aqui. Ainda temos pouquíssimo vento, o que significa pouquíssimo avanço em direção ao cabo. Tanta lentidão e ventos leves não eram o esperado nessa latitude, mas tive que rever minhas expectativas. Ontem o vento caiu outra vez ao ponto de deixar a *Ella's Pink Lady* totalmente parada, chacoalhando sobre um mar plano por algumas horas. Para percorrer qualquer distância nessas condições é preciso um bom tempo no frio, seja para ajeitar as velas manualmente ou ajustar o rumo do Parker o tempo todo. Confesso que estou muito mais inclinada a desistir e nos deixar à deriva enquanto fico na cabine quentinha do que estava durante as calmarias na zona de

convergência, uma região mais quente!

Para tentar desviar os pensamentos das velocidades entediadas e da ondulação desconfortável, tenho me dedicado a alguns livros e entrado de cabeça nas histórias. Minha mãe sempre me pergunta o que estou lendo, e acho que fica um pouco surpresa com minhas respostas. Não peguei quase nenhuma história de aventura ou navegação desde que parti. Em vez disso, tenho lido e relido as histórias mais toscas e despretensiosas que tenho por aqui. Tendo parte de minha mente (ou, muitas vezes, ela inteira) pensando o tempo todo em navegar e nos diversos cuidados que a *Ella's Pink Lady* exige, a última coisa que desejo é ler ainda mais sobre navegações!

As coisas por aqui não poderiam ser mais diferentes das histórias com nados, raios de sol, mergulhos e surfe que escuto de casa. Mas, como sempre, não há nenhum lugar onde eu preferiria estar. Ficar sem vento é muito irritante, mas ao mesmo tempo é incrível ver a superfície de ondas grandes e suaves tão aplainadas que refletem o céu nublado. Há coisas boas mesmo nos momentos ruins.

De qualquer forma, mãos à obra. O vento finalmente subiu para 12 nós nas últimas horas, então a *Ella's Pink Lady* está navegando bem outra vez. Vocês não têm ideia de como é bom voltar a se mexer! Ainda temos cerca de 270 milhas náuticas até o Cabo Horn, e se o vento se comportar conforme o esperado, pretendemos contorná-lo em algum momento do dia treze.

Estou com todos os dedos da mão e do pé, braços, pernas e tudo o mais cruzados para que o tempo ajude o avião que irá me sobrevoar com meus pais a bordo. Sem dúvida, contornar o Cabo será um grande marco.

Aconteceu algo muito bizarro depois que o vento ganhou força. Quando eu estava navegando a cerca de 213 milhas náuticas do Cabo, o sol apareceu e tive uma sensação fortíssima de déjà vu. Estávamos 56 graus ao sul e por alguns instantes me senti como se estivesse em Mooloolaba navegando em direção a Mudjimba, um lugar também conhecido como Ilha da Velha, com Emily e Nick. Não dava para acreditar que eu já havia dado quase meia-volta ao mundo e ainda me sentia como se estivesse em casa. Conforme o vento ficou mais forte e o sol desapareceu, a sensação se dissipou, mas foi ótima enquanto durou.

Quinta-feira, 13 de janeiro de 2010

A um passo do Cabo

Com o vento soprando a 35 nós, a *Ella's Pink Lady* está praticamente surfando sobre as ondas nessas últimas 80 milhas náuticas que restam até o Cabo Horn. Parece que contornaremos o Cabo no início do dia de amanhã – superempolgante! Estou cruzando os dedos para que as nuvens abram um pouco e eu consiga uma visão semidecente ao passarmos por lá. Em Punta Arenas, no Chile, meus pais estão se preparando para decolar hoje mais tarde e sobrevoar o barco em círculos. Estou ansiosa para conversarmos pelo rádio da VHF.

Além disso, navios das Marinhas Chilena e Argentina devem aparecer para nos saudar. Passou-se mais de um mês desde que vi o último navio e faz quase três que não vejo outra pessoa, então estou muito

emocionada e me sentindo querida por receber tantas visitas de uma vez só! Tomei cuidados extras ao pentear o cabelo hoje de manhã (o que, com esse vento, obviamente não faz nenhum sentido!).

Outra notícia entusiasmante é que Dilip me contou que ele e o *Mhadei* contornaram o Cabo antes de nós e estão se dirigindo às Malvinas para resolver seus problemas de pilotagem.

Enfim, tem muita coisa acontecendo e demandando minha atenção, então por hoje é isso.

Naquele dia, e especialmente na tarde em que me aproximei do Cabo Horn, eu estava dando pulinhos de alegria porque estava a apenas algumas horas de contornar o Cabo e meus pais passariam voando a qualquer momento. O mar revolto e o céu nublado só serviram para tornar a atmosfera mais interessante, e estar enfiada no espaço reduzido da cabine provavelmente deixou tudo ainda mais extremo. Quando de repente avistei as Ilhas Diego Ramirez a sudoeste do cabo, senti um arrepio. Terra! Depois de tanto tempo no mar, foi um grande alvoroço. Conforme o tempo passou e não tive notícias dos meus pais, comecei a suspeitar que algo havia dado errado e fiquei um pouco preocupada. Achei que talvez eles não tivessem conseguido nos ver do avião. Finalmente, meu pai telefonou para o telefone via satélite e disse que o piloto precisou dar meia-volta porque o tempo estava muito ruim, então eles nem sequer chegaram perto de mim. Conversei com meus pais e ambos estavam bem desanimados. Havia sido um voo conturbado, com muita turbulência, e meu pai ficou enjoado. Eles estavam desapontados, mas nem isso foi capaz de estragar meu humor enquanto eu me aproximava cada vez mais de um marco tão relevante. Eles disseram que ainda estavam determinados a me encontrar, então começaram a planejar uma nova tentativa para o dia seguinte assim que

desligaram o telefone. O fotógrafo que os acompanhava, Gary, também estava determinado, então cruzei os dedos para que rolasse.

Sábado, 16 de janeiro de 2010

Principais momentos de dias incríveis!

Já vou pedir desculpas antecipadamente pelo uso excessivo de pontos de exclamação (!), mas sem dúvida os últimos dias foram incríveis! Peço desculpas por não ter atualizado vocês mais cedo, mas depois de ter sido movida por pura adrenalina durante quatro dias, eu só tinha um plano em mente: dormir!

Muitas coisas aconteceram nos últimos tempos. Diversos pontos altos. Mas vou começar pelo começo, com a quinta-feira e as 80 milhas náuticas entre nós e o Cabo. Rajadas de vento passageiras, ondas se elevando um pouco enquanto passávamos por águas mais rasas, vento estacionado em consistentes 40 nós ao cair da noite... Tudo serviu para deixar a vida interessante.

Mas as milhas entre nós e o Cabo, que desapareciam com velocidade, e a visão de terra à tarde me deixaram exaltada e dando pulinhos de excitação! Ver terra depois de tanto tempo foi incrível. Não consigo me lembrar de ter ficado tão emocionada antes, e quando penso a respeito tenho a impressão de que exagerei um pouco em minha reação, levando em conta que não vi mais que uma linha de rochas acinzentadas que desapareciam com frequência enquanto abríamos caminho em meio às ondas.

Naquela ocasião, aos meus olhos as rochas distantes foram a coisa mais incrível que eu já havia visto. É espantoso como a privação pode tornar algo milhões de vezes mais especial. Imagino que meu primeiro banho quente ao voltar para casa será parecido!

Aquela noite foi bem movimentada e fiquei em claro ao nos aproximarmos do Cabo. Para garantir que não deslizássemos muito depressa no escuro, me esforcei para reduzir nossa velocidade, e bem quando a luz estava surgindo, lá estava ele... O contorno característico do Cabo Horn!

Contra o céu acinzentado e com os albatrozes voando à nossa frente, a cena foi bem como eu havia imaginado por tanto tempo. Mítica e admiravelmente linda é uma boa descrição! Aquele tempo de baixa visibilidade não oferecia a visibilidade ideal, mas se tivéssemos chegado lá flutuando confortavelmente em um belo dia de verão não teria sido nem perto de tão especial. Em meio às fotos e ligações, tive um momento de extremo orgulho!

O sobrevoos de meus pais acabou sendo uma aventura à parte. Com condições climáticas bem ruins, eles só conseguiram encontrar a *Ellas Pink Lady* na terceira tentativa. Vocês bem imaginam a mistura de emoções que aquilo foi para mim e para os meus pais. Primeiro, escutei que eles haviam recém-decolado e estariam me sobrevoando em algumas horas. Então veio a má notícia de que haviam precisado voltar! Quando o avião finalmente nos encontrou, os quarenta e cinco minutos que ficaram sobre nós passaram em um piscar de olhos. Fiquei bastante zozna e me emaranhei toda nas amarras de segurança ao observá-los voando em círculos! No fim, acho que foi bom não ter discernido meus pais através da janela, caso contrário acho que teria perdido a

compostura.

Devo um grande agradecimento a todos que possibilitaram o sobrevoo. Eis o que minha mãe escreveu para um amigo sobre a ocasião:

ENCONTRAMOS JESS! E não me admira os problemas que tivemos nas tentativas antecedentes, ela parece tão pequena lá no oceano... Havia muita empolgação na cabine do avião e as janelas ficaram embaçadas. Quase fizemos Gary, o fotógrafo, enfartar (mas ele lidou com aquilo com sua calma e dignidade de praxe!). A tarefa já era difícil o bastante sem janelas embaçadas... Enfim, conseguimos dar um jeito nisso e passamos os quarenta e cinco minutos seguintes voando em círculos sobre ela. Às vezes alto, às vezes baixo, às vezes em curvas fechadas e às vezes em linha reta. Fizemos de todas as maneiras possíveis! Foi fantástico vê-la junto com o barco e as velas... Parecia que ela estava indo direto para Sydney, foi perfeito!

Estabelecemos contato por VHF antes de vê-la e conversamos um pouco e então acho que perdemos a comunicação por um bom tempo. Assim, depois de nos recompormos, acionamos o rádio outra vez. Ela queria saber qual era a sua aparência vista de cima! E como estava seu pai (ele já estava ficando bem verde). Perguntei se já tinha feito os temas e ela respondeu que talvez fosse melhor que eu estivesse aqui em cima! Ela reclamou que havia ficado toda emaranhada nas linhas de segurança enquanto seguia os movimentos circulares do avião! (Então significa que deve estar em boa forma). Fiquei muito orgulhosa ao vê-la seguindo em frente, onda após onda. Lá está ela, tornado realidade aquilo com que sonhou e planejou por tanto tempo!



Nos últimos dois dias, o vento tem sido bom na maior parte do tempo e já estamos muito perto das Malvinas. Mas há um movimento considerável de navios ao nosso redor, e, somando-se a isso os efeitos colaterais de toda aquela adrenalina, mal consegui dormir até o dia de ontem. Hoje fui recebida com um céu limpo e à noite tivemos um céu estrelado que não aparecia há muito tempo!

Mas não fui só eu que não dormi muito nos últimos tempos. Meus pais, Bruce e Andrew têm mantido horários bem estranhos e são apenas alguns da longa lista de pessoas que tiveram um papel crucial para que eu fosse vista contornando o Cabo em segurança a bordo da *Ella's Pink Lady*. Mil obrigadas!

Algumas pessoas podem se perguntar: “O que tem demais em navegar ao redor de um amontoado de pedras em um oceano cheio de vento?”. As condições climáticas me impediram de ver muito mais do que isso. Não é uma maravilha da natureza como Uluru ou Twelve Apostles. Mas quando finalmente vi a silhueta do Cabo em meio às ondas, fiquei parada olhando por séculos. Eu queria absorver cada instante daquele momento. Telefonei para meus pais no Chile e então para Bruce e o resto da minha família, que haviam se reunido com parte da equipe lá em casa.

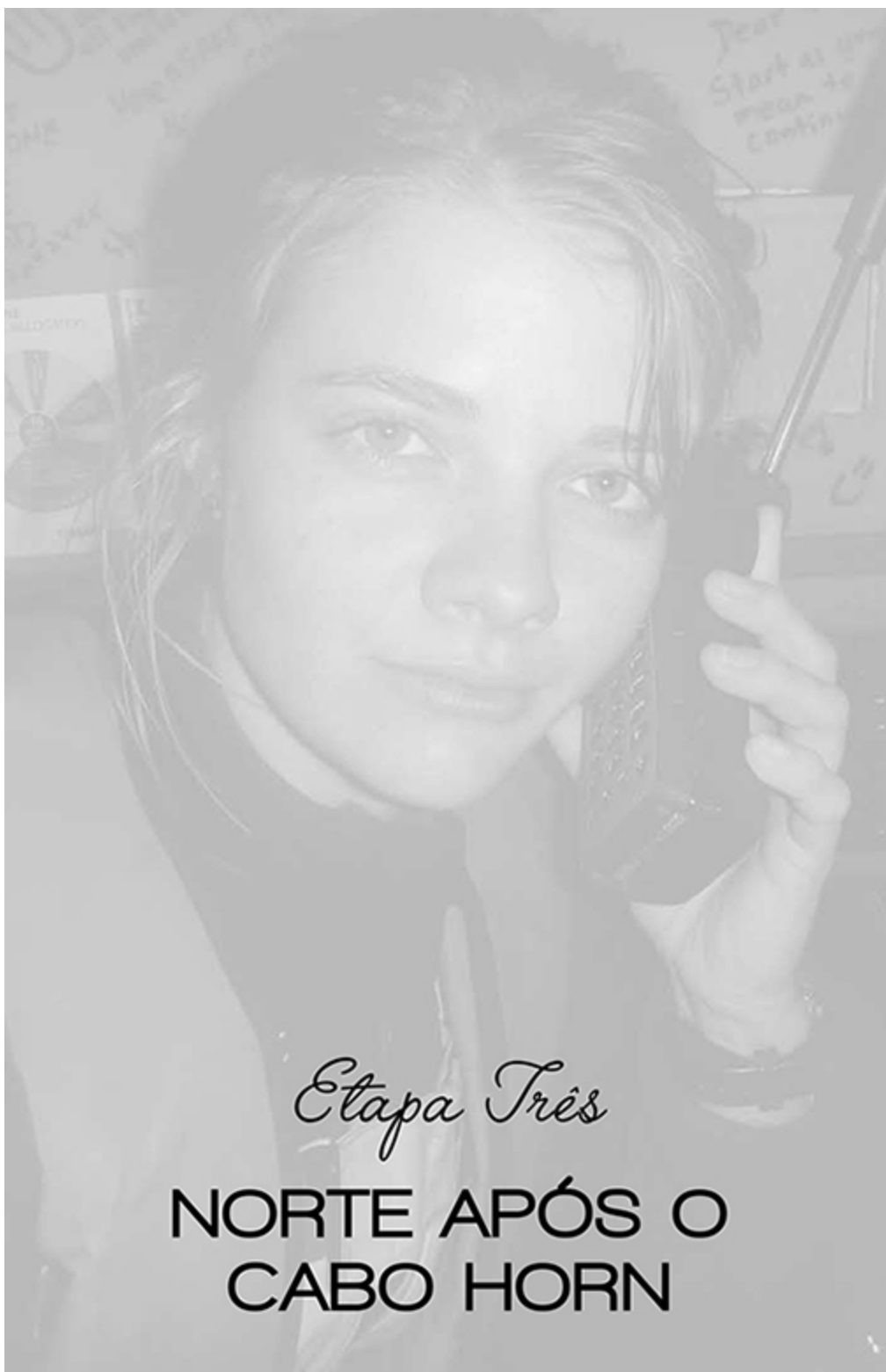
Foi ótimo compartilhar o momento com eles, pois todos haviam me ajudado a chegar até ali. Era o aniversário de Bruce e ele me disse que contornar o Cabo foi o melhor presente que eu poderia ter-lhe dado.

Após a última ligação, foi como se houvessem desligado um interruptor em meu cérebro. Durante as conversas, eu estivera cheia de energia, mas assim que parei mal consegui manter a cabeça erguida. As condições ainda

não estavam muito boas, mas eu precisava fechar os olhos um pouquinho. Nem peguei uma roupa seca e praticamente desmaiei atada ao assento úmido.

Para mim, o poder que emanava do ato de contornar o Cabo Horn vinha da soma da reputação de ser uma área exigente e traiçoeira, dos anos que passei sonhando em fazer isso e das semanas de expectativa enquanto nos aproximávamos cada vez mais daquela conquista. Após a semana de desafios físicos e emocionais que antecedeu nossa chegada, contornar o Cabo Horn foi melhor do que jamais esperei. Desculpem-me pelo clichê, mas realmente foi um sonho que se tornou realidade.

O êxtase absoluto de contornar o Cabo Horn foi brilhante, mas ainda havia um longo caminho pela frente e eu precisava me manter atenta e pronta para qualquer coisa. Além de falar com Bruce, meus pais, meu irmão e minhas irmãs, telefonei para Don. Eu queria compartilhar minha empolgação com alguém que entendia de fato como era o sentimento. Don estava no navio *Orion*, retornando com quase cem passageiros de uma expedição que liderara na Antártica. Foi ótimo falar com ele e ele me colocou no sistema de som para que todos os convidados a bordo pudessem ouvir. Não conseguimos falar por muito tempo, mas mal acreditei quando soube que Kay Cottee estava a bordo com Don. Que mundo pequeno, hein?



Etapa Três

NORTE APÓS O
CABO HORN

Terça-feira, 19 de janeiro de 2010

Caca Typhoon e norte outra vez

Após alguns dias de ventos leves, só agora estamos deixando as Malvinas para trás. Os pássaros, algas e navios que eu via com frequência nos últimos tempos estão se tornando mais escassos conforme seguimos para o Atlântico Sul. Tenho certeza de que ele pode ser tão traiçoeiro quanto qualquer oceano, mas após olhar as cartas mais recentes, não pude evitar certa surpresa ao reparar como o Atlântico Sul parece pequeno após o interminável Pacífico!

Noutro dia, enquanto fluávamos lentamente para longe da costa das Malvinas, fui agraciada com o sobrevoo de um caça Typhoon da RAF. Apesar de estar esperando por ele, ainda levei um susto quando apareceu com seus incríveis ruídos justo quando eu terminava o café da manhã. Ele passou duas vezes, pôs um grande sorriso em meu rosto e então partiu outra vez. Muito legal!

Após ver fotos tiradas nos dois sobrevoos, fiquei emocionada com a aparência ótima da *Ella's Pink Lady*, que continua tão linda como sempre! Certamente, é graças às diversas camadas de proteção da International Paints que o casco não tem nenhuma vida marinha crescendo nele, e é mérito da Ullman Sails que as velas estejam aguentando tão bem e ainda pareçam novas! É ótimo ter chegado tão longe com poucos sinais de rasgo e desgaste.

Com o Cabo Horn no centro de minhas atenções por tanto tempo, é estranho ter que reajustar o foco e começar a pensar no que teremos adiante pelo resto da viagem e nos próximos marcos do caminho. Embora tudo tenha sido muito empolgante e uma grande novidade, também estou feliz por estar longe da terra e dos navios outra vez. É bom retornar a uma vaga tentativa de rotina e poder dormir melhor, ciente de que somos só a *Ella's Pink Lady* e eu outra vez. Na verdade, não acho que seja possível chamar de rotina meus hábitos aleatórios de sono e alimentação!

Mesmo aqui no mar, tenho escutado muitas coisas sobre o horrendo terremoto no Haiti e nem consigo imaginar como deve ser difícil para os sobreviventes e todos os que estão trabalhando com as organizações de ajuda humanitária sob aquelas condições, que parecem terríveis. Meus pensamentos e votos de melhoras estão voltados para lá. É ótimo saber que estão recebendo apoio de diversos cantos do mundo.

Aquela etapa da viagem havia sido planejada como uma espécie de descanso e recuperação após o Cabo Horn. Depois de tudo o que havia lido, eu achava que sabia exatamente o que esperar em cada etapa, mas àquela altura eu já percebera que qualquer coisa podia acontecer... A qualquer momento. Todos os altos e baixos emocionais que antecederam o Cabo Horn mostraram que eu precisava recarregar as baterias por alguns dias. Eu não sabia que logo a *Ella's Pink Lady* e eu seríamos testadas.



Etapa Quatro

OCEANO ATLÂNTICO
SUL RUMO AO
CONTINENTE AFRICANO

Quinta-feira, 21 de janeiro de 2010

O que mais me dá saudades

A *Ella's Pink Lady* e eu penetramos o Atlântico navegando lenta e constantemente nas direções norte e leste e ontem fui agraciada com um dia de sol inacreditável. Estava tão bonito que até me recolhi para dormir esparramada na parte de cima da cabine (com meu protetor solar Ella Baché, óbvio!). O sol quente e o som da água contra o casco me fizeram pegar no sono em poucos minutos.

Ainda melhor, fui desperta por um bando de lindos golfinhos pretos e brancos que estavam nadando ao nosso lado. Como sempre, foi muito prazeroso vê-los brincar nas ondas azuis-esverdeadas. Então tivemos um belo pôr-do-sol rosa, que curti sentada ao ar livre sem a sensação de que meus dedos das mãos e dos pés estavam prestes a cair. Desculpem, parece que estou contando vantagem!

Levando em conta que estou aqui há mais de três meses e quase cem dias, achei que já era hora de fazer uma lista do que mais me dá saudades.

Em primeiro lugar, é claro, vêm minha família e meus amigos. Especialmente meu irmão e minhas irmãs. A segunda coisa é poder relaxar sem a sensação constante de que preciso estar preparada para qualquer coisa. A terceira é dormir – por longos períodos e sem interrupções, sem alarmes nem nada para me despertar (pretendo passar

minhas primeiras semanas após voltar para casa fazendo isso, então, por favor, não façam planos para mim!)

E caminhar. Sinto muitas saudades de poder esticar as pernas na praia ou, na verdade, em qualquer lugar. E comida. Embora ainda não tenha enjoado totalmente do que tenho a bordo, muitas vezes tenho desejos de vários tipos de comida fresca: uma salada crocante, qualquer tipo de fruta e até mesmo vegetais. Eu daria muita coisa por uma boa xícara de café, pois não dá para fazer grandes coisas com leite em pó e a água meia-boca do tanque! Nem preciso mencionar que um banho quente e demorado viria muito bem e eu adoraria outra pessoa para revezar na hora de lavar a louça, só para dar uma variada! Ah, e chocolate que não tenha derretido e voltado à forma original é algo que sem dúvida faz falta. O gosto não é o mesmo!

Temos outro belo dia nessa parte do Atlântico. A *Ella's Pink Lady* está avançando a cinco nós com o vento de 13 nós. Vou sair para colocar a linha de pesca na água outra vez, algo que deixei de fazer desde que esfriou. Não tenho certeza do que há por aqui para ser fígado, mas tentar não custa nada, né?

Acabei descobrindo que sim, tentar tinha o seu preço! Alguns minutos após jogar a linha na água, um pássaro que estava circundando a *Ella's Pink Lady* mergulhou na água e ficou preso na isca que eu recém havia lançado. Assim que percebi que a pobre ave estava sendo arrastada atrás de nós, retirei a linha da água, mas o bicho já não estava nas melhores condições. Fiquei tão mal com isso que muito tempo se passou antes que eu soltasse a linha outra vez. Assim como Parker e minha tripulação de ursinhos de pelúcia, as aves eram minha única companhia costumeira. Eu passava horas assistindo-as descrever círculos ao redor da *Ella's Pink Lady* e foi horrível

capturar uma delas. Contudo, eu não teria muito tempo para pensar naquilo, pois logo minha cabeça estaria cheia de outros assuntos.

Ao longo da semana anterior, algumas frentes passaram pelo céu e a previsão era de que trouxessem ventos fortes, mas isso acabou não se mostrando um problema. Eu não diria que fiquei complacente, mas quando Bob mandou outra previsão que indicava um vendaval moderado, não achei que viesse muita coisa pela frente. Eu estava muito enganada!

Domingo, 24 de janeiro de 2010

Vento, ondas, ação e drama!

As condições climáticas de verão cessaram de forma repentina. Eu e a *Ella's Pink Lady* passamos por momentos bem interessantes por aqui. Esperava-se que o vento ganhasse força e gerasse um bom vendaval, mas nenhuma das nossas previsões ou computadores detectaram que ele atingiria os 65 nós que registrei antes de perder os instrumentos de medição do vento em um jibe chinês!

Esse vento todo resultou em ondas muito grandes e traiçoeiras. Para dar uma ideia das condições do mar, elas eram semelhantes, e talvez piores, do que aquelas da terrível regata Sydney-Hobart de 1998. Tivemos um total de quatro jibes chineses, sendo o terceiro o mais severo, quando tivemos o mastro empurrado a 180 graus dentro da água. Na verdade, empurrado não é a palavra certa – seria mais preciso dizer que a *Ella's Pink Lady* foi suspensa no ar, atirada onda abaixo e então forçada para debaixo de uma montanha de água até ser

violentamente virada de cabeça para baixo.

Com tudo bem vedado e sob condições que tornavam perigosas demais as visitas ao convés, não havia muito que eu pudesse fazer além de segurar firme. Com apenas a pequena buja de tempestade, o grande piloto automático fez um trabalho excelente nos mantendo na rota a favor do vento, talvez auxiliado (ou não) por meus gritos de encorajamento! Apenas algumas grandes ondas traiçoeiras nos atingiram a um ângulo (lateral) que se mostrou perigoso, causando os jibes chineses.

A estrutura sólida da targa (a mesma que abriga os painéis solares) está empenada e deformada, o que dá uma boa ideia da força das ondas. Um tubo sólido de aço inoxidável com dois centímetros e meio de espessura não é exatamente algo que entorta com a brisa, então pode-se dizer que a *Ella's Pink Lady* provou que é um barquinho bem durão!

Com o corpo inteiro preso e me segurando com as duas mãos enquanto vários objetos voavam pela cabine e a *Ella's Pink Lady* reclamava ruidosamente devido ao esforço, era impossível saber quais eram os danos no convés. Em alguns momentos, foi um pouco difícil manter minha política de pensamentos positivos e racionais, mas no geral me parece que a capitã aguentou o tranco tão bem quanto a *Ella's Pink Lady*. Sem dúvida, foi um daqueles momentos em que começamos a questionar por que estamos fazendo o que estamos fazendo, mas não houve nenhum instante em que eu não soubesse responder minha própria pergunta com uma extensa lista de motivos que faziam momentos como aquele valerem a pena!

Então, em meio a todo o drama, minha mãe recebeu em casa a pior ligação possível do Centro de Coordenação de Resgates Australiano

(CCR). Disseram a ela que um dos meus EPIRBs (aparelho de sinalização de emergências) havia sido ativado. Um dos jibes chineses havia feito com que o EPIRB automático instalado na capota ligasse sem que eu soubesse. Por sorte, telefonei apenas alguns minutos depois, antes que qualquer pessoa tivesse tempo de entrar em pânico. Fiquei bem incomodada com aquela coisa estúpida por ter dado um susto tão grande no pessoal!

Mas não saímos da situação totalmente incólumes, pois houve diversos danos menores – por sorte, nada que possa nos deter. Na verdade, acho que é mérito de David Lambourne, nosso armador, que o mastro ainda esteja de pé e aparentemente em perfeitas condições de uso. Os únicos danos foram na targa, que parece torta, no painel solar, que amassou, e no piloto de vento, que está um pouco fora do ângulo, mas felizmente (e por sorte) ainda funciona bem (vamos, Parker!). Também há alguns rasgos na vela mestra e um dos pulpitos está torto.

Dentro, a cabine parece o cenário de um desastre e tudo ainda está molhado ou úmido. O toalete, que caiu para o lado, estava despedaçado, com cacos espalhados de um canto ao outro do barco junto com outros restos de equipamento. O forno não está acendendo, mas com sorte o fogo voltará quando estiver um pouco mais seco.

Mesmo após limpar a pior parte e finalmente dar uma boa dormida, ainda me sinto como um *marshmallow* gigante. No que diz respeito aos aspectos físicos, meus braços e pernas estão pesados e patéticos e, é claro, estou com uma bela coleção de feridas! Em termos mentais, sinto-me como se tivesse envelhecido uns bons dez anos, mas estou de volta ao normal e de bom humor conforme nos aproximamos da metade da viagem.

Quando o vento finalmente acalmou, fui presenteada com um belo pôr-do-sol, e, enquanto limpava as coisas no convés, alguns golfinhos pararam ao nosso lado, como se estivessem conferindo se estávamos bem.

Devo um grande agradecimento a Bruce, que foi perfeito do começo ao fim, dizendo as coisas certas no telefone todas as vezes em que liguei, e também a Bob, que passou a noite em claro para me manter atualizada com informações de quando o vento deveria se acalmar.

Eu poderia continuar para sempre, mas é melhor ficar por aqui, pois esse post já está do tamanho de um livro e ainda há muito a ser feito por aqui!

Não fiquei muito preocupada quando o tempo começou a piorar, mas quando os instrumentos de medição do vento mostraram que havia rajadas superiores a 60 nós, percebi que não seria apenas outro vendaval. Eu não esperava por aquilo, então as coisas não saíram bem como eu queria quando desci a vela mestra. Eu acabaria me arrependendo de ter deixado ela erguida por tanto tempo.

Passei a primeira fase da tempestade, quando as ondas ainda estavam aumentando de tamanho, navegando manualmente no *cockpit* e então o clima ficou agressivo demais e sentei para observar o piloto automático elétrico, enquanto ele lutava para nos manter descendo as ondas. O vento estava muito gelado e trazia jatos de água que nos açoitavam feito martelos. Ele batia dolorosamente em qualquer parte exposta da pele. Conforme a tempestade ganhou força, fiquei pasma com o tamanho das ondas. Fiquei absolutamente embasbacada. Já tinha visto ondas grandes antes, mas aquilo era muito diferente. Eram paredes gigantescas de água. Eu havia visualizado elas por anos e pendurado fotos das ondas revoltosas do Oceano Antártico

no tabique do *Home Abroad*, mas nada havia me preparado para sua potência e beleza.

A *Ella's Pink Lady* aguentou tão bem quanto esperado com apenas a pequena buja de tempestade erguida, mas depois de algumas horas comecei a ficar nervosa. A tempestade continuava ganhando força e eu dava gritos de incentivo quase o tempo todo para o barco e o piloto automático. Se uma onda particularmente grande nos pegava por trás, eu gritava alto para alertá-los, de forma a ser escutada em meio aos uivos do vento. “Vamos lá, garotas, tem uma grande vindo, preparem-se!”.

Quando a crista da onda nos pegava de lado, eu me segurava no que estivesse a mão e continuava gritando, “Aguenta firme, aguenta firme, vamos lá, você é capaz!”. Não tenho certeza se estava falando com a *Ella's Pink Lady* ou comigo mesma. Quando a onda chegava, surfávamos pelo vale enquanto eu gritava “Firme, firme”.

Chegávamos ao intervalo entre duas ondas e por alguns segundos tudo ficava quieto (ou ao menos mais quieto) enquanto o vento era abafado pelas montanhas de água em ambos os lados do barco. Eu não precisava gritar tão alto enquanto dizia “Bom trabalho, garotas, bom trabalho, equipe”. Quando sentia que o barco estava começando a subir na onda seguinte, eu gritava: “Mais uma, só mais uma. Nós somos capazes”.

Tenho certeza de que os gritos serviam mais para mim do que para a *Ella's Pink Lady* e o piloto automático, mas ao manter a voz forte e soar tão positiva eu *quase* consegui me enganar de que estava calma, tranquila e composta em vez de totalmente surtada.

Foi como na vez em que fiquei debaixo da mesa com Maggie, nossa ave de estimação. Eu tranquilizava a mim mesma ao direcionar toda minha energia para tranquilizar outra pessoa. Isso parece maluquice? Pode até ser que sim, mas funcionou. Não há nada como um bom blefe ou fingir estar no

controle quando tudo está fora de controle.

Passadas algumas horas, o vento continuava ganhando força e as ondas se transformaram em imensas montanhas negras com camadas de branco nas faces. As cristas brancas espumavam e se enrolavam como fazem ao quebrar na praia. Não havia mais nada que eu pudesse fazer no convés e estava ficando muito frio, então decidi que chegara o momento de me trancar dentro da cabine e esperar que passasse.

Lá embaixo, até achei que o tempo estava melhorando um pouco e o pior já havia passado. Telefonei para os meus pais e para Bruce e estava bem faladora e animada. Eu estava nervosa, mas também empolgada por termos nos saído tão bem. Mas, então, passado mais um tempo, percebi que as coisas não estavam melhorando e combinei de fazer skeds ao longo da noite. Mantendo um olho nos instrumentos, só o que podia fazer era me acomodar e esperar que acontecesse seja lá o que estivesse para acontecer.

Não precisei esperar muito. O primeiro jibe chinês não foi tão ruim e a *Ella's Pink Lady* se reergueu bem depressa. Ela pareceu tremer um pouco, mas partiu para cima de outra onda antes que eu entendesse o que havia acontecido.

Algumas horas se passaram entre aquele primeiro jibe e o segundo. Praguejei contra mim mesma por não ter amarrado melhor a retranca nem checado as amarras de alguns armários com mais cuidado. Eles se abriram e espalharam objetos pelo chão, incluindo os Toughbooks, que mais pareciam tijolos. Eu não estava preocupada com os Toughbooks (eles são *muito* resistentes), apenas comigo e com o barco!

O segundo jibe foi muito mais forte que o primeiro e realmente precisei me retorcer para conseguir fixar a perna em algum lugar e me manter firme para não bater pelos cantos da cabine. O mastro se inclinou bem mais do que 90 graus e manteve-se assim pelo que pode ter sido menos de um

segundo, mas pareceu muito, muito mais tempo.

O terceiro jibe chinês foi o que me deixou em pânico. Eu estava junto à mesa de navegação preenchendo o livro de registro e tentando me manter ocupada quando escutei um granderugido, como um trovão. A coisa mais próxima àquele som que conheço é o motor de um avião, mas era mais gutural e assustador. Mal tive tempo de me apoiar antes que a *Ella's Pink Lady* fosse erguida no ar e arremessada de cabeça para baixo no intervalo entre duas ondas. Agarrei-me no pega-mãos e meus pés encostaram antes nas paredes e então no teto enquanto capotávamos. As coisas voavam pela cabine, embora eu tivesse me esforçado para prender tudo. Eu continuava gritando à *Ella's Pink Lady*, pedindo que aguentasse e dizendo que ela ficaria bem.

Eu adoraria poder dizer a vocês o que estava se passando em minha cabeça naquele momento, mas não posso, porque não se passava nada! Eu estava em um estado de entorpecimento e total descrença. Assim que voltamos para a posição normal, arrisquei um olhar para fora pela gaiuta da cabine. Eu não conseguia ver muita coisa e de maneira alguma arriscaria sair para olhar direito, mas o *cockpit* estava um caos. A estrutura sólida de aço da targa e seus tubos grossos estavam deformados e o Parker estava em um ângulo estranho. A retranca havia se movido e arrancado pedaços da capota. Aquela onda devia ser incrivelmente forte para causar danos desse tipo. Não fiquei muito tempo olhando, porque poderia haver outra de força semelhante por perto.

Dizer que eu estava muito preocupada após aquele terceiro jibe chinês seria um eufemismo. Não chorei, nem fiquei histérica. Enfrentei tudo de maneira muito sóbria e racional e comecei a ponderar os possíveis desfechos para a situação. Planejei o que precisaria fazer se as coisas piorassem.

Quando conversei com Bruce, foi o único momento em toda a viagem

em que ele perguntou como eu estava e a resposta foi “nada bem!”. Eu disse a ele que as coisas estavam sob controle, mas concordamos que seria uma boa ideia contatar as autoridades locais de resgate para informá-los que eu estava enfrentando ondas imensas e um clima ruim e a situação poderia piorar. Depois de sentir a força da última onda e ver o estrago, eu não conseguia acreditar que o casco e a mastreação da *Ella's Pink Lady* ainda estavam inteiros.

Detive-me antes de dizer a Bruce que a balsa havia escapado de suas amarras no *cockpit*. Consegui trazê-la para baixo, ciente de que nunca mais a veria se houvesse um novo jibe chinês, então não vi motivo para deixá-lo mais assustado. Bruce havia conversado com Bob (era o meio da noite na Nova Zelândia, então eles realmente estavam cuidando de mim!). Bob tinha uma atualização da previsão e quando escutei o meu ânimo despencou. De acordo com as projeções de seus computadores, a pior parte da tempestade ainda estava por vir. Eu não podia acreditar que aquilo pioraria ainda mais! Eu não queria encarar o fato de como as coisas poderiam ficar ruins, mas eles perceberam que se eu jaibasse e mudasse de direção, poderia escapar do pior da tempestade mais rápido. Por mim, parecia ótimo!

Depois que jaibei, atei-me outra vez ao assento úmido para tentar dormir por alguns minutos. Eu estava segurando o telefone via satélite para tê-lo por perto em caso de emergência. Houve mais um jibe chinês, mas foi mais parecido com o primeiro do que com o último e não causou o impacto que eu temia. Depois de algum tempo, tive certeza de que as condições estavam melhorando um pouco, apesar das previsões de Bob. Os uivos do vento e as batidas das ondas já não eram tão altos e fortes. Felizmente eu tinha razão. Consegui dormir mais um pouquinho enquanto o vento começava a se acalmar.

O modo como a *Ella's Pink Lady* encarou aqueles quatro jibes chineses foi

incrível. Isso mostra como o S&S 34 é um barco excelente.

Terça-feira, 26 de janeiro de 2010

Dia da Austrália!

Todos os anos no colégio, costumavam nos perguntar o que o Dia da Austrália significava para nós. Nesse ano, seria difícil estar mais longe da Austrália. Não há nenhuma das coisas típicas de uma comemoração do Dia da Austrália por aqui: nada de sol, praia, feriado ou churrasco. Mas esse ano posso dizer que estou orgulhosa de ser australiana e é ótima a sensação de ter o apoio de um país inteiro.

Ainda tenho muito do mundo para ver (na verdade, muito da Austrália também), mas as coisas que acho especiais de nosso país (além do cenário magnífico) é a nossa atitude positiva e tranquila e a certeza de que sempre somos capazes. Gosto de pensar que somos capazes de nos unir para enfrentar desafios e mostrar ao mundo que podemos realizar aquilo que acreditamos.

Então, como estou comemorando? Bem, na noite passada fiquei bem contente por receber uma ligação via satélite do Primeiro Ministro Kevin Rudd, que se ofereceu para passar a todos uma mensagem de Feliz Dia da Austrália em meu nome. Foi o suficiente para fazer o dia valer!

Em notícias não relacionadas, estou contente em comunicar que o toalete foi remontado (graças a Deus!) e o forno voltou a funcionar depois de secar um pouco. Preciso dizer que, após passar alguns dias sem forno, meu respeito por James e Justin (os caras que atravessaram

o Mar da Tasmânia de caiaque) e qualquer outro navegante ou aventureiro, cuja fonte principal de comida era refeições secas e congeladas, aumentou mil vezes!

O processo de devolver a boa forma da *Ella's Pink Lady* após nossas pequenas batidas está indo bem, ainda que não tenhamos recebido apoio da outra frente que passou por aqui ontem. Por sorte, ela não ofereceu mais que ventos de 40 nós. No momento estou esperando o vento acalmar um pouco mais para terminar os remendos na vela mestra e erguê-la outra vez. A *Ella's Pink Lady* parece um pouco pior com suas cicatrizes de batalha, mas o mais importante é que continua forte como sempre. Eu não deveria estar muito surpresa, pois preparamos ela para aguentar isso, e foi esse o motivo para escolhermos um S&S 34. Ainda assim, é bom saber.

Não posso reclamar das milhas que andamos percorrendo. Estamos voando baixo pelo Atlântico. Estou começando a temer que a viagem termine e cheguemos em casa outra vez antes de eu estar pronta.

Bem, vou sair porque preciso preparar tortinhas de carne e guisado enlatado para um hambúrguer. Talvez eu prepare depois um bolo ou muffins, pois estou muito feliz pelo forno ter voltado a funcionar.

Feliz dia da Austrália!

P.S. Um milhão de parabéns a Abby Sunderland, que partiu para sua viagem no último sábado. Sei o grande desafio que é chegar na linha de partida. Embora aparentemente haja muitos adultos determinados a ver Abby e eu como rivais, desejo a ela apenas a melhor sorte possível, e estou muito emocionada por haver outra garota lutando pelo recorde!

Quinta-feira, 28 de janeiro de 2010

Rumo ao Leste

A temperatura já não está muito fria e a *Ella's Pink Lady* e eu estamos ao norte o suficiente para evitarmos a pior parte dos inclementes sistemas climáticos do sul (não que não estejamos preparadas para enfrentar uma tempestade em qualquer lugar do mundo). Então, é hora de começar a percorrer uma boa distância para o leste. Se formos muito para o norte, arriscaremos perder os ventos predominantes vindos do oeste que garantiam avanço tranquilo e boas distâncias.

Já estamos quase na metade da travessia do Atlântico: faltam apenas 2.300 milhas náuticas até passarmos pelo Cabo da Boa Esperança, embaixo da África. O tempo voa quando estamos nos divertindo!

Não tenho grandes novidades e nada de muito empolgante para relatar, só posso dizer que tudo está bem. Ainda estou amando cada instante e curtindo todas as pequenas coisas. Andei terminando alguns trabalhos após a tempestade e ontem aproveitei ao máximo o pouco de sol que havia para lavar algumas coisas –a mastreação e as linhas de proteção servem muito bem de varal!

Com todos em casa de volta às aulas (sinto muito, pessoal!), creio que chegou o momento de procurar onde guardei meus deveres.

Parece que as coisas seguirão tranquilas por mais um tempo, então a navegação deverá ser tranquila e, espero, faremos um bom progresso.

Sábado, 31 de janeiro de 2010

Sol, neblina e mar plano

Sei que sol e neblina não é a combinação mais típica e até ontem eu não tinha ideia de que os dois podiam coexistir. Sem dúvida, foi curioso: em um minuto tínhamos um perfeito dia de sol e no seguinte ele brilhava através de uma densa camada de neblina. Meio estranho. A neblina ficou pelo resto do dia e da noite, lembrando-me da serração que tivemos mais ou menos na mesma latitude quando estávamos indo para o sul no Pacífico.

Também tivemos condições de navegação muito boas – mal consigo acreditar em como há poucas ondas e como o mar está plano, o que torna nossa vida boa e confortável. Não andamos registrando as melhores velocidades com os ventos leves, mas a *Ella's Pink Lady* tem conseguido manter um ritmo bom em direção ao leste. Todo o sol quente e a facilidade para navegar me lembram os trópicos e parece que estou de férias!

É incrível que, após apenas alguns dias de condições tranquilas, tantos dos meus hábitos tenham mudado. Principalmente no que diz respeito às pequenas coisas, como deixar objetos no banco do *cockpit*. Na verdade, é uma maravilha poder apoiar uma caneca por um momento sem que ela saia voando por aí. Preciso me lembrar o tempo todo de deixar tudo organizado e afixado em seu lugar, pois sei que não vai durar muito.

Apenas 2.000 milhas náuticas até o Cabo da Boa Esperança.

Por hoje é só, porque estou animada para sair de novo e aproveitar o sol!

Segunda-feira, 1º de fevereiro de 2010

A vida segue normal por aqui

Mais dias ótimos para mim e a *Ella's Pink Lady* navegarmos. Ontem foi especialmente bom e nossa velocidade ficou o dia todo estabilizada ao redor dos sete nós. Na maior parte do tempo, o vento esteve entre 12 e 17 nós. Bem, é um chute, pois desde que perdi os instrumentos de vento, preciso recorrer ao método primitivo de olhar pela janela e atar um pedaço de cabo no estaiamento para determinar a velocidade e a direção do vento.

Essas são as condições climáticas que a *Ella's Pink Lady* e eu amamos. Alguém tem alguma objeção se eu driblar Sydney e começar uma segunda volta? Não, não se preocupem, eu não faria isso. Ainda estou tendo dias incríveis por aqui, mas também sinto saudades de várias coisas em casa. Eu não passaria ao largo de um banho quente sob hipótese alguma e tenho medo de não reconhecer meu irmão se ficar muito tempo fora, pois parece que ele está crescendo um pouco a cada dia!

Também tivemos mais daquela combinação estranha de sol e neblina. Parece meio estranho registrar um dia com zero por cento de nuvens no céu como sendo de visibilidade "muito ruim". Mas eu sou de Queensland, então acho que nunca me acostumarei à neblina! Além disso, vocês devem ter reparado que estamos nos dirigindo ao nordeste em vez de continuar no sentido leste. Bob disse para eu subir um pouco

mais para o norte a fim de evitar um sistema climático traiçoeiro ao sul.

É muito doido pensar que, não muito tempo atrás, manter-me aquecida era uma guerra, sobretudo no que dizia respeito aos pés, que exigiam várias camadas de meia e ficavam enfiados no fundo do meu saco de dormir. Agora, estou sempre irritada por acordar de calor nos pés! O fato de que algo tão pequeno está me incomodando já dá uma ideia de como as coisas estão bem por aqui no momento.

Então, a vida segue normal. Ontem foi um dia de trabalho doméstico (trabalho de barco) e sempre há tarefas de manutenção para me manter ocupada, como apertar correias do motor e aplicar novas camadas de fita em pontos desgastados. Aparentemente, também estou passando (ou desperdiçando) um bom tempo cozinhando. Minhas omeletes de ovo em pó estão melhorando a olhos vistos, mas minhas tentativas de mudar ou acrescentar itens às refeições da Easyfood estão falhando miseravelmente, bem como a maioria dos meus experimentos gastronômicos. É bom não ter ninguém para reclamar das refeições que arruinei!

Não faltam histórias de refeições arruinadas para contar, mas nada supera a vez em que consegui preparar um pacote de massa usando diesel no lugar de água. Sim, diesel, o combustível! Eu estava assoviando junto com o rádio e sonhando acordada enquanto preparava o jantar, então não estava tão concentrada quanto deveria e não percebi quando peguei o líquido do galão errado e misturei com o leite em pó. Não reparei no cheiro estranho, nem na consistência estranha, e assim que todo o pó havia sido dissolvido, derramei-o sobre a massa e aqueci até ficar duro. O normal seria eu ter notado, mas foi só depois que mergulhei o meu dedo na panela para provar... ECA!!

Em minha defesa, pouco antes de começar a cozinhar, eu estivera trocando o diesel de recipiente e respingou um pouco em mim, então meu nariz devia estar anestesiado para o cheiro. Ainda assim, foi uma burrice, e acordei rapidinho do meu sonho acordado depois que o gosto do diesel chegou às minhas papilas gustativas!

Terça-feira, 2 de fevereiro de 2010

Seguindo em frente

Estou quase começando a sentir que aqui anda a mesma coisa todo o dia e acho que não deveria dizer isso em voz alta, porque agora que disse, pela lei de Murphy, algo vai acontecer! E não é como se a falta de ação fosse ruim. Nenhuma notícia já é uma boa notícia, né?

Parece que minha cota de sol acabou, o que é especialmente incômodo porque, ao vasculhar alguns armários uns dias atrás, encontrei o meu sextante (um instrumento utilizado para descobrir a posição a partir do sol ou das estrelas) e estou ansiosa para ler os livros e ver o que consigo me lembrar – seria muito mais fácil se pudesse ver o sol.

Mas chega de reclamar. O lado bom é que o progresso tem sido bom, com muitas velocidades de 6 e 7 nós. Também há muito mais pássaros por aqui, porque estamos nos aproximando de algumas ilhas. Tenho avistado algumas espécies diferentes. As aves por aqui parecem menores que as do sul e estou com saudades de ver um albatroz!

Embora aparentemente iremos escapar da pior parte do clima ruim do sul, espera-se ventos bem fortes dentro de alguns dias. Ficarei feliz

quando essa frente passar e pudermos ajustar a direção para o leste outra vez.

P.S. parece que falei cedo demais! Acabei de terminar de digitar e estava aqui sentada na estação de navegação olhando pela vigia (um dos meus *hobbies* mais chiques!) quando de repente levei um susto, pois um grande objeto laranja passou boiando a menos de um metro de distância. Era algum tipo de boia de pesca com antena e, por pouco, quase tudo se enrolou no Parker!

Sábado, 6 de fevereiro de 2010

Ondulações e golfinhos

Ontem foi um dia cheio de ondulações, com o vento um pouco agitado enquanto passávamos por uma das extremidades do sistema climático ao sul. Minha melhor Jess-timativa (é como Bruce chama minhas descrições frequentemente vagas de como anda o vento) é de rajadas de até 40 nós. As ondas continuam acima dos quatro metros, ou seja, não são enormes, mas estão um pouco alvoroçadas e passam rápido com bastante impacto, arrastando um pouco a *Ella's Pink Lady*.

O vento aumentou e depois diminuiu conforme esperado e, como tudo estava pronto de antemão, não havia muito a ser feito além de segurar firme e seguir na carona. Agora que já passamos por algumas ventanias, lidar com ventos de 40 nós se tornou rotina, assim como rizar, cambar e jaibar se tornaram reflexos quase automáticos. Mas isso serviu para me deixar mais cautelosa do que nunca. Saber que tudo foi checado

duas vezes é a única maneira de conseguir paz de espírito.

Antes do vento chegar, fui presenteada com a visita de golfinhos – na verdade, centenas de golfinhos! Havia golfinhos por tudo, em todas as direções e até o horizonte. Longas filas de golfinhos saltando sobre as ondas, golfinhos escapando das vagas, golfinhos brincando na proa da *Ella's Pink Lady* e golfinhos nadando em silêncio e conversando entre si com pequenos guinchos e grunhidos. Eu não sabia para onde olhar. A visita chegou na hora certa, porque eu estava um pouco deprê e me sentindo frustrada, mas os golfinhos despertaram muitos sorrisos!

Os golfinhos não foram minha única companhia recente: também tenho visto diversas embarcações. Mais precisamente, vi três navios nos últimos dois dias, o que é muito para os meus padrões.

Ao fazer uma reestocagem de mantimentos na cozinha, e retirar coisas do depósito na proa, descobri que estou ficando sem Pringles (estou no último saco!) e há pouco molho de tomate. Além disso, minhas reservas de fruta enlatada estão minguando rapidamente. O lado positivo é que encontrei uma reserva de Nutella escondida (chocolate no pão!)

Restam apenas 1.500 milhas náuticas até o Cabo da Boa Esperança, mas vamos passar bem ao sul e longe da terra.

Quando disse que estava deprê, não era que estivesse me sentindo um lixo. Só estava em um daqueles dias em que não conseguimos afastar o mau humor. Quando ficava assim, eu negligenciava os deveres da navegação e postergava qualquer tipo de manutenção ou trabalho não essencial. Eu deixava rizados na vela quando, com um pouco mais de esforço, poderia deixá-la mais aberta, e não fazia nenhum telefonema nem mandava *e-mails*, exceto pelas rápidas skeds fundamentais.

Ver-me cercada de repente por centenas de golfinhos foi perfeito para me

animar e era impossível continuar deprê com eles em volta. É impossível não sorrir e rir ao assisti-los brincando na proa da *Ella's Pink Lady*.

Terça-feira, 9 de fevereiro de 2010

Peixe voador, sujeira, nenhum vento e,

então, muito vento

Ultimamente, tivemos alguns dias de pouco vento e outros de muito vento. Tudo está bem mais agradável devido às temperaturas tropicais. Até encontrei alguns pequenos peixes voadores (que geralmente são encontrados em águas mais quentes) no convés e me molhei ao inspecioná-los. Mas não grito nem a metade do que gritava ao levar um banho de uma onda inesperada.

Além dos peixes voadores, tenho visto muito lixo e plástico flutuando por aqui. É muito feio ver essas coisas boiando nas ondas – elas parecem totalmente fora de lugar. Então, decidi que vou me esforçar mais para recusar sacolas plásticas e utilizar menos plástico quando voltar para casa.

Ontem, e mais uma vez hoje à noite, o vento estava em 35 nós, o que manteve a *Ella's Pink Lady* andando bem mesmo com velas rizadas. O início do sábado foi muito frustrante com o vento parado. Não era tanto o fato de que não estávamos progredindo que me deu nos nervos e sim o horrível balanço do mar. Com ondas de quatro metros reminiscentes e nenhum vento para manter as velas firmes, o balanço era extremamente

desconfortável, e me deixou de muito mau humor até que o céu se abriu e o sol apareceu. Esse detalhezinho fez toda a diferença!

Passei o resto do dia me divertindo muito no sol e utilizando todos os meus produtos da Ella Baché, cuidando de mim mesma e garantindo que minha pele recebesse sua dose de atenção!

Quando o vento começou a voltar, eu estava me sentindo melhor e pronta para conquistar o resto do mundo!

Outro navio passou por nós na noite passada e, como faço muitas vezes, telefonei pelo rádio VHF para saber se eles sabiam a nossa posição. Embora eu preferisse estar dormindo, o vigia do navio pareceu bem amigável e foi bom conversar com ele, até o momento em que o diálogo meio que morreu quando expliquei o que estava fazendo aqui. Aparentemente, causo essa reação com frequência. É demais para eles aceitarem? Mas, para ser justa, acho que é um pouco atípico se deparar com um veleiro rosa no meio do nada que desaparece em meio às ondas de uma noite escura e ventosa. E, bem, acho que deve ser bem estranho ouvir uma voz de menininha dizer que sua próxima parada será em Sydney!

Bem, chegou a hora da tão esperada atualização sobre a questão da pesca. Temo que não haja notícias. Tenho soltado a linha de tempos em tempos, mas depois que um pássaro avançou na isca e ficou preso na linha algumas semanas atrás, ando um pouco receosa. O pássaro conseguiu se livrar, mas fiquei tão mal que passei o resto da tarde alimentando outras aves com biscoitos de chocolate (adoro meus biscoitos de chocolate, então acho que isso dá uma ideia de como me senti mal!). Como só tenho um número limitado de biscoitos de chocolate a bordo, dá pra entender por que ando com um pouco de

medo de soltar a linha nos últimos tempos. Mas ainda tenho muitas milhas pela frente e tenho certeza de que recuperarei minha confiança em algum momento.

Por hoje é isso. O vento caiu para 15 nós, então chegou a hora de tirar outro rizzo da vela mestra para nos manter em movimento.

Sábado, 13 de fevereiro de 2010

Escritório ao ar livre

Os últimos dias foram de sol e mar plano e estou amando, mesmo que a velocidade da *Ella's Pink Lady* esteja um pouco reduzida. Tivemos muitas medições de três nós, o que não é exatamente um luxo, mas significa que estamos nos movendo, e com o sol brilhando é difícil se preocupar muito com qualquer coisa.

Essa é definitivamente uma atitude que precisarei mudar se decidir participar de uma regata um dia. Caso contrário, ficarei na última posição sempre que o sol aparecer!

Uns dias atrás, finalmente tive a ideia brilhante de tirar o computador Toughbook de seu lugar na estação de navegação e levá-lo para o *cockpit* para digitar um pouco – não me perguntem por que não pensei nisso antes! Sentar em frente a um computador é centenas de vezes mais prazeroso quando estamos ao ar livre e perto da água. Também é muito mais fácil me persuadir a sentar e fazer tudo de uma vez. Peço desculpas a todos que estiverem lendo isso cercados por quatro paredes!

Sentada do lado de fora em meu belo escritório ao ar livre, tive a

companhia de dois belos peixes azuis. Eles passaram a tarde nadando ao nosso redor e mordiscavam sabe Deus o quê na parte externa do barco. É bom saber que alguém está mantendo o casco limpo de algas. Foi tipo uma lavagem expressa!

A *Ella's Pink Lady* está navegando bem no momento, mas temos alguns ventos contrários além do que sopra do sudeste, o que nos desvia do rumo exato que eu gostaria de seguir. Além disso, hoje mais tarde ou amanhã deveremos cruzar o primeiro meridiano. Mal posso esperar para voltar para o hemisfério leste: aí sim terei a sensação de estar a caminho de casa.

Se o sol estava brilhando, eu lidava muito bem com a ausência de vento e aproveitava a oportunidade para fazer o que era preciso no convés, procurar desgastes no barco e fazer alguma manutenção. Ao longo de toda a volta ao mundo, escrevi constantemente novas listas e risquei trabalhos conforme os realizava.

Aqui está um exemplo de uma lista de tarefas escrita em 12 de fevereiro:

- refazer as costuras da vela mestra;
- encher o tanque de combustível;
- apertar as correias e conferir o motor;
- guardar as coisas de volta na proa;
- limpar a cabine [isso aparecia em todas as listas!];
- encher o álcool do forno;
- apertar as porcas do leme;
- apertar as porcas do piloto automático;
- passar um pano úmido no painel dos eletrônicos;
- passar um pano úmido e checar o piloto de vento;

- usar o motor até que as baterias sejam recarregadas e o medidor de volts mostre “F”;
- trabalhar no livro.

Segunda-feira, 15 de fevereiro de 2010

A deriva

Não temos navegado muito nos últimos dias: ficamos à deriva e chacoalhamos de um lado ao outro, às vezes regredindo. Nada de muito empolgante. Então, ainda não cruzamos o primeiro meridiano. Estamos estacionadas a poucas milhas náuticas do hemisfério leste e não conseguimos chegar lá porque não há vento!

Tenho passado a maior parte do tempo no *cockpit* navegando manualmente ou concentrada em um livro para ignorar o balanço, o que é um tanto frustrante – na verdade, muito frustrante! Não progredir dá a sensação de que estamos apenas perdendo tempo. Descobri que a melhor maneira de parar de arrancar os cabelos é adotar a estratégia “não deixar isso me afetar” que utilizo durante as tempestades. Não é ótimo que as adolescentes sejam tão teimosas? Ah, chocolate também ajuda!

A boa notícia é que a previsão diz que o vento ganhará força em breve e estou ansiosa para isso.

Eu ia dar um relatório mais detalhado da situação da *Ella's Pink Lady*, todos os desgastes, rasgos. etc. Mas vou deixar isso para amanhã.

O primeiro meridiano é a longitude (linha vertical) que marca o grau zero longitudinal no mapa mundi. Essa primeira linha meridional começa no Polo Norte e termina no Polo Sul, e combinada à medida de longitude, mostra exatamente onde estamos em uma carta náutica.

Ainda estávamos bem para o norte àquela altura: dá para dizer que estávamos mais ao norte do que precisávamos, mas o motivo de termos escolhido esta rota mais longa era a menor possibilidade de sermos atingidas por tempestades traiçoeiras. O conforto e a segurança sempre pesavam mais do que a velocidade nas decisões. Ah, e o sol e as temperaturas quentes também eram levados em conta. Eu precisava me recuperar um pouco e, como boa nativa de Queensland, acho difícil lidar com a falta de sol. O progresso lento era um efeito colateral desagradável, mas se tivesse que escolher entre isso ou frio e vendavais, escolheria sempre o progresso mais lento.

Quarta-feira, 17 de fevereiro de 2010

Lugares para ir, desgastes e rasgos

Não muito depois da última vez em que postei no blog, começamos a ter um pouco de vento e cruzamos o primeiro meridiano, entrando no hemisfério leste – graças a Deus! Depois disso, o vento se acomodou em 30 nós pela maior parte de ontem, e a *Ella's Pink Lady* está acelerando e cobrindo muitas belas milhas em direção ao sul e ao leste.

Admito que não estou tão excitada com o sul após ter temperaturas entre 20 e 26 graus por tanto tempo. Aparentemente, não consigo me

empolgar muito com a ideia de voltar a águas mais frias e não acho que Parker e a *Ella's Pink Lady* gostem da ideia do frio muito mais do que eu. Estou precisando fazer muitas correções para nos manter na direção sudeste em vez de leste. Mas, a não ser que retornemos para uma latitude mais ao sul, vamos demorar muito mais para chegar em casa. Então é a contragosto que iremos em direção ao sul e ao frio!

De qualquer forma, prometi um relatório da atual situação da *Ella's Pink Lady*. No geral, ela está muito bem, levando em conta o número de milhas que já venceu. Quero dizer, como você se sentiria após quatro meses de trabalho duro sem um dia de folga?

Para começar, acho que afora a estrutura torta da targa e algumas cicatrizes e pontos enferrujados no convés e nas partes de aço inoxidável, ela aparenta ter sido um pouco castigada pelo tempo. Mas o estaiamento, as velas, as escotas, etc., estão muito bem, com poucos sinais de esfolamento e desgaste.

Parker, o piloto de vento da Fleming que agora está um pouco danificado, está fazendo o mesmo bom trabalho de sempre para manter nosso curso, embora tenha adquirido o hábito de friccionar os cabos que o unem ao leme, obrigando-me a encurtá-las e invertê-las o tempo todo.

O pequeno motor Yanmar mostrou a que veio e nunca falhou em dar a partida na primeira tentativa quando o aciono ou dou uma carga extra nas baterias (com ele desengrenado, é claro). A única manutenção que exigiu foi um ajuste rápido da correia e umas doses ocasionais de graxa na gaxeta (onde o eixo do motor passa pelo casco), e precisei tirar um pouco de água do filtro de combustível na semana passada.

Um de nossos mecânicos (Jim) instalou um filtro especial que separa o diesel da água (entrou um pouco de água no tanque de combustível

durante um dos jibes chineses, quando estávamos de cabeça para baixo). Obrigada, Jim!

Como o painel solar da Starboard foi um pouco avariado durante aquela tempestade, ele parou bruscamente de mandar energia às baterias. Mas os outros painéis e o gerador eólico ainda estão fazendo sua parte e ainda temos muito diesel, então não foi uma perda muito significativa.

Os reservatórios de água fresca vão bem. Tenho o suficiente para chegar em casa utilizando aproximadamente dois litros por dia, o suficiente para beber junto com o suco. Mas não sobra muito para gastar, então a água fresca é apenas para beber e cozinhar, a não ser quando temos uma boa chuva e conseguimos coletar um pouco mais.

A maior parte dos equipamentos elétricos está resistindo muito bem à umidade. Bem, afora uma das minhas câmeras portáteis de vídeo da Panasonic, que ficou um pouco molhada quando filmei alguns golfinhos um tempo atrás, ui! Mas o laptop Toughbook já mostrou que é super-resistente após ter sido exposto a muita água salgada e maus tratos.

Estou usando apenas uma boca do forno e tenho mais combustível do que conseguiria usar em umas três circum-navegações, então parece que exageramos um pouco nesse estoque!

E quanto à capitã, bem, o seu cabelo cresceu um pouco e, até onde sei, ela está mais saudável do que nunca. Embora eu ande me perguntando se minhas pernas não estão um pouco mais finas. Ainda me exercito muito na maioria dos dias, mas acho que talvez não consiga correr uma maratona logo depois de chegar em casa!

Antes de partir, passei por exames médicos completos, fui ao dentista e

fiz uma medição de massa corporal e exames de sangue. É interessante comparar o antes e o depois das medições (obrigada à Body Composition Australia). De modo geral, não mudou muita coisa durante a viagem. Pelo que sei, saí normal e voltei normal! Só perdi um pouquinho de peso e, sim, minhas pernas estavam um pouquinho mais finas.

Data da medição	Gordura corporal percentagem	Peso corporal total (kg)	Massa de gordura (kg)	Massa magra (kg)	Massa sem a gordura (kg)	Alteração (+/-) da massa corporal magra	Alteração (+/-) da massa de gordura	Alteração total de peso até a data	Alteração total de massa de gordura até a data
13/10/2009	24,1%	50,0	12,0	36,2	37,9				
20/05/2010	23,6%	49,2	11,6	35,8	37,5	-0,4	-0,4	-0,3	-0,4

Mudanças regionais de massa de gordura	13/10/2009	20/05/10	Alteração de massa de gordura (kg)
Braço esquerdo	0,57	0,53	-0,04
Braço direito	0,46	0,40	-0,06
Torso	4,42	4,26	-0,16
Perna esquerda	3,00	2,87	-0,13
Perna direita	2,90	2,78	-0,12
Gordura central	0,27	0,27	-0,01

Mudanças regionais de massa de magra	13/10/2009	20/05/10	Alteração de massa de gordura (kg)
Braço esquerdo	1,90	1,91	0,01
Braço direito	2,00	2,04	0,04
Torso	17,80	17,08	-0,72
Perna esquerda	5,92	5,91	-0,01
Perna direita	6,10	6,14	0,04

Quinta-feira, 18 de fevereiro de 2010

Quatro meses no mar

Hoje completo quatro meses no mar, mas ainda parece que foi ontem que partimos de Sydney! É um pouquinho assustador perceber o quanto o tempo passou e como me acostumei totalmente à vida cotidiana por aqui. Mas isso não quer dizer que não estou ansiosa para voltar para casa.

Estamos com um tempo bem ruim, nublado e chuvoso no momento, mas não vou reclamar porque estamos avançando bem. O vento sopra a cerca de 25 nós, e como estamos navegando quase diretamente a favor dele, a *Ella's Pink Lady* está avançando de maneira um pouco desconfortável. Não falta muito para retornarmos aos Forties e, como a temperatura está caindo um pouco mais, parece que meu belo e ensolarado feriado no Atlântico chegou ao fim. O lado positivo é que, com sorte, logo voltaremos a ver albatrozes.

Ainda aparecem navios ocasionais. Passou outro muito perto ontem à noite. Eles foram muito amigáveis e, quando mencionei no rádio que estava pouco confortável com a proximidade com que iríamos passar um pelo outro, eles ofereceram imediatamente para mudar o curso e nos dar um pouco mais de espaço.

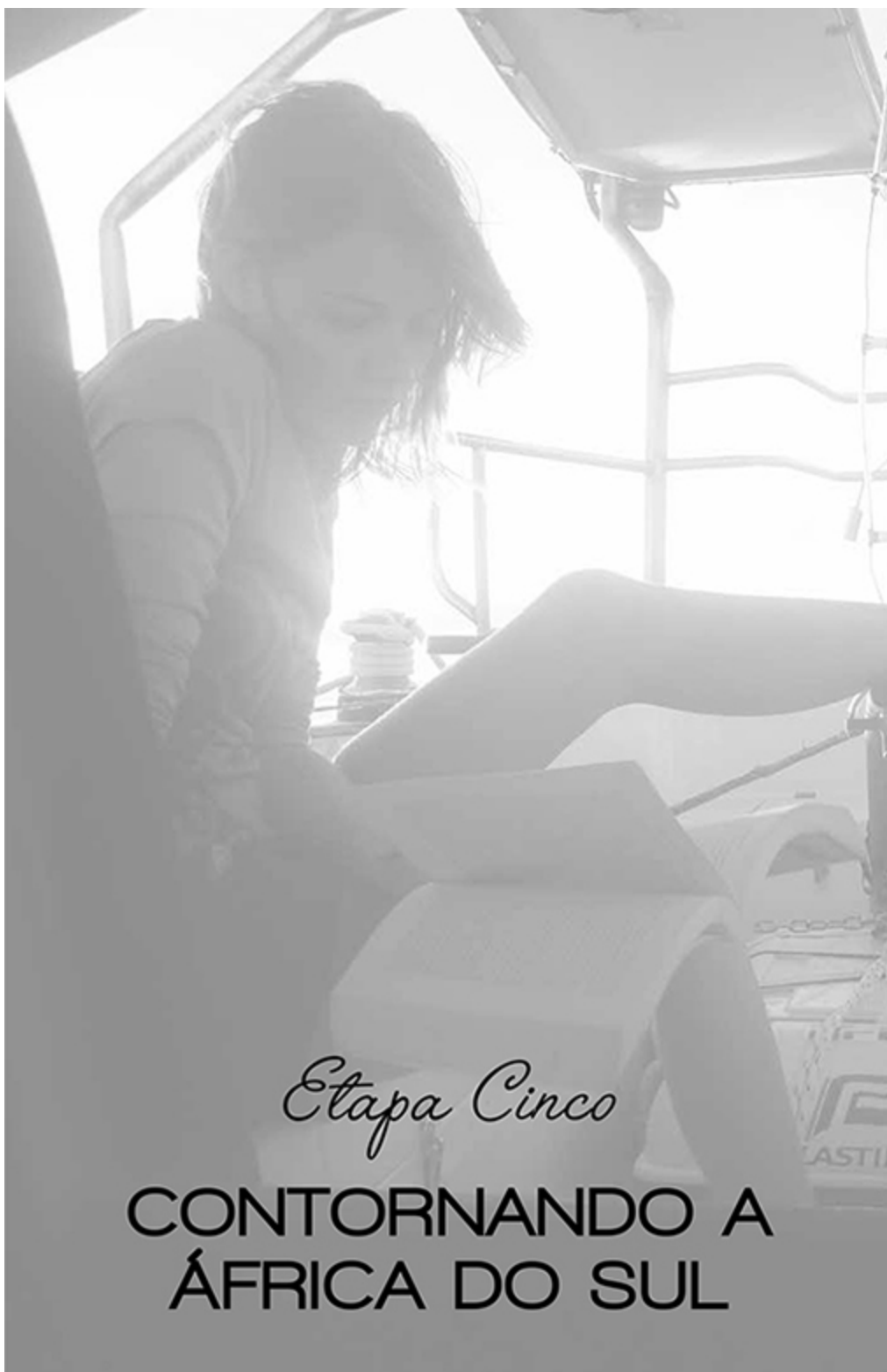
Ontem esqueci de dizer como anda a questão da comida. Afora a tragédia da Pringles e o molho de tomate, as coisas estão indo muito bem. Estou comendo um pouco menos do que minha mãe havia

planejado, o que significa que há um pouco de comida sobrando em cada sacola e poderei escolher minhas coisas favoritas e ignorar as menos gostosas. As frutas secas, os chocolates, as massas e a mistura chinesa de vegetais, o atum e as tortas enlatadas são as primeiras coisas a serem consumidas, e ao final da quinzena, a pilha de sobras geralmente inclui bolachas água e sal, bananas crocantes, ervilhas secas e feijão em lata. O que dá uma boa ideia do meu gosto. De qualquer forma, para resumir, parece que voltarei para casa com comida suficiente para alimentar um pequeno exército!

Faltam apenas 600 milhas náuticas para passarmos pelo Cabo da Boa Esperança. Enfim, por hoje é isso.

Ver navios após tanto tempo foi uma novidade tão grande que justificava perder um pouco de sono e passar por eles em segurança. Eu os chamava no rádio com frequência só para garantir que estavam cientes de nossa posição. A colisão havia me deixado extracuidadosa, talvez em excesso, quando estava por perto de navios.

Os vigias sempre pareciam muito surpresos ao responder depois de ouvirem minha voz de “menininha” no rádio. Eu pedia com educação que desviassem o curso e eles nunca se negaram.



Etapa Cinco

CONTORNANDO A
ÁFRICA DO SUL

Domingo, 21 de fevereiro de 2010

Atualização rápida sobre navegação veloz

Navegamos com calma e velocidade nos últimos dias. Agora, faltam apenas 250 milhas náuticas para passarmos pelo Cabo da Boa Esperança!

A Ella's Pink Lady vem surfando pelas ondas e tem mantido um ótimo ritmo de 25 nós. Apesar das condições úmidas e chuvosas, tenho passado muito tempo no convés para observar nosso avanço.

Decidi dar uma folga para o Parker ontem e passei um bom tempo navegando manualmente, o que gostei muito de fazer. Ainda fico eufórica ao sentir que estamos descendo uma onda e acho que jamais ficarei enjoada de ver as ondas e os pássaros!

Segunda-feira, 22 de fevereiro de 2010

*Quase contornando o Cabo e por que estou
navegando ao redor do mundo?*

Vou começar pelas boas notícias ou, melhor dizendo, pelas melhores

notícias, pois não há nenhuma notícia ruim por hoje. Agora faltam apenas 120 milhas náuticas para passarmos pelo Cabo Agulhas (eu vinha dizendo Cabo da Boa Esperança, mas na verdade o ponto mais ao sul da África é o Cabo Agulhas) e para eu riscar oficialmente mais um cabo da minha lista!

O vento caiu um pouco hoje e com isso o ótimo ritmo da *Ella's Pink Lady*. Mas ainda estamos avançando bem e pela primeira vez em mais de uma semana tivemos sol e calor. Após tanto tempo de chuvas, nevoeiros e céu nublado, o sol parece particularmente encantador! Como há um sistema de alta pressão passando por nós no momento, parece que a navegação tranquila (dedos cruzados para que não fique calma demais!) ainda vai durar um tempo.

Quando estava navegando ao sol hoje, fiquei pensando um pouquinho (sim, era isso o cheiro de queimado!). Como já passamos da metade da volta ao mundo, pode ser um bom momento para repensar o que exatamente estou fazendo aqui e se as minhas expectativas mudaram.

Na primeira vez que sonhei em dar uma volta ao mundo navegando, a primeira coisa que me atraiu foi a curiosidade de saber se era uma meta atingível ou não. Eu queria me desafiar e conquistar algo que me desse orgulho. E, sim, queria inspirar as pessoas. Odeio o fato de que muitos sonhos nunca se tornam mais do que isso, um sonho. Não estou dizendo que todos deveriam comprar um barco e partir para uma volta ao mundo, mas espero que, ao realizar meu próprio sonho, eu mostre às pessoas que elas são capazes de atingir seus próprios objetivos, grandes ou pequenos, sejam eles quais forem.

Agora que estou aqui, também acho que grande parte do objetivo era

me divertir e aproveitar ao máximo cada dia. Outra coisa incrível é que essa viagem e esse sonho já não são só meus. Cada marco alcançado também é um êxito de todos os que dedicaram tanto tempo e esforço para me ajudar a chegar aqui...

... Além disso, como sempre odiei ser julgada por minha aparência ou idade, espero ajudar a provar que não deveríamos julgar os outros pela aparência ou por nossos preconceitos. Quero que o mundo saiba exatamente do que as “garotinhas” e os jovens são capazes!

Mas chega desse papo. Mudando de assunto, hoje consegui cortar meu joelho em alguma coisa. Sangrou um pouco (rosa e vermelho não combinam!), mas nada muito sério, o que me fez perceber como tenho me saído bem em termos de saúde e ferimentos (três batidinhas na madeira). A água salgada não causou nenhum dano à minha pele (não é difícil saber por quê: obrigada, Ella Baché!), e conforme o tempo passa até estou conseguindo me machucar menos.

Fiquei sabendo do incrível esforço de Torah Bright, que rendeu à Austrália a medalha de ouro no snowboarding nas Olimpíadas de Inverno. Sei que às vezes estou um pouco desatualizada, pois as notícias podem demorar a chegar, mas gostaria de dizer “uau” e dar os parabéns a Torah!

Conversei com Mike e Don naquele dia – foi uma conversa cheia de palhaçadas e os dois ficaram me enchendo o saco! Papos como aquele valiam ouro, pois era a minha chance de dar algumas risadas despreocupadas e desviar a mente do que precisava fazer na *Ella's Pink Lady*. Conversávamos sobre qualquer coisa boba. Uma vez, Mike e eu passamos um bom tempo discutindo e comparando a qualidade de nossas chaleiras, e noutra Don passou quase meia hora tentando me ensinar uma rima para

lembrar quantos dias cada mês tem. Não é exatamente o tipo de conversa que se espera entre circum-navegadores.

Mike estava planejando se juntar a Don para recriar a famosa viagem épica do Capitão Bligh após ter sido expulso de seu barco, o *Bounty*, durante um motim da tripulação, quando precisou navegar de Tonga ao Timor Ocidental. Eles navegariam em uma réplica do barco de madeira e sem teto utilizado por Bligh e não levariam consigo nenhum equipamento moderno como cartas náuticas, bússolas, luzes ou mesmo papel higiênico. Era algo incrível e desafiador e Don usava isso para levantar fundos para pesquisas de doenças motoras neurais, como mal de Parkinson e mal de Alzheimer.

No fim, Mike precisou retirar o apêndice logo antes do início da viagem e não estava totalmente recuperado na data de partida, então não conseguiu ir. Mas Don partiu em 19 de abril de 2010. Em um triunfo memorável de resistência e poder do espírito humano, ele chegou no Timor com sua população de três pessoas, David Pryce, David Wilkinson e Chris Wilde, em 15 de junho. Aparentemente, Don perdeu 18 quilos durante a recriação da viagem. E vocês precisavam ter visto a barba dele!

Quinta-feira, 24 de fevereiro de 2010

Mais um cabo para trás e entrando no Índico!

É isso mesmo. Outro oceano e outro cabo para trás! Levou um tempo com os ventos leves que tivemos nos últimos dias, mas a *Ella's Pink Lady* passou sob o Cabo das Agulhas, embora eu não tenha conseguido ver nada desta vez devido à distância de 400 milhas náuticas até a costa.

Uma lua crescente brilhante e alaranjada sobre um céu espetacular e cheio de estrelas foram uma boa comemoração. Mas claro que também ataquei minhas reservas de chocolate e abri algumas serpentinhas!

Ainda há muitas milhas a serem cobertas no Oceano Índico e no contorno da parte sul da Austrália, mas agora já me sinto no caminho de casa. Restam apenas 4.200 milhas náuticas até o Cabo Leeuwin e a Austrália, um dado que me deixa muito empolgada e um pouco assustada! O clima excelente dos últimos dias mais do que compensou nossa baixa velocidade. Como um sistema de alta pressão passou sobre nós, tivemos céu perfeito, sol quentinho, mar tranquilo, muitos pássaros e um ou outro albatroz para nos fazer companhia. Quando não estava curtindo o sol ou contemplando a perfeição da cena, aproveitei o clima tranquilo para botar em dia algumas tarefas e dar uma boa checada em tudo. Fiz uma grande bagunça ao aplicar novamente Sikaflex em alguns vazamentos persistentes.

Também peguei outras duas agulhas e abri alguns buraquinhos nas mãos ao costurar um dos rasgos na vela mestra. Depois passei novo cabo pelo piloto de vento após finalmente desistir do velho conjunto, que estava gasto e encardido.

...Como sempre, o que é bom dura pouco, e amanhã deveremos receber uma frente e enfrentar climas traiçoeiros. Parece que meus dias de calma estão contados. De volta à realidade e às condições típicas do Oceano Antártico. Espero que possamos aproveitar os ventos fortes para reduzir bastante a distância até o Oceano Índico!

Contornar o sul da África foi outro passo importante da viagem, mas nem se comparava à empolgação de contornar o Cabo Horn. Sinto muito, mas o nome simplesmente não tem o mesmo peso, nem está tão encravado

na mitologia dos navegantes quanto o Cabo Horn.

Vendo na carta náutica, trata-se de um marco importante, a bordo da *Ella's Pink Lady* e tão longe da costa, tive que trabalhar duro para criar uma atmosfera e um sentimento solenes para a ocasião. Foi mais como um dia típico de navegação... Mas um dia bom!

Quinta-feira, 25 de fevereiro de 2010

Acelerando, surfando e dançando pelo caminho

Hoje é o aniversário de dezoito anos da minha irmã, portanto, antes de qualquer coisa, feliz aniversário, Emily!! É o segundo ano seguido que não estou lá para comemorar, então precisaremos descobrir uma maneira especial para compensar os presentes atrasados no ano que vem!

Estou amando nosso deslocamento veloz no momento. Está um pouco ventoso e o mar está agitado o suficiente para que a *Ella's Pink Lady* tenha que surfar um pouco. Ela está dançando pelo caminho, subindo em cada onda, surfando e balançando com as lufadas de vento. Mas não é muito desconfortável, pois o vento está soprando a pouco mais de 30 nós e estamos com o terceiro rizo na vela mestra. O sol apareceu outra vez após uma noite e uma manhã nubladas e de chuva, o que deixa as ondas com um tom lindo de azul turquesa e torna as cristas brancas bonitas em vez de ameaçadoras.

Tenho achado um pouco difícil me concentrar em qualquer coisa nesse momento devido às espiadas frequentes no registro que exhibe

nossa velocidade. Percebo que estou olhando para ele o tempo todo e nossa velocidade varia entre seis e nove nós, subindo um pouco de vez em quando com a passagem de algumas ondas. Acho que posso ter deixado algumas pessoas confusas ontem ao dizer que restavam apenas 4.200 milhas náuticas até a Austrália, mas isso é apenas para chegarmos até o Cabo Leeuwin, na parte ocidental da Austrália. Sydney fica a uma grande distância dali, sem contar com os prováveis ziguezagues ao redor dos sistemas climáticos.



Terça-feira, 2 de março de 2010

*O tempo passa voando e seguimos em
direção ao norte*

O tempo passa de maneira muito estranha, dando grandes saltos de vez em quando e às vezes se arrastando minuto após minuto. Mas rápido ou devagar, ainda estou curtindo cada instante.

No momento, estamos navegando perfeitamente com 20 nós de vento e sol. A vida a bordo continua igual a de sempre, cheia de detalhes que me deixam feliz. Por mais que esteja ansiosa, voltar para casa será um choque e tanto, pois me adaptei muito bem ao cotidiano daqui.

Uma coisa empolgante (ao menos para mim!) aconteceu recentemente: passamos para a carta náutica do Oceano Índico, com a Austrália em uma das extremidades. Parece tão longe, mas ao mesmo tempo tão perto. Também passaremos por um número surpreendente de ilhazinhas em nosso caminho pelo fundo do Índico. Eu não tinha ideia de que havia algo por aqui além de incontáveis ondas.

Bem, vou sair para guardar algumas coisas e dar uma organizada em tudo. Como sempre após alguns dias de boa navegação, a cabine ficou meio caótica. Mas uma previsão de tempo inconstante é muito mais eficiente para me forçar a organizar tudo do que minha mãe jamais foi!

Sexta-feira, 5 de março de 2010

Detalhes do cotidiano

Nos últimos dias, vimos um pouco de tudo. O clima não foi muito extremo, mas estava um pouco desconfortável porque o vento batia na lateral da *Ella's Pink Lady* enquanto ela navegava por ondas bem altas (cinco metros, talvez um pouco mais). Nesse instante temos condições calmas, ensolaradas e lentas outra vez.

Deve soar meio estranho e a maioria das pessoas pensa o contrário, mas acreditem ou não, os ventos leves podem ser muitas vezes o momento mais tumultuado para uma navegante. Quando os ventos estão fracos, costumam mudar o tempo todo, exigindo muitas correções de rumo e ajustes nas velas para que o barco continue em movimento. Quando o clima está mais intenso, o normal é que a *Ella's Pink Lady* siga em frente sem precisar de muita atenção, e como o movimento das ondas torna mesmo as coisas mais simples um milhão de vezes mais difíceis, costumo me resignar e ler um livro enfurnada na cama nos intervalos entre os trabalhos necessários (como me alimentar!). Quando o simples ato de abrir um armário pode esparramar todo o seu conteúdo pelo chão, acho melhor esperar sentada e fazer o menor número de coisas possível!

Como não tenho nada de especialmente glamoroso para contar, achei que seria uma boa ideia descrever a minha rotina diária em detalhes. Mas quando comecei a pensar no assunto, percebi que não é uma ideia tão boa, pois não tenho exatamente uma rotina para descrever. Com

algumas exceções, como as ligações diárias, não há absolutamente nada de rotineiro em minha vida. Hábitos de sono estranhos, costumes estranhos, a política de comer quando dá fome e, sobretudo, o clima desafiador impedem que dois dias sejam iguais. Às vezes me sinto bem motivada e me entrego à manutenção e à limpeza. Em alguns dias, mal tiro os olhos do livro que estou lendo. De vez em quando fico bem falante, dou diversos telefonemas e passo um tempão enviando *e-mails* – mas também há sequências de dias em que todos ficam sem notícias minhas. Posso dormir um monte hoje e quase nada amanhã. Às vezes me esforço muito na cozinha, noutras sobrevivo à base de Cup-a-Soups e bolachas. Nem sequer escrevo com regularidade em meu diário, pulando com frequência alguns dias e compensando em outros ao escrever um monte de uma vez só. Acho que posso dizer que sou um pouco aleatória! Mas mais do que qualquer coisa, quem dá a palavra final e recebe toda a prioridade é o clima.

Então, é essa a descrição dos meus dias. Ainda estou muito animada e amando a jornada. Mas fiquei com muitas saudades de casa e da terra ontem ao ver algumas fotos. Não que as ondas, os pássaros e o céu sejam entediantes: é só que de vez em quando eu adoraria ter algo novo para olhar!

As pessoas sempre me perguntam o que eu fazia com o meu lixo na viagem e a resposta é simples: ele voltou todinho comigo. Cada vez que enchia uma sacola de comida vazia com lixo, eu saltava em cima dela algumas vezes (se o clima permitisse), lacrava com fita e armazenava no armário traseiro ou na proa. Duzentos e dez dias de lixo podem parecer muito, mas não havia tanto quanto era de se esperar, pois quando minha mãe estava escolhendo e comprando a comida que eu levaria comigo,

retirou todo o excesso de embalagem. A pilha de embalagens descartada era incrivelmente grande. Isso me fez pensar em todo o desperdício que vem incluído em muito do que compramos.

Vi lixo plástico durante a minha viagem, mas não tanto, pois estava viajando muito para o sul. Ian Kiernan, o famoso velejador e ambientalista, ficou horrorizado com a quantidade de lixo que viu no oceano ao competir no Desafio BOC 1986/1987, uma regata de circum-navegação solitária, e quando voltou para casa decidiu tentar fazer a diferença. Junto com alguns amigos, formou um comitê e organizou o Clean Up Sydney Harbour Day [Dia de Limpar o Porto de Sydney] em 1989. Foi um grande sucesso e mais de 40.000 pessoas apareceram para ajudar. Dali em diante, a ideia cresceu, e o primeiro Clean Up Australia Day [Dia de Limpar a Austrália] ocorreu em 1990, com a participação de 300.000 pessoas. Ian Kiernan mostrou o que uma pessoa e o “poder do povo” são capazes de fazer. Sua ideia se tornou um evento anual em todo o país e também deu origem a uma campanha global que, de acordo com o *site* www.cleanup.org.au, “atrai anualmente um número estimado de 35 milhões de pessoas em 120 países incluindo desde a Micronésia até a Índia no Pacífico Asiático, da Argentina à Venezuela, na América do Sul; da Turquia aos Emirados Árabes Unidos, na Ásia Ocidental; de Aruba ao Zimbábue, na África; da Grécia à Polônia, na Europa; e dos EUA ao Canadá, na América do Norte”. Coisas grandes crescem a partir de coisas pequenas!

Segunda-feira, 8 de março de 2010

Navegando com tranquilidade

Ontem foi um dia perfeito para navegar, com ventos de 15 nós, boa velocidade, céu azul, mar tranquilo e um belo pôr-do-sol. Para melhorar, a situação hoje é a mesma e a previsão para os próximos dias também é boa, pois um sistema de alta pressão de deslocamento lento está nos deixando. Com as velocidades que a *Ellie's Pink Lady* tem atingido nos últimos tempos, acho não sou a única que está feliz em avançar para o leste. A temperatura é de agradáveis 25 graus ao sol, então passo o dia de regata e visto um suéter leve à noite. Acho que estou mal-acostumada!

Sendo assim, no momento, nossa navegação é muito tranquila. Bom, na verdade não tanto. O banheiro vem me causando alguma dor de cabeça. Apesar de ter passado a tarde de ontem retirando e substituindo diversos canos, ele ainda se recusa a funcionar, o que me deixa intrigada, pois não se trata exatamente de um equipamento de tecnologia de ponta. Definitivamente, não é o trabalho mais glamoroso ou agradável, mas não posso parar de tentar! Afora isso, hoje me dei ao luxo de pegar lençóis limpos e uma toalha nova. Não é bem um motivo para ficar superempolgada, mas o que me impactou quando abri o invólucro de plástico foi o cheiro fresco e indistinto de detergente. Isso me fez perceber como há poucos cheiros diferentes por aqui. Na maior parte do tempo, é apenas ar fresco e mar salgado. Imagino que, quando voltar para casa, todos os cheiros diferentes vão ficar em evidência.

Mudando completamente de assunto, tenho trabalhado nos últimos tempos com a equipe na Austrália para encontrar um nome para o livro (originalmente, estávamos cogitando *Ao redor do Mundo*, mas não é o nome ideal). Encontrar um título realmente adequado e que todos

gostemos está se mostrando um grande desafio. Então, gostaríamos de saber se vocês não têm alguma sugestão, pois chegou a hora de tomarmos uma decisão. Eu adoraria ouvir as ideias de vocês!

Ontem foi o Clean Up Australia Day, e espero que tudo tenha se saído bem. Não havia muito que eu pudesse fazer pela causa daqui, mas fiz um esforço a mais para organizar a cabine!

Recebi muitas sugestões de título dos blogueiros e foi fantástico ter um retorno dessa proporção, mas ainda foi muito difícil escolher. Eu não tinha bem certeza do que queria. Já havia recebido algumas sugestões de amigos e da família, mas nada tinha me agradado muito. Um que todos haviam gostado era *Garra Intrépida*, mas eu não era nada intrépida e tive que recusar. É claro que eu tinha medos. Uma das mensagens que esperava transmitir com a minha viagem era que ter medo é normal, o importante é administrá-los e garantir que não o impeçam de vivenciar as coisas e expandir seus limites. A ideia de intrepidez é um grande erro. Não queria de modo algum que as pessoas pensassem que eu era viciada em adrenalina ou algo do tipo – não era esse o objetivo de minha viagem. Quando me sugeriram outro título, *Destemida*, também não gostei. Achei um pouco exibido, passando a ideia de que eu era um exemplo de pessoa destemida. Mas assim como Jesse Martin odiou *Lionheart* no início, comecei a gostar mais do nome. Eu queria algo forte e inspirador, e não consegui achar nada melhor. Agora, estou feliz por não tê-lo rejeitado, pois embora eu jamais utilizasse “destemida” para me descrever, combina muito com a viagem.

Quinta-feira, 11 de março de 2010

Sol, estrelas e pores-do-sol

Em primeiro lugar, muito obrigada por todas as ideias de títulos. O retorno foi incrível e nos deu muito o que pensar, além de ter rendido boas risadas! Então agradeço mais uma vez.

A *Ella's Pink Lady* não anda quebrando recordes de velocidade nos últimos tempos, mas ainda estamos navegando em ritmo constante. Ontem foi um dia bem devagar, mas hoje foi melhor. O sol e o mar calmo ainda perduram, então as coisas não estão muito intensas. Mas quando a velocidade cai para menos de três nós, vira um teste para a minha paciência. Não é que eu esteja com muita pressa, pois ainda estou me divertindo. Mas ir para algum lugar parece ter muito mais propósito. O sol quentinho, as belas noites estreladas e os lindos pores-do-sol rosados me deixam de ótimo humor. Mas quando também temos velocidade... Aí sim sou uma garota feliz!

Outra coisa ótima das condições tranquilas é que consegui deixar a escotilha da proa aberta, o que está sendo ótimo para refrescar a cabine. Está ajudando muito meus esforços para acabar com o mofo e a umidade. É inacreditável os lugares em que encontro pedacinhos de mofo. A umidade dá um jeito de penetrar em todos os cantos. Os zíperes dos meus jeans, por exemplo, foram todos corroídos. É um saco!

Finalmente, estou aliviada e orgulhosa de comunicar que o banheiro está pronto para uso outra vez: o problema eram alguns grãosinhos de areia presos na válvula de pressão e liberação de ar.

Se tivesse que escolher minha parte preferida da viagem, seria aquela semana. Pouco tempo antes eu estava com muitas saudades de casa, mas

naquela semana me sentia muito diferente. Após dias quentes e ensolarados de mar calmo e navegação fácil com pores-do-sol de tirar o fôlego e noites de céu aberto com muitas estrelas, eu estava muito bem humorada. Foi a maior sequência de clima estável e confortável e amei cada minuto.

Eu jamais me cansava de observar as estrelas reluzentes, e uma das coisas mais incríveis que vi à noite foi durante uma ventania no Pacífico, quando *Ella's Pink Lady* e eu vimos a lua cheia e clara que aparecia e desaparecia por trás dos aglomerados pretos de nuvens.

Foi muito comovente ver o mundo ficando mais claro, e depois mais escuro, e então a lua subiu mais um pouco e vi um arco-íris prateado e multicolorido aparecer. Tive que piscar algumas vezes para ter certeza de que estava mesmo vendo... Um arco-íris à noite! Um arco-íris lunar. O perfeito arco de cores provocado pela luz da lua que brilhava no limiar da pancada de chuva era inconfundível. Após chegar em casa, descobri que o arco-íris lunar é um fenômeno documentado. Eu havia visto anéis ao redor da lua, mas nunca algo tão bonito quanto aquilo.

Eu nunca ficava entediada e me mantinha ocupada com pequenos trabalhos e a manutenção durante o dia. Quando o céu começava a ficar rosa, eu largava o que estivesse fazendo e me acomodava no *cockpit* com um travesseiro e algo para comer, como palitinhos de queijo, um pacote de frutas secas ou uma barra de chocolate (ou talvez as três coisas) e assistia ao céu mudando lentamente de cor até escurecer. Eu ficava lá por horas aproveitando ao máximo, olhando para as estrelas ou pelos pontos de fosforescência na pintura da *Ella's Pink Lady*.

Eu me perdia em devaneios ao relembrar feriados com a família e aventuras com Emily e meus amigos e me divertia ao lembrar de algo engraçado que Tom ou Hannah haviam dito ou algo que havíamos feito. Ou sonhava com o futuro. Durante aquela semana, senti-me muito agradecida

por ser tão sortuda. Eu estava vivendo meu sonho e amando minha vida simples a bordo da *Ella's Pink Lady*. Tenho uma família incrível, um futuro empolgante e sabia que quando a viagem chegasse ao fim haveria muitas coisas boas me esperando em casa. Mas naquela semana, era suficiente estar onde eu estava, e curti cada segundo.

Domingo, 14 de março de 2010

Tempo ainda calmo e alguma companhia

Não há muito de novo para contar sobre o clima. Continua calmo, quente e ensolarado. Dias lindos seguidos de pores-do-sol incríveis. Nossa velocidade tem oscilado um pouco porque às vezes a *Ella's Pink Lady* avança sobre a água e em outras só fica à deriva, dando um passinho à frente de tempos em tempos. Ontem, encontramos um bando de "fãs". Os pássaros aterrissaram na água ao nosso lado durante o dia todo. Eles nos observavam quando passávamos, ficavam para trás e então voavam outra vez para aterrissar novamente ao nosso lado. O fascínio das aves pela *Ella's Pink Lady* devia ter ligação com as bolachas e os vegetais enlatados que atirei para elas (sim, estou muito feliz por finalmente ter achado uma utilidade para os vegetais!). Mas independentemente do que as atraía, foi bom ter a companhia delas.

Por falar em companhia, o alarme AIS foi acionado ontem pela primeira vez em um bom tempo, alertando-me para um navio que se aproximava. Nossas trajetórias pareciam bem próximas. Como o dia estava perfeitamente claro e eu não estava dormindo, até curti ter um

pouco de agito. Lavei-me, penteei o cabelo e abaixei o volume do som para me preparar, mas fiquei um pouco decepcionada quando eles acabaram passando tão longe de nós que não consegui discernir a tripulação. Ainda assim, tive uma boa conversa pelo VHF com o vigia, que me disse que eles também se dirigiam à Austrália, a Port Kembla, logo ao sul de Sydney. Eles me desejaram sorte e desapareceram rapidamente outra vez.

Mais tarde, o vento acalmou e o mar ficou plano justo quando o sol estava se pondo, o que foi totalmente espetacular. A água era como um espelho refletindo o rosa do sol poente e as estrelas após o escurecer. O silêncio era incrível. Foi um daqueles momentos “MEU DEUS isso está mesmo acontecendo”. Mas só consegui curtir por um tempo, pois logo o cenário ficou meio sinistro e decidi ligar a música outra vez.

Ainda naquela noite conversei com Seamus, o piloto de um avião de passageiros que passou perto de nós. Como estavam com todas as luzes da cabina acesas, achei que conseguiria vê-los, mas no fim nossas rotas não eram próximas o suficiente.

Mudando de assunto, venho percebendo que apesar de eu estar a milhares de milhas de casa e no meio do oceano, meu irmão Tom tem dado seu jeito para me incomodar. Além de seu tradicional repertório de piadas horríveis escritas nos meus pacotes de comida (se vocês escutassem as piadas de Tom, me entenderiam!), descobri essa semana que ele substituiu alguns dos doces costumeiros da sacola de comida por um estoque de ameixas salgadas, que ele sabe muito bem que é a comida de que menos gosto no mundo! Ele respondeu às minhas reclamações com o envio de fotos não muito bonitas de uma operação recente em seu dedo do pé. Irmãos não são a melhor coisa do mundo?

Sem dúvida, há algumas coisas de casa que não dão saudade!

Nosso progresso na carta náutica do Oceano Índico está começando a ficar bem impressionante. Ainda há muito a ser percorrido, mas os dias e as milhas para casa estão começando a desaparecer. Também espero vencer muitas milhas na próxima semana, quando é esperado um clima mais agitado.

Bem, vou sair para almoçar, que aparentemente será pudim de chocolate (com nata e creme de ovos, é claro!). Como sempre, tenho uma lista de trabalhos para fazer antes do vento ganhar força.

Quinta-feira, 17 de março de 2010

Não exatamente confortável

Parece que minha cota de sol e navegação tranquila acabou. Acho que as condições que temos nesse momento não poderiam ser mais diferentes das que tínhamos poucos dias atrás. Chuva grossa, ondas abruptas de quatro metros e rajadas de 40 nós. Nada muito dramático, mas como estamos navegando a cerca de 80 graus do vento e das ondas, o movimento não é exatamente confortável e estamos adernando (inclinando) um tantinho.

Sempre que coloco a cabeça para fora da capota recebo chuva cortante no rosto e estou realizando um número de acrobacia para conseguir digitar isso, com as pernas ao lado das orelhas para me manter firme e deixar as mãos livres para digitar. Tá, acho que soa bem mais impressionante do que é de fato. Com três rizados na vela mestra e a

pequena buja de tempestade laranja erguida, a *Ella's Pink Lady* está se mantendo firme e forte, escalando uma onda após a outra.

Espera-se que o clima continue assim por mais um período de seis a doze horas antes de ganhar força outra vez. Então, tenho muito tempo para terminar o meu livro na segurança de minha cama! É engraçado: ainda fico um pouco nervosa sempre que a previsão climática de Bob mostra coisas desagradáveis. Mas depois, quando estamos em meio à situação e tudo está tão preparado quanto possível, volto a dormir tão bem quanto um bebê (sempre me pergunto que bebê dorme tão bem e por quê). Dessa vez, fiquei um pouco exaltada ao esperar pelo vento, pois ontem tivemos um nascer do sol lindo e brilhante e vocês sabem como é o ditado: Céu vermelho ao sol poente, marinheiro contente; céu vermelho quando desperta, marinheiro alerta.

Além dos costumeiros romances toscos de menininha, tenho curtido muito livros de viagem. O que não é uma boa ideia, pois a lista de lugares que estou doida para conhecer está cada vez maior! Também encontrei um livro “aprenda a dirigir” e comecei a tentar memorizar diversas placas de sinalização. Não é muito útil por aqui (big dã!), mas conseguir uma licença de aprendiz está no topo de minha lista de tarefas para quando voltar para casa.

Bem, estou me embrenhando outra vez na cama para evitar mais machucados, e quero encerrar parabenizando Shaun Quincey, que chegou à Nova Zelândia alguns dias atrás após remar desde a Austrália. Sei que já disse isso antes, mas às vezes recebo as notícias com um bom atraso. Acompanhar a viagem de Shaun me deixou agradecida por todos os luxos que tenho a bordo da *Ella's Pink Lady*!

Em 14 de março de 2010, o neozelandês de vinte e cinco anos Shaun Quincey se tornou o primeiro homem a remar sozinho da Austrália à Nova Zelândia. Certamente a aventura corre em seu sangue, pois seu pai, Colin, havia remado no sentido oposto, da Nova Zelândia à Austrália, trinta e cinco anos antes. Shaun passou quarenta e cinco dias no mar. Ele contou no seu blog: “perdi dezessete quilos, voltei para trás durante cerca de vinte e dois dias dos quarenta e cinco e remei nu quatro vezes (hábito um pouco superestimado) e meu visitante favorito foi uma baleia-piloto”. Por que os meninos gostam tanto de remar pelados? Jesse Martin fala sobre navegar nu em *Lionheart* quando a temperatura subia. Qual é o problema de pôr uma sunga?

Quinta-feira, 18 de março de 2010

Um pouco de tudo

Ao olhar a carta náutica hoje, fiquei um pouco assustada ao perceber que já estamos próximas da metade do Oceano Índico. Se tudo seguir conforme o planejado, amanhã estaremos mais próximas do Cabo Leeuwin, no oeste da Austrália, que do Cabo das Agulhas, na África do Sul!

Digo a mim mesma o tempo todo que ainda há um longo caminho pela frente, mas ao mesmo tempo não consigo deixar de ficar empolgada com tanto PVP (progresso visivelmente perceptível). Há uma parte cada vez maior da Austrália (uma forma muito familiar!) aparecendo na tela de exibição da carta conforme a *Ella's Pink Lady* se

aproxima lentamente.

O clima se acalmou um pouco desde terça-feira e após quase desaparecer por completo por algumas horas o vento se acomodou em 20 nós vindos do nordeste. É sempre um pouco frustrante quando o vento desaparece logo após uma ventania, pois ondas grandes são deixadas para trás. Tentar nos manter na direção certa com pouco vento e muitas ondas me impede de dormir bem.

Conversei com o Capitão Nick, do *Queen Mary II*, pelo telefone de satélite quando ele passou hoje bem ao norte da *Ella's Pink Lady*. Eles estavam indo de Perth a Mauritius e Nick me transmitiu os votos de boa sorte de todos os passageiros australianos e me deixou pensando por um bom tempo em todos os luxos a bordo do *QMII*.

O livro de Mike Perham sobre sua viagem, intitulado *Sailing the Dream*, foi lançado hoje no Reino Unido e na Austrália. Tive a sorte de receber um de seus rascunhos finais para ler (li tudo em poucas horas e então fui direto reclamar por não ter mais para continuar!). Posso dizer sem dúvidas que a leitura vale a pena.

Ah, e acabo de ouvir que Jesse Martin foi indicado para o *Cleo's Bachelor of the Year* na Austrália. Então faço um pedido a todas as garotas: vamos lá, precisamos dos seus votos!

Segunda-feira, 22 de março de 2010

Navegar com a Ella's Pink Lady e ilhas

Na sexta-feira outra frente chegou trazendo consigo ventos de 40 nós,

mas eles sumiram bem depressa. Após quatro dias de céu nublado, hoje tivemos um belo sol e ventos confortáveis de 15 nós.

O progresso constante nos trouxe para perto de duas ilhazinhas, Amsterdam e Saint Paul. Estou de dedos cruzados para que o clima continue bom e eu possa chegar o mais perto possível e dar uma olhadinha nelas.

Tudo vai bem por aqui, com uma trágica exceção. O estoque de pirulitos está chegando ao fim. Certamente, ainda há muitos espalhados pelas sacolas de comida quinzenais, mas só restam uns poucos pacotes do meu estoque extra utilizado quando comia todas as coisas boas nos primeiros dias (o que é bem comum!). Agora que estamos na segunda parte da quinzena e preciso de uma injeção de açúcar, só o que resta para acalmar meu ímpeto é uma pequena pilha de pirulitos chamados Goo-hearts (Coração de Gosma), que são tão bons quanto se espera de algo com um nome desses.

Algumas pessoas mencionaram que não falo em detalhes sobre como é navegar a *Ella's Pink Lady* com muita frequência. Um dos motivos é que geralmente não tenho muito o que contar. Como a mastreação **é simples e não estamos em uma regata, e sim em uma espécie de maratona, é um barco muito simples de manusear. Para dar um exemplo, posso colocar ou tirar** os três rizos na vela mestra (o que faz com que o tamanho da vela mestra aumente ou diminua) sem nem deixar a entrada da cabine, e praticamente todo o resto pode ser feito do *cockpit*. Na verdade, como tenho o hábito exagerado de erguer a buja de tempestade no primeiro estai frontal sempre que a previsão do tempo é ruim e o vento ultrapassa os 25 nós, posso afirmar que deixei a segurança do *cockpit* com ventos de mais de 35 nós apenas uma vez.

Não é nada demais, mas não deixa de ser impressionante.

Sendo assim, peço desculpas por acabar com todas as imagens dramáticas que vocês tinham de mim lutando contra as velas no convés em meio a ondas gigantescas e ventos destruidores, mas essa viagem consiste em corte de riscos, uma boa dose de preparação e espera (muito!) duradoura em vez de ser marcada por uma navegação movimentada. Essa não é a nossa prioridade!

Por falar em riscos: afora algum zigue-zague rumo ao norte para evitar diversas frentes passageiras, a *Ella's Pink Lady* e eu estávamos seguindo por uma latitude de mais ou menos 38 graus ao sul durante toda a travessia do Oceano Índico. É uma posição bem conservadora para se navegar, mas demos prioridade à segurança e ao conforto em detrimento da velocidade (acho que a essa altura vocês já sabem o quanto valorizo um pouco de sol!)

Além disso, apesar de todas as especulações e até de algumas dúvidas minhas antes da partida, não houve nenhum momento por aqui (até agora!) em que desejei ser mais forte. Eu adoraria dizer que é por causa dos meus incríveis músculos e da minha força sobre-humana, mas infelizmente não seria verdade. Aliás, estaria muito, muito longe da verdade. O fato de que acho a *Ella's Pink Lady* tão fácil de manusear se deve ao tempo e ao esforço que dedicamos para ajustá-la e ao tipo de barco que ela é. O S&S 34 não é grande e tem um desenho bem conservador. As coisas que precisamos fazer (suspiro) por não termos superpoderes!

Enfim, ter um pouco de sol outra vez propiciou uma boa oportunidade para retomar meus esforços por um barco livre de bolor. Dessa vez, ataquei o interior de diversos armários, o que na verdade foi bem

divertido, pois tenho encontrado um monte de bugigangas que eu havia perdido ou haviam sido esquecidas. A melhor descoberta foi o meu iPod, que sumira há um tempo atrás. É quase o mesmo que ter 8GB de música nova!

Quinta-feira, 24 de março de 2010

Um pouco de agito e um barulho à noite

Bem, as coisas ficaram um pouco agitadas algumas noites atrás, quando o vento ganhou força repentinamente e mudou muito de direção. Em um segundo tudo estava quieto e a *Ella's Pink Lady* navegava tranquilamente pela noite estrelada com todas as velas erguidas. No instante seguinte, o vento estava soprando a mais de 35 nós e a *Ella's Pink Lady* adernava e avançava na direção errada. Ficar ensopada às duas da manhã não é exatamente fora do comum, mas com o vento do sul, as ondas e a chuva gélida foi uma experiência gelada e inoportuna.

Após jibarmos e recuperarmos o controle de tudo, voltei para baixo e escutei um ruído elétrico muito estranho. O tipo de barulho que faz você pensar na hora: "isso não é bom". Após alguns minutos de desespero em que esvaziei armários na tentativa de encontrar o problema enquanto imaginava todos os danos críticos que poderiam ter ocorrido, fiquei muito aliviada ao descobrir que o barulho vinha de um pequeno empacotador a vácuo que havia se ligado sozinho. Ri muito da minha cara pela situação!

O clima continuou com ventos fortes e mar revolto com ondas de até cinco metros. Portanto, quando nos aproximamos da Ilha Amsterdam, ver a paisagem já não estava no topo da minha lista de prioridades, e acabamos passando bem longe ao norte durante a noite.

Talvez na próxima vez eu dê uma olhada melhor. Tanto a Ilha Amsterdam quanto a Ilha de São Paulo parecem ter histórias bem pitorescas. Todas essas ilhazinhas no meio do nada parecem repletas de casos de naufragos que sobreviveram nelas por anos antes de serem resgatados por outros navios. Mas a história dessas ilhas que realmente chamou a minha atenção foi a da empresa que montou uma fábrica de lagostas em conserva na Ilha de São Paulo antes de declarar falência e abandonar sete de seus trabalhadores na ilha. Quando alguém finalmente lembrou dos pobres coitados e foi buscá-los três anos depois, só havia dois sobreviventes. Imaginem ser esquecida e abandonada em uma ilhazinha completamente no meio do nada!

O vento e as ondas diminuíram outra vez. Na verdade, um pouquinho mais de vento não seria nada mau, pois não estamos saindo muito do lugar. É hora de abrir o depósito de paciência até que as coisas se animem um pouco. Por falar em vento, fiquei triste ao saber dos danos causados pelo ciclone que passou pela costa de Queensland na semana passada e por todos os barcos arrastados e naufragados em Airlie Beach.

Sábado, 27 de março de 2010

Algas e uma foca

Na maior parte do tempo, o vento tem ficado no agradável intervalo entre 15 e 20 nós, empurrando a *Ella's Pink Lady* com suavidade. Mas agora ele caiu mais uma vez e junto o nosso ritmo de viagem. Também há grandes ondas passando, o que torna o movimento bem desconfortável e tira a *Ella's Pink Lady* de seu curso. Manter-nos vagamente na direção leste já exige ajustes constantes do Parker (piloto de ar). Mas o bom progresso dos últimos dias mais do que compensa as dificuldades de hoje.

Temos passado por pequenos aglomerados de algas nos últimos dias, algo que eu não via desde que deixamos as proximidades das Ilhas Malvinas.

Ontem, espiei pela vigia bem a tempo de ver uma barbatana muito estranha ser erguida no ar. Corri até o convés e consegui ver que era uma foca deitada de costas com uma das nadadeiras no ar (desculpa, não consegui tirar uma foto!). É a primeira foca que vejo na viagem e fiquei muito surpresa ao encontrá-la tão longe da terra. Mas cabe lembrar que não sei nada sobre os lugares de preferência das focas.

Hoje seria um dia de manutenção do motor, mas como não havia muito a fazer, passei metade do tempo limpando, lustrando e ajeitando meu próprio corpo.

Agora, restam menos de 1.400 milhas até a Austrália!

Terça-feira, 30 de março de 2010

Grandes Ondas

Avançamos muito nos últimos dias, mas não em direção à Austrália. Deslocamo-nos para o norte outra vez para evitar a pior das frentes que está passando. Ela já passou, mas deixou um rastro de ondas enormes – as mais altas chegam a atingir os sete metros. No geral, a *Ella's Pink Lady* lida muito bem com os percalços, mas as ondas que quebram de vez em quando fazem o barco balançar bastante.

Quando o vento começou a diminuir hoje de manhã, finalmente encostei um pouco a cabeça para dormir uns minutinhos. Eu devia estar muito cansada, pois não acordei com o meu alarme rompe-tímpanos (bom, estou sendo um pouco exagerada! Afinal de contas, meu ouvido ainda funciona. Mas acreditem, ele é muito alto) e só acordei uma hora mais tarde, quando vi que a *Ella's Pink Lady* estava navegando contra o vento e desviando do curso. Uma das ondas maiores deve ter abatido a pá do piloto de vento enquanto eu dormia e sem ela Parker já não era capaz de nos manter na direção certa. Por sorte, ainda tenho algumas de reserva e foi fácil consertar a situação.

Na maior parte do tempo, dormir bastante não é um problema, embora sempre em pequenos intervalos. Normalmente acordo ao menos uma vez por hora para dar uma espiada nos instrumentos e checar tudo, mas quando há vento forte, clima instável ou terra por perto, pode ser difícil voltar a pegar no sono. Sei quando estou ficando exausta porque começo a sentir uma coceira na garganta igual a quando estou ficando resfriada. Mas como não há bactérias por aqui, não fico resfriada, o que é um lado positivo!

Quando o sol apareceu hoje, a cabine ficou repleta de vapor com a secagem de meu traje à prova d'água e de todos os outros objetos. O vento e as ondas continuaram bem grandes e fortes o dia todo. Manter-

me equilibrada já tem sido o bastante para me manter ocupada.

Tenho certeza de que ainda haverá muito tempo ruim para enfrentar e muitas milhas para vencer, mas não consigo deixar de pensar no retorno para casa com cada vez mais frequência. É um pouco estranho: quanto mais perto da Austrália eu chego, mais sinto saudades de todos. Já estou ficando empolgada, mas também um tiquinho nervosa! Já mencionei como estou ansiosa para dar uma volta a pé?!

Está escuro e há luz suficiente vindo da lua cheia para ver a crista das ondas maiores. Sentir o movimento da *Ella's Pink Lady* ao passar pelas maiores é algo de que nunca me canso.

Deve parecer estranho que eu estivesse nervosa para voltar para casa, mas estava um pouco. Disseram-me que talvez houvesse uma recepção planejada e isso foi o suficiente para me dar um friozinho na barriga. Andrew disse algumas vezes que minha vida seria muito diferente após o retorno. Só o fato de ter passado dois anos antes de partir me concentrando totalmente na viagem geraria uma sensação de estranhamento por eu não ter mais esse foco. Mas havia outro aspecto que pesava nos meus sentimentos, mais difícil de explicar, e espero que meus pais não fiquem chateados por eu mencioná-lo. Eu estava realmente ansiosa para ver todos, mas às vezes me sentia um pouco claustrofóbica ao pensar nisso. Eu não tinha certeza de como seria voltar a morar na minha casa após ter tanta independência no mar. Sim, era impossível sair do barco, mas eu podia fazer o que quisesse na hora que quisesse e tinha total controle sobre minha rotina. Voltar a compartilhar uma casa com a família implicava abrir mão dessa independência, ao menos por uns tempos.

Mas ter meus pais por perto certamente tornaria melhores os meus hábitos alimentares. Eu havia me tornado muito preguiçosa na cozinha e

estava em uma fase de milho e chocolate. Em vez de me incomodar em fazer uma omelete ou cozinhar alguns pernis de cordeiro quando estava com fome, eu só abria uma lata de milho e completava a refeição com uma barra de chocolate. Parece péssimo, eu sei!

Quinta-feira, 31 de março de 2010

De mais ou de menos!

Ainda não posso comunicar grandes progressos na direção da Austrália. Dessa vez, os ventos leves e contrários nos impedem de avançar para o leste. Odeio ser o tipo de pessoa que está sempre reclamando porque há vento demais ou de menos, mas é essa a sensação que tenho.

Na noite passada, quando desisti de ajeitar o leme a cada poucos minutos e tentar nos manter na direção certa, a *Ella's Pink Lady* ficou à deriva navegando em um grande círculo. Não tenho certeza se isso deveria ser motivo de orgulho, mas se fosse um concurso de círculos sincronizados, teríamos levado o primeiro prêmio fácil, fácil. Era um belo círculo! Talvez eu tenha futuro como um desses pilotos que escrevem coisas no céu! Brincadeiras à parte, eu adoraria estar voando em direção à Austrália nesse instante, mas o clima tem outros planos. Então, não há muito que eu possa fazer além de esperar e seguir a corrente.

Como de costume, o tempo calmo propiciou uma excelente oportunidade para pôr a manutenção em dia.

Ontem fiquei empenhada para resolver alguns ruídos. Enquanto

perambulava pela *Ella's Pink Lady* com um spray de lubrificante, encontrei algumas correntes que haviam se soltado. Foi bom tê-las encontrado agora, enquanto o mar ainda está calmo.

Também me dei um trato com um balde de água quente durante o banho de ontem em vez de usar apenas o bule de costume. Isso é que é luxo, ainda que tenha demorado um século para aquecer tudo. A *Ella's Pink Lady* **não deve em nada ao Queen Mary II!** Até sobrou um pouco de água quente, então pude sentar com os pés dentro de uma bacia enquanto escovava o cabelo. Ah, é claro que para terminar eu acendi o aquecedor para me secar (finalmente consertei o aquecedor, mas meu secador de cabelo de 12 volts infelizmente parou de funcionar ainda antes do Cabo Horn, uma grande tragédia!).

Uns dias atrás, quando o mar ainda estava revoltado e com ondas grandes, eu estava conversando com meu pai pelo telefone via satélite e ele me pediu para descrever o movimento do barco. Por isso, fiquei pensando na melhor maneira de descrever como são as coisas por aqui a todos vocês que não navegam. Acho que o principal é que nunca estamos simplesmente nos movendo em uma direção e o movimento não é nada consistente. Em primeiro lugar, há um movimento semelhante ao de uma rede causado pela passagem das ondas. Há também a inclinação (como em um balanço) e, além disso, as ocasionais acelerações quando descemos por uma onda, assim como quando estamos na praia. Acrescente algumas subidas e descidas bruscas, como se estivesse em um elevador hiperativo, e complete com a ideia de ter seu universo inclinado em um ângulo de 45 graus. (Desculpa, estou com dificuldades para pensar em um equivalente da vida cotidiana para essa última!) Então, é mais ou menos como viver em uma montanha-russa

(bem, acho que é assim que é uma montanha-russa, mas vai saber, só andei num brinquedo desses uma única vez e mal me lembro, pois estava totalmente apavorada!). Mas uma montanha-russa com paradas repentinas e puxões laterais aleatórios e ainda um pouco de barulho e muita água. Essa é a receita para entender como é navegar com ventos de 40 nós e ondas grandes.

Por falar no telefone via satélite, queria falar um pouquinho com vocês sobre a SatCom Global, que patrocinou meu telefone via satélite Iridium, e também o Sailor 250, que uso para enviar as postagens do blog, fotos e vídeos. Quero dizer, é preciso admitir que assumir a conta de telefone de uma garota de dezesseis anos é um impressionante ato de coragem. Por isso, mil obrigadas, pessoal!

Vou terminar com uma boa notícia: temos vento outra vez! Enquanto eu digitava, uma brisa agradável e constante começou a se formar e a *Ella's Pink Lady* está se movendo a mais de três nós no sentido sudeste.

Austrália, lá vamos nós!

Quinta-feira, 2 de abril de 2010

Atualizações rápidas e fotos

Ainda não estamos quebrando nenhum recorde de velocidade, mas a *Ella's Pink Lady* está seguindo em um ritmo razoável outra vez. Então tudo está bem e hoje o sol se juntou a nós mais uma vez, o que também fez maravilhas para melhorar meu humor. Agora, não deve demorar muito até que o sistema de alta pressão responsável por esses ventos

fracos vá embora e tenhamos ventos mais fortes para nos dar um bom empurrãozinho.

Tive um dia movimentado, aproveitando ao máximo o clima agradável para fazer uma boa faxina. Por sinal, esfreguei e limpei tantas coisas hoje que acabei quebrando o cabo do esfregão ao meio. Talvez eu estivesse enganada quando disse que não tenho forças sobre-humanas! Mas não há motivos para preocupação, também tenho um esfregão de reserva.

Sei que fazer faxina não é o melhor dos passatempos, mas visto que não posso sair para uma boa caminhada na praia para gastar minha energia extra, não tenho outra escolha senão descontá-la nas minhas roupas e na *Ella's Pink Lady*. E até mesmo fazer uma faxina não é tão ruim quando você está sentada no *cockpit* cercada por água azul, com sol quentinho nas costas, uma brisa suave no rosto e uma seleção de músicas!

Foi ótimo saber que Abby Sunderland contornou o Cabo Horn ontem. Estou muito emocionada por ela. Isso traz de volta muitas memórias de quando eu estava por lá. Vai, Abby!

Quinta-feira, 7 de abril de 2010

Alguns altos e baixos

Mil desculpas por ter ficado tanto tempo sem dar notícias. O clima tem sido interessante nos últimos dias. Além disso, feliz Páscoa atrasada para todo mundo. Acontece que ninguém se lembrou de empacotar ovos

de páscoa para mim, mas não foi o fim do mundo, pois tenho chocolate mais que suficiente e minha mãe desafiou meu irmão Tom, minha irmã Hannah e eu para uma competição de decoração de ovos via fotografias por *e-mail*. Não tenho certeza de quem foi o vencedor, mas certamente não fui eu!

O mar não tinha ficado tão alto com o clima ruim nos últimos tempos, mas compensou a falta de tamanho com movimentos abruptos e imprevisíveis, tornando a viagem desconfortável. Dessa vez, em vez de desviarmos da ponta da frente como de costume, o centro de um sistema de baixa pressão passou bem em cima de nós, gerando primeiro ventos fortes vindos do norte e então desaparecendo totalmente antes de nos acertar com uma pancada do sul. Uma mudança na direção do vento como essa resulta em condições medíocres para navegar.

Embora as condições não fossem as piores por que passamos, por algum motivo o movimento desconfortável e minha cama úmida me deram nos nervos, deixando-me muito mal-humorada e com saudades de casa. Normalmente, consigo me livrar de uma onda de mau humor em poucas horas, mas dessa vez não consegui reunir a energia e fiquei rabugenta por alguns dias inteiros, o recorde da viagem!

Mas bastou uma refeição decente e um avanço considerável para me trazer de volta ao humor de costume e me fazer cantarolar (muito mal) a plenos pulmões aquela que atualmente é minha canção favorita, “Forever Young”, sob chuva no convés com a *Ella's Pink Lady* avançando na escuridão.

Não sou a única que tem enfrentado mau tempo. Os participantes da regata individual transtasmaniana, incluindo um de meus maiores apoiadores, Bruce, em seu *Big Wave Rider* multicasco de 46 pés, tiveram

um trajeto com muitas ondas noites atrás do outro lado da Austrália. Até agora, Bruce está no primeiro lugar e mantendo uma média de velocidade ao menos duas vezes maior que a da *Ella's Pink Lady*!

Hoje, coloquei e retirei os rizados com frequência, pois havia muito vento. Com cada linha de nuvens vinha um sopro de vento e então uma breve pancada de chuva antes do sol aparecer outra vez por alguns minutos. Embora tenha enfrentado bastante chuva na última semana, hoje foi a única ocasião em que consegui coletar bastante água. Ultimamente, sempre que chove há muitos respingos do mar, deixando a água da coleta com um gosto salgado.

Mas consegui tanta que me dei ao luxo de um banho completo de água fresquinha. Ter o convés livre de sal também é uma novidade!

Agora não restam dúvidas de que a Austrália já se assoma à nossa frente. Menos de 400 milhas náuticas e apenas alguns dias até passarmos pelo Cabo Leeuwin!

Não foi tanto o clima que fez com que eu não escrevesse no blog por tanto tempo, mas o meu humor! Olhando em retrospecto, aquele foi o período mais difícil em termos emocionais durante toda a viagem. Deixei-me cair completamente em um buraco negro e, diferente do que acontecera em situações anteriores, quando consegui chorar e me lamentar por algumas horas antes de seguir em frente, dessa vez não consegui me animar. Fiquei triste e com um péssimo humor por três dias seguidos. Por sorte, eu estava sozinha! No fim, superei aquilo e comecei a me sentir melhor, e atribuo aquela depressão ao clima úmido e difícil, que estava uma droga completa. Ou era por causa da lua!

Quinta-feira, 8 de abril de 2010

Cinza e nublado, mas com um sorriso no rosto

Temos uma má notícia hoje. Algo ruim que estava ameaçando acontecer há muito tempo finalmente aconteceu. Caiu o pegador da minha única chaleira! Mas em breve poderei entrar em uma loja e comprar uma nova.

Estamos a poucas centenas de milhas náuticas de passar pelo Cabo Leeuwin e devemos estar na Austrália em algum momento do fim de semana! O tempo está cinza e nublado outra vez, com um pouco de ondulações na direção do vento e mais um pouco de chuva. Nada fora do normal, só continuamos navegando.

Curti muito conversar com Jamie Dunross hoje, que não está tão longe de nós em meio à Grande Baía Australiana, navegando um S&S 34 amarelo claro e prestes a se tornar o primeiro quadriplégico a navegar sozinho ao redor da Austrália. Aparentemente, ele também teve problemas para ser levado a sério quando contou seus planos às pessoas. Sei que sou um pouco suspeita para falar, porque ele está navegando em um barco maravilhoso (avante, S&S 34!), mas se quiserem minha opinião, o que Jamie está fazendo demonstra definitivamente que tudo é possível.

Não digo isso com a frequência necessária, mas obrigada a todos os blogueiros, minha imensa família adotada! Todos que deixam mensagens rápidas, saibam que valorizo o apoio. Ler seus comentários de vez em quando sempre me faz sorrir, por mais que eu goste de fingir que não estão falando de mim!

Estou pensando em comer *muffins* de chocolate no jantar, mas tudo depende de eu conseguir me impedir de comer toda a mistura enquanto cozinho!

Tenho certeza de que vocês acharão interessante, então pensei em falar um pouco mais sobre Jamie Dunross. Jamie começou a navegar quando tinha dez anos e continuou em atividade até os vinte e poucos. Aos vinte e dois ele deixou a costa e foi morar em Meekatharra, no oeste australiano, a 538 quilômetros da praia mais próxima, em Geraldton. Ele foi para lá trabalhar nas minas de ouro.

Em 24 de agosto de 1988, quatro dias antes de seu vigésimo terceiro aniversário, ele estava terminando o seu turno e limpando alguns equipamentos quando uma válvula defeituosa se abriu e liberou um jato de água pressurizada que o atingiu no peito. Ele foi arremessado no ar e caiu de mau jeito. Foi um momento que mudou tudo. Jamie recebeu o diagnóstico de quadriplégico C5

A história dele é muito inspiradora. No início ele relutou na reabilitação e teve depressão suicida pela falta de sua antiga vida. Mas após alguns anos difíceis, ele conseguiu aceitar o que havia acontecido e voltar a navegar foi parte importante desse processo. Ele ganhou uma medalha de ouro nos Jogos Paraolímpicos de 2000 na Classe Sonar e competiu ao redor do mundo todo.

Após quebrar diversos recordes australianos, Jamie partiu de Rockingham, no oeste da Austrália, a bordo de seu S&S 34, o *Spirit of Rockingham*, para se tornar o primeiro marinheiro quadriplégico a navegar todo o perímetro da Austrália. Jamie estava em Sydney para me recepcionar quando voltei para casa, o que foi incrível, e no momento em que a edição australiana deste livro estava sendo enviada para a gráfica, ele estava prestes

a contornar o Cabo York.

Jamie é incrível, e no seu *site* está escrito: “A vida continua. O que você faz dela é o que conta”.

Domingo, 10 de abril de 2010

Águas australianas e lula de almoço

O dia de hoje começou com um belo nascer do sol enquanto a *Ella's Pink Lady* navegava sobre a linha verde da carta náutica e entrava em águas australianas. Aquele foi um momento bem especial, marcado pelo chocolate quente na mão (sim, consegui arrumar a chaleira!), uma garoa leve e um albatroz que descreveu círculos acima de nós.

Mas ainda temos um longo caminho pela frente e na próxima semana passaremos pela Grande Baía Australiana e nos dirigiremos ao sul rumo à Tasmânia. É bem provável que eu passe sobre a linha verde outra vez e volte a deixar as águas australianas. É estranho estar tão perto, mas ainda ter tantas milhas pela frente.

Ainda mais empolgante do que voltar às águas australianas foi ser sobrevoada por meus pais, Tom e Hannah em um pequeno avião. Eles estavam com Gary (o mesmo fotógrafo que os acompanhou no Chile) para tentar conseguir algumas fotos. Não conseguiram chegar tão perto quanto haviam conseguido no Cabo Horn devido a alguma regra do espaço aéreo, mas saber que eles estavam lá já foi ótimo. Conversar com eles enquanto davam voltas acima de nós pareceu uma grande reunião de família, o que dá

uma ideia do que havíamos passado a aceitar como normal!

Naquele momento, as condições para navegar estavam perfeitas, com 18 nós de vento e uma boa área do mar para avançarmos. Eu estava exigindo um pouco mais da *Ella's Pink Lady*, com todas as velas em cima para exibi-la um pouco. Avançamos com tudo por um bom tempo, praticamente dançando em meio às cristas de ondas. Fiquei emocionada por meus pais, Tom e Hannah terem visto *Ella's Pink Lady* em um grande momento (ainda que fosse a distância).

Minha mãe disse como o barco parecia pequeno em meio às ondas. Era um conceito estranho para mim, pois naquele ponto a *Ella's Pink Lady* era o meu universo inteiro. Fiquei um pouco triste por o avião não poder chegar mais perto, mas adorei ter a maior parte de minha família por lá. Foi a recepção perfeita para as águas australianas e a maneira perfeita de comemorar o contorno vindouro do Cabo Leeuwin.

Acho que muitas pessoas estão se perguntando por que estou indo para o sul em direção à Tasmânia em vez de pegar um atalho pelo Estreito de Bass. O raciocínio por trás disso é que o Estreito de Bass está cheio de navios e ilhas que poderiam resultar em alguns dias de pouco ou nenhum sono para mim. Além disso, a previsão do tempo de longo alcance feita por Bob prevê ventos fracos (também conhecidos como navegação muito penosa) se pegarmos aquela rota em vez de seguirmos para o sul e contornarmos a parte inferior da Tasmânia. Então, terei que ranger os dentes e suportar mais uma queda na temperatura antes de voltar para o norte pela última vez.

Encontrei uma lula no convés hoje de manhã. Uma segunda pulou a bordo justo quando eu estava pensando no almoço, então criei coragem e decidi comê-la. Abri uma lata de camarões (aquelas coisinhas mal

conseguiram passar por camarões!), fatiei metade da lula e fiz uma variação de camarões ao alho. Completei com biscoitos água e sal com Vegemite para celebrar meu retorno às águas australianas!

Bruce e o *Big Wave Rider* encontraram ventos leves na Tasmânia, o que tem sido bem frustrante para ele, mas estou secretamente feliz por não ser a mais devagar ao menos uma vez!

Atingiremos mais um marco empolgante em breve, pois passaremos por baixo do Cape Leeuwin amanhã em algum momento antes do meio-dia!

Segunda-feira, 12 de abril de 2010

Tempestade de raios

...As coisas ficaram bem interessantes em parte da noite de ontem, quando o que achei se tratar de uma chuva passageira transformou-se em uma tempestade completa, a pior que vi no mar até agora. Embora mal conseguisse enxergar através da chuva gélida que caía de lado, os relâmpagos surgiam no mar perto de nós – perto demais para o meu gosto. O vento também soprou com muita força.

A *Ella's Pink Lady* já estava rizada àquela altura. Mas até eu conseguir enrolar a maior parte da vela de proa e colocar o terceiro rizo, adernamos dramaticamente. Logo o vento se acalmou outra vez e a chuva começou de verdade. Era tão forte que mal dava para ver onde acabava a água e começava o céu.

Nunca me assustei com trovões, mas sozinha no mar às quatro da

manhã, eles parecem um tanto ameaçadores, e fica bem mais difícil controlar os nervos! Além da tempestade de raios, o clima ainda está bem inquieto, com chuvas quase constantes, eventuais pancadas de vento e mar revolto. Felizmente, o vento não anda tão forte. O progresso tem sido bom, apesar do cenário sombrio e cinzento, e ando rindo à toa e me mantendo seca graças ao abrigo da capota.

A previsão de Bob para amanhã mostra mais um pouco de vento, mas em seguida as coisas vão melhorar muito.

Foi muito legal saber que Bruce e o *Big Wave Rider* mantiveram a liderança até a linha de chegada em Mooloolaba e que a Sunshine Coast lhes deu uma grande recepção!

Por hoje é isso, pois tenho um pouco de sono para recuperar. Estou cruzando os dedos para conseguir dormir por mais de dez minutos dessa vez sem ser acordada por alguma coisa!

Relâmpagos no mar são realmente impressionantes... Mas pelo que sei não são nada bons! Os clarões de luz podem ser espetaculares se você estiver na segurança de casa, mas sabendo que o mastro de metal da *Ella's Pink Lady* era a coisa mais alta – e a única – por perto não me ajudou a relaxar quando havia tempestades elétricas. Eu não conseguia fazer nada para deixar o barco seguro: só me restava ficar na cabine e torcer pelo melhor. Na maioria das tempestades eu ficava mesmerizada pelas ondas e assistia a elas e à chuva pela escada na gaiuta, mas sempre que havia relâmpagos por perto eu preferia não assistir.

Quinta-feira, 15 de abril de 2010

Ventos contrários e mais relâmpagos

Os últimos dias foram um pouco duros (sim, é um estágio mais avançado do que o “interessantes” de praxe!), com ventos contrários fortes, mar revolto, muitos relâmpagos e alguns momentos muito dramáticos hoje pela manhã.

Na noite de anteontem havia muito mais relâmpagos ao nosso redor e estavam próximos demais para que eu relaxasse. Dessa vez não houve nenhum vento ou chuva, o que de certa maneira tornou tudo pior, pois eu conseguia ver como os relâmpagos estavam próximos. Aparecia um clarão após o outro, o que me deixou à beira de um ataque de nervos e me impediu de dormir direito por causa da preocupação. Alguns dos clarões eram tão fortes que tive vontade de colocar os óculos de sol!

Mas depois de algumas horas cheguei à conclusão de que assistir e ficar aflita não traria nada de bom, então peguei o livro mais bobo que encontrei, botei uma playlist de música calma para tocar no iPod e fiquei sentada lendo só com um dos fones de ouvido (quase nunca uso os dois, para poder ouvir o que está acontecendo no convés. Após tanto tempo no mar, navego a *Ella's Pink Lady* praticamente de ouvido. Bem, não literalmente, mas escuto o tempo inteiro para ver se há qualquer pequena mudança!).

Depois disso, o vento subiu para algo entre 25 e 30 nós contra a proa, junto com um mar revolto e bastante chuva. Não é o que eu chamaria de uma navegação confortável.

Então, quando pensei que as coisas estavam melhorando, o vento começou a soprar feito louco de repente, deitando a *Ella's Pink Lady* de lado e deixando-a assim. Enquanto eu estava me divertindo bastante

(atenção para o sarcasmo!) rizando no *cockpit* (com dois cintos de segurança, é claro!), lá embaixo a água começou a subir pela pia devido ao ângulo doido em que estávamos. Costumo fechar a válvula de casco da pia quando o clima está instável. Mas como achei que as coisas estavam se acalmando, recém a havia aberto outra vez. A água inundou a cozinha e o porão. Mas as bombas da *Ella's Pink Lady* logo a colocaram para fora outra vez. Não estou especialmente emocionada com a bagunça na cozinha ensopada. Mas bem mais incômodo do que isso foi que, antes de eu conseguir baixá-la o suficiente, a vela mestra rasgou em dois pedaços. O vento não durou muito, mas quando o clima melhorar um pouco terei muito o que costurar.

Todos andam me dizendo para não baixar a guarda por estar tão perto de casa. Mas, acreditem, com esse clima me infernizando, não tenho como relaxar nem um pouquinho. Eu estava começando a achar que havia visto uma boa variação de climas, mas esses relâmpagos foram algo novo. Tudo faz parte do desafio, no entanto, e só fará com que eu valorize mais a tranquilidade quando estivermos atracados em segurança numa doca de Sydney. Ah, e também espero ansiosamente por uma cama seca!

Estou me sentindo muito melhor hoje graças ao sono decente e após conversar pelo telefone via satélite com minha irmã, a equipe e alguns amigos, estou tão alegre que nem consigo me chatear pela cabine estar um pouco ensopada e o clima continuar uma droga.

Nesse instante poderíamos estar com bem mais velas erguidas, avançando um pouco mais rápido, mas vendo os clarões dos relâmpagos a distância outra vez, com a vela mestra rasgada e todo o drama da semana, estou satisfeita em pegar leve até que as coisas

fiquem um pouco mais tranquilas.

Domingo, 18 de abril de 2010

Navegando devagar, costurando e neblina

O clima está bem mais calmo outra vez. Às vezes um pouco calmo demais e em alguns momentos o vento desaparece.

Mas as condições amenas deram uma boa oportunidade para cumprir todos os trabalhos recentes e minhas mãos frágeis e machucadas tiveram um tempo para se recuperar.

Está bem menos nublado, mas os últimos dias têm oferecido um pouco de neblina. Geralmente não me importo com isso, pois é bonito ver a cerração acomodada entre as ondas. Mas dessa vez a névoa está mais cinza, úmida e sombria. Existe algum tipo de clima ruim que não passou por aqui nos últimos tempos?! Começo a me perguntar o que fiz para ofender o sol, que mal deu as caras em semanas!

A vela mestra está toda costurada outra vez. Acho que não ganharei nenhum prêmio de bordado, mas deve ser o suficiente para mantê-la inteira. Não deixei cair nenhuma agulha no mar dessa vez e só espetei as mãos umas poucas vezes ao puxar a agulha entre as partes mais grossas da vela com a palma da mão. A cozinha também está bem mais ordenada depois que esvaziei os armários e sequei tudo na tarde de ontem. Hoje estive meio ocupada balanceando um pouco o peso para nos manter equilibradas e navegando bem, agora que já usei boa parte da água e do diesel. É um trabalho que ficaria muito mais fácil se desse

para sair do barco e ver se é a proa ou a popa que está projetada para fora da água. Além disso, tenho um probleminha mecânico para resolver e alguns outros trabalhos a serem feitos e troquei a vela de proa pela reserva porque a velha estava começando a ficar meio esfarrapada.

A *Ella's Pink Lady* está avançando bem com a vela *code zero* erguida nesse instante. Estamos seguindo a seis nós rumo ao sudeste. O vento parece um pouco mais frio agora que estamos a 40 graus sul outra vez e voltei a usar minhas camadas intermediárias e meias da Musto para dormir.

Fiquei triste ao saber que o Powderfinger decidiu se separar. Enviaram para mim sua nova canção, "Sail the Wildest Stretch" um tempo atrás e desde então toquei essa música até não poder mais.

Bem, por hoje é só. Voltarei ao convés com uma caneca de café e um pote de Nutella (não se preocupem, serei uma boa garota e usarei uma colher!) para ver se há estrelas aparecendo entre as nuvens.

Minhas mãos ficaram muito feridas e machucadas durante a última etapa. Estavam quase sempre úmidas e a água salgada impedia mesmo os menores cortes de sararem. Não era fácil navegar quando tudo o que eu precisava fazer para manter a *Ella's Pink Lady* no rumo certo me impedia de descansá-las, de modo que estavam sempre sensíveis. Quando finalmente terminei de contornar a Tasmânia, apareceu um helicóptero para tirar algumas fotos. Fiquei tão empolgada ao vê-lo (embora preocupada quando ele desceu e ficou muito próximo da água, o piloto parecia estar tirando fininho do mar!). Saí para o convés e abanei freneticamente, com um grande sorriso no rosto. No dia seguinte, quando as fotos foram publicadas nos jornais News Limited, recebi uma enxurrada de *e-mails* de minha mãe e de meus tios, todos preocupados com minhas mãos. Os blogueiros ficaram igualmente

preocupados e quando vi as fotos ao chegar em casa percebi como elas pareciam tristemente doloridas. Não é muito surpreendente, pois foi uma navegada muito exigente na Austrália e ao redor da Tasmânia e considerando tudo eu até que estava em boa forma.

Segunda-feira, 19 de abril de 2010

Não era uma mosca, era uma mariposa!

Às vezes, quando não consigo pensar em nada de novo para escrever no blog, sempre me dizem que não importa. Eu poderia escrever sobre uma mosca que pousou na *Ella's Pink Lady* e alguém acharia interessante.

Bem, hoje uma mariposa pousou na *Ella's Pink Lady*, e não sei quanto a vocês, mas eu fiquei bem empolgada (parece meio bobo, eu sei!). Normalmente não gosto muito de insetos, mas esse foi o primeiro que vi em seis meses, e como a terra mais próxima está a 500 milhas náuticas, fiquei muito surpresa ao ver uma pequena mariposa cinza parada no convés. Não me perguntem o que uma criatura de aparência tão delicada está fazendo tão longe da costa.

Enfim, vamos em frente!

Talvez vocês estejam mais interessados em saber que ontem, 18 de abril, completaram-se seis meses desde que a *Ella's Pink Lady* e eu estamos no mar – junto com todos vocês que estão nos seguindo de perto virtualmente! É incrível pensar que faz seis meses que não vejo ninguém, mas parece que foi ontem que saímos de Sydney.

O tempo passou voando!

Eu certamente não estava reclamando da maneira como a viagem havia transcorrido. Na primeira etapa, mal acreditei na velocidade em que havíamos percorrido uma grande distância. Originalmente, havíamos estimado que eu navegaria 23.000 milhas náuticas e ficaria no mar por aproximadamente 230 dias. Projetamos que eu precisaria navegar uma média de 100 milhas náuticas por dia, ou manter a média de 4.2 nós. Quando cheguei em casa, havíamos navegado 24.285 milhas náuticas em 210 dias, então mantivemos uma média de 115.6 milhas náuticas por dia, velocidade de 4.8 nós. Sinto muito orgulho por termos ficado tão perto de nossas estimativas e pela maneira como a viagem transcorreu. Toda a nossa pesquisa e preparação valeu a pena e reforçou o que James e Justin, “os garotos da travessia”, haviam me dito desde o início: a preparação é dois terços da viagem. Minha viagem era muito diferente da deles, mas valiam os mesmos princípios: trabalho duro e uma boa preparação são a chave de qualquer sucesso.

O vento anda bem leve, então o progresso não tem sido nada demais. Sou só eu, ou essa última etapa está durando para sempre? Não que eu me importe muito. Continuo amando estar aqui e, por mais que esteja ansiosa para fazer um milhão de coisas em terra, sentirei falta de muitas coisas daqui.

Durante a maior parte do dia de hoje, não houve nenhum vento. Para não ficar frustrada, desliguei os instrumentos para não poder ver nossa velocidade infeliz e decidi tentar substituir o gerador eólico (que não anda funcionando) pelo reserva. Eu não ia me dar o trabalho de substituí-lo porque tenho diesel suficiente para ligar o motor (desengrenado) e

carregar as baterias, mas eu estava procurando algo para me manter ocupada e tinha muita energia para gastar. Levou a tarde inteira, e colocá-lo na posição adequada foi um desafio tão grande que mal reparei no mar parado e no fato de que mal estávamos nos movendo. O sol até saiu por algumas horas e o esforço valeu nem que seja pelo cenário ao fim da conquista.

Ainda preciso desmontar o velho gerador para guardá-lo, então é melhor voltar ao trabalho!

Quinta-feira, 21 de abril de 2010

Navegando bem

Fico contente em comunicar que ontem finalmente avançamos bastante e hoje também foi um dia de progresso significativo. É incrível como Sydney parece mais perto quando estamos nos movendo. E, uau, estamos chegando perto mesmo!

Nada de novo ou empolgante para contar. Estamos seguindo em frente com um solzinho de vez em quando e a vida normal na *Ella's Pink Lady*.

Algo que não me empolga muito, contudo, é a previsão para a próxima semana. Não teremos a navegação tranquila que eu gostaria. Com sorte, não será muito ruim, mas também não será um passeio no parque. Ok, "passeio no parque" não é a melhor expressão para usar, mas vocês entenderam!

Precisei ter um papo sério comigo mesma após ler a última previsão

de Bob. Eu esperava que não tivéssemos mais tempo feio pela frente. Bem, precisarei fingir que sou durona por mais um tempo!

Ouvi dizer que alguém (Granddad Chisholm!) andou gerando debates nos dois lados da Tasmânia para saber se sou kiwi ou australiana! Aparentemente, os neozelandeses estão me reivindicando! Acho que o que eu disser não fará qualquer diferença, mas tenho passaporte tanto da Austrália quanto da Nova Zelândia. A Austrália é minha casa (sinto muito, Granddad!), mas meu fiel escudeiro é um kiwi de pelúcia – o mascote neozelandês!

Domingo, 24 de abril de 2010

*Jibe chinês, ondas enormes e um
avião da imigração*

Apesar de hoje ter começado com um jibe chinês, a cama úmida, uma dor de cabeça e ondas enormes, tive um dia ótimo. Sei que as palavras “jibe chinês” e “ótimo” não cabem na mesma frase, mas nesse momento estou me sentindo melhor do que me senti durante toda a semana. Não que estivesse desanimada, mas agora estou com dor na bochecha de tanto sorrir durante a tarde.

O vento começou a ganhar força ontem e se acomodou em torno de 35 nós durante a noite toda, com algumas rajadas chegando perto dos 40, o que não foi um grande problema, pois a *Ella's Pink Lady* estava navegando apenas com a buja de tempestade, já que estou sendo

extraconservadora (isto é, meus nervos não estão dispostos a uma viagem muito rápida!).

Foram as ondas que ficaram interessantes. O mar estava revolto devido a um traiçoeiro sistema de baixa pressão que passava para o sul e, embora tenhamos escapado da maioria de seus ventos, tivemos que enfrentar as ondas. Provavelmente as maiores que vi até agora (mas o mar estava mais perigoso durante a tempestade no Atlântico, pois estava mais íngreme e o intervalo entre as vagas eram menos espaçadas). Eram montanhas líquidas de 10 metros de altura que passavam com seus picos brancos, mas a *Ella's Pink Lady* aguentou tudo com serenidade, e quando sofremos um jibe chinês logo após o amanhecer de hoje, eu já tinha começado a relaxar, pois o vento e o mar já estavam se acalmando.

Dessa vez eu estava deitada na cama quando viramos e fui acordada com diversos objetos e um monte de água caindo em cima de mim. Sério, o que aconteceu com a prática de sacudir alguém suavemente para acordá-la e então oferecer uma xícara de café?

Enfim, dentro do possível em um cenário de jibe chinês, não foi tão ruim. O mastro mal tocou a água e não houve nenhum dano. Mas ter um monte de água na cama não me deixou muito contente. O chato é que eu havia desligado as câmeras externas meia hora antes. Se as câmeras tivessem ficado ligadas só mais um pouquinho, vocês poderiam assistir ao acidente em vez de ler a respeito dele.

Depois que a *Ella's Pink Lady* se reergueu, achei que não havia nada que eu pudesse fazer até que as coisas se acalmassem um pouco, então vesti minhas roupas impermeáveis, puxei o capuz e voltei para a cama ensopada. Não se compara aos meus pijamas confortáveis e uma cama de casal macia com lençóis limpinhos, mas eu não poderia ter dormido

melhor!

Quando acordei, o sol estava brilhando e o mar havia se acalmado um pouco, mas o cenário ainda era espetacular. Era incrível assistir pela janela basculante da capota e eu estava fazendo justamente isso quando o gerador eólico começou a urrar feito um condenado de um segundo para o outro. Subi rapidinho até o *cockpit* e percebi que os ruídos não vinham do gerador, mas de um avião acima de nós!

Era a imigração australiana, enviada para olhar o suspeito barco rosa. Não, estou brincando. Era um voo de rotina e eles passaram para dizer “oi” e me lembrar de falar com as devidas autoridades ao chegar em Sydney, o que parece meio estranho, visto que não parei em nenhum lugar. Mas imagino que a lei seja essa e que minha equipe na costa tenha tudo sob controle.

Depois disso, com as velas erguidas outra vez enquanto o vento continuava a perder força, tive uma tarde muito divertida navegando manualmente no sol. Seguimos em frente, acolhendo o mar incrível. O resto da semana não será mais fácil do que isso, pois se espera outra frente e outro sistema de baixa pressão, mas ao contrário do que ocorreu alguns dias atrás, já não estou com medo – só ansiosa para chegar à parte inferior da Tasmânia e navegar rapidamente.

Amanhã é Dia de Anzac, então farei um esforço a mais para assistir ao nascer do sol e tirar um minuto para pensar em todos os soldados longe de casa e quem sabe tente fazer biscoitos Anzac.

Se eu não tivesse deixado os biscoitos Anzac queimar, teriam ficado deliciosos. Mas comi mesmo assim! Eis minha receita:

½ caneca de mistura de pão multigrãos (em vez de farinha, pois ainda

havia ondas demais para que eu pudesse ir ao depósito da proa – foi surpreendente como funcionou bem)

$\frac{1}{3}$ caneca de coco em pedaços

$\frac{1}{3}$ caneca de açúcar

$\frac{3}{4}$ caneca de flocos de aveia

4 colheres de manteiga em lata

2 colheres de melaço de cana

$\frac{1}{2}$ colher de chá de bicarbonato de sódio dissolvido em água fervente.

1. Misture os ingredientes secos em um recipiente com fundo de borracha antiderrapante!
2. Derreta a manteiga e o melaço de cana juntos e então acrescente o bicarbonato de sódio líquido e bata.
3. Misture os ingredientes úmidos com os secos.
4. Asse em uma panela sobre algumas camadas de papel alumínio com a tampa fechada e tenha certeza de pôr apenas um pouco de mistura em cada folha, caso contrário você acabará com apenas um biscoito gigante (na verdade, se não queimar não é tão ruim).

Fazer os biscoitos me distraía do clima por uns tempos, mas às vezes era um show de equilíbrio. A seguir há uma tabela climática (cortesia da Agência Australiana de Meteorologia) que mostra os sistemas que estavam passando pela parte inferior da Austrália rumo ao Oceano Antártico naquele momento. As flechinhas pontiagudas mostram as frentes e de regra o vento é mais forte onde as linhas curvas (ou isobáricas) estão agrupadas.

Quarta-feira, 28 de abril de 2010

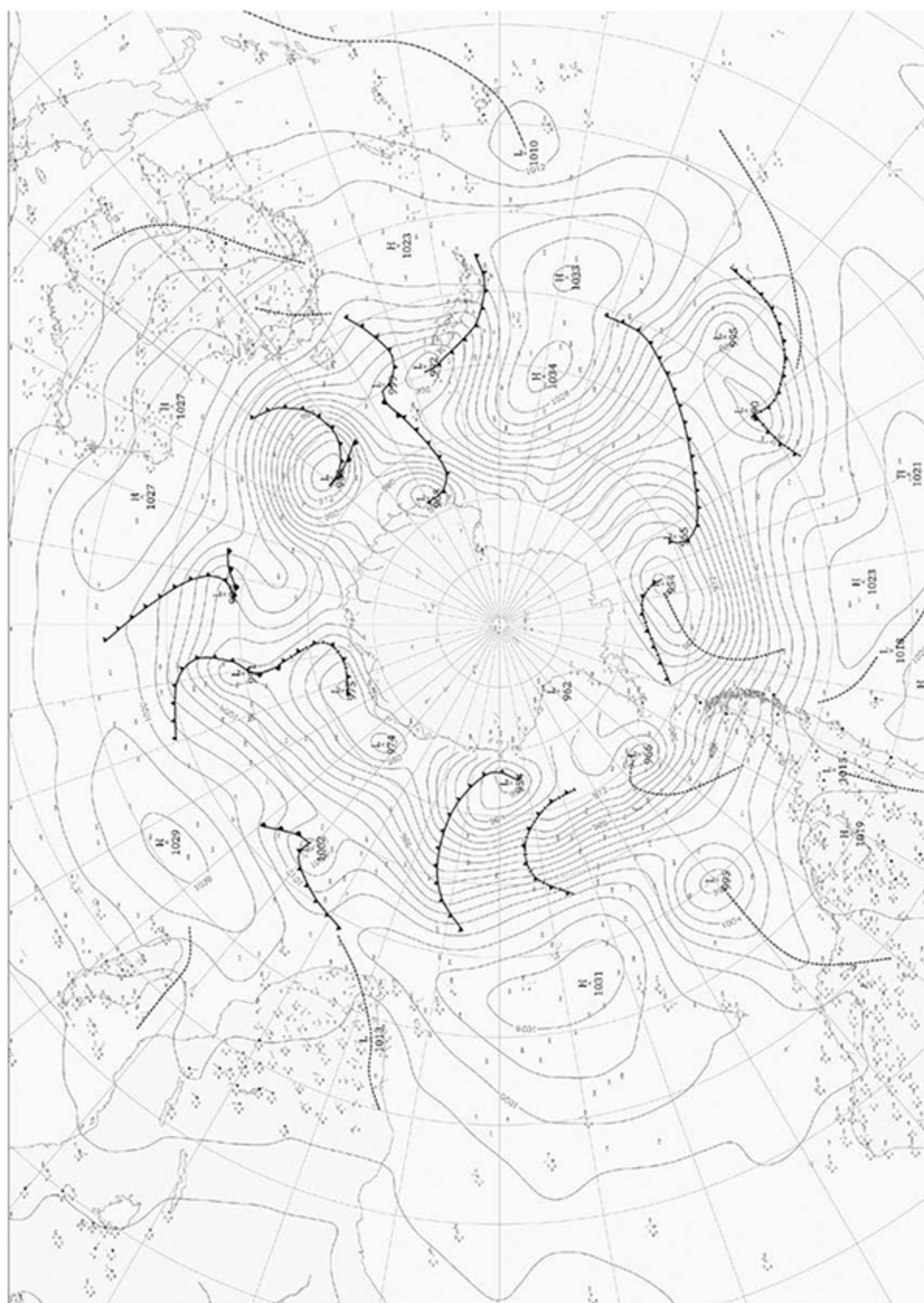
Desviando mais uma vez

A frente de sábado passou com apenas 35 nós de vento e sem nos arrastar, mas o sistema de baixa pressão que está passando para o sul deixa nossa vida bem interessante no momento. Muito interessante e muito, muito incômoda! Com a previsão parecendo cada vez pior na segunda-feira e após todos as discussões, “hmmms” e “ahhhs” com Bruce e o resto da equipe, decidi desviar e subir para o norte durante alguns dias até que o pior já tenha ido para a Tasmânia.

Dizer que houve alguns “hmms” e “ahhhs” foi eufemismo. A pressão de decidir se passaríamos pelo Estreito de Bass ou manteríamos o plano de navegar pela Tasmânia havia tomado conta de minha cabeça. Sabendo que os padrões climáticos não dariam trégua, fiquei tentada a ir pelo Estreito, mas quando pensava direito só havia uma escolha a ser feita. Eu sempre havia dito que navegaria por quatro cabos: o Cabo Horn, o Cabo da Boa Esperança, o Cabo Leeuwin e o Cabo do Sudeste da Tasmânia. Apesar das críticas, eu terminaria o que estava determinada a fazer. Sabia que tinha a habilidade e o barco à altura e me arrependeria para sempre se escolhesse o caminho mais fácil!

Com o Estreito de Bass logo à nossa frente, pegar um atalho por ali e desviar do mau tempo era uma ideia que precisava ser levada em conta. Mas decidimos que o mais seguro seria esperar que o mau tempo passasse antes de descer para a parte inferior da Tasmânia outra vez.

Acho que não houve uma escolha de fato, só levei um tempo para deixar de me incomodar e aceitar que precisaria ficar por lá e esperar mais um pouquinho antes de chegar em Sydney e tomar um banho quente!



Na noite passada as coisas ficaram bem interessantes. Soltei a âncora de mar [um apetrecho semelhante a um paraquedas que pode ser largado atrás do barco para reduzir a velocidade quando as ondas estão muito grandes] para evitar que perdêssemos muita distância ou sofrêssemos um jibe chinês. O vento soprava a 55 nós e o mar estava (ainda está!) um gigantesco caos, com ondas entre 8 e 12 metros. Embora o vento esteja se acalmando, o mar segue alto.

Navegar com aquele clima e com a âncora de mar atrás foi muito parecido com a primeira ventania que enfrentei na *Ella's Pink Lady*, devido ao novo movimento e aos novos ruídos. Não foi a mais tranquila das noites, pois fiquei manuseando o cabo de amarração da âncora em uma tentativa de nos posicionar no ângulo certo em relação às ondas. Então, quando encostei a cabeça para dormir um pouquinho, sofremos mais um jibe chinês quando a amarração escapou do timão e uma grande onda nos pegou de lado.

Viramos mais de 90 graus, dessa vez a bombordo para quebrar a rotina. Novamente não houve danos, mas minha grande garrafa de detergente escapuliu do armário e saiu voando, despejando seu conteúdo por todos os lados! Toda a cabine, incluindo o teclado em que estou digitando, está coberta de detergente de limão pegajoso, escorregadio e repleto de bolhas. Que maravilha. Minha mãe admite que tenho uma espécie de obsessão com limpeza! Ando me perguntando por que me incomodo em secar e organizar a cabine a essa altura, já que nunca dura muito.

Ainda vai levar um tempo para que o mar se acalme e consigamos seguir para o sul, o que vai atrasar minha data de chegada. O lado positivo é que essas ondas são incríveis. Passei anos sonhando com a

aparência delas e elas são dez vezes mais incríveis do que jamais imaginei. Não consigo acreditar que naveguei ao redor do mundo para vê-las quando o tempo todo estavam bem no meu quintal!

Fiquei triste ao saber que Abby precisou parar na Cidade do Cabo para consertar o barco. Mas assim como Abby afirmou tão precisamente no seu blog um dia desses, de certa maneira é excelente que agora estejamos perseguindo recordes ligeiramente diferentes, pois não precisamos competir uma com a outra. Também estou morrendo de inveja porque ela provavelmente terá um banho quente antes de mim!

Acabei com um lábio inchado, sangue por tudo e um olho roxo após soltar a âncora de mar antes daquele último jibe chinês. Eu passava alguns dias machucada fisicamente após qualquer situação climática intensa. Tentar manter o barco de cabeça para cima era cansativo.

Após um jibe chinês, eu sempre sabia dizer exatamente o quanto havíamos virado pela maneira como diversos objetos voadores acabavam se organizando na cabine depois do retorno à posição normal. Por melhor que eu amarrasse e preparasse tudo antes de uma tempestade, algumas coisas sempre conseguiam se soltar e acabavam nos lugares mais bizarros. Durante aquela tempestade no Atlântico, eu sabia o ângulo exato em que havíamos virado por causa do... Bem, não gosto muito de dizer porque é um pouco nojento! Digamos apenas que havia um rastro marrom no teto sobre a privada! Por sorte, dessa vez a única coisa que acabou grudando no teto e escorrendo pelas paredes foi o detergente.

Os lugares aleatórios em que eu encontrava coisas enfiadas mostrava como a *Ella's Pink Lady* havia sido revirada. Ela era mesmo muito durona!

Durante os jibes chineses no Atlântico, um pacote de bolotas de iogurte se abriu. Elas me deixaram doida, pois voaram pela cabine enquanto eu

estava atada ao assento segurando firme e não podia fazer nada. Encontrei bolinhas de iogurte nos lugares mais escondidos durante semanas! Uma havia se escondido abaixo do suporte do forno e dali escorregou para o armário abaixo dele. Mal pude acreditar quando encontrei uma em uma pilha de meias alojada na proa.

Nunca consegui ver as ondas específicas que causaram os jibes chineses e lamento um pouco isso. Deviam ser incríveis e vai saber qual era o tamanho delas!

Quinta-feira, 29 de abril de 2010

Encarar o que vier

As ondas ainda estão imensas, mas no geral as condições estão bem mais agradáveis hoje. A âncora de mar foi recolhida ao amanhecer, uma tarefa muito mais fácil do que eu esperava, e desde então a *Ella's Pink Lady* tem avançado rápido entre as ondas com apenas uma vela. Recuperei um pouco de sono hoje, recarregando minhas baterias enquanto posso.

Essa era a boa notícia. A má notícia é que há MAIS tempo ruim vindo em nossa direção. Após olhar as cartas climáticas que mostravam um novo sistema de baixa pressão chegando no fim de semana, devo admitir que precisei buscar forças nos lugares mais recônditos para continuar tranquila. No momento, tenho um bom número de ferimentos leves e músculos doloridos. Eu me sinto exaurida e seria capaz de matar por um pouquinho de navegação tranquila, mas como não é isso o que

teremos, precisarei ser um pouco mais durona e encarar o que vier!

Ajuda muito saber que a *Ella's Pink Lady* foi construída para aguentar isso e contar com os ótimos boletins climáticos de Bob. Enquanto me mantiver alimentada e descansada, não há motivos para não conseguir encarar qualquer coisa. Além disso, por algum motivo, ajuda muito saber que há um montão de gente pensando em mim. Obrigada, pessoal!

As coisas estavam bem difíceis àquela altura. Desde nossa chegada ao Cabo Leeuwin, havíamos sido açoitadas quase sem trégua por uma frente após a outra, conforme a série traiçoeira de sistemas de baixa pressão passava para o sul.

Quando chegou outro boletim de Bob prevendo mais uma ventania com velocidades de até 65 nós e ondas de 11 metros, não fiquei nada contente! Eu já estava sobrecarregada e aquele pareceu ser o golpe final. Se houvesse uma opção fácil naquele momento, é provável que eu tivesse pego. Depois de receber aquela previsão, passei meia hora me lamentando, derramando algumas lágrimas e sentindo pena de mim mesma. Eu só queria um abraço ou alguém para me cuidar. Sentia saudades de casa e estava exausta do ar úmido e salgado que envolvia todas as coisas. Depois de um tempo, comecei a ficar meio incomodada, e então senti raiva do clima, mas principalmente da maneira como eu estava deixando aquilo tudo me afetar. Decidi que não terminaria minha viagem triste. Eu só precisava endurecer um pouquinho mais e lidar com a situação.

Há uma citação de Bethany Hamilton que adoro. Bethany era uma surfista em ascensão que foi atacada por um tubarão-tigre de quatro metros, durante uma folga em sua casa no Hawaii. Ela tinha catorze anos de idade. Seu braço esquerdo foi arrancado logo abaixo do ombro, mas ela voltou à água para surfar um mês depois. Hoje ela tem vinte anos e diz: “Coragem,

sacrifício, determinação, comprometimento, dureza, coração, talento, colhões. É disso que as garotinhas são feitas; dane-se essa história de doçura”.

Apliquei as palavras de Bethany às minhas ações. Eu ainda estava assustada e exausta e sem dúvida escolheria uma opção mais fácil caso houvesse alguma, mas eu sabia que era mais durona do que qualquer coisa que o Oceano Antártico pudesse pôr à minha frente. Eu só precisava seguir em frente. Isso significava exigir o máximo da *Ella's Pink Lady* para tentar contornar o sul da Tasmânia antes que os piores sistemas de baixa pressão nos atingissem.

Segunda-feira, 3 de maio de 2010

O último cabo!

Boas notícias. A *Ella's Pink Lady* e eu contornamos o Cabo do Sul da Tasmânia e agora estamos seguindo para o norte na etapa final rumo a Sydney! Passamos bem longe da costa, no escuro e sob condições que não eram as ideais. Mas ainda assim fiquei muito contente.

Nunca esperei que contornar a Tasmânia seria muito emocionante, mas todas as dificuldades da última semana fizeram o contorno do Cabo dez vezes mais saboroso. (Dica de profissional: Pular para cima e para baixo com ondas de 5 metros não é uma boa ideia. Ai!) Ainda não posso baixar a guarda, mas é ótimo estar de volta a águas mais familiares.

Também estou emocionada por ir para o norte, em direção a temperaturas mais altas outra vez. Tá, não é tão frio assim por aqui, só

estou a fim de reclamar. Mas quando se está trabalhando no convés com um pouco de água nas mãos, bastam poucos minutos desse vento para deixá-las dormentes.

Depois de toda a minha preocupação, dessa vez demos sorte e o clima não ficou tão ruim quanto esperado. Tem ventado bastante nos últimos dias, mas os ventos não ultrapassaram os 40 nós na noite passada. O vento está acomodado em cerca de 25 nós nesse momento e as ondas estão começando a diminuir de tamanho conforme passamos a sota-vento da Tasmânia.

Terça-feira, 4 de maio de 2010

*Dia de folga, ventos contrários e
o que fazer depois?*

Ontem finalmente tive o dia que desejava há muito tempo: céu aberto, ondas pequenas e ventos leves. Que novidade não precisar me segurar por uma questão de sobrevivência 24 horas, sete dias por semana. Tá, é um leve exagero, mas eu estava mesmo enfrentando perigos reais.

Para começar, tive o melhor sono em muito tempo e fui acordada na metade da manhã por uma voz amigável no rádio VHF. Outro avião da imigração estava passando para dizer “oi”. Passei o resto do dia sendo muito preguiçosa em relação à navegação.

Em vez de trabalhar nisso, realizei tarefas sob o sol, lavei algumas coisas e me dei alguns luxos com todos os produtos da Ella Baché. Não

estou dizendo isso só porque são meus patrocinadores. A Ella Baché de fato tem produtos incríveis. Uma boa prova é que, após seis meses de sal e vento, minha pele está melhor do que nunca! Recomendo muito os protetores solares e os produtos para depois do sol que eles fazem.

Eu precisava muito desse dia de folga! Assim como depois de passar pelo Cabo Horn, após virar o Cabo e deixar para trás Eddystone Rock (uma ilha de 30 metros de altura e formato estranho que fica logo após o Cabo do Sudeste), eu mal conseguia ficar de olhos abertos. Não dava para baixar a guarda ali, então eu precisava recarregar minhas energias depressa. Aquela área da Tasmânia é famosa entre os surfistas pelas bancadas de coral secretas, onde são encontradas ondas gigantescas que vêm do Oceano Antártico. Após os mares revoltos que vinham da Grande Baía Australiana, a *Ella's Pink Lady* e eu tivemos avanços tranquilos o suficiente para cuidarmos um pouco de nós. Hoje o vento voltou, mas incidindo direto na proa da *Ella's Pink Lady*, então o progresso não foi muito bom. Ainda assim, não tenho do que reclamar. Sydney já parece muito perto desse lado da Tasmânia e estou bem empolgada por estar chegando ao fim.

Mas também é um grande lembrete para eu aproveitar ao máximo os meus últimos dias por aqui. Eu sempre disse que na metade da volta ao redor do mundo já teria uma boa ideia do que fazer depois, mas estava errada. Estou quase completando a volta e há um milhão de coisas que mal posso esperar para fazer em seguida!

Tenho planos de todos os tipos (a maioria deles não deixa meu pai muito contente), e há milhares de outros trajetos que quero navegar. Mas acho que precisarei me readequar à vida na terra por uns tempos. Concluir alguns dos projetos empolgantes que tenho planejados, como

terminar o meu livro e o documentário, tirar a carteira de motorista e terminar a escola, serão mais do que suficiente para me manter ocupada. Também estou desesperada para viajar um pouco. Sei que parece papo de doido, mas me refiro a viagens onde você para nos lugares e conhece pessoas!

Bom, chegou a hora do meu jantar. Teremos pernil de cordeiro da Easyfood hoje à noite, então é melhor eu ir antes que esfrie.

Na maior parte do tempo que passei no mar, não pensei muito nos aspectos negativos do que estava rolando na Austrália. Mas por meus amigos e minha família, fiquei sabendo de rumores, histórias e comentários ridículos. Ri bastante ao escutar que andavam dizendo que eu não estava sozinha no mar e havia sido escoltada pelo *Big Wave Rider* durante todo o caminho. Hilário!

Desde o início, as pessoas haviam dito que não era eu quem escrevia o blog. Igualmente hilário, mas também um tanto incômodo, foi não acreditarem que uma garota de dezesseis anos era capaz de escrever seu próprio blog e saber o que se passava em sua própria mente.

Também havia rumores de que eu parara na Tasmânia e estava descansando por alguns dias em um hotel encantador. Bem que eu queria!

E, então, nas minhas últimas semanas no mar, surgiu um grande debate discutindo se eu havia percorrido milhas náuticas suficientes para alegar ter circum-navegado o globo.

O artigo que começou tudo foi escrito por uma navegante muito experiente, Nancy Knudsen, e apareceu pela primeira vez no *site* Sail-World. Basicamente, ela dizia que eu não tinha como tirar o recorde da WSSRC de Jesse Martin como a pessoa mais nova a fazer uma navegação solitária, ininterrupta e desassistida ao redor do mundo, e citou John Reed (o

Secretário da WSSRC e o homem para quem escrevi em junho de 2009 para saber o que exatamente precisava fazer se quisesse desafiar o recorde oficial da WSSRC de Jesse) dizendo que minha jornada “não é compatível com a definição de volta ao mundo e não pode ser comparada de modo algum ao feito de Martin”.

Nancy Knudsen estava certa ao dizer que, no papel, eu (ou qualquer pessoa) jamais poderia tirar o recorde da WSSRC de Jesse Martin, pois esse recorde específico já não existe. Foi muito estranho isso virar notícia tão perto da minha chegada. O Sr. Reed havia me dito antes de minha partida que não havia por que navegar exatamente a mesma rota que Jesse, pois o WSSRC já não reconhecia recordes de idade, e, portanto, não examinaria minha viagem. Terry Hammon, um amigo e apoiador, havia me ajudado com tudo isso em maio de 2009, e nós dois havíamos escrito para John Reed. Terry também havia escrito para Jean-Lous Fabry (o vice-presidente da WSSRC) para confirmar se nosso entendimento das regras estava correto. Ele chegou ao ponto de consultar qual das diferentes fórmulas de calcular as distâncias do Grande Círculo a WSSRC utilizava. O Sr. Fabry respondeu que, para que seja reconhecida pela WSSRC, a distância ortodrômica (Grande Círculo) de uma viagem deve ser superior a 21.600 milhas náuticas. Após mais trocas de correspondências e a confirmação de que a WSSRC não certificaria a viagem independentemente do que eu fizesse porque tinha menos de dezoito anos, decidi navegar um percurso que satisfizesse os critérios normalmente aceitos para navegações solitárias, ininterruptas e desassistidas ao redor do mundo.

Eu não entendia todo aquele alvoroço (não era uma notícia velha?) e quando a ABC News Online entrevistou John Reed ele disse: “não falei nada disso me referindo a Watson”. Parece que eu não era a única pessoa que estava confusa.

Eu não teria me importado com isso, pois para mim o objetivo da viagem jamais fora bater o recorde. Era uma meta pessoal e uma tentativa de provar que qualquer pessoa é capaz de alcançar seus sonhos. Nada disso foi afetado minimamente por algum pedaço de documento. Mas então o jogo começou a ficar sujo. Eu não estava preocupada comigo, mas isso era um incômodo para todos lá em casa. As pessoas fizeram comentários depreciativos sobre Andrew Fraser e insinuaram que eu havia sido desonesta ao conversar com alguns patrocinadores e também no meu *site*, pois havia dito que queria quebrar o recorde de Jesse Martin e me tornar a pessoa mais jovem a navegar sozinha, desassistida e ininterruptamente ao redor do mundo. Era verdade, não havia mais nenhuma retificação oficial de recordes, mas se eu atingisse meu objetivo, seria muito mais jovem do que Jesse Martin, David Dicks, Mike Perham ou Zac Sunderland, e, portanto, me tornaria a pessoa mais jovem a circum-navegar o mundo. Aparentemente, a razão dos ataques é que eu não havia navegado o suficiente. Ainda assim, quando comparo as milhas que naveguei com as de Kay Cottee, os números são muito semelhantes, e até um pouco maiores. Ainda assim, a WSSRC reconheceu alegremente a viagem dela como uma navegação solitária, desassistida e ininterrupta ao redor do mundo.

Eu poderia ter deixado tudo isso se resolver e nem mencionar o caso neste livro, mas desde que voltei li alguns dos artigos que estavam circulando na época, especialmente um do *Sunday Age* que citava Rob Kothe, o editor da Sail-World, dizendo: “Não acreditamos que ela esteja fazendo suas próprias decisões de relações públicas. Não acreditamos que ela tenha decidido sua rota”. Houve insinuações de que eu não estava escrevendo as postagens do blog e o Sr. Kothe disse: “As pessoas acham que estamos criticando Jessica. Não estamos. Estamos criticando seus gestores”. Bem, ele estava me criticando e, ao meu ver, da pior maneira possível. Estava

sugerindo que eu era apenas uma marionete sem voz ou vontade própria.

Da mesma maneira que você ficaria irritado se alguém atacasse sua família, fiquei irritada por alguém criticar as pessoas que haviam trabalhado ao meu lado com tanto afinho para tornar a viagem realidade. Cabe lembrar que pessoas que admiro, como Ian Kiernan, Jesse Martin e John Bertrand nos defenderam, e os comentários no blog de diversas outras pessoas foram incríveis.

Quinta-feira, 6 de maio de 2010

Saboreando cada segundo

No geral, não costumo me dirigir aos críticos porque alguém sempre dirá alguma coisa, pouco importa o que eu diga ou faça. Mas achei que valia dar algumas palavrinhas referentes às acusações de que não naveguei “oficialmente” ao redor do mundo. Podem me chamar de imatura, mas tenho rido um pouco disso tudo. Se não tenho navegado ao redor do mundo, estou intrigada para saber o que andei fazendo esse tempo todo! Sim, é uma pena que minha viagem não seja reconhecida por algumas entidades porque tenho menos de dezoito anos, mas isso não me preocupa muito. Quero dizer, tem milhões, e provavelmente bilhões de pessoas que ainda não acreditam no aquecimento global, então parece um ótimo negócio ter umas poucas pessoas indo contra a corrente e declarando que minha circum-navegação não foi oficial. Bem, acho que já perdi tempo mais do que suficiente com esse debate tosco – então, sigamos em frente!

Tive um pouco de todos os fenômenos climáticos nos últimos dias. Um pouco de sol, alguns ventos mais fortes e uma tempestade de raios na noite passada que lançou um grande relâmpago na água não muito longe da *Ella's Pink Lady*. Também costurei para fazer reparos na vela mestra. Mas afora isso, as feridas em minhas mãos e um probleminha com o motor que ainda estou tentando resolver, não poderia estar mais feliz. Estou me divertindo mais do que nunca ao andar pela costa, sem apressar muito a *Ella's Pink Lady* e ansiosa para chegar no dia 15. Estou curtindo os aspectos positivos de navegar sozinha e dentro de uns poucos dias poderei ficar ansiosa para ver meus amigos e minha família.

Acho que já posso dizer que estou muito empolgada com a ideia de chegar em casa! Provavelmente é bom que eu esteja sozinha, pois se houvesse mais alguém aqui eu estaria deixando-os loucos com minha energia hiperativa!

Sábado, 8 de maio de 2010

Sol, um navio e problemas no motor

Tive muito sol nos últimos dias e hoje fiquei nas nuvens ao perceber que a temperatura da cabine estava em 20 graus! Já fazia um tempo que não tínhamos um dia quentinho. Mas nem tudo está indo tão bem quanto o clima. O sistema de combustível do motor ainda está me dando dores de cabeça, de modo que não consigo dar partida nele. Não é o fim do mundo, mas quer dizer que preciso de cuidados extras ao usar energia. Se eu não conseguir fazê-lo funcionar outra vez, Jesse e Mile

terão que remar a *Ella's Pink Lady* até o porto após a linha de chegada. Não, tô brincando, vamos dar um jeito. Seria muito bom entrar nas docas por conta própria, então continuarei tentando.

Desde que desisti do sistema das sacolas de comida e passei a comer minhas coisas preferidas um tempo atrás, comecei a ficar sem comidas gostosas. Tive que começar a comer as coisas que geralmente deixo para trás (eu sei, bem feito!), mas o lado positivo é que há tanta água fresca que estou usando para lavar roupas. Afora isso, a privada também decidiu se rebelar, o que é o mais chato de tudo. Tipo, não dava para esperar só mais uma semaninha antes de se recusar a funcionar?

Na noite passada, o AIS detectou o primeiro navio que vi desde a África, mas ele não chegou perto, e fiquei bem surpresa por não ter visto nenhum outro.

Se você deu uma olhada no mapa da viagem ou conhece bem essas águas, é provável que esteja se perguntando por que estou demorando tanto para chegar a Sydney. Se eu estivesse com alguma pressa ou o tempo estivesse ruim, de fato, poderia chegar antes do dia quinze. Mas algum tempo atrás tomei a decisão junto à minha equipe de marcar o dia quinze como data de chegada, para que eu não tivesse a pressão de tentar chegar mais cedo. A razão para termos escolhido essa data em vez de simplesmente deixarmos o vento carregar a *Ella's Pink Lady* de maneira aleatória foi que muitas pessoas precisavam agendar voos e fazer preparativos.

Se minha data de chegada estimada mudasse mais uma vez, uma porção de parentes ficaria incomodada! Pelo que ouvi, o planejamento de minha chegada em Sydney está se mostrando bem complicado e diversas autoridades estão envolvidas.

Se estivesse desesperada para chegar com a *Ella's Pink Lady*, as coisas seriam diferentes. Mas como o sol está brilhando outra vez, estou bem empolgada, mas sem grande pressa de chegar em casa. Quero deixar bem claro que não estou sofrendo nenhuma pressão de ninguém em casa para chegar em uma data específica. Acreditem, sou bem mais cabeça dura do que isso. Se quisesse apressar as coisas e chegar mais cedo, faria isso!

Curti cada segundo daqueles últimos dias. Lembram de quando escrevi sobre “óculos de alegria”? Bem, naquela semana eu estava vendo tudo através de “óculos iupi, estou chegando em casa!”. Isso soa muito pateta?! Mas era bem assim que eu estava. Eu sentia como se estivesse sorrindo 24 horas, sete dias por semana, e quase explodia de ansiedade ao pensar que veria todo mundo em breve.

O cheiro constante de diesel decorrente do problema no motor e a dor de cabeça que isso me provocava não foram suficientes para abalar meu bom humor. Eu estava exausta após o trecho na Tasmânia, então fiquei contente quando finalmente marcamos a chegada a Sydney para o dia quinze. Isso significava que eu poderia curtir cada último momento com a *Ella's Pink Lady* e saborear nossa fantástica navegação sem me preocupar em perder a data de chegada caso algo desse errado. Sem mencionar que isso deu a todas as pessoas que haviam viajado comigo através do blog a chance de estar em Sydney, caso desejassem. Eu sabia que algumas pessoas haviam comentado no blog que gostariam de estar lá, mas ainda não tinha ideia de quantos apareceriam mesmo no dia. Eu sabia que Jesse e Mike navegariam comigo depois que eu cruzasse a linha de chegada.

Segunda-feira, 10 de maio de 2010

Motor funcionando!

O pequeno motor Yanmar está de volta à atividade! Com um pouco de delicadeza, mas está funcionando com a bomba de transferência de água amarrada no lugar da bomba de combustível que parou de funcionar. Está chacoalhando um tanto devido às porcas que não encaixam direito, mas deve quebrar o galho. Afora a alegria de finalmente conseguir consertar alguma coisa, fiquei bem aliviada, pois praticamente não tivemos vento nos últimos dois dias, então as baterias estavam mais descarregadas do que eu imaginava.

Obrigada a Jim, Iain e meu pai, pelas ideias, e a Bruce pelo encorajamento (leia-se: ameaça!). Bruce sabia exatamente o que dizer para me incitar a fazer o motor funcionar. Se há uma coisa que aprendi aqui é que não há nada que não possa ser consertado com a dose certa de perseverança, mesmo que isso implique desmontar outra parte do barco no processo!

Além de gastar um bom tempo coberto de diesel enquanto tento entender o motor, tenho curtido muito sol e feito um pouco de esforço extra com as tarefas de casa/barco para que minha mãe não enfarte ao ver a cabine. Na verdade, minha mãe não é assim, e a cabine nunca esteve tão ruim (cof cof!).

Ontem, vi a primeira baleia azul da viagem (eu sei, também não acredito). Fiquei um pouco assustada com as grandes quantidades de água saltando ao nosso redor ontem à noite quando as ondas se acalmaram. Deviam ser apenas alguns peixe-espadas, mas prefiro

imaginar que fosse algo mais legal, como um grande tubarão-branco perseguindo seu jantar!

Ah, é claro, ontem foi dia das mães. Não pude levar o café na cama para ela nem fazer um cartão, o que ela mereceria receber mil vezes, então salvei um abraço a mais para quando chegar. O que minha mãe fez ao autorizar minha viagem e me ajudar a chegar à linha de partida enquanto tomava conta de meus irmãos é, aos meus olhos, mais difícil do que qualquer coisa que enfrentei aqui. Obrigada, mãe!

O problema desse tempo lindo e das incríveis noites estreladas que têm aparecido é que não tenho certeza se quero chegar ao fim da viagem! Eu poderia continuar nisso para sempre. Um dia tranquilo após o outro, fazendo as coisas no meu ritmo com poucos problemas e desafios para me ocuparem. Exceto, é claro, pelo fato de que há muitas, muitas coisas que estou ansiosa para fazer ao chegar em casa!

Em certo sentido, acho que entrar em Sydney Heads será tão duro quanto foi sair de lá. Ouvi dizer que as coisas também mudarão muito para mim, o que é um pouco assustador. Mas não estou preocupada: se consigo encontrar motivos para rir quando estou rodeada de ondas enormes no escuro após sofrer um jibe chinês, serei capaz de sorrir diante de qualquer coisas que aparecer.

Ó, céus, estou ficando muito melosa e reflexiva. É melhor parar por aqui.

Só mais cinco dormidas e quatro dias restando!

Quinta-feira, 13 de maio de 2010

Tão perto e do que sentirei saudades

As condições perfeitas terminaram no fim de terça-feira com tempestades de raios e então um frio congelante trazido por ventos do sul (brrr!). Ontem o vento estava muito forte, mas hoje reduziu para cerca de 30 nós, propiciando ótimas condições para avançarmos suavemente enquanto as ondas se tornavam mais altas por causa do encontro com a corrente da costa leste. Passei o dia no convés assistindo nosso progresso com um sorriso frio de orelha a orelha dormente (agora estou pagando o preço por isso: estou com o rosto queimado de frio!).

Não consigo acreditar como essa semana passou rápido. Só mais duas noites de sono até a linha de chegada! Já mencionei como estou empolgada? É como a véspera de Natal, exceto pelo fato de que não lembro de algum dia ter ficado tão empolgada com o Natal. Duas noites de sono até um banho quente, comida fresca e... e... e... Todo o resto! Sabe, acho que vai levar bem mais tempo até que caia a ficha de que naveguei ao redor do mundo. É algo grande demais para entrar em minha cabeça!

Em algum momento no Atlântico, lembro que escrevi sobre todas as coisas de casa que me davam saudades. Então pensei em fazer uma lista das coisas que sentirei falta daqui. A primeira é bem óbvia: acordar e navegar o dia inteiro. Sentirei falta de estar fora do alcance de meu irmão pentelho. Sentirei falta de fazer as coisas no meu ritmo e cantar a plenos pulmões sem arrumar o quarto!

Sentirei falta da alegria que tenho ao superar desafios por conta própria ou navegar em meio à escuridão. De um novo pôr-do-sol a cada noite e do tempo que sempre reservo para assisti-lo. Sentirei falta de

assistir as ondas e o mar. Sei que faz quase sete meses, mas ainda não me cansei.

Das cristas brancas e movediças quando há vento e do reflexo vítreo quando não há. Sentirei falta de ver os albatrozes dando círculos ao redor da *Ella's Pink Lady* e dos dias de touca em que encontrar uma escova de cabelo é trabalho demais!

Bruce, Suzanne e Mick estão no *Big Wave Rider* e me encontrarão em algum momento de amanhã para navegar as últimas milhas ao lado da *Ella's Pink Lady* – mal posso esperar para vê-los!

Vejo vocês em breve!

PARTE TRÊS

Casa

"Relaxe os ombros, deixe o coração cantar, deixe os olhos lampejarem, deixe a mente se elevar, olhe para cima e diga a si mesmo... Nada é impossível!"

NORMAN VINCENT PALE



O dia anterior à minha chegada em Sydney começou como qualquer outro dia no mar. Mas ao final dele havíamos sido visitadas por seis helicópteros e um avião e o *Big Wave Rider* havia se juntado a nós. Ficou claro que meus dias de navegação silenciosa haviam chegado ao fim. Conforme o vento e as ondas se acalmaram de tardezinha e o céu cinza começou a clarear, vi um grande brilho no horizonte e algumas luzinhas cintilantes da cidade. Com o *Big Wave Rider* nos escoltando para observar eventuais embarcações, consegui dormir por algumas horas, mas passei a maior parte da noite me revirando na cama e escutando as músicas novas na rádio FM. Eu nunca tinha ficado tão empolgada por escutar propagandas e fiquei emocionada por reconhecer algumas músicas anteriores à minha partida.

Quando o dia nasceu no sábado, consegui discernir um pedaço de terra a distância e passei o resto da manhã cambando nas variações do vento para seguir naquele sentido. Aos poucos, o vento diminuiu ainda mais, até que as condições de navegação ficaram perfeitas. Conforme avançávamos lentamente, uns poucos barcos, e então uma enxurrada deles veio se juntar a nós. O que mais me impressionou naquela manhã foi que o vento mudou quando estávamos a dez milhas náuticas da terra. Parece uma coisinha de nada se comparada à toda empolgação do dia, mas de repente senti o cheiro da terra. O vento passou a ter um aspecto seco e frio, como nas manhãs de inverno.

Nosso plano era passar por Sydney Heads às 11h. A transmissão oficial começaria naquele momento e as boas-vindas oficiais e a coletiva de imprensa seriam pouco depois. Tudo deveria estar encerrado às 14h.

Um plano excelente, mas a manhã foi passando e as coisas não ocorreram de acordo com o cronograma. Os ventos fortes do dia anterior haviam nos levado mais para o norte do que eu gostaria e também interpretei mal o tempo que levaria para navegar até a linha de chegada. Assim que percebi que chegaríamos algumas horas mais tarde do que eu imaginava, senti-me terrível por deixar as pessoas esperando. Ainda não tinha ideia de quantas pessoas estariam lá! Não havia nada que pudesse fazer para chegar mais rápido. Forcei a *Ella's Pink Lady* o máximo possível e cambei alegremente muitas vezes enquanto viajava rodeada por uma frota de barcos cada vez maior. Eu não sabia dos incômodos que meu atraso estava causando às agências de televisão e à grande multidão que se reunia no porto.

Quando me aproximei da linha de chegada, barcos e helicópteros se aproximaram aos poucos. Conduzi a *Ella's Pink Lady* contra o vento por um tempo e quando avistamos Sydney Heads avançávamos a uma velocidade de seis nós. Buzinas, vozes, ruídos e a visão de diversos rostos me deixaram estupefata. Sorrisos não eram suficientes para expressar o que eu estava sentido. A imensa sensação de alívio por ter chegado de volta me fez chorar um pouco, mas eram lágrimas muito, muito felizes!

Quando cruzamos a linha e entramos em Sydney Harbour, minha pequena histeria já havia dado lugar ao nervosismo. Bruce precisou gritar para que eu enrolasse a vela de proa e Jesse Martin, Mike Perham e os caras da imigração pudessem subir a bordo.

Foi ótimo ter Jesse e Mike a bordo para cuidarem um pouquinho da *Ella's Pink Lady* enquanto o cara da imigração estampava meu passaporte e eu me empanturrava com a comida fresca que haviam trazido a bordo (não consegui me conter e mergulhei em uma lata de chantili e opa... Tinha uma câmera de televisão transmitindo ao vivo e virada para mim!).

Coloquei as roupas limpas que minha mãe e Emily haviam arrumado

para mim, balbuciei feito uma panaca em algumas entrevistas ao vivo e tentei retribuir os acenos das pessoas nos barcos ao nosso redor.

Quando os Man O'War Steps entraram em nosso campo de visão, consegui enxergar minha mãe, meu pai, Tom, Hannah e Emily nas docas. Eu estava morrendo de vontade de abraçar todos, mas quando parti para os braços de meus pais era como se não conseguisse deixar a *Ella's Pink Lady*. Eu não queria deixar meu barquinho valente para trás.

Com Tom e meu pai ao meu lado e servindo de apoio, caminhei sobre um tapete rosa muito longo. Foram as boas-vindas mais sensacionais que consigo imaginar e fiquei muito emocionada ao ver que tantas pessoas se importavam com nossa conquista. Deixei o tapete rosa e subi cuidadosamente os degraus que levavam até o palco de frente para um mar de pessoas. O cenário composto pelas velas brancas da Opera House atrás da multidão e o céu azul infinito cobrindo tudo quase me deixaram sem fôlego. A âncora e jornalista do Canal Dez, Sandra Sully, estava lá em cima me esperando, e quando me dei conta estava ao lado do Primeiro Ministro, Kevin Rudd, e da Premier de New South Wales, Kristina Keneally. Os dois discursaram e foram muito queridos em suas falas, mas uma palavra ficou presa em minha mente. Então Sandra fez algumas perguntas antes de começar a encerrar o evento. Meu coração começou a acelerar pela primeira vez desde que eu subira no palco. O Primeiro Ministro havia dito que eu era uma heroína e me senti inclinada a dizer algo a respeito disso, mas achei que talvez não fosse conseguir com milhares de pessoas me observando. Teria sido muito fácil sorrir, acenar uma última vez e descer do palco. Eu estava dividida quanto ao que fazer, mas aquela era minha única chance, então perguntei a Sandra se podia dizer algumas palavras. No dia anterior, quando ainda éramos só a *Ella's Pink Lady* e eu, rabisquei algumas mensagens que gostaria de transmitir se fosse possível. Queria compartilhar o que me

inspirara a dar uma volta ao mundo.

Com a plateia me encorajando, respirei fundo e disse que precisava discordar do Primeiro Ministro (não percebi que, aparentemente, meus pais quase enfartaram ao ouvir isso, pois não sabiam o que eu estava prestes a dizer e tiveram medo de que eu fosse deixar escapar um dos meus discursos apaixonados a favor da redução da idade mínima para votar!).

Eu disse ao Sr. Rudd que não era uma heroína, apenas uma garota comum que havia acreditado em um sonho. Espero não ter soado atrevida ou ingrata. Só falei porque acredito profundamente que não é preciso ser especial para conquistar algo. E definitivamente eu não era uma heroína.

Falei um pouco mais sobre como os sonhos podiam se tornar realidade. O meu havia se tornado! Mencionei minha crença de que é possível fazer qualquer coisa com determinação e trabalho duro. E foi isso.

Entre as entrevistas e coletivas de imprensa (onde alguém me deu um pote imenso de Nutella), tive alguns momentos rápidos com a família e amigos próximos e não conseguia parar de olhar para os seus rostos e absorver cada detalhe. Por fim, fomos a Manly, onde passaríamos a noite, e tivemos momentos tranquilos com a presença de todos. Estar cercada pela família e por amigos novamente foi maravilhoso e era quase como se não houvesse se passado nenhum segundo desde que eu os vira pela última vez.

Além de Jesse e Mike, David Ducks, Jon Sanders (que detém o recorde de mais circum-navegações solitárias e sem paradas – três!) e Brian Caldwell (a primeira pessoa com menos de vinte e um anos a navegar ao redor do mundo) também se juntaram a nós. Foi incrível ter tantos navegantes solitários no mesmo ambiente e ainda mais incrível ser uma deles!

Às 21h eu me entreguei e fui até o nosso apartamento acompanhada apenas pela ala jovem. Emily preparou o meu tão esperando banho quente, mas depois disso eu não dormiria antes de minha caminhada na praia de

jeito nenhum. Embora tivesse recebido ordens expressas de não sair do apartamento, arrastei o pessoal para comermos um sorvete e fazermos uma caminhada noturna pela praia (sim, é muita rebeldia adolescente!). Na verdade, talvez “caminhada” não seja o melhor termo, visto que o que fizemos foi correr, perseguir gaivotas e jogar água uns nos outros. Depois disso, finalmente entrei em uma cama macia, seca e sem balanço para dormir.

Todos garantiram que eu fosse bem cuidada e, como presumiram que eu gostaria de um tempo para descansar, me deixaram alguns dias sem qualquer compromisso. Em janeiro eu havia pedido que não fizessem planos para mim porque desejava dormir, mas depois de algumas semanas acabei mudando de ideia. Eu não estava nem um pouco acostumada com aquilo. Naquela primeira semana, enlouqueci todo mundo (desculpa, Pam!) e fiz com que subissem pelas paredes. Havia muitas coisas para ver e fazer e o que eu menos queria era ficar relaxando no apartamento. Era incrível ter alcançado a minha meta de navegar ao redor do mundo, mas já tendo feito isso eu me sentia inquieta. Eu estivera trabalhando para aquilo durante anos, então acho que não é de surpreender que eu estranhasse que tudo houvesse chegado ao fim.

Recebi muitos cartões, presentes e cartas e foi ótimo saber que a *Ella's Pink Lady* e eu ajudamos a inspirar algumas pessoas a fazerem coisas que não haviam ousado fazer. Acho que eu não tinha ideia de quantas pessoas haviam acompanhado a viagem até o dia em que voltei a Sydney. É um sentimento incrível saber que influenciei a vida de tanta gente de alguma maneira. A atenção da mídia após o meu retorno foi bizarra. No início, tínhamos fotógrafos nos seguindo aonde quer que fôssemos, mas a minha família não permitia que aquilo me incomodasse muito, então foi tudo bem. Passei a primeira semana dando ótimas caminhadas, fazendo compras (ai!

Mas amo minhas três jaquetas de couro) e fui a três festas de aniversário (primeiro a minha, depois a de Tom, e então a de meu pai).

Fiquei muito grata por todas as oportunidades que recebi para fazer coisas bem diferentes, incluindo nadar com tubarões no Oceanworld de Manly e ter aulas de surfe com Layne Beachley, também em Manly (muito legal aprender a surfar com alguém que foi campeão do mundo sete vezes). Também assumi o leme de uma das grandes balsas de Manley através de Sydney Harbour e subi a Harbour Bridge. Foi fantástico e eu não conseguia parar quieta porque havia muitas coisas para fazer!



Após algumas semanas em Sydney, comecei a ficar ansiosa para voltar para a água. Muitas pessoas ficaram surpresas por eu querer navegar com a *Ella's Pink Lady* costa acima, mas óbvio que eu queria! Eu mal podia esperar para navegar outra vez e ainda sentia que tinha uma tarefa para concluir – afinal, Sunshine Coast era o lugar onde a viagem realmente havia começado para mim.

A *Ella's Pink Lady* e o *Big Wave Rider* partiram juntos em 31 de maio, um sábado, para aquela viagem de 470 milhas náuticas. Bruce, Murray, Tom, Mike e eu planeamos navegar pela costa juntos e dar algumas voltinhas. Foi um pouco estranho voltar para a *Ella's Pink Lady* e se acostumar mais uma vez com seu movimento e todos os ruídos. E demorou ainda mais para que eu me acostumassemos a ter uma tripulação. O *cockpit* da *Ella's Pink Lady* não é grande, então tivemos alguns encontrões durante as cambadas e os jibes até nos acostumarmos. Havia um sistema de baixa pressão vindo da costa leste, então houve alguns dias de umidade e mar agitado, mas escapamos do pior. Enquanto estávamos no mar, Lennox Head foi atingida por um

minitornado. Ele gerou muitos danos em um canto da cidade e deixou uma dúzia de feridos; então, fizemos algumas ligações para garantir que estávamos distantes da área de risco.

Fizemos paradas breves em Port Stephens, Trial Bay, Yamba, Peel Island e Tangalooma, na Ilha Moreton. Em todos os lugares onde parávamos, as pessoas acenavam ou faziam um cumprimento breve com a cabeça, e em Tangalooma fomos tratados quase como reis no resort (jantar, chuveiro quente e uma pausa para alimentar golfinhos). Em Yamba, paramos para reabastecer e pegar algumas batatinhas e Kay Cottee estava lá trabalhando em seu barco. Foi uma sincronia perfeita. Fiquei muito contente de finalmente conhecê-la.

Foi muito legal embarcar no *Big Wave Rider* para o último pedacinho da viagem. Depois que chegamos a Queensland e entramos em águas mais conhecidas, o sol apareceu e tivemos alguns dias muito bons em que avançamos com a força do motor por Broadwater e Moreton Bay, as mesmas águas onde eu aprendera a navegar muito tempo antes. Era difícil acreditar como Broadwater parecia pequena se comparada ao lugar que aparecia em minhas lembranças. Na época, parecia ser uma extensão imensa e atemorizante de mar aberto. Agora... Bom, eu mal conseguia acreditar que ficava nervosa por causa daquilo!

Durante todo o caminho pela costa, achei que a recepção caseira em Mooloolaba não seria grande coisa em termos emocionais. Foi ótimo ver a forma conhecida das montanhas Glass House ao nascer do sol e fiquei empolgada quando vi uma frota de barcos com pessoas que eu conhecia à bordo se reunindo ao nosso redor. Mas foi só quando entrei na baía de Mooloolaba que a ficha caiu. Eu estava em casa! Até aquele momento eu estava rindo e me divertindo muito vendo os garotos jogarem panquecas e bolinhos no *Big Waver Rider*. Acho que os policiais em nossos barcos de

escolta não ficaram muito impressionados com seu comportamento infantil e não fiquei impressionada com a sujeira na *Ella's Pink Lady*!

Ao contrário do que acontecera na recepção em Sydney, dessa vez chegamos muito cedo. Com apenas um pedacinho da vela mestra estendido para avançarmos mais devagar, navegamos rumo ao quebra-mar ao lado da praia, onde havia uma multidão de pessoas acenando. Foi ali que a ficha caiu. No dia em que entrei em Sydney, percebi que havia conseguido: eu dera uma volta ao mundo. Desde então, fui me familiarizando aos poucos com as maneiras como as pessoas foram tocadas pela viagem. Mas foi apenas ao ver todas aquelas pessoas de minha cidade natal recepcionando a mim e à *Ella's Pink Lady* que entendi a enormidade de tudo aquilo. Sentada no convés, com o braço de Tom ao meu redor, chorei um pouco enquanto assimilava a situação. Era difícil acreditar que eu estava olhando para aquela baía com a qual vinha sonhando havia tanto tempo. Era muito melhor do que eu lembrava.

Após amarrar o barco nas docas, tive uma recepção oficial, mais discursos e uma chance de cumprimentar rapidamente amigos e apoiadores antes de finalmente voltar para a nossa casa. Havíamos nos mudado pouco antes da minha partida, então eu não tinha laços específicos com a casa em si. Era estranho ver como todos haviam criado seu espaço sem mim. Quase senti um pouco de ciúmes. Foi o que melhor serviu para me mostrar como o tempo havia passado.



Depois de chegar em casa, tive uma provinha daquilo pelo que minha família e minha equipe haviam passado quando eu estava no mar: escutamos no noticiário que Abby Sunderland havia acionado dois sinais de

emergência 41 graus ao sul, nos Roaring Forties, um indício de que o *Wild Eyes* estava em apuros. Depois disso, não se soube nada dela por mais de vinte horas. Quando minha mãe me acordou com a notícia às seis da manhã, não consegui voltar a dormir e passei o resto do dia esperando para saber mais. A espera me afetou muito, então só imagino como a família dela deve ter se sentido. Sempre acreditei que Abby se sairia bem, mas por mais que você seja experiente (e ela é muito experiente), o oceano pode ser um lugar hostil e inclemente. Foi um grande alívio quando soubemos que um avião da Quantas fretado pela equipe de busca e resgate da Austrália havia estabelecido contato visual com Abby e em seguida conversado com ela pelo rádio. Ficamos sabendo que o mastro dela havia quebrado com os ventos de 75 nós e ondas do tamanho de montanhas que também haviam interrompido seu sistema de comunicação.

Estar em casa sem saber o que está acontecendo me deu uma ideia daquilo que meus pais haviam enfrentado. Eles sentiram muito medo quando meus sinais de emergência foram interrompidos durante um jibe chinês e quando minha sked por *e-mail* não chegou e ninguém soube nada a meu respeito por mais de um dia. Eu estava bem, mas eles ficaram preocupados. Aquilo me fez entender melhor ainda o presente que eles me deram ao deixar que sua filha sonhasse tão alto.

Sempre me perguntei (e tive medo disso) se eu voltaria uma pessoa diferente daquela viagem. Bem, ainda sou a mesma de sempre, mas sem dúvida mudei. (Minha mãe diz que não, é só que o mundo está me vendo de outro jeito.) Mas não preciso me preocupar, porque meus amigos e minha família ainda me tratam da mesma maneira.

Então o que *mudou*? Vou começar pelo mais fácil: meus hábitos de sono. Não há dúvidas de que mudaram... E não foi uma mudança positiva. Após sete meses de sono conturbado e quase dois meses passados desde o retorno

à terra, ainda estou sofrendo para me adaptar. Para dar uma ideia de como meu sono anda confuso, estou escrevendo isto às 2h da manhã porque ainda estou bem acordada.

Também há o fato de que não preciso mais provar nada a mim mesma. Há muito tempo atrás, perguntei-me se eu era durona o suficiente para navegar ao redor do mundo. Já respondi isso e fiquei bem mais tranquila. Talvez tranquila não seja a palavra ideal, porque se você perguntar a qualquer pessoa que me conhece, ouvirá que não consegui parar quieta desde que desci da *Ella's Pink Lady*! Também estou mais... Confiante não é bem o termo certo, mas é algo nessa linha... Segura de mim mesma, talvez?

E então há a grande mudança! Tornei-me risonha e gritona. Um ano atrás, se me jogasse água fria, você não me veria gritando nem morta. Mas agora...!

Como estou com esse espírito reflexivo, talvez seja uma boa ideia tentar responder à pergunta assustadora: “O que você aprendeu ao passar 210 dias sozinha no mar?”. Bem, algumas coisinhas no que diz respeito à escolha de equipamentos (embora tenham sido surpreendentemente poucas lições). Mas se tivesse que apontar uma única coisa, diria que aprendi a não levar a vida e eu mesma muito a sério. Aprendi a importância de me divertir! (Não é muito original, eu sei.)

Desde que voltei, algumas oportunidades incríveis se abriram para mim, e me perguntam o tempo todo “E agora, o que você vai fazer?”. Escrever e terminar este livro foi uma aventura à parte! Foi uma experiência e tanto refletir sobre a viagem e os anos de preparação que a antecederam. Mal acredito no que nós todos fizemos e nas coisas pelas quais passamos só para chegarmos até a linha de partida.

Ao longo de todos aqueles anos, não me perguntei uma única vez se valia mesmo a pena, nem por que estava fazendo todos passarem por aquilo.

Na época, não me dei conta, mas é incrível se concentrar tanto em um objetivo ao ponto de nenhum esforço parecer demais e jamais passar por sua cabeça questioná-los. Também andei percebendo como tive sorte de estar rodeada por pessoas que compartilhavam desse sentimento e ter pais que me encorajaram e acreditaram em mim.

Agora que o livro está pronto, terei um pouco mais de tempo para mim mesma. Estou ansiosa para finalmente tirar minha carteira de motorista, preparar-me para navegar mais rápido, participar de regatas e me desafiar em novas aventuras. Citando Sir Edmund Hillary, “Depois que você esteve lá, só o que deseja é voltar!”. Acima de qualquer coisa, estou ansiosa para ter a chance de compartilhar minha viagem e minhas experiências com outras pessoas, sobretudo jovens. Sei como tive sorte ao tornar tantos sonhos realidade. Muitas pessoas me apoiaram e agora quero retribuir de alguma maneira.

Não sei se vocês se lembram, mas quando estava no Pacífico eu vi uma incrível estrela cadente e fiz um desejo. Tenho certeza de que todos acharam que meu desejo era concluir a viagem ao redor do mundo. Não era. Não tinha nada a ver comigo (desculpa, a superstição ainda me impede de contar o que era!). Não consegui pensar em nenhum desejo para mim mesma, pois não havia nada que eu desejasse e não pudesse conseguir através de trabalho duro. Como é mesmo aquela canção “Airplanes”, do B.o.B.? É um lance sobre precisarmos de desejos, não é? Adoro a música, mas não preciso de um desejo. Tenho a capacidade de sonhar e isso é tudo que é preciso para tornar os sonhos realidade. Não precisamos de estrelas cadentes. Podemos fazer as coisas por conta própria.

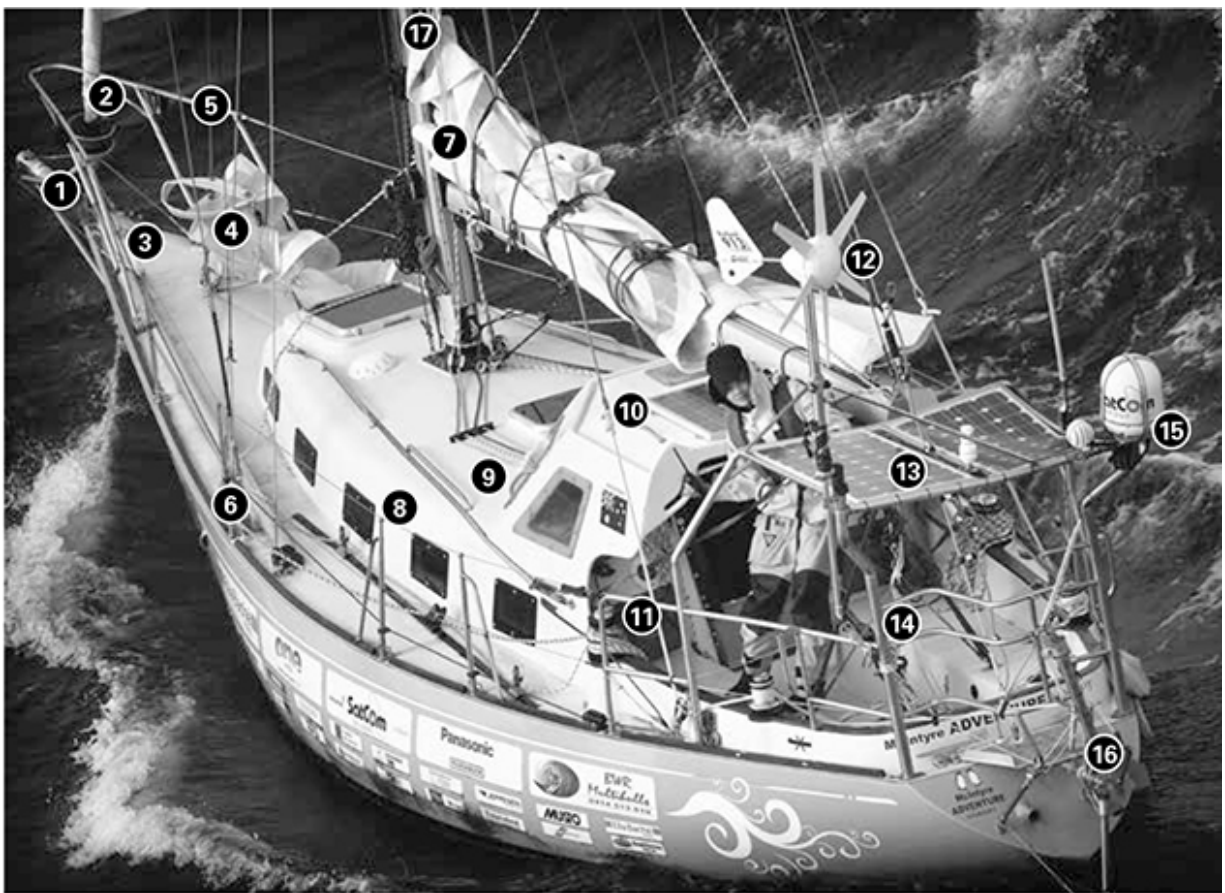
GUIA PARA A

Ella's Pink Lady

1. Gurupés – para a utilização da code zero (vela leve para navegar com vento fraco).
2. Estai de proa com enrolador de genoa.
3. Compartimento da âncora preenchido com espuma para servir de anteparo contra colisões.
4. Estais dianteiros e posteriores de força e estais laterais.
5. Estai de proa interno para vela de estai ou buja de tempestade de prontidão.
6. Pau de Spi (em conjunto de outro do lado oposto).
7. Mastro com vela mestra presa à *retranca* para uso em tempestades.
8. Pega-mãos e linhas de vida (instalar na parte de cima da cabine foi uma ideia copiada do barco *First Lady*, de Kay Cottee). Uma em cada lado da cabine.
9. Adriças e cabos de rizo que se estendem até o *cockpit*.
10. Doghouse para fornecer abrigo e proteção. Dotado de um painel solar de 60 watts no teto e de um receptor de água nas extremidades.
11. Estais volantes (um de cada lado).
12. Gerador eólico.
13. Estrutura da targa com dois painéis solares de 80 watts e

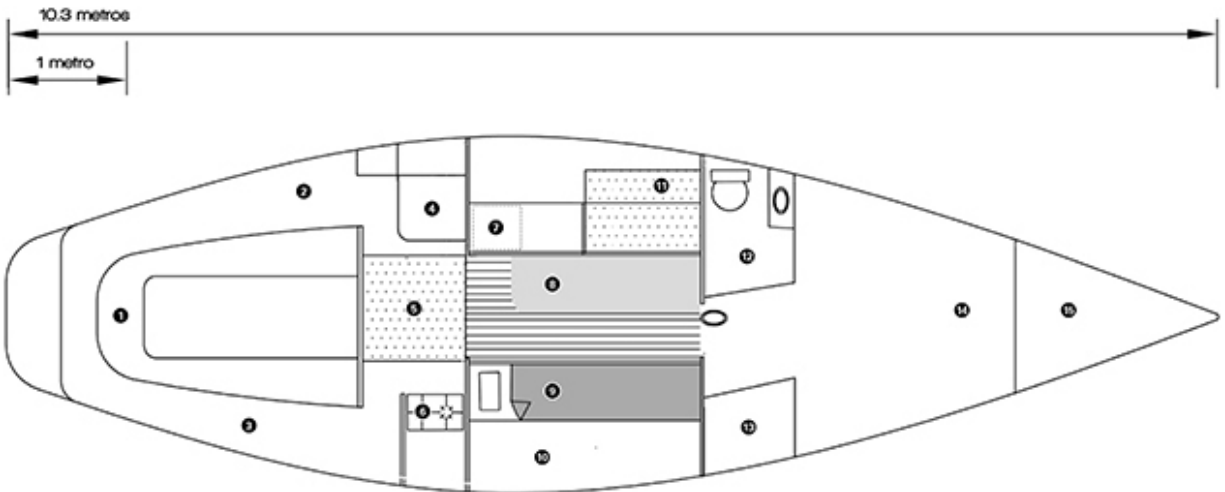
antenas VHF, AIS e Iridium.

14. Balsa salva-vidas no *cockpit* (pronta para o caso de necessidade).
15. Parabólica Sailor 250 para internet e telefone via satélite.
16. Parker (piloto de vento da Fleming).
17. Mastro – com refletor passivo de radar, maximizador de eco e encaixes dos estais autoajustável.





Guia Interno



1. Depósito de popa para o lixo.
2. Depósito de velas.
3. Depósito de Lazarette.
4. Mesa de navegação, lar do Toughbook, cartas náuticas, etc.
(passei muito tempo ali!).
5. Motor.
6. Cozinha, com forno, pia e depósito de comidas.
7. Assento úmido.
8. Tanque para armazenamento de diesel.
9. Cama.
10. Tanques de água (sob a cama).
11. Armazenamento e (mais) tanques de água.
12. O imprescindível toalete e salão da Ella Baché!
13. Depósito de ferramentas.

14. Comida e área de depósito.

15. Caixa de âncora preenchida com espumas para servir de anteparo em colisões.

Lista de equipamentos

Velas

Vela mestra

Vela mestra reserva

Vela de estai pesada

Vela de estai leve

Buja de tempestade

Tri-sail

Vela de proa x 2

Code zero

Kit de conserto de velas

Linhas de conserto de velas

Fios trançados

Punções perfuradores

Munhequeira de veleiro

Agulhas de veleiro

Fita dupla face

Fita adesiva para reparo de velas

Pedaços de tecido de vela

Vinil reforçado

Ferramentas para fazer falças

Mastreação

Cabos de Spectra reserva para estais de emergência

Adriças reserva de Spectra

Pecas sobressalentes do motor

Correias do alternador x 6

Correias da bomba de água x 4

Filtros do tanque de combustível x3
Filtros de combustível Racor x 4
Filtros de óleo x 4
Óleo para o motor e a caixa de câmbio
Líquido refrigerante x 1 litro
Mangueira de combustível
Rotor x 3
Bomba de água e gaxeta compatível
Alternador sobressalente

Kit de Reparos de Fibra de Vidro

Resina de epóxi x 2 litros
Endurecedor de epóxi x 500 gramas
Tecido de fibra de vidro, bi-direcional, uni-direcional
Cola em pó de alta eficiência x 84 gramas
Pó para preencher fissuras x 92 gramas
Bastões para misturar x 2
Escovas x 6
Lixa áspera
Recipientes de medição x 8
Pedaços de papel de todos os tipos e produto de limpeza shield spray
Diversos rolos de fita de silicone
Diferentes peças de madeira
Tubos e mangueiras sobressalentes e uma imensa variedade de braçadeiras
Uma ampla coleção de porcas, parafusos e arruelas fornecidos pela Coastal Fasteners
(temos a impressão de que acabamos com mais a bordo do que restaram na loja!)

Navegação

Suporte de cartas náuticas da Simrad e cartas náuticas
Conjunto completo de instrumentos da Simrad – vento, velocidade, profundidade.
Laptops Panasonic Toughbook x 4 com Software-on-Board (SOB), incluindo todas as cartas eletrônicas relevantes.
Ampla seleção das cartas náuticas relevantes em papel
Sextantes e mesas

Réguas paralelas, compassos e transferidores

GPS manual x 2

Receptor e transmissor AIS x 2

Radar de banda larga

Binóculos x 2

Publicações

Cruising the NSW Coast, de Alan Lucas, 5ª edição.

Informações de mar também incluídas no painel de cartas náuticas Simrad NX40 e

Regulamentos Internacionais para Prevenir Colisões no Mar da SOB.

Guia de eletricitista

Manual de todos os equipamentos a bordo

Celestial Navigation – A Yachtmaster's Guide

Guia do Cockpit

Regras de navegação das Regatas de Vela Australianas.

Boat Owner's Mechanical and Electrical Manual (Manual Mecânico e Elétrico dos Proprietários de Barcos), de Nigel Calder

Manual para instalações elétricas

Manual do Software-on-Board para back-up do computador

Manual de reparos do motor Yanmar

Manual do motor Yanmar

Manual do radar

Manuais de todos os cursos realizados:

- * manutenção de diesel

- * primeiros socorros marinhos

- * sobrevivência no mar

- * rádio marítimo

- * operador de radares

Navegação Automática

Simrad TP32 Tillerpilot – Leme de vento

Piloto automático Simrad AP24 e controle remoto

Piloto automático da Fleming

Peças sobressalentes

Leme sobressalente fabricado pela Tia Cathy

Peças de apoio sobressalentes

Cola Araldite de cinco minutos x 2,24 milímetros

Silicone para vedação x 1 tubo

Bastões de epoxy submarino x 2

Cola de epoxy x 385 gramas

Vedador de silicone x 2 tubos

Tef-Gel x 1 tubo

Pasta de fixação x 1 garrafa

Lanolina x 2 tubos de spray

Lubrificante seco x 3 latas

Bombas de água sobressalentes grandes e pequenas (fornecidas pela Johnson Pumps)

Gerador eólico e pás sobressalentes

Lâminas para o piloto automático Fleming de diversos tamanhos adequados a diferentes condições climáticas e sobressalentes

Kit de guincho

Luzes de navegação sobressalentes

Painel de cartas náuticas e antena do GPS sobressalentes

Unidade sobressalente da TracPlus em um recipiente selado e antena sobressalente

Inversor sobressalente

Moitões, roldanas e manilhas sobressalentes

Baterias sobressalentes para tudo

Antena de VHF sobressalente

Coletes salva-vidas, cinto de segurança e engate rápido sobressalentes

Kits de reparo para os coletes salva-vidas

Painel solar de emergência

Tiras de borracha extensores

Cabos e cabinhos sobressalentes

Grande variedade de braçadeiras

Grande variedade de fitas adesivas

EPIRBs x 2

Sinais de localização pessoal x 2

Detector de radar Echomax

Detector de radar passivo

Kit de sobrevivência fornecido pela RFD

Tábuas de tempestade para as janelas e escotilhas

Sistema TracPlus de rastreamento com unidade sobressalente e antena trancados em um recipiente a prova d'água

Encaixes para as linhas de vida

Escada de segurança

Combustível e água

Diesel x 280 litros

Fluído de metileno x 80 litros

Água x 375 litros

Geral

Arreio para subir no mastro com capacete e vestes de proteção

Tochas Dolphin-style x 4, pequenas tochas de LED x 10

Kit e faca de pesca

Dessalinizador portátil de emergência (nunca utilizado)

Baldes x 8

Esponjas para água estagnada x 4

Faróis x 5

Holofotes de 12 volts x 2

Bomba de transferência de diesel

Bomba de transferência de água

Don McIntyre forneceu muito das peças gerais, tanto do próprio bolso quanto de sua empresa, incluindo o essencial secador de cabelo de 12 volts!

Peças Elétricas Sobressalentes

Diversas partes elétricas sobressalentes e manual de operação completo, com diagramas das fiações, indicações, fotografias de cada uma delas e procedimentos para operar e testar os equipamentos, organizado por nosso eletricista, Neil Cawthorne.

Fios de vários tipos

Bornes de baterias

Conectores

Removedor de camada isolante dos cabos

Fita auto-fusão

Fita isolante

Multiteste

Lâmpadas sobressalentes

Fusíveis, interruptores e bloqueadores de circuito sobressalentes

Terminais elétricos

Spray CRC

Lubrificante e anticorrosivo Inox-MX3

Kit de Regulador de alternadores

Pequenos segmentos de fiação com diversos terminais previamente produzidos

Equipamentos de comunicação

Antena parabólica para comunicação via satélite para o telefone e a Internet

Telefones via satélite Iridium x 2 com baterias sobressalentes (uma guardada separadamente em um estojo a prova d'água com uma antena separada)

Transmissor de rádio MF/HF

VHF portátil com baterias sobressalentes

VHF portátil Simrad instalado durante a montagem

VHF fixo da Simrad

Equipamentos de segurança

Equipamentos completos de segurança detalhados no documento de Gerenciamento de Risco

Diversos equipamentos de segurança categoria zero checados por David Price antes da partida

Balsa salva-vidas fornecido pela RFD

Sinalizadores e bolsas de emergência fornecidos pela Pains Wessex

Âncora de mar com linhas e rédeas x 2

Âncora de mar com rédeas (parece um para-quedas)

Cortadores de cabo de aço

Fita-métrica

Multímetros, testador básico de corrente

Rebites e rebitadeiras

Jogo de limas
Grampeador de fios
Facas Stanley e facas de corte
Chave sextavada x 3 jogos
Bomba manual de óleo
Rolhas de vedação
Removedor de filtro de óleo
Cortador de mangueiras e tubos
Espelho com extensor mecânico
Pegador com extensor mecânico
Ajustador para a cinta do alternador (feita por Neil Cawthorne)
Compassos de calibre digitais
Ferros de solda x 2 e soldador
Diversas manilhas, pinos e contra-pinos

Ferramentas

Martelos x 2
Jogo de chaves de fenda
Jogo de soquetes
Jogo completo de chaves ingleses em medidas métricas e imperiais x 2
Chave inglesa ajustável x 6
Jogo completo de alicates
Presilhas x 6
Grampos G x 6
Jogo completo de perfuradores
Arco de serra com lâminas sobressalentes x 2
Serrotes x 2
Furadeira rosa a bateria com baterias sobressalentes
Furadeira portátil
Jogo completo de brocas para a furadeira
Torquês
Cortadores de estanho

Computadores

Panasonic Toughbooks x 4 com cabos (mas só o primeiro Toughbook chegou a ser utilizado, os sobressalentes não foram necessários. Isso é que é ser durão!)

Diversos hard drives

Câmeras

Panasonic Still FT1 Luminix

Panasonic Still FZ35

Câmera de vídeo portátil Panasonic HDC-TM200 × 2

Webcam × 4

Sacos de dormir e roupa de cama

Colchão com 45 centímetros de largura e tecido com uma rede a sota-vento para garantir um sono confortável sem muito movimento. Peter Becker e sua equipe da Clark Rubber desenvolveram esse colchão e nos forneceram algumas das espumas para forrar a cabine e ajudar com o isolamento térmico, reduzindo a condensação e fornecendo um “enchimento”.

Trajes de cama da Ocean com sistema de três camadas

Saco de dormir de penas de ganso

Saco de dormir sintético

Revestimento térmico para saco de dormir

Revestimentos para saco de dormir x 3

Lençóis ajustados e finos (seda, algodão e flanela) x 4 jogos

Travesseiro leve

Travesseiros com proteção x 2

Toalhas de banho e rosto x 6

Panos de prato x 12

Saúde e primeiros socorros

Trabalhamos com Margaret Williams para os kits de primeiros-socorros. Margaret é uma navegante solitária que já circum-navegou a Austrália sozinha há alguns anos. Margaret revisou meu kit de primeiros socorros e o personalizou para mim. Nossa farmacêutica local e navegante, Suzy Rasmussen, preparou os itens prescritos e alguns medicamentos adicionais. Suzy também organizou um guia rápido para mim sobre os medicamentos específicos, as precauções e suas interações. Um kit de primeiros socorros com os itens básicos do dia a dia nos foi fornecido por Mark e pela St. John Cadet, da Dromana

Secondary College. Eu também possuía um manual de primeiros-socorros abrangente, um kit para a preparação de talas e um protetor de pescoço.

Roupas

Botas marítimas x 2 pares

Jogos completos de roupas quentes seladas em sacolas espessas de plástico x 6

Meias de lã grossas x 12 pares

Gorrinhos x 4 (mais alguns escondidos nas sacolas de comida)

Sapatos de convés x 1 par

Luvas x 6 diversas camadas

Cachecóis

Sarongues x 2

Camisetas x 6

Shorts x 3

Jeans x 2

Sapatos sem cadarço e chinelos de dedo

Roupa de baixo x 25

Trajes térmicos IceBreaker x 4

Regatas e macacão x 4

Traje impermeável da Musto

Macacão da Musto x 2

Jaqueta externa da Musto x 2

Calça jardineira da Musto x 2

Jaquetas de camadas da Musto x 2

Malha polar

Toalete

Escovas de dente x 8

Pasta de dente x 4 tubos

Lencinhos, papel higiênico

Sabonete líquido, sabonete para as mãos

Xampu e condicionador x 5 garrafas de cada

Lixa de unha x 5

Ela Baché favourites

Creme Intex-Response Cream

Masque Intex No 2 Treatment Mask

Fruit D'Eclat a la Tomate Bio

Creme de Lait Hydratante

Creme Tomate

Gommage Delicat

Hydra Brume Ressourcante – Hydra

Replenishing Mist

Hydra Booster

Limpeza

Presença de espírito

Desinfetante

Detergente

Sabão de roupa

Pano de lavar roupa

Escova

Papel toalha

Equipamento de Cozinha

Fogão cardã de metileno do Peter, da Arrow Caravans

Frigideiras funda e rasa com tampas

Panela de pressão com grampos para prender no fogão (doador pelo The Pressure Cooker Centre)

Batedor de ovos x 3

Abridor de lata x 5

Talheres, pegadores, virador de ovos e colher de madeira

Isqueiros a gás x 18 e fósforos para emergências

Bacias

Copos e colheres com gradação

Pratos x 2

Tigelas x 2

Copos térmicos x 2

Comida

O desafio principal foi proporcionar variedade sem termos qualquer tipo de refrigeração e garantir que a comida fosse empacotada de forma que não se deteriorasse devido à água ou ao atrito. A Easyfood foi a principal base de minha dieta diária. As refeições da Easyfood são completas e vêm em embalagens de plástico com vida útil entre dezoito meses e dois anos. É só esquentar. A maioria era de refeições completas sem a necessidade de se adicionar vegetais ou qualquer coisa. Mas havia muita variedade, desde pernil de cordeiro (minha preferida) até costela bovina, passando por estrogonofe e diversas refeições com galinha ou ao molho curry. Elas têm muita energia e bons valores nutricionais, fornecendo uma refeição boa, balanceada e fácil de preparar. Quando era muito difícil aquecer e preparar uma refeição por causa do clima, eu comia refeições secas que se autoaqueciam (ou milho em lata, rá!). Tomei multivitamínicos ao longo de toda a viagem.

Minha comida estava disposta em dezesseis sacolas quinzenais com um menu sugerido em cada uma delas. As sacolas continham o básico e alguns doces que minha mãe acrescentou como pequenas surpresas. Comidas extra, como manteiga e ovos, estavam alojadas em diversos compartimentos, e eu tinha um mapa do estoque para me ajudar a encontrar tudo. As próprias sacolas eram o resultado de muita pesquisa para garantir resistência, e Graham, da Dolphin Plastics, nos ajudou a encontrar a sacola certa para o serviço. Nick Duggan, da nossa IGA local, nos ajudou a encontrar alguns dos produtos menos típicos e a comprar o grosso de nosso estoque.

Lichia x 16 latas

Damasco x 16 latas

Pera x 15 latas

Ameixa x 16 latas

Manga x 48 latas

Tangerina x 48 latas

Abacaxi x 32 latas

Pacotes variados de frutas secas: maçãs, ruibarbo, etc.

Diversos preparados de sobremesas e cremes de ovos

Misturas de frutas secas com cereal e Weet-Bix (reembalados em porções individuais)

Mingau x 60 porções individuais

Diversas Cup-a-Soups x 150 porções

Biscoitos de chocolate x 24 pacotes
Diversos outros biscoitos x 24 pacotes
Queijo: pedaços processados, palitos, potes de *cream cheese*, lascas e queijo parmesão
Maionese
Queijo diet x 36 latas
Nata longa-vida x 90 latas
Iogurte em pó (reembalado em porções individuais)
Latas de manteiga x 24 (doadas pela Ballantyne Foods, de Melbourne)
Leite em pó para fazer 200 litros
Ovo em pó seco
Diversos sucos em pó x 250
Estimulantes em pó, sachês e potes
Farinha
Fermento
Bicarbonato de sódio
Essência de baunilha
Cacau
Coco seco
Açúcar: branco, integral e marrom
Diversas misturas de bolo e muffins
Açúcar de confeiteiro
Melaço de cana
Diversos decorativos para bolos (chocolate granulado, etc.)
Lascas e coberturas de chocolates, marshmallow, chocolate para cozinhar
Fermento de pão
Misturas de pão x 66
Molho de soja
Molho de ostra
Molho Tabasco
Molho de tomate
Molho Barbeque
Óleo de oliva
Vinagre branco e marrom
Cuscuz (reembalado em porções individuais)

Diversos tipos de macarrão

Massa (reembalada em porções individuais)

Arroz normal, instantâneo, integral, polido e aromatizado

Diversos feijões para brotos

Alho seco

Cebola seca

Pedaços de bacon seco

Diversas ervas secas e especiarias

Tortas em lata x 20

Carne moída para caçarola, guisado seco, Spam e salsichas enlatado

Salmão, atum e sardinha x 36 latas

Flavorizantes de tacos x 24 sachês

Tacos (reembalados em 20 porções individuais)

Vol-au-vents x 10 porções

Vegemite x 3 potes

Manteiga de amendoim x 3 potes

Mel x 3 potes

Marmelada x 3 potes

Geleia x 3 potes

Nutella x 6 potes

Selecionado de frutas secas: manga, abacaxi, pera, damasco, mirtilo, ameixa seca e banana crocante

Diversos pudins de frutas

Sultanas x 72 caixinhas

Batatas baby x 64 latas

Milho em grãos x 24 latas

Milho baby x 10 latas

Vegetais chineses para fritar x 16 latas

Castanha d'água x 10 latas (gostosa e crocante)

Cenouras x 24 latas

Feijão x 10 latas

Ervilha x 10 latas

Pimenta-da-Guiné x 16 latas

Tomates x 30 latas
Broto de beterraba x 18 latas
Cogumelos x 16 latas
Cogumelos secos x 10 pacotes (reembalados em porções individuais)
Mistura de ervilhas secas e cenouras
Batatas Deb (secas) x 36 pacotes
Mini cebolas x 48 potes
Azeitonas recheadas x 24 potes
Pepinos com endro x 10 potes
Mexilhões em conserva x 10 latas
Ostras em conserva x 10 latas
Pâté Enlatado x 6 latas
Camembert Enlatado x 4
Barras de gergelim e barras de cereais
Bolachas sortidas
Pringles x 64 pacotes
Pipoca x 12 pacotes
Sal e pimenta x 4 pacotes de cada
Nozes e sementes variadas
Barras de chocolate Whittaker x 280 (todas doadas logo no início, quando a viagem foi anunciada publicamente pela primeira vez)

Diversos sabores de chá
Café instantâneo e solúvel em porções individuais
Milo
Bebidas de chocolate
Leite aromatizado de canudinho

Invólucro plástico x 3 rolos
Papel de pão x 2 rolos
Papel-alumínio x 3 rolos
Diversas sacolas zip-lock

Entretenimento

Duas sacolas a prova d'água com uma seleção de livros da Hachette Australia: biografias, aventura e leituras leves em geral.

Alguns dos meus velhos favoritos de minha estante de livro.

Estéreo: rádio e tocador de CDs.

Uma imensa seleção musical feita por amigos e minha família. Todos doaram os seus favoritos. Foi ótimo, pois me lembrou de diversas pessoas e garantiu uma boa variedade.

DVDs

Livros em áudio e podcasts.

Lã e agulhas de crochê.

Cadernos, tesouras, canetas, lápis e borrachas, coisas para desenhar, pedaços de velcro, Blu Tack e cola.

Tarefas da escola (embora seja inapropriado colocar isso na seção de entretenimento!)

Tripulação! A diversificada tripulação foi reunida em meu quarto e algumas chegaram para se alistar nas últimas semanas, deixando para trás suas camas secas e casas confortáveis para ficarem úmidas e mofadas, mas viverem a maior aventura de suas vidas! Obrigado aos donos anteriores por permitirem que viessem comigo!

Glossário

Adernar – Inclinar o barco durante a navegação (por efeito das ondas ou vento).

Adriças – Cabos utilizados para içar ou arriar as velas pelo mastro.

Alarme AIS (Sistema de Identificação Automática) – Instrumento com alarme que toca quando outro navio entra em um raio específico, utilizado para ajudar a evitar colisões.

Âncora de temporal (ou âncora flutuante) – Pequeno paraquedas soltado na popa e utilizado para reduzir a velocidade do barco quando o tempo está ruim.

Antepara – Estrutura que divide o casco em compartimentos.

Bomba do porão – Uma bomba para remover água do porão.

Brandal – Corda que sustenta o mastro, indo do topo do mastro até a popa.

Buja de tempestade – uma vela pequena e forte afixada na posição da vela de estai e utilizada sob ventos fortes.

Burro – Pequena redução utilizada para ajustar o ângulo do retranca e achatar a vela.

Cambar – Mudar de curso passando a proa pela direção do vento.

Capota (doghouse) – Cobertura em frente ao cockpit, que pode ser macia ou dura..

Casco – peça principal do barco entre o convés e a quilha.

Cinto de segurança – Cabo ou fita que prende o navegante ao barco.

Code zero – Uma grande vela que se usa presa ao gurupés quando o vento está leve.

Cockpit – Área na parte posterior do barco de onde se maneja o barco.

Diário de bordo – Livro utilizado para registrar a posição, o clima, etc.

Enrolar – Enrolar uma vela ao redor de um enrolador de genoa.

Enrolador de genoa – utilizado para enrolar e desenrolar a vela de proa.

EPIRB (Emergency Position Indicating Radio Beacons, ou Sinais de Rádio Para Indicação Emergencial de Posição) – Sinal de emergência via rádio.

Emergencial de Posição) – Sinal de emergência via rádio.

Escota da vela mestra – Cabos que permitem o controle da vela mestra.

Escota da vela de proa – Cabos que permitem o controle da vela de proa.

Estai – Cabos de aço que sustentam o mastro.

Estai de proa – Cabo de aço que sustenta o mastro e vai do topo do mastro até a popa.

Fuzis – Peças de metal que firmam os estais do mastro no convés.

Guarda-mancebo – poste vertical na extremidade do convés que faz parte das grades de segurança que circundam o barco.

Jaibar – Mudar de direção passando a popa pela direção do vento.

Jibe chinês – quando um barco capota devido à ação do vento ou das ondas até o ponto em que o mastro toca na água.

Leme – Utilizado para ajustar manualmente a direção do barco.

Mastreação – termo geral que engloba todas os cabos e adriças que sustentam o mastro e controlam as velas.

Milha náutica – Medida de distância. Uma milha náutica equivale a 1.852 quilômetros.

Multicascos – barco com mais de um casco.

Nó – Medida de velocidade. Um nó equivale a uma milha náutica por hora.

Piloto automático – Equipamento elétrico utilizado para governar o barco.

PLB (Personal Locating Beacon, ou Sinal de Localização Pessoal) – pequeno sinalizador de posição.

Popa – Parte traseira do barco.

Porão – Parte mais baixa do casco, onde a água se acumula.

Proa – Parte mais à frente do barco.

Púlpito de proa – Tubos de metal que envolvem a proa e fazem parte da grade que circunda o barco para fins de segurança.

Quarenta Bramadores – Região geográfica situada entre 40 e 50 graus para o sul, assim chamada por seus ventos extremos.

Quilha – Parte mais baixa, ou “barbatana” do barco, que ajuda a estabilizá-lo.

Rizo – Utilizado para reduzir a área das velas sob ventos fortes, tornando-as menos potentes.

Rádio HF – Rádio marítimo de alta frequência utilizado em comunicação de longa distância.

Rádio VHF – Rádio marítimo de frequência altíssima utilizado para comunicação a curta distância.

Refletor de radar – Torna o barco um alvo maior nos radares.

Retranca – Perfil de alumínio instalado a 90 graus em relação ao mastro que pode ser movida lateralmente e à qual se prende a parte inferior da vela mestra.

Rumo – Direção que o barco está fazendo.

Sextante – Instrumento utilizado para determinar a posição de um barco utilizando as estrelas ou o sol.

Sked [Corruptela de “Scheduled”, “agendado” em inglês] – gíria para uma ligação de rádio programada.

Skiff – Pequeno barco leve.

Targa – Estrutura metálica na popa que sustenta os painéis solares, as antenas e o gerador eólico.

Vela de estai – Pequena vela entre o estai de proa e a vela mestra.

Vela de proa – Vela mais frontal.

Vela mestra – A principal e maior vela.

Agradecimentos

Eu podia estar lá só, mas jamais teria conseguido fazer isso sozinha. A viagem começou como um sonho pessoal, mas compartilhá-lo com tanta gente incrível durante a preparação e a própria viagem foi uma das melhores partes. Vocês devem ter percebido que, quando estava no mar, eu me referia a “nós” – e eu não estava falando apenas da *Ella's Pink Lady*, de Parker e de mim, mas também de todos vocês que estavam pensando em mim e que me ajudaram de alguma maneira. Essa viagem também foi sua! Espero que vocês pensem dessa maneira.

Então, começando sem qualquer ordem em particular:

Obrigada à minha mãe, minha primeira apoiadora, e ao meu pai, por terem me deixado partir. Só agora começo a perceber como deve ter sido difícil.

Emily, Tom e Hannah (e, é claro, Elliott e Fraser, os porquinhos da índia de Hannah), obrigada por me aguentarem e por me tratarem da mesma maneira de sempre.

Obrigada Bruce e Suzanne Arms pelos trilhões de horas de esforço dedicados a me fazer dar uma volta ao mundo e obrigada a Bruce por compartilhar de meu sonho e por ser um companheiro.

Obrigada a Bob McDavitt por sempre estar com um olho atento para as condições climáticas e pelo tempo gasto em minhas previsões.

A Don McIntyre, por acreditar em mim desde o início e pelos ótimos conselhos.

A Frase, por ter ido acima e além! É tudo o que preciso dizer.

Obrigada a Scott Young, Liz Harrod e todos da 5 Oceans Media por fazerem parte da equipe.

A Fredrics, obrigada por aguentar amigos tão caóticos!

A Neil Crawthorne, obrigada não apenas por todo o trabalho e pelo magnífico sistema elétrico, mas também por ter sido sempre completamente honesto. Tenho certeza que isso tornou a viagem mais segura.

Obrigada a David Lanbourne e a Bucky Smith não apenas pela mastreação e pelas velas que me fizeram dar uma volta ao mundo, mas também por se comprometerem antes que eu tivesse um barco no qual os colocar.

Obrigada à equipe da reforma por todas as horas e por tornarem a *Ella's Pink Lady* o que ela é, e por toda a diversão que tivemos: Adrienne, Gilly, Jack, John Stout, John O'Dea, Les Arms, Ian Coward, Rod and Brenda Cran, Pat and Judy Gannon, Mick Tilden, Francois

Jouannon, Steven Lys, Murray and Hayden Sharpe, Richard Taylor, Damien Williams, Jim Williams, Granddad Chisholm, Graeme Adin e Ed Zehr.

Obrigada a John Bankard, Chris Wilks, Chris Bone, Jim Hawke, Ricki Colson e Martin Chadwick pelo apoio desde o início e por me ajudarem a adquirir a experiência de que precisava.

Obrigada tia Cathy, tio Campbell, tia Vivienne, tio Andrew, tio Neville e tia Wendy pela ajuda nos primeiros dias.

Joe Akacich (Black Joe), Graham Eaton (Scooter), Dean Leigh-Smith e todos na AME e na Gold Coast City Marina – um milhão de obrigadas por nos reerguer e pelo imenso apoio quando mais precisávamos. Você têm

corações de ouro!

Obrigada Jesse Martin e Mike Perham por nos ajudarem a transpor a loucura de Sydney Harbour após a linha de chegada. Jesse, obrigada por ser você! Mike, obrigada pelas conversas bobinhas. Elas nunca falharam ao me fazer sorrir e obrigada pela compreensão.

Arrow Caravans, Aussie Soles, Bayside Crane Hire, Best Cranes, Bill Woods, Coastal Fasteners, Dan Farmer, David Dicks, David Price, Dick Smith, Fiona Harper, Gary Cobb, Gary Slater, ISO Flex, James e Justin (Crossing the Ditch), Layne Beachley, Karen and Steve Chellingworth, Kerry Hughes, Dr. Jarrod Meerkin da Body Composition Australia, Minards Diesel, Offshore Marine Training, Pearl Street, Storks Boating Services, Jason Mineff from Linemaster Marine, Dra. Margaret Williams, Melinda Taylor, Nick Duggan, Rivergate Marina and Shipyard, Suzy Rasmussen, Graeme e Wendy da Sunsport Marine, Hamish Allen, Barry Colston, Pete Goss, John Ashby, Ross Cameron, Peter Becker, Michael Hogan, Lisa Fraser . . . Obrigada!

Obrigada Vanessa Radnidge, minha editora, ou decifradora! Foi ótimo trabalhar com você, obrigada por todas as horas extras. Ainda estou em dívida por sua habilidade de entender minha letra e minha ortografia! Obrigada também a Emma Noble por suas habilidades como publicitária e a Kate Stevens pela edição, um trabalho que não invejo! A Christa Moffitt pela capa e pelo leiaute interno, e a Simon Paterson e Samantha Collins pela tipografia tão bela e rapidamente escolhida!

E a todos na Hachette – incluindo Malcolm Edwards, Fiona Hazard, Matt Hoy, Matt Richell, Jodie Mann, Anne Macpherson, Dianne Murdoch, Isabel Staas, Jacquie Brown, Katrina Collett, Clare Meldrum, Dannielle Williams, Heather Young, Brendan Fredericks, Pam Dunne e Roberta Ivers – por seu

apoio desde o começo. Na primeira vez em que conheci a equipe da Hachette e vi sua empolgação com o livro e a viagem, todas as minhas dúvidas sobre escrevê-lo desapareceram. Mais uma vez: vocês são parte da equipe que me fez dar uma volta ao mundo!

Agradecimentos fotográficos

Eu tinha muitas fotografias para escolher, e foi muito **difícil** escolher quais incluir. Todas as fotografias de *Destemida* são da viagem e de nosso acervo familiar, exceto nos casos em que há crédito.

Agradecimentos especiais a:

Ben Upton – Echo Imaging

www.echoimaging.com.au

Domenic Genua and Paul Ruston

Sydney International Boat Show

www.Sydneyboatshow.com.au

Howard Wright/IMAGE Professional Photography

www.imagephoto.com.au

Newspix

Os fotógrafos da News Limited capturaram os principais marcos da viagem. Foi graças a eles que meus pais puderam me ver perto do Cabo Horn e novamente no Cabo Leeuwin.

www.newspix.com.au

Steven Chee

www.stevenchee.com

Secretaria de Meteorologia

O mapa climático na página 285 é uma cortesia da Secretaria Australiana de Meteorologia. MSLP Analysis of Indian Ocean Region, National Meteorological and Oceanographic Centre, direitos da Commonwealth of Australia, reproduzida sob autorização.

Lista de Patrocinadores

Eu não poderia ter feito essa viagem sem o apoio generoso de todos os meus patrocinadores. Ella Baché se tornou meu patrocinador principal, e a *Ella's Pink Lady* e eu não poderíamos ter ficado mais contentes. A empresa encaixou perfeitamente comigo e meu S&S 34 rosa.

A One HD foi brilhante desde o início.

Gostaria de agradecer a todos meus patrocinadores por ficarem do meu lado.

Australian Maritime Enterprises

Bainbridge International

Bias Boating

Bob McDavitt (New Zealand Meteorological Ambassador)

BWR Multihulls

Coastal Fasteners

David Lambourne Yacht Rigging

Easyfood

Ella Baché

Events New South Wales

Fibreglass International (FGI)

5 Oceans Media
Fleming Mechanical Self Steering
Fresh Promotions
Gold Coast City Marina and Shipyard
Hachette Australia
Hella Marine
Icebreaker
International Yachtpaint
Iridium
Jeppesen Marine
Johnson Pump
McIntyre Adventure
McMurdo Emergency Location Beacons
Mooloolaba Marina
Musto
News Limited
OceansWatch International
One HD
P&W Marine Engineers
Pains Wessex Australia
Panasonic
Pearl Street
Profurl
Red



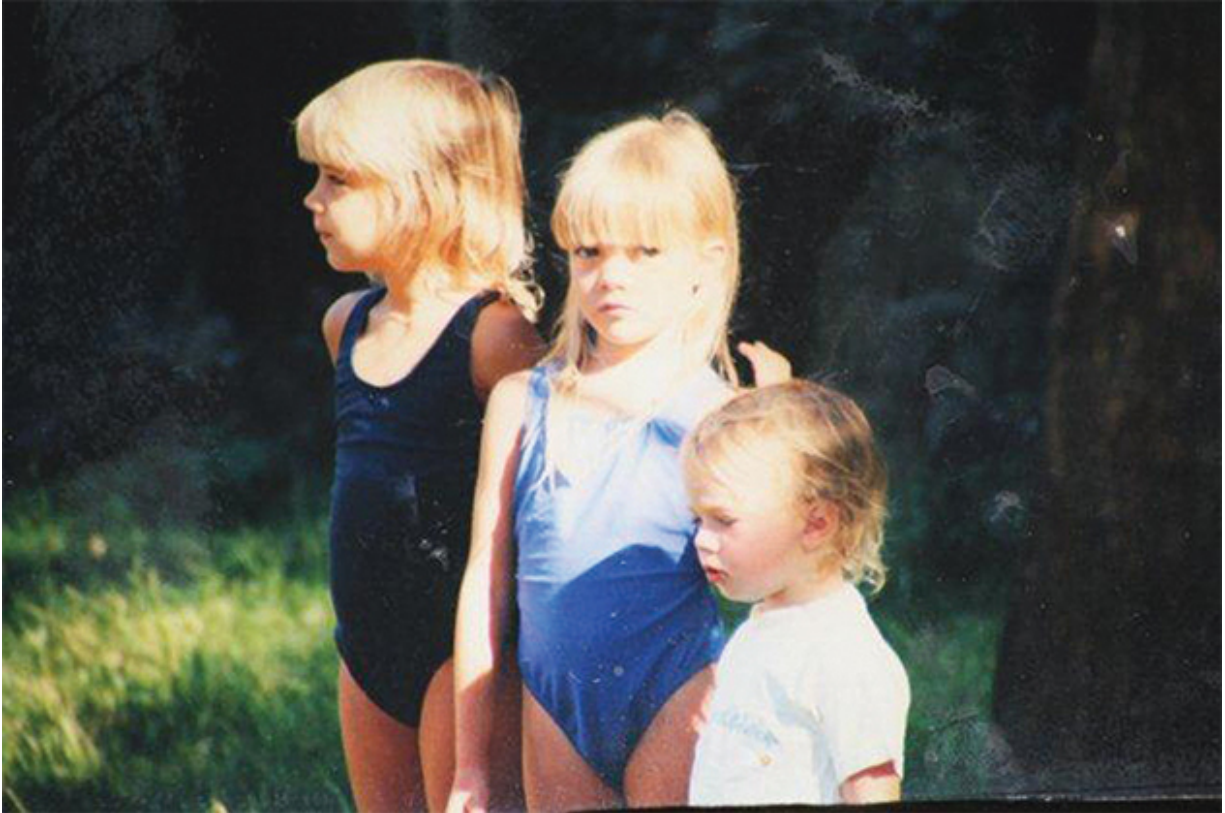
Para saber mais sobre nossos lançamentos, acesse:

www.belasletras.com.br

Caderno de fotos



Da esquerda para a direita: Emily, eu, Tom e Hannah em um acampamento náutico de verão, onde aprendi a velejar.



Nunca gostei de nadar quando criança. Aqui estou eu com cinco anos com Emily (esquerda) e Hannah (direita).



Hannah e eu sorrindo para a câmera quando estávamos subindo a costa leste da Austrália.



Home Abroad, o barco motorizado de 52 pés que foi nossa casa por mais de cinco anos. Viver neste barco fez eu e meus irmãos nos aproximarmos muito.



Minha mãe, Emily, eu, Tom, Hannah e meu pai em Lizard Island após um longo dia de praia. Essa é uma das minhas praias favoritas... até o momento!



Eu, Hannah (tentando entrar na foto) e Emily. A foto foi tirada em frente ao nosso ônibus no último dia de viagem pelo interior da Austrália. Eu estava contente por voltar à água.



Emily, Nick e eu partíamos para todo o tipo de aventura. Desta vez, havíamos remado ao redor de um lago, e, na volta, em vez de remar pelos oito quilômetros fizemos velas com nossas cangas. Surpreendentemente eficazes!



O infame fim de semana em que navegamos o pequeno veleiro vermelho de Nick. Esta foto foi tirada quando partimos de Mooloolaba e o clima ainda estava perfeito.



Don McIntyre, minha mãe, Emily, Tom, meu pai e Hannah em frente ao meu novo barco. Esta é a foto que eles enviaram quando eu estava navegando na Nova Zelândia e esperando impaciente para saber os resultados da enquete.

Ben Upton/Echo Imaging



Esta foto foi tirada por meu primo Ben no meu décimo sexto aniversário, o dia em que finalmente consegui minha licença de navegação.

Howard Wright/Image Professional Photography



O que dizer de minha recepção a não ser... muito obrigada! Nem em meus maiores sonhos imaginei que teria uma recepção tão incrível. Fiquei encabulada com aquilo tudo, mas muito grata.



Com minha família na apresentação para a mídia na Rivergate Marina, em Brisbane. À época, chamávamos o veleiro de *Youngest Round*. Foi nossa primeira grande experiência com a mídia.

Ben Upton/Echo Imaging



Parte da incrível equipe de reforma. Em sentido horário a partir do canto esquerdo: Pat, Neil, Ed, Ricki, eu, meu pai, Mick, Richard, John, Bruce e Suzanne.



Outra reunião de planejamento à mesa de jantar – Terry, eu, Suzanne e Bruce.



Durante a reforma, meu pai passou a maior parte do tempo no telefone fazendo malabarismo com detalhes da logística.



Ricki com a capota que ganhava forma aos poucos.

Ben Upton/Echo Imaging



Ben Upton/Echo Imaging



As coisas eram frenéticas no galpão durante a reforma do barco.

Ben Upton/Echo Imaging



Meu pai e eu posando em frente à impressionante *Ella's Pink Lady*. Foi um marco gigantesco quando o barco foi retirado do galpão e levado até Sydney para o International Boat Show de 2009. Ela estava deslumbrante! Naquela noite, fizemos um jantar de agradecimento e para angariar fundos no Novotel Twin Waters Resort.

Ben Upton/Echo Imaging



Um momento inacreditável no jantar no Novotel... a primeira vez que encontrei Jesse Martin, com Don McIntyre nos observando com orgulho. Ambos tiveram um papel imenso ao me ajudar a conquistar meu sonho.

Paul Ruston



Esta foi tirada no Sydney International Boat Show de 2009. Fiquei emocionada por ter sido incluída nas atrações do Adventurers's Lounge com pessoas tão inspiradoras. Da esquerda para a direita: Pete Goss, da viagem *Spirit of Mistery*; eu; Don McIntyre, da expedição *Bounty Boat*; Justin Jones e James Castrission, da Travessia da Tasmânia.

Ben Upton/Echo Imaging



Esta foi uma das minhas primeiras viagens na *Ella's Pink Lady* após a reforma. Não havia muito vento, mas o nascer do sol foi mágico.



Um momento não muito bom quando naveguei de volta para Gold Coast, após a colisão com o *Silver Yang*, de 63 mil toneladas, somente no motor. A *Ella's Pink Lady* foi gravemente danificada e a generosidade do pessoal da Gold Coast Marina quando retornei foi incrível.



No dia em que parti de Sydney para minha viagem, recebi visita da imigração para garantir que tudo estava em ordem. Suzanne, meu pai, eu e minha mãe, Bruce e os funcionários da alfândega.



Meus pais e eu com o Certificado de Registro da *Ella's Pink Lady*. Restavam poucas horas para eu partir e certamente havia milhares de pensamentos passando por minha cabeça, mas eu não estava tão preocupada quanto aparento.



A primeira semana foi mágica, e usei-a para me adaptar à viagem.
Esse foi um dia incrível no Pacífico, de azul infinito.



Amei cada minuto – eu me divertia até em meio à ventania.



A *Ella's Pink Lady* ainda estava firme após as primeiras semanas, mas não posso dizer o mesmo de minhas mãos. Elas passavam o tempo todo úmidas, e fiquei feliz que não havia ninguém por perto para vê-las.





Subir no mastro é uma experiência um tanto extrema, então escolhi um dia calmo para escalar e verificar o desgaste. Telefonei para Bruce antes de subir e assim que desci.
Amei ver a *Ella's Pink Lady* navegando desse ângulo.



Este é o Bobalhão. Ele me fez companhia por uns tempos e foi ótimo poder conversar com ele... ou ela?



A maior parte da comida que comi no mar não era ruim (bom, não muito ruim!). Esta sou eu prestes a preparar uma omelete, uma de minhas refeições favoritas.



Em uma calmaria após uma chuva intensa, quando consegui juntar água suficiente para lavar algumas roupas.



Perdi um pouco a linha (rá!) durante a comemoração de meu Natal marítimo e pendurei enfeites demais. Minha família não se esqueceu de mim e garantiu que eu tivesse um monte de presentes para abrir. A neblina foi um grande contraste com os natais ensolarados aos quais eu estava acostumada.





Contornar o Cabo Horn foi um grande marco. O tempo estava um pouco suspeito, e mal dava para ver o Cabo. Com um albatroz acima de nós, o cenário era quase místico. Fiquei ainda mais empolgada porque meus pais me sobrevoaram no dia seguinte.





Essa foi uma de minhas maiores provações. Uma tempestade desabou sobre nós e enfrentamos quatro jibes chineses. Tirei esta foto quando as ondas estavam ganhando força. Esperar a tempestade se formar era a pior parte; depois que estava nela, era só navegar para fora.

[1] Parker é o nome de um personagem de televisão da série *Thunderbirds*. Ele dirige um Rolls Royce rosa e é capaz de se transformar em outras coisas para a Lady Penelope!